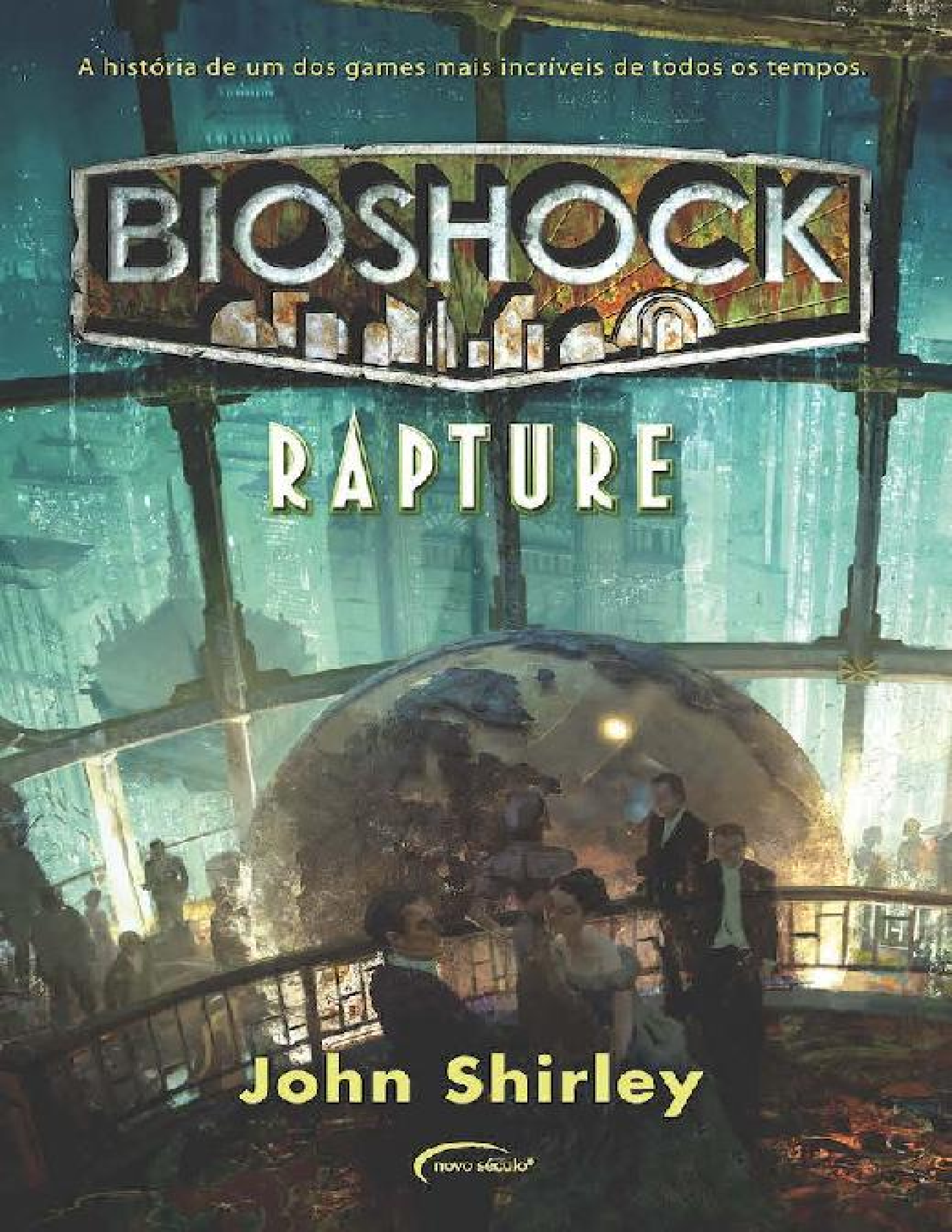
A história de um dos games mais incríveis de todos os tempos.



John Shirley

novo século



RAPTURE

novo século

São Paulo, 2013

Bioshock: Rapture
Copyright © 2011 by Take-Two Interactive, Inc.
Bioshock and the Bioshock logo are trademarks of Take-Two Interactive Software, Inc.
Copyright © 2013 by Novo Século Editora Ltda.

Coordenação Editorial	Mateus Duque Erthal
Tradução	Caio Pereira
Preparação	Jonathan Busato
Diagramação	Project Nine
Design de Capa	Craig Mullins
Montagem de Capa	Monalisa Morato
Revisão	Juliana de Araujo Rodrigues

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Shirley, John
Bioshock : rapture / John Shirley ; [tradução Caio Pereira].
-- Barueri, SP : Novo Século Editora, 2013.

Título original: Bioshock : rapture

1. Ficção científica norte-americana I. Título.

13-04467 CDD-813.0876

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção científica : Literatura norte-americana 813.0876

Edição Digital: 2013

Todos os direitos reservados à:
Novo Século Editora Ltda.
Alameda Araguaia, 2190, 11º andar – Barueri – SP

E-ISBN: 978-85-428-0068-5



www.novoseculo.com.br



Dedicado aos fãs de *Bioshock* e *Bioshock 2*.

Agradecimentos

Obrigado a Eric Raab, Sarah Rosa e Paula Guran. Meus agradecimentos a Dustin Bond por pesquisas adicionais sobre o jogo. Muito obrigado a todos que aguentaram minha chatice.

Eu sou Andrew Ryan e estou aqui para lhe fazer uma pergunta: o homem não merece aquilo que conquista com seu próprio suor? "Não", diz o homem de Washington, "quem merece são os pobres." "Não", diz o homem do Vaticano, "quem merece é Deus." "Não", diz o homem em Moscou, "quem merece são todos." Eu rejeitei essas respostas. Pelo contrário, escolho outra coisa. Escolho o impossível. Escolho... Rapture. Uma cidade onde o artista não temeria a censura. Onde o cientista não seria limitado por mera moralidade. Onde o grandioso não seria restringido pelo ínfimo. E, com seu próprio suor, Rapture pode se tornar a sua cidade também.

– Andrew Ryan, em *Bioshock*

Imagine se você pudesse ser mais esperto, mais forte, mais saudável. E se pudesse até ter poderes incríveis, acender fogueiras com a mente? Isso é o que os plasmids fazem por um homem.

– O homem que se chama de Atlas, em *Bioshock*

PRÓLOGO

Quinta Avenida, cidade de Nova York
1945

Sullivan, chefe da segurança, encontrou o Grande Homem em frente à janela enorme de seu escritório. As luzes da cidade contornavam a silhueta do executivo. A única fonte de luz além delas era um abajur verde sobre o grande tampo de vidro da escrivaninha, do outro lado da sala, de forma que o Grande Homem estava imerso nas sombras, com as mãos nos bolsos do terno devidamente cerzido, a observar, taciturno, o horizonte.

Eram oito da noite, e o xerife Sullivan, um homem de meia-idade cansado, metido num traje encharcado graças à chuva, queria muito ir para casa, tirar os sapatos e escutar a luta no rádio. Mas o Grande Homem costumava trabalhar até tarde, e estivera esperando por aqueles dois relatórios. De um deles, em particular, Sullivan queria já ter se livrado – o do Japão. Era um relatório que o fazia desejar um drinque forte, e para ontem. Mas sabia que o Grande Homem não o ofereceria um.

"O Grande Homem" era como Sullivan pensava sobre o chefe – um dos mais ricos e poderosos homens do mundo. O termo era tanto sarcástico quanto sério, e Sullivan o mantinha em segredo – o Grande Homem era vaidoso, e rápido ao captar o mais ligeiro desrespeito. Contudo, parecia, às vezes, que o magnata estava à

procura de um amigo verdadeiro. Sullivan não era essa pessoa. Raramente alguém gostava dele. Alguma coisa contra ex-policiais.

– Então, Sullivan? – perguntou o Grande Homem, sem voltar-se da janela. – Trouxe?

– Trouxe os dois, senhor.

– Vamos ver primeiro o relatório sobre as greves, tirá-lo do caminho. O outro... – Ele meneou a cabeça. – Vai ser como esconder-se de um furacão dentro de um porão. Vamos ter que cavar o porão, por assim dizer...

Sullivan não entendeu muito bem o comentário, mas deixou para lá.

– As greves ainda estão acontecendo nas minas de Kentucky e na refinaria de Mississipi.

O Grande Homem fez uma careta. Os ombros, devidamente acolchoados segundo o estilo da época, abaixaram um pouco.

– Temos que ser mais duros com eles, Sullivan. Pelo bem do país, e de nós mesmos.

– Senhor, enviei fura-greves. Mandei o pessoal do Pinkerton conseguir os nomes dos líderes grevistas, quem sabe podemos descobrir algo sobre eles. Mas essas pessoas são persistentes. Um pessoal intransigente.

– Você foi lá pessoalmente? Foi ao Kentucky ou ao Mississipi, xerife? Hein? Não precisa esperar permissão minha para agir pessoalmente. Não em relação a esse assunto! Sindicatos... Eles tinham um pequeno exército próprio na Rússia. Chamavam-no de Milícia dos Trabalhadores. Sabe *quem* são esses grevistas? São agentes dos Vermelhos, Sullivan! Agentes soviéticos! E o que eles exigem? Ora, melhores salários e condições de trabalho. E isso não

é socialismo? Parasitas. Nunca precisei de sindicato nenhum. Fiz meu próprio caminho.

Sullivan sabia que o Grande Homem teve ajuda da sorte – cavou petróleo ainda muito jovem –, mas certamente tinha investido de maneira brilhante.

– Eu vou dar um jeito neles pessoalmente, senhor.

O Grande Homem ergueu o braço e tocou a janela de vidro, relembrando:

– Cheguei aqui, vindo da Rússia, quando ainda era um menino. Os bolcheviques haviam acabado de dominar o país... Quase não escapamos com vida. Não assistirei a essa doença se espalhar.

– Não, senhor.

– E quanto ao outro relatório? É verdade, não é?

– As duas cidades estão quase completamente destruídas. Questão de só mais uma bomba.

O Grande Homem meneou a cabeça, admirado.

– Só uma bomba... Para uma cidade inteira...

Sullivan aproximou-se, abriu um dos envelopes e entregou as fotografias. O Grande Homem ergueu as fotos brilhantes contra a janela, para que pudesse enxergá-las por trás das luzes cintilantes do horizonte. Eram instantâneos razoavelmente focalizados da devastação de Hiroshima, vista do alto. As luzes da cidade atravessavam a superfície lustrosa das figuras, como se, de alguma forma, a ousadia pungente do panorama nova-iorquino tivesse, ela própria, destruído a cidade japonesa.

– Nosso agente no Departamento de Estado surrupiou estas para nós – Sullivan prosseguiu. – Algumas das cidades-alvo foram... atomizadas. Explodiram em pedaços. Centenas de milhares morreram ou estão morrendo em Hiroshima e Nagasaki. Muitos

outros estão morrendo devido a... – ele lia em voz alta os dizeres de um dos relatórios que trouxera. – Queimaduras por luz, radiação e trauma. Espera-se que uma quantidade equivalente morrerá de envenenamento por radiação e, possivelmente, câncer em questão de doze meses.

– Câncer? Causado por essa arma?

– Sim, senhor. Ainda não foi confirmado, mas, com base nos experimentos anteriores, dizem que é provável.

– Entendo. É certo que os soviéticos estão desenvolvendo tais armamentos?

– Estão trabalhando nisso.

O Grande Homem bufou com pesar.

– Dois impérios gigantes, dois grandes polvos lutando um contra o outro... E equipados com armas monstruosas. Apenas uma bomba para destruir toda uma cidade! Essas bombas tornar-se-ão cada vez maiores, e mais poderosas. O que acredita que acontecerá com o tempo, Sullivan?

– Guerra atômica, é o que dizem alguns.

– Estou certo disso! Destruirão a todos nós! Entretanto, há outra possibilidade. Para alguns de nós.

– Sim, senhor?

– Desprezo o que esta sociedade está se tornando, Sullivan. Primeiro os bolcheviques, depois Roosevelt. Truman, levando em frente muito do que Roosevelt começou. Os homens pequenos aproveitam-se dos grandiosos. Isso só terá fim quando os homens de verdade tomarem uma atitude, dizendo “basta”!

Sullivan assentiu, estremecendo. Às vezes, o Grande Homem conseguia transmitir o poder de sua convicção interior, quase como

um para-raios repassando um poderoso assomo de eletricidade. Havia um poder inquestionável em torno dele.

No momento seguinte, o Grande Homem olhou com desconfiança para Sullivan, como se tentasse descobrir até que ponto o outro seria confiável. Finalmente, o executivo afirmou:

– Tenho a mente feita, Sullivan. Pretendo prosseguir com um projeto com o qual vinha brincando. Não será mais um divertimento... Será uma gloriosa realidade. É de grande risco, mas *deve* ser realizado. E é melhor que você já fique sabendo: será preciso, talvez, *cada centavo que possuo* para que dê certo.

Sullivan ficou surpreso. Cada centavo? A que extremo seu chefe pretendia chegar?

O Grande Homem riu, evidentemente apreciando o espanto de Sullivan.

– Ah, sim! Inicialmente, tratava-se de um experimento. Nada mais que uma hipótese... Um jogo. Já possuo os rascunhos para uma versão reduzida. Mas pode ser maior. Muito maior! Seria a solução para um problema gigantesco...

– O problema dos sindicatos? – perguntou Sullivan, confuso.

– Não... Bem, *sim*, a longo prazo. Sindicatos também! Mas tinha em mente um problema mais pungente: a possível destruição da civilização! O problema, Sullivan, *é a inevitabilidade da guerra atômica*. Essa inevitabilidade demanda uma solução gigantesca. Enviei exploradores e escolhi um local. Mas jamais tive certeza se iria dar o sinal verde. Não até hoje. – Ele olhou mais uma vez para as fotos da devastação, virando-as para que recebessem mais luminosidade. – Não até isto. Podemos escapar, eu e você... e algumas pessoas. Podemos escapar da destruição mútua dos homenzinhos loucos que transitam nos saguões do governo. Vamos

construir um *novo mundo* no único lugar que esses dementes não podem tocar.

– Sim, senhor. – Sullivan decidiu não pedir explicações. Melhor seria esperar que, não importa com qual esquema ultrapassado o Grande Homem estivesse envolvido, ele desistisse, no fim das contas, quando viesse o custo total. – Mais alguma coisa, senhor? Quero dizer, agora à noite? Para acabar com essas greves, melhor eu sair cedo amanhã.

– Sim, sim, vá e descanse um pouco. Mas não haverá descanso para mim esta noite. Preciso planejar...

Dizendo isso, Andrew Ryan voltou da janela, cruzou a sala e deixou as fotos de lado. A destruição de Hiroshima e Nagasaki deslizou por sobre o tampo de vidro da mesa.

♦ ♦ ♦

Sozinho no obscuro escritório, Ryan afundou-se no assento de couro da cadeira e alcançou o telefone. Era hora de ligar para Simon Wales, dar-lhe o sinal verde para o estágio seguinte.

Mas sua mão pairou sobre o gancho. Depois retirou-a, tremendo. Ele tinha de se acalmar antes de ligar para Wales. Algo que dissera a Sullivan avivara uma dolorosa lembrança. “Cheguei aqui, vindo da Rússia, quando ainda era um menino. Os bolcheviques haviam acabado de dominar o país... Quase não escapamos com vida.”

Andrew Ryan não era seu verdadeiro nome, não naquela época. Quando chegou aos Estados Unidos, americanizou-o. Seu verdadeiro nome era Andrei Rianofski.

♦ ♦ ♦

Andrei e o pai estão na estação de trem, varrida pelo vento, tremendo de frio. É bem cedo, pela manhã, e ambos observam os trilhos. O pai, com a barba volumosa, o alinhado rosto austero, leva à mão esquerda a única mala. Sua grande mão direita repousa no ombro do jovem Andrei.

O céu do amanhecer, com as cores de um profundo hematoma, está obstruído por nuvens; o vento cortante-se alia à neve que cai. Alguns poucos viajantes, amontoados em longos casacos escuros, agrupam-se um pouco à frente na plataforma. Parecem preocupados, embora uma mulher de rosto redondo e avermelhado, com a cabeça enrolada numa estola de pele, sorria e procure animar os demais com uma conversa fiada. Ao lado da entrada da estação, um velho de casaco esfarrapado e chapéu de feltro toma conta de um samovar[1] fumegante. Andrei queria que eles tivessem como comprar um pouco do chá desse senhor.

Andrei ouve o vento sibilando ao longo da plataforma de concreto, tentando entender por que seu pai fica tão afastado dos outros. Mas adivinha o motivo. Algumas pessoas de sua vila, na periferia de Minsk, sabem que ele é contra os comunistas, que criticou os Vermelhos. Agora, muitos dos que já foram seus amigos começavam a denunciar todos os “traidores da Revolução do Povo”.

Seu pai ouvira do padre, na noite anterior, que o expurgo estava para começar hoje. Eram os primeiros da fila quando a estação abriu, pai e filho, comprando passagens para Constantinopla. Ele carrega documentos para viajar, permissões para comprar tapetes turcos e outros produtos de importação. Os papéis devem bastar para que possam sair da Rússia.

Papai remexe o dinheiro que tem no bolso, que trouxe para subornar os oficiais da alfândega. Precisarão, provavelmente, de

toda a quantia. Solta fumaça pelos lábios ao respirar. O trem solta fumaça ao se aproximar, um grande e negro corpo assoma em direção a eles por entre a imensidão cinza, e uma lanterna solitária projeta um cone vazado pela chuva na névoa.

Andrei olha para os outros viajantes. E vê outro homem se aproximando.

– Pai – Andrei sussurra, em russo, virando-se para olhar para um homem alto e esguio que vestia um longo casaco verde com dragonas vermelhas, um chapéu preto, portando um rifle sobre o ombro. – Aquele homem faz parte da Guarda Vermelha?

– Andrei. – O pai o agarra pelo ombro e o gira bruscamente para que ele tire os olhos do soldado. – Não olhe para ele.

– *Pyotr? Pyotr Rianofski!*

Pai e filho se viram para ver um primo, Dmetri, com o braço em torno da esposa, Vasilisa, uma loira pálida e atarracada envolta por uma echarpe amarela, com o nariz vermelho de frio. Ela limpa um pouco de orvalho do nariz e olha para o pai de Andrei com expressão de súplica.

– Por favor, Pyotr – ela sussurra ao pai de Andrei. – Não temos mais dinheiro. Se você pagar aos soldados...

Dmetri molha os lábios.

– Estão nos procurando, Pyotr. Porque eu falei no encontro no ontem. Temos passagens de trem, mas nada mais. Não sobrou nem um rublo![2] Talvez um dinheiro os faça nos deixar passar.

– Dmetri, Vasilisa... se eu pudesse ajudar, eu o faria. Vamos precisar de cada copeque![3] Tenho que pensar neste menino. Temos que pagar pela nossa saída... nosso destino. Uma longa jornada.

O trem perpassa a plataforma com um estrondo, avultando-se muito de repente, fedendo a fumaça de carvão. Andrei dá um

pulinho quando o motor espirra vapor furiosamente.

– Por favor – diz Vasilisa, espremendo uma mão na outra. O soldado os observa. E outro guarda Vermelho, e depois mais um terceiro entram na plataforma, cruzando a entrada da estação; todos carregando rifles.

O trem passa lentamente, rangendo. Ele freia, mas, para Andrei, parece que nunca vai parar por completo. O militar chama o primo Dmetri com uma entonação que mais parece um latido.

– Você! Queremos falar com você! – ele diz, tirando o rifle do ombro.

– Dmetri – Pyotr sibila. – Fique quieto... Não diga nada!

O trem continua trepidando quando, finalmente, estaciona, e Andrei sente a mão de seu pai pegando-lhe a nuca – percebe-se sendo propelido sobre os degraus de metal, adentrando o trem. Quase cai de boca no chão. O pai escala atrás dele.

Esbarram numa porta ao entrar no vagão esfumaçado, com janelas gordurosas e embaçadas. Encontram lugar em um dos bancos de madeira. Enquanto o pai entrega as passagens a um carrancudo condutor, Andrei limpa a janela o bastante para ver Dmetri e Vasilisa conversando com o militar. Vasilisa choraminga, brandindo os braços. Dmetri permanece firme, meneando a cabeça, e procura manter a esposa atrás de si.

A discussão prossegue, enquanto os homens armados desconfiam dos documentos de viagem do casal.

– Andrei – o pai murmura. – Não olhe...

Mas Andrei não consegue desviar os olhos. O militar mais alto joga os papéis para longe e empunha o rifle.

Dmetri balança a cabeça negativamente, brandindo as passagens de trem. A locomotiva sacoleja, um apito soa...

Vasilisa tenta puxar o marido em direção ao trem. Os soldados apontam as armas. Andrei se recorda de Dmetri comparecendo ao jantar para seu aniversário de dez anos, sorrindo, trazendo consigo um sabre de madeira como presente.

O apito do trem é como um grito. Os guardas berram. Um deles golpeia Vasilisa com o rifle, derrubando-a de joelhos. Dmetri fica branco ao agarrar o rifle pelo cilindro – o homem aponta a arma para ele e atira.

O trem entra em movimento – conforme Dmetri cambaleia para trás.

– Oh, papai! – Andrei chora.

– Não olhe, filho!

Mas Andrei não consegue não olhar. Ele vê Vasilisa atacando os soldados, chorando – e mais duas armas disparam. Ela gira e cai em cima de Dmetri. Os dois ficam ali deitados, mortos, juntos sobre a plataforma, conforme o vapor do trem os camufla, tal qual o passado. O trem, como o tempo, seguindo em frente.

♦ ♦ ♦

Andrew Ryan chacoalhou a cabeça.

– Milícia dos Trabalhadores – murmurou amargamente. – Uma revolução para os pobres. Para salvar a todos nós... Por uma morte gelada sobre uma plataforma de trem.

E aquilo fora somente o início. Vira coisas infinitamente piores viajando com o pai.

Ryan meneou a cabeça e olhou para as figuras de Hiroshima. Loucura, mas nada pior do que a devastação do socialismo.

Sempre sonhara em construir algo que sobreviveria a qualquer coisa que os homenzinhos loucos pudessem atirar contra ele.

Se ao menos Papai pudesse estar presente para vê-la erguer-se das sombras, magnificente, destemida, um forte dedicado à liberdade.

Rapture.

PARTE UM | A PRIMEIRA ERA DE RAPTURE

O parasita odeia três coisas: livre mercado, livre-arbítrio e homens livres.
– Andrew Ryan

1

Park Avenue, cidade de Nova York
1946

Quase um ano depois.

Bill McDonagh subia no elevador para o alto da Torre Andrew Ryan, mas sentia-se como se estivesse afundando no oceano. Trazia consigo uma caixa de partes de encanamentos em uma mão e o *kit* de ferramentas na outra. Fora enviado com tamanha pressa pelo gerente de manutenção que nem sabia a porcaria do nome do cliente. Mas tinha os pensamentos focados no que fizera mais cedo, em outro prédio, um pequeno edifício de escritórios em Manhattan. Tirara folga do serviço de encanador para participar de uma entrevista para o cargo de engenheiro assistente. O salário começaria baixo, mas esse trabalho o faria seguir um caminho mais ambicioso. Olharam-no com ares de pouco interesse quando adentrou a Feeben, Leiber e Quiffe Engenheiros. Os entrevistadores eram dois babacas mal-humorados – um deles era Feeben Júnior. Pareciam entediados quando o chamaram, e a vaga centelha de interesse que tinham evaporou quando ele começou a falar sobre sua experiência. Fizera o melhor para falar segundo a fraseologia norte-americana, suprimindo seu sotaque. Mas sabia que falhara. Procuravam algum moleque impertinente saído da Universidade de Nova York, não um cabra londrino que pegara no pesado durante a formação na Escola de Engenharia e Mecânica de East London.

Bill os ouviu dizendo, por trás da porta, depois de o terem dispensado:

– Outro macaco nojento sujo de graxa.

Está certo. Ele era um macaco sujo de graxa. Somente um mecânico e, ultimamente, um encanador *freelancer*. *O servicinho sujo de apertar os canos dos grã-finos*. Lá estava ele, rumando para a cobertura de algum ricaço. Não havia do que se envergonhar.

Mas também não havia muito dinheiro a receber, trabalhando para a Chinowski's Manutenções levaria muito tempo para poder economizar o bastante para começar um bom negócio próprio. Contratava um ou outro rapaz, volta e meia, mas nada como uma grande companhia de engenharia e empreendimentos, como ele sempre imaginara. E Mary Louise deixara claro feito cristal que não estava interessada em casar-se com um encanador premiado.

– Cansei de caras que se acham o máximo só porque sabem consertar a privada – ela disse. Uma menina linda do Bronx era Mary Louise Fense, e muito entusiasmada. Mas não muito inteligente, também. Acabaria dando-lhe nos nervos, de qualquer maneira.

Assim que chegara em casa, o telefone tocou. Bud Chinowski latia, mandando-o levantar o traseiro e ir para certo endereço em Manhattan, na Park Avenue. O zelador do edifício estava "sumido" – provavelmente bêbado, largado em algum lugar – e o bonitão da cobertura precisava de encanadores "assim que você conseguir carregar esse seu traseiro gordo pra lá. Temos três banheiros para terminar de instalar. Leve aqueles desmiolados que trabalham com você também".

Bill pediu a Roy Pihnn e Pablo Navarro que se pusessem a caminho. Depois, trocou o traje bem ajustado pelo macacão cinza,

manchado de graxa.

– Macaco sujo de graxa... – murmurou, abotoando-se.

E lá estava ele, desejando que tivesse parado para fumar um cigarro antes de entrar – não poderia fumar num apartamento fino daqueles sem permissão. Saiu melancólico do elevador, entrando em um saguão anterior à cobertura, com a caixa de ferramentas balançando ao seu lado. A pequena sala forrada com madeira era pouco maior do que o elevador. Uma porta de mogno artisticamente decorada, com uma maçaneta de metal, embelezada com uma águia estilizada, era seu único adorno – além de um pequeno quadriculado de metal ao lado da porta. Ele tentou a maçaneta. Trancada. Contrariado, bateu à porta. Enquanto esperava, começou a sentir uma ligeira claustrofobia.

– Olá? – chamou. – Encanador! Da Chinowski's! Olá! – *Cuidado com esse sotaque, seu imbecil*, pensou consigo mesmo. – Olá!

Escutou um som distorcido, e uma voz grave e forte emanou do quadriculado.

– É o outro encanador, né?

– Hum... – o homem curvou-se e falou alto no quadriculado. – Isso, senhor!

– Não precisa gritar com o interfone!

Um clique soou na porta do outro lado – e, para a surpresa de Bill, ela não abriu para trás, mas deslizou para o lado, entrando na parede até a maçaneta. Ele percebeu que havia um trilho de metal no chão e, na beirada da porta, uma faixa de metal. Madeira por fora, metal por dentro. Pelo visto, o rapaz receava que alguém tentasse passar uma bala através dela.

Não havia ninguém do outro lado da porta. Outro saguão, forrado com carpete, ostentava belas gravuras antigas. Uma delas devia

representar um lorde alemão, mas não se lembrava muito bem de suas visitas ao Museu Britânico. Uma luminária Tiffany repousava numa mesa ornada, brilhando feito diamante.

Esse playboy é cheio da grana, pensou Bill.

Atravessando o saguão, entrou numa grande sala de estar coberta de pelúcia: sofás luxuosos, uma bela lareira apagada, mais gravuras requintadas e luminárias chiques. Um piano de cauda, cujo tampo de madeira polida mais parecia um espelho, embelezava o canto. Sobre uma mesa intrincadamente entalhada, um enorme arranjo de flores frescas brotava de um antigo vaso de jade chinês. Nunca vira flores como aquelas. E os ornamentos da mesa.

Observava uma lâmpada que parecia ser uma escultura de ouro representando um sátiro a perseguir uma jovem despida quando uma voz falou com vivacidade à sua direita.

– Os outros dois já estão trabalhando nos fundos... O banheiro principal é por aqui.

Bill virou-se e viu um cavalheiro sob o arco anterior ao cômodo seguinte, que já dava-lhe as costas. O homem usava um terno cinza, e tinha os cabelos gordurosos alisados para trás. Devia ser o mordomo. Bill podia ouvir os outros dois rapazes vagamente, nos fundos da residência, discutindo sobre encanamentos.

Atravessou o arco enquanto o homem de terno apanhava o gancho de um reluzente telefone preto e dourado sobre uma mesa em frente a uma grande janela que ostentava os picos heroicos de Manhattan. Oposto à janela havia um mural, criado segundo o arrebatador estilo moderno-industrial, representando homens corpulentos construindo uma torre que ascendia de dentro do mar. Supervisionando os trabalhadores, no mural, havia um esbelto homem de cabelos pretos, com a planta da construção na mão.

Bill procurou o banheiro; achou um corredor com um banheiro de azulejos brancos e ferro brilhante no final.

Esse é meu destino, Bill pensou amargamente. *O trono. Deve ser um belo dum trono, um de três. Meu destino é manter seus banheiros em funcionamento*. Então censurou-se: *Sem autocomiseração, Bill McDonagh. Jogue com as cartas que tem, como papai lhe ensinou.*

Avançou para a porta do corredor que levava ao banheiro, mas sua atenção foi tomada pela urgência semissussurrada de um homem que resmungava ao telefone.

– Eisley, chega de desculpas! Se não consegue lidar com essas pessoas, encontrarei alguém que tenha coragem! Encontrarei alguém corajoso o bastante para afugentar esse bando de cachorros esfomeados! Não encontrarão meu grupo sem defesas!

A estridência da voz chamou-lhe a atenção – mas havia algo mais a incomodá-lo. Já ouvira essa distinta voz antes. Talvez num noticiário?

Bill estancou na entrada do corredor e deu uma olhadela no homem que pressionava o fone contra o ouvido. Era o homem do mural – o que segurava a planta: um homem de boa postura, de uns quarenta e poucos anos, talvez, estatura média, dois filamentos finos e muito retos de bigode que combinavam com as sobrancelhas escuras, e uma fenda evidente no queixo. Estava até usando um traje quase idêntico ao que usava na gravura. E aquele rosto forte e intenso era um rosto que Bill já vira nos jornais. Vira o nome dele na porta de entrada daquele mesmo edifício. Jamais lhe ocorrera que Andrew Ryan, de fato, *morasse* ali. O magnata possuía naco significante do carvão norte-americano, a segunda maior estrada de

ferro e a Petrolífera Ryan. Sempre imaginara um homem desses passando o tempo a jogar golfe numa propriedade no interior.

– Impostos são um roubo, Eisley! O quê? Não, não precisa... eu a demiti. Minha secretária nova vai começar hoje... Promovi uma pessoa da recepção. Elaine alguma coisa. Não, não quero ninguém da contabilidade, esse é o problema, esse tipo de gente é muito interessado no meu dinheiro, não tem discrição nenhuma! Às vezes, me pergunto se existe alguém em quem possa confiar. Bom, não vão tirar de mim nem um centavo a mais do que o absolutamente necessário, e se você não conseguir dar um jeito nisso, encontrarei um advogado que consiga!

Ryan bateu o telefone – e Bill correu para o banheiro.

Encontrou o vaso sanitário no lugar, mas não devidamente encaixado: um vaso sanitário comum do tipo Standard, nada de assento de ouro. Parecia precisar de encanamentos apropriados, basicamente. Julgou perda de tempo enviar três homens para tal serviço, mas esses tipos finos gostavam de ver tudo feito pra ontem.

Enquanto trabalhava, não pôde deixar de notar que Ryan andava de um lado para o outro na sala ao lado do corredor do banheiro, murmurando consigo mesmo vez por outra.

Bill estava ajoelhado ao lado do vaso, usando uma chave inglesa para apertar uma articulação, quando percebeu que alguém se aproximava. Olhou para cima e viu Andrew Ryan em pé, na sua frente.

– Não pretendia assustá-lo. – Ryan mostrou os dentes no sorriso mais franco e prosseguiu: – Só fiquei curioso para ver como você estava se saindo.

Bill ficou surpreso com a intimidade advinda de alguém tão superior – e com a mudança no tom da voz. Ryan estivera aos

berros, no telefone, poucos minutos antes. Agora, parecia calmo, e seus olhos cintilavam, curiosos.

– Trabalhando sem parar, senhor. Logo termino.

– Essa junta que está colocando aí é de metal? Acho que os outros dois estavam usando latão.

– Bem, vou me certificar de que não tenham feito isso, senhor – disse Bill, começando a não se preocupar com a impressão que transmitia. – Não quero ter que socorrer seus banheiros a cada quinze dias. Latão não é confiável. Se o problema for o preço, eu fico com o custo do metal, então, não se preocupe, chefia...

– E por que faria isso?

– Bom, seu Ryan, ninguém vê água vazando de uma privada instalada por Bill McDonagh.

Ryan olhou para o outro com uma expressão intrigada, acariciando o queixo. Bill voltou a se concentrar nos canos, sentindo-se estranhamente desconsertado. Podia quase sentir o calor da intensidade da personalidade de Ryan. Sentia o cheiro de seu perfume, requintado e sutil.

– Pronto – disse Bill, dando um apertão final com a chave, para dar sorte. – Certo como dois e dois são quatro. Os canos, pelo menos.

– Quer dizer que terminou o serviço?

– Vou ver como estão indo os rapazes, mas suspeito que está tudo quase acabando, senhor.

Imaginava que Ryan fosse voltar ao próprio trabalho, mas o magnata permaneceu assistindo enquanto Bill acionou a descarga, checou sua integridade e limpou seus materiais e as sobras do conserto. O encanador retirou um bloco de recibos do bolso e rabiscou o orçamento. Não houve tempo para estimativas, então ele

tinha carta livre. Gostaria de ser do tipo que superfatura a conta, considerando que dava uma porcentagem a Chinowski e que Ryan era rico, mas isso não era do seu feitio.

– Sério? – disse Ryan, examinando o papel com as sobrancelhas erguidas.

Bill ficou aguardando. Estranho que Andrew Ryan – um dos homens mais ricos e poderosos da América – lidasse pessoalmente com um encanador, e avaliasse uma ínfima conta. Mas lá estava Ryan, que olhou primeiro para o papel, depois para o encanador.

– Preço bastante justo – disse, finalmente. – Você podia ter estendido o tempo, inflado a conta. As pessoas acham que é certo tirar vantagem de homens ricos.

Bill sentiu-se ligeiramente insultado.

– Acredito que é certo ser pago, senhor, mesmo que bem pago... mas somente pelo trabalho que faço.

Mais uma vez, aquele sorriso vago surgiu e esmoreceu. O olhar, aguçado e inquisidor.

– Pelo visto, cutuquei uma ferida – disse Ryan –, porque você é um homem como eu! Um homem orgulhoso e capaz, e que sabe quem é.

O magnata lançou ao outro um olhar demorado de avaliação. Então, deu meia volta e saiu andando.

Bill deu de ombros, coletou o restante de suas coisas e retornou à sala do mural, esperando ver algum subalterno de Ryan a aguardá-lo com um cheque. Mas era o próprio Ryan quem lhe estendia o pagamento.

– Obrigado, senhor.

Bill pegou o cheque, colocou-o no bolso, acenou para o homem – parecia maluco, encarando-o daquele jeito – e partiu decidido em

direção à porta de entrada.

Acabara de chegar à sala de estar quando Ryan o chamou, de dentro do corredor.

– Importa-se se eu lhe fizer uma pergunta?

Bill esperou, desejando que não fosse o caso de Andrew Ryan ser veado. Não aguentava mais veado de alta classe dando em cima dele.

– Onde acha que terminam os direitos de um homem? – Ryan perguntou.

– Seus direitos, senhor? – Uma pergunta filosófica feita a um encanador? O velho ricaço era mesmo maluco. McDonagh procurou ser simpático. – Direitos são direitos. É o mesmo que perguntar quais dedos alguém pode ficar sem. Preciso dos dez.

– Gostei. Agora... Suponha que perdeu um ou dois dedos. O que faria? Consideraria não ser mais capaz de trabalhar e teria direito a esmolas?

Bill içou o peso da caixa de ferramentas enquanto ponderava.

– Não. Encontraria algo para fazer com oito dedos. Ou quatro. Daria um jeito. Gostaria de poder usar mais meus talentos... Seria mais correto. Mas não aceito esmola.

– E que talentos são esses? Não que eu não considere a habilidade de encanador. Mas... é isso que quer dizer?

– Não, senhor. Na verdade, não. Estou a caminho de me tornar engenheiro. De maneira simples, sabe? Podia, quem sabe, começar meu próprio... meu próprio negócio de construção. Não sou mais tão novo, mas ainda vejo coisas na minha cabeça que gostaria de construir – soltou, envergonhado por ter sido tão franco com o outro. Mas havia algo em Ryan que fazia as pessoas se abrirem e conversar.

– Você é britânico. Não um dos... tipos mais abastados, certamente.

– Sem dúvida, senhor. – Bill imaginou se seria rejeitado em seguida. Havia algo de defensivo em sua voz quando acrescentou: – Cresci perto de Cheapside, sabe?

Ryan soltou um riso seco.

– Fica nervoso ao falar de suas origens. Sei como se sente. Também sou um imigrante. Era muito jovem quando cheguei aqui vindo da Rússia. Aprendi a controlar minha fala... me reinventei. Um homem deve fazer de sua vida uma escada na qual jamais para de subir. Se não está crescendo, logo escorrega degraus abaixo, meu amigo. Mas crescendo – Ryan prosseguiu, enfiou as mãos nos bolsos do casaco e andou, pensativo, em torno da sala –, a pessoa determina sua própria classe, entende? Sim? A pessoa se classifica!

Bill estava prestes a inventar uma desculpa e ir embora. Mas aquilo o deteve. Ryan articulara algo no que ele acreditava com paixão.

– Não poderia concordar mais, senhor! – Bill soltou. – Foi por isso que vim para os EUA. Qualquer um pode crescer aqui. Direto ao topo!

Ryan pigarreou, cético.

– Sim e não. Existem aqueles que não têm o que é necessário. Mas não é a “classe” ou a raça ou a crença com a qual nasceram que decide isso. É algo que existe dentro do homem. E é algo que você tem. Você é um verdadeiro líder, um indivíduo de verdade. Conversaremos novamente, você e eu...

Bill acenou um adeus, sem acreditar por nem um segundo que voltariam a conversar. Supôs que fosse somente o caso de um cara

rico querendo bater papo com a “gentinha”, fingindo humildade para provar a si mesmo quão justo e bondoso pode ser.

Foi checar Pablo e Roy antes de seguir para o saguão de entrada e cuidar da vida. Fora um encontro interessante – seria uma boa história para contar no *pub*, embora fosse difícil que alguém acreditasse. *Andrew Ryan? Com quem mais trocou figurinhas, Howard Hughes? Seu amigão William Randolph Hearst?*

♦ ♦ ♦

Acordou com a cabeça ligeiramente dolorida na manhã seguinte e atendeu o telefone, que esbravejava, com bastante prontidão, esperando tratar-se de trabalho. Suar a camisa sempre clareava-lhe as ideias.

– É o Bill McDonagh? – perguntou uma voz grosseira desconhecida.

– Ele mesmo.

– Meu nome é Sullivan. Chefe da Segurança de Andrew Ryan.

– Segurança? Que foi que eu fiz, hein? Olha aqui, meu chapa, não sou nenhum trapaceiro...

– Não, não, não é nada disso... Ele só me pediu para encontrar você. Chinowski não quis me passar o número. Disse que perdeu. Tentou pegar o trabalho para si. Tive que conseguir com nossos colegas na companhia telefônica.

– Qual trabalho?

– Bem, se você quiser, Andrew Ryan está oferecendo-lhe a vaga de engenheiro de construções... Começando imediatamente.

2

As docas, cidade de Nova York
1946

Sullivan desejava, às vezes, estar trabalhando ainda na Meatball Meat em Little Italy. Ryan o pagava bem, claro, mas ter que despistar agentes federais não era a ideia que tinha de diversão.

Fazia uma noite nebulosa; estavam na primavera, mas nem parecia. As ondas estavam revoltas, e as gaivotas, amontoadas nos fios com os bicos sob as asas, as penas agitadas pelo vento frio do nordeste. Três enormes navios estavam amarrados à velha doca, todos cargueiros. Esse não era um daqueles cais modernos, com cruzeiros e belas meninas a acenar com lencinhos. Somente uns poucos marujos amargos de cara vermelha vagabundeando, desenhando com fumaça de cigarro, as botas a esmagar cocô de gaivota endurecido.

Sullivan caminhou até a ponte de desembarque do *Olympian*, o maior dos três navios da frota que Ryan trouxera ao Atlântico Norte para seu projeto secreto. Acenou para o guarda, Pinelli, enfiado num grande casaco, sobre o deque superior. Pinelli também o cumprimentou.

Ruben Greavy, engenheiro chefe dos irmãos Wales, esperava no deque inferior, no início da ponte. Greavy era um homenzinho bicudo e inquieto, que usava óculos e um sobretudo bege bastante chamativo.

Sullivan hesitou e olhou de volta para a doca – tentando enxergar a silhueta sombria do homem que o estava seguindo. O cara de chapéu desleixado e casaco de chuva estava a uns setenta metros de distância no cais, fingindo interesse nos navios, que rangiam no ancoradouro. Sullivan queria ter se livrado dele mais cedo, mas ainda estava lá, acendendo um cachimbo para gerar certo efeito de espionagem.

O maria-fumaça estivera na cola de Sullivan desde que ele pegara um táxi na Grand Central, ou talvez antes. Não havia muito que descobrir seguindo-o até ali. O navio já estava carregado. Os federais jamais conseguiriam um mandado de inspeção antes que ele partisse, à meia-noite. E o que pensariam sobre as partes de metal pré-fabricadas, tubos gigantes e enormes folhas de material sintético transparente resistente a pressão? Material que se poderia chamar legitimamente de “produto de exportação”. Só não seria exportado ao outro lado do oceano. Seria enviado para o fundo do oceano.

Sullivan meneou a cabeça, pensando sobre o tal projeto do Atlântico Norte. Era uma ideia maluca – mas quando Ryan metia algo na cabeça, levava até o fim. E Sullivan devia muito ao Grande Homem. Quase foi à falência quando foi expulso do departamento de polícia. Não devia ter se recusado a molhar uma mão ou outra. Armaram contra ele, para que parecesse um traidor, demitiram-no e tomaram-lhe a pensão. Deixaram-no quase sem nada.

Ele passou a jogar – e então a esposa fugiu com o que restava do dinheiro. Pensava em meter uma bala na boca quando cruzou o caminho do Grande Homem, dois anos antes...

Sullivan mexeu no bolso do casaco, procurando o frasco – depois lembrou-se de que estava vazio. Talvez arranjasse um trago com

Greavy.

Acenou para Greavy e subiu pela ponte de embarque. Cumprimentaram-se. O aperto de mão de Greavy era suave, os dedos franzinos dentro da manzorra do outro.

– Sullivan.

– Professor.

– Quantas vezes... Não sou professor, tenho doutorado em... Deixa pra lá. Sabe que tem alguém lhe seguindo na doca, lá atrás?

– Detetive diferente, desta vez. Provavelmente FBI[1] ou IRS[2]. – Ergueu o colarinho da blusa. – Meio frio aqui.

– Vamos entrar, então, tomar alguma coisa.

Sullivan assentiu, conformado. Sabia o que Greavy chamava de "tomar alguma coisa". Conhaque aguado. Sullivan precisava de um uísque duplo. Seu pai era adepto do irlandês, mas ele era homem de uísque escocês. *Isso, traindo sua própria ascendência, isso sim*, o pai diria. Uma dieta líquida firme de uísque irlandês matara o patife aos cinquenta anos.

Greavy o levou a subir uma escada até chegar à sua cabine, que não estava mais quente. Boa parte do pequeno cômodo oval que não era tomado pela cama estreita estava ocupado por uma mesa coberta por plantas, esquetes, gráficos e desenhos intrincados. O *design* dos irmãos Wales às vezes parecia um híbrido de Manhattan com Londres – mas com o poder de uma catedral. Eram requintados demais para o gosto de Sullivan. Talvez viesse a gostar quando ficasse pronta. Caso realmente ficasse.

Greavy tirou uma garrafa de debaixo do travesseiro e serviu-lhes duas doses em copos, e Sullivan deitou o líquido adentro.

– Precisamos estar preparados para qualquer tipo de ataque – disse Greavy, olhando distraidamente, através de Sullivan, para as

plantas, com a mente já de volta ao mundo do desenho dos Wales – e, de certa forma, ao novo mundo de Ryan.

Sullivan deu de ombros.

– Com sorte, o lugar vai ficar pronto antes que possam zoar com a gente. A fundação já foi feita. A energia funcionando, certo? Boa parte do material está alojado nos navios de carga. Só faltam mais algumas remessas.

Greavy resmungou, surpreendendo Sullivan ao servir-se de uma segunda dose – e irritando-o por não lhe oferecer outra.

– Você não faz ideia do trabalho. *Do risco*. É enorme. É a pura alma da inovação. E preciso de mais homens! Já estamos atrasados...

– Vai conseguir mais. Ryan contratou outro homem para supervisionar o... "trabalho de fundação", como ele chama. O cara se chama McDonagh. Vai colocá-lo no projeto do Atlântico Norte assim que provar que é de confiança mesmo.

– McDonagh? Nunca ouvi falar. Não me diga, ele é mais uma maçã colhida de uma laranjeira?

– Uma o quê?

– Você conhece o Ryan, ele tem seus próprios métodos para escolher pessoas. Às vezes são dignos de nota e, bem, às vezes são... estranhos – pigarreou.

Sullivan fez uma careta.

– Como eu?

– Não, não...

Ou seja, sim, sim. Mas era verdade: Ryan tinha mania de recrutar laranjas podres, pessoas que mostravam ter grande potencial, mas precisavam daquela chance extra. Todas tinham espírito de

independência, desiludidas pelo *status quo* – e, às vezes, dispostas a contornar a lei.

– O problema – Sullivan disse – é que o governo pensa que Ryan está escondendo alguma coisa porque está tentando evitar que as pessoas descubram aonde estão indo esses carregamentos e para que servem. E ele *está* escondendo algo. Mas não o que eles pensam.

Greavy aproximou-se das plantas, remexeu-as com uma das mãos, e seus olhos brilharam por trás das grossas lentes dos óculos.

– O valor estratégico de uma construção como essa é significante, num mundo em que estamos, prestes a chegar às vias de fato com os soviéticos. E o Sr. Ryan não quer nenhum intruso descendo lá para relatar o que ele está construindo. Quer levar as coisas do jeito dele, principalmente assim que for instalado. Sem interferência. Essa é a questão! Ou, para ser mais preciso... Ele quer fazer com que elas se levem *sozinhas*. Para deixar livre o princípio de *laissez-faire*. Acha que, se os governos souberem disso, vão se infiltrar. E tem também os caras dos sindicatos, organizadores comunistas... E se eles tentassem dar um jeito de entrar? O melhor jeito de manter gente assim fora é manter tudo em completo em segredo. Outra coisa: Ryan não quer que nenhum forasteiro saiba das novas tecnologias. Você ficaria impressionado com o que ele conseguiu. Invenções que poderia patentear e fazer uma fortuna, mas está guardando... para esse projeto.

– Onde ele consegue todas essas invenções?

– Ah, ele vem recrutando pessoal há anos. Quem você acha que projetou esses novos dínamos dele?

– Bem, ele é quem sabe – disse Sullivan, olhando ávido para o copo vazio. Conhaque fraco ou não, bebida é bebida. – Você trabalha para ele há muito mais tempo do que eu, quase o dobro. Ele não me diz muita coisa.

– Ele gosta que a informação seja dividida nesse projeto. Mantém o segredo em segurança.

Sullivan cruzou a sala até a janela e olhou para fora. Viu o homem que o seguia, ainda com o cachimbo enfiado na boca. Mas o agente passara a rodear o *Olympian*, examinando a embarcação de cima a baixo.

– O filho da mãe ainda está lá fora. Parece que não consegue fazer nada além de devorar o navio com os olhos.

– Tenho que ir falar com os irmãos Wales. Sabe como eles são. Artistas. Cientes demais de sua genialidade... – O homem fez uma carranca para as plantas. Sullivan percebia que o outro tinha ciúme dos Wales. Greavy fungou o nariz. – Se não houver mais nada, é melhor eu ir logo. A não ser que haja algo de novo além desse cara que Ryan contratou.

– Quem? Ah, McDonagh? Não, estou aqui para confirmar o horário em que você parte. Ryan quis que eu viesse pessoalmente. Ele está começando a achar que andam escutando as conversas telefônicas, de alguma forma. Acho que, se você puder sair antes da meia-noite, será melhor.

– Assim que o capitão voltar. Creio que chega em de uma hora.

– Parta assim que puder. Talvez consigam um mandado, no fim das contas. Não creio que encontrariam nada ilegal. Mas se Ryan quer evitar que saibam o que ele está fazendo, quanto menos virem, melhor.

– Muito bem. Mas quem poderia imaginar o que ele está fazendo? Júlio Verne? Certamente, não esses zumbis da IRS. Mas Sullivan, eu lhe garanto... Ryan tem razão: se soubessem o que ele realmente tem em mente, ficariam um tanto preocupados. Principalmente considerando a pouca ajuda que ele deu aos Aliados na guerra.

– Ele não tomou lado algum. Não dava a mínima para Hitler nem para os japas.

– Entretanto, não demonstrou lealdade especial aos Estados Unidos. E quem pode criticá-lo? Veja a ruína a que a sociedade de formigas levou a Europa... Pela segunda vez neste século. E o horror de Hiroshima e Nagasaki? Mal posso esperar para deixar tudo isso para trás. – Greavy acompanhou Sullivan até a porta. – Ryan tem a intenção de criar algo que vai crescer e crescer! Primeiro, no fundo do mar, e depois, com o tempo, acima da superfície. Quando tiverem causado tanto dano uns aos outros, essas tais nações do planeta, que não possam mais representar ameaça. Até lá, ele tem razão de desconfiar delas. Porque está criando algo que vai *competir* com elas. Toda uma nova sociedade. De fato, com o tempo, todo um novo mundo! Que vai, finalmente, suplantar o formigueiro vil e desprezível no qual a humanidade se transformou...

Cidade de Nova York

1946

– Merton? Sai do meu bar.

Merton olhava boquiaberto para Frank Gorland, atrás de uma mesa manchada de cerveja, no esfumaçado escritório do The Clanger. Harv Merton tinha uma cabeça grande e redonda, lábios

grossos, corpo magrelo e usava uma blusa de gola alta marrom. Caramba, como parecia com uma tartaruga – mas uma tartaruga de chapéu coco.

– Que diabos quer dizer com *seu* bar? – ele perguntou, apagando um cigarro num cinzeiro lotado de bitucas.

– Sou o dono, não sou? A partir de hoje, pelo menos.

– Que diabos quer dizer com você ser o *dono*, Gorland?

Gorland sorriu sem humor e apoiou-se na porta fechada.

– Você conhece alguma expressão que não seja *que diabos*? Você vai passar esse bar para mim, que diabos. – Gorland passou a mão sobre a cabeça calva. Pinicou, hora de raspar. Pegou os papéis no bolso de casaco, tudo legalizado até o último período, e depositou-os na mesa de Merton. – Já viu isso aqui? Você assinou.

Merton olhava para os papéis, escancarando os olhos.

– Era você? Hudson Empréstimos? Ninguém me disse que era...

– Empréstimo é empréstimo. Se não me engano, você estava bêbado quando assinou. Precisava de dinheiro para pagar dívida de jogo. E era uma baita de uma dívida, Merton!

– Você estava lá naquela noite? Não me lembro...

– Você se lembra de pegar o *dinheiro*, não lembra?

– Não... não conta se eu estava bêbado!

– Merton, se não houvesse trabalho sendo feito por gente bêbada nessa cidade, metade dos negócios não seria feito.

– Você deve ter colocado alguma coisa na minha bebida, isso é que eu acho; no dia seguinte, eu me sentia...

– Pare de reclamar; você fez o cheque, não fez? Pegou o empréstimo, não conseguiu pagar os juros, acabou o tempo... Agora, esse lugar é meu! Está tudo aí, preto no branco! Esse despejo foi, indiretamente, causado por você!

– Olha, Sr. Gorland... – Merton umedeceu os lábios grossos. – Não pense que não te respeito. Sei que você atropelou, hum, batalhou pra fazer seu caminho até uma coisa boa, esse fim de mundo. Mas não pode simplesmente tomar o *neugócio* de um homem...

– Não? Meus advogados podem. Eles virão atrás de você com dois pés no peito, meu chapa – ele riu. – Dois pés e Klein, Advogados Associados!

Merton parecia murchar cada vez mais em sua cadeira.

– Tá bom, tá bom, o que você quer de mim?

– Não é o que eu quero... É o que estou levando. Eu disse, quero o bar. Tenho um escritório de contabilidade. Tenho uma farmácia. Mas não tenho um bar! E gosto do The Clanger. Muito barulho nas lutas, com o esquema do boxe e tudo mais. Deve ser útil... Agora, chame aquele seu *barman* gordo aqui, diga-lhe que tem um novo chefe...

♦ ♦ ♦

Gorland. Barris. Wiston. Moskowitz. Wang. Apenas alguns dos nomes que ele usara nos últimos anos. Seu nome verdadeiro, algo como Frank, parecia pertencer a outra pessoa.

Mantenha-os adivinhando, é assim que funciona.

The Clanger não era só a galinha dos ovos de ouro – era o lugar no qual Frank Gorland ouviria as conversas certas. Ficava a poucos passos das docas, mas não era somente um bar para marinheiros. Havia um sino de boxe na parede atrás do bar; quando abriam um barril novo, o sino tocava ruidosamente, e os amantes de cerveja vinham correndo, às vezes do fim da rua. Melhor fermentação estilo alemã de Nova York. As paredes do empoeirado bar, que mais

parecia uma caverna, eram decoradas com luvas de boxe usadas, cordas de ringue desgastadas, fotos em preto e branco de pugilistas antigos, desde a época de John L. Sullivan. Havia um *barman*, um velho irlandês bebum chamado Mulrooney, trabalhando no outro lado. Mas Gorland gostava de trabalhar no bar, assim podia ouvir as conversas. Bom para o trabalho com apostas, e nunca se sabe como pode servir para o próximo esquema. *Quando servir um cara – fique de olho no que ele fala*.

A conversa no bar lotado naquela noite girava em torno de como Joe Louis, o Bombeiro Marrom, que voltara da guerra com os bolsos cheios de nada e uma bela dívida de imposto, ia defender seu título mundial dos pesos pesados contra Billy Conn. E que o aposentado Jack Johnson, primeiro negro a vencer o campeonato da mesma categoria, morrera havia dois dias num acidente de carro. Nada disso era o que Gorland precisava saber. Mas havia alguns caras ali que sabiam as novidades sobre o confronto entre o novato Neil Steele e o vagal Charlie Wriggles, do esmorecido circuito do boxe.

Gorland ouvira rumores de que Steele fosse desistir da luta, e tinha uma teoria quanto a como tal informação poderia dar lucro – um lucro muito maior do que o usual. Porém, Gorland precisava ter mais certeza de que Steele jogaria a toalha...

Gorland odiava ser *barman*, por ser trabalho físico mesmo. Um bom golpista não deveria nunca ter que fazer o trabalho de verdade. Mas ele limpava o balcão, batia papo; servia um cara, ficava de olho no que ele falava.

A *jukebox* estava encerrando um animado número de Duke Ellington, e no breve intervalo antes que ela passasse para uma gravação de Ernie “Bubbles” Whitman e banda, Gorland focou-se no assunto de dois espertalhões de gravata branca e traje de risca de

giz que sussurravam no canto. Passou o pano sobre uma mancha imaginária, aproximando-se.

– Mas podemos contar com Steele? – disse o que se chamava Twitchy. Ele cutucou o bigode feito um lápis. – Talvez ele resolva desafiar o Bombeiro ano que vem...

– Deixe que desafie; ele pode perder uma luta. Ele precisa da grana, precisa muito – disse o mais parrudo, “Bufa” Bianchi, bufando. Bianchi fechou a cara ao ver o barman chegar perto demais. – Ei, garçom, tem um broto ali querendo pedir um drinque, que tal você dar o fora daqui e ir lá servi-la?

– Sou o dono do bar, pessoal – disse Gorland, sorrindo. – Se quiserem voltar outra vez, mostrem um pouco de respeito pelo estabelecimento. – Não era bom deixar esses sebosos ficarem muito à vontade.

Bianchi fez uma careta, mas somente deu de ombros.

Gorland inclinou-se para perto deles e acrescentou, murmurando:

– Psiu. Talvez seja melhor vocês tomarem chá de sumiço se esses federais estiverem procurando vocês... – e acenou para a porta, onde estava um agente do FBI chamado Voss, de chapéu panamá e sobretudo, esquadrinhando o recinto com seus olhinhos de porco. Estava tão bem “disfarçado” quanto a Estátua da Liberdade.

Os espertalhões deslizaram pelos fundos conforme o agente federal caminhou até o bar. Ele levava a mão ao casaco quando Gorland falou:

– Nem precisa mostrar distintivo, Voss; lembro-me de você. – Não queria ninguém ostentando distintivos perto dele, se possível.

Voss deu de ombros e relaxou a mão. Inclinou-se sobre o balcão para conseguir ouvir por cima do barulho.

– Dizem por aí que o lugar aqui agora é seu.

– Isso mesmo – Gorland disse, calmo. – Piso, parede e teto.

– Que nome está usando agora? Gorland, ainda?

– Meu nome é Frank Gorland, sabe disso.

– Você não tinha esse nome quando tentamos colocar-lhe naquela operação de apostas interestadual.

– Quer checar minha certidão de nascimento?

– Nosso agente já checou. Diz que pode ser forjada.

– Ah, é? Ele não tem certeza? Não manja muito da coisa, se não tem certeza.

Voss bufou.

– Nisso você tem razão... Vai me oferecer um drinque ou não?

Gorland deu de ombros. Preferiu não fazer um comentário atrevido sobre beber durante o expediente.

– Bourbon?

– Como sabia?

Gorland serviu uma dose dupla do uísque ao agente.

– Você não entrou aqui pra beber fiado.

– Nisso, também, você tem razão. – O homem deu um gole, sorriu saborosamente, e prosseguiu: – Imagino que você deve ouvir coisas num lugar como esse. Se me passar alguma coisa agora... podemos desistir de descobrir quem diabos você é de verdade.

Gorland riu. Mas sentiu um frio na barriga. Não queria que fuçassem em seu passado.

– Se eu der uma dica, será porque sou um bom cidadão. Nada além disso. Tem algo de especial acontecendo?

Voss estalou os dedos e se inclinou ainda mais por sobre o balcão. Gorland hesitou – depois inclinou-se também. Voss falou ao ouvido dele.

– Ouviu falar de algum projeto secreto grande acontecendo nas docas? Talvez patrocinado por Andrew Ryan? Projeto do Atlântico Norte? Milhões de dólares flutuando pelo mar?

– Não – disse Gorland. Não ouvira falar daquilo, mas os milhões de dólares e o nome Andrew Ryan chamaram sua atenção. – Se ouvir qualquer coisa, Voss, conto pra você. Que tipo de negócio ele vem aprontando?

– Isso é algo que nós... algo que não precisamos saber.

Gorland endireitou-se.

– Você está me complicando, agora. Escuta, preciso fazer com que pareça que... Você sabe. – Ele acabara de ser visto conversando com o agente de um jeito um pouco íntimo demais.

Voss assentiu, num movimento curto. Compreendera.

– Escuta aqui, seu polícia! – Gorland gritou quando a jukebox trocou de música. – Não vai descobrir nada de mim! Agora, me acuse de alguma coisa ou dê o fora do meu bar!

Alguns dos clientes riram; outros sorriram e concordaram com a cabeça. Voss fez que não dava a mínima.

– Melhor se cuidar, Gorland! – disse, e saiu andando. Cumpriu seu papel na cena.

Porém, ele viria a descobrir, alguns dias depois, que “Frank Gorland” não pretendia entrar no jogo e fazer o que os federais queriam. Contaria uma lorota qualquer – e descobriria sozinho o que Andrew Ryan estava armando. Um dinheiro desse montante... devia haver um jeito de entrar no esquema.

Principalmente considerando que aquele era o território de Frank Gorland. Ele merecia.

Ele não ouviu nada sobre Ryan durante alguns dias, mas um dia ouviu uma garota de programa loira bêbada murmurando algo como

“Sr. Ryan Balofo... maldito...” quando enfiou freneticamente o copo vazio na cara dele.

– Aí, eu querum drinque – exigiu a loira.

– O que vai querer, lindinha?

– Que queu vô querer, ele falô! – pronunciou a desalinhada moça, afastando uma grande mecha de cabelo despenteada de cima dos olhos. O rímel escorrera, devia ter chorado. Era uma atrevidinha, mas devia render um bom rala e rola. Só que, na última vez em que transou com uma bêbada, ela vomitou nele.

– Vou querer um uísque, já que não posso ter meu homem de volta – ela soluçou –, isso que eu vou querer! Morreu, morreu, morreu, e ninguém daquele pessoal do Ryan me diz por quê.

Gorland tentou acionar sua melhor expressão de simpatia.

– Perdeu seu namorado, foi? Então vou te servir uma das boas por conta da casa, docinho. – Serviu-lhe um uísque duplo.

– Aí, spirra um pouco de refri nisso aí; tá pensanoquê, que eu sou bebum porque aceito bebida de graça?

– Saindo um refri, lindinha, pronto. – O homem esperou enquanto a moça entornava metade da bebida num gole só. As lantejoulas descolavam das alças do vestido azul-prateado de segunda mão, e um dos seios corria o risco de escapar do decote. Dava para ver um pedacinho de tecido despontando dali.

– Só quero meu Irving de volta – ela disse, largando a cabeça em cima do copo. Por sorte, a canção seguinte na *jukebox* era uma colaboração de Dorsey e Sinatra, suave o bastante para que ele pudesse aproximar-se dela. – Só querele de volta.

Ele serviu mais drinques, desatento, para os marinheiros ao lado, interrompendo uma acalorada discussão sobre o jogo de dados. Os

rapazes de bonés desalinhados pagaram em dinheiro, que jogaram no balcão.

– O que aconteceu com essa pobre alma? – perguntou Gorland, enfiando o dinheiro no bolso e limpando o balcão. – Perdeu-se no mar, foi?

Ela o fitou, boquiaberta.

– Como sabe disso? Você é vidente?

Gorland piscou: – Um passarinho me contou.

A moça cutucou o nariz com um dedo e lançou ao homem uma elaborada piscadela.

– Então você ouviu falar do showzinho do Ryan! Meu Irving partiu e mal se despediu, disse que tinha que fazer um tipo de mergulho para esse pessoal do Ryan. Foi lá que ele conseguiu uma grana, sabe, com o que chamam de mergulho em alto mar. Aprendeu na aula de salvamento, na marinha. Disseram que seria um dinheiro miraculoso, só um mês no mar fazendo algum tipo de construção embaixo d'água, e...

– Construção embaixo d'água? Quer dizer, tipo colunas para docas?

– Não sei. Mas uma coisa eu te digo, ele voltou, na primeira vez, superassustado, nem queria tocar no assunto. Disse que era assunto de morte tocar no assunto, sabe? Mas *uma* coisa ele me contou... – ela apontou um dedo para ele e fechou um olho. – Esses navios na doca 17... estão escondendo alguma coisa dos federais, e ele estava morrendo de medo disso! E se ele estivesse envolvido com o crime, sem nem saber, e sobrasse pra ele? E aí recebo um telegrama... um pedacinho de papel... dizendo que ele não vai voltar, acidente de trabalho, enterrado no mar. – A cabeça da moça meneou sobre o pescoço; a voz foi interrompida por um soluço. – E

esse foi o fim do meu Irving! E agora eu tenho que engolir essa? Bom, fui até o lugar que o contratou, Seaworthy Construtora era o nome... e me jogaram para fora! Me trataram como se eu fosse alguma vagabunda! Tudo o que eu queria era o que eu merecia. Eu vim lá de South Jersey, e deixa eu te contar, a gente colhe o que planta porque...

Ela seguiu nesse caminho por um momento, desviando do tema Ryan. Então, um rapaz de terno comprido escolheu uma canção de *bebop* na *jukebox* e começou a pular; o barulho incomodou a moça, e em pouco tempo ela estava com a cabeça aninhada no bar, roncando.

Gorland teve uma daquelas intuições que indicam quando se está perto da porta de entrada de algo grandioso.

O *barman* atrevido entrou trançando as pernas, e Gorland cedeu o posto a ele, jurando internamente demitir o maldito assim que possível. Ele tinha um esquema a arquitetar...

♦ ♦ ♦

A primeira coisa que Gorland notou, ao entrar no camarim que fedia a suor, foi a cara de cachorro abandonado de Steele. *Bom*.

Sentado na cama de massagem, tendo as luvas colocadas por um treinador negro, o pugilista cheio de cicatrizes, de peito largo, parecia ter perdido o melhor amigo e a patroa ao mesmo tempo. Gorland enfiou uma nota de cinco na mão do treinador e acenou para a porta.

– Deixa que eu amarro as luvas pra ele, meu chapa...

O rapaz captou a mensagem e deu no pé. Steele olhava Gorland de cima abaixo com uma expressão que indicava seu desejo de começar o aquecimento ali mesmo. Só que ele não sabia que

aquele era Frank Gorland, graças ao disfarce. Naquele momento, o homem conhecido na zona oeste como “Frank Gorland” atendia como...

– Meu nome é Lucio Fabrici – disse Gorland, amarrando as luvas de Steele bem apertado. – Bianchi me mandou aqui.

– Bianchi? Pra quê? Eu disse a ele a menos de uma hora que o negócio tá fechado. – Steele não pareceu duvidar que estava conversando com “Lucio Fabrici”, mafioso que trabalhava com Bianchi.

“Fabrici” tivera muito trabalho para compor esse disfarce. O terno risca de giz, o palito de dentes preso no canto da boca, a peruca, o bigode fino – um bigode teatral de alta qualidade, cuidadosamente colado com adesivo. Mas o principal eram sua voz, a exata entonação de Little Italy, e aquela expressão facial cuidadosamente ajustada que dizia “Somos amigos, você e eu, a não ser que eu tenha que te matar”.

Não era difícil para ele encenar esse personagem, ou qualquer outro. Depois de fugir do orfanato, arranjara o emprego de assistente de palco num teatro de variedades – e lá fincou-se por três anos, embora fosse pago em centavos e salsichas. Dormia numa pilha de cordas nos bastidores. Mas valeu a pena. Assistira aos atores, comediantes – até um famoso tipo shakespeariano que interpretava meia dúzia de personagens em seu número solo. O jovem Frank absorvera tudo aquilo feito uma esponja. Maquiagem, figurino – tudo. Mas o que mais o impressionava era o fato de que as pessoas na plateia *acreditavam*. Por alguns minutos, acreditavam que aquele ator galês viciado em láudano era Hamlet. Esse tipo de poder impressionava o jovem Frank. Ele decidira aprender...

A julgar pela reação de Steele, aprendera muito bem.

– Olha aqui, Fabrici, se o Bianchi vai surrupiar a minha parte... Não vou aceitar! Está sendo muito difícil pra mim!

– Nunca ouviu falar de cruz tripla, garoto? Bianchi mudou de ideia! – Gorland abaixou o tom de voz e olhou para a porta, certificando-se de que estava fechada. – Bianchi não quer que você jogue a toalha... Soltamos por aí que você vai fazer isso, assim apostaremos no contrário! Entende? Vai receber seu pagamento dos lucros, e vai ser o dobro!

Steele estava boquiaberto. Ficou em pé de um salto e bateu uma mão na outra.

– Está falando sério? Aí gostei! Vou acabar com aquele mané!

Alguém bateu na porta. O público gritava o nome de Steele...

– Faça isso, Steele... Estou ouvindo o público chamando você... Vá lá e o derrube de imediato, na primeira chance! Faça nocaute no primeiro *round*!

Steele estava extasiado.

– Diga ao Bianchi que vou fazer isso... E como! Nocaute, primeiro *round*! Rá!

♦ ♦ ♦

Meia hora depois, Gorland estava lidando com sua operação de apostas no porão da farmácia. Elve e Garcia, seu agente principal, estavam na sala atrás do balcão, falando baixo, enquanto Morry anotava as apostas na janela. Dois ou três marujos de cargueiro, a julgar pelo tipo de gorro e tatuagem, esperavam na fila para poder jogar, tagarelando e revezando uma garrafa.

– Sei não, chefe – disse Garcia, coçando a cabeça. Garcia era um cubano gorducho da segunda geração que usava um conjunto barato de três peças, e mascava um charuto que jamais passara

perto de Cuba. – Entendi como saber que Steele vai jogar a toalha vai nos render se colocarmos nossas próprias apostas através do nosso pessoal – dizia ele. – Mas, chefe, não entendo como você vai conseguir o dinheiro todo de que estava falando...

– Porque ele *não vai* jogar a toalha. Todo o dinheiro da máfia vai apostar nele perdendo... E nós vamos apostar nele ganhando. E vamos dar uma sova neles com a surpresa!

Garcia piscou.

– Eles vão descontar no Steele, chefe.

– E o que eu tenho com isso? Apenas certifique-se de que a máfia aposte tudo o que tem contra Steele. Vão ficar tristinhos feito criança sem doce quando perderem. Mas não vão descobrir que fomos nós. Se você vir Harley, mande-o ficar de olho naquele jogo de pôquer no hotel, tem uns sanguessugas aparecendo por lá...

Frank caminhou até Morry para dar uma olhada nas notas, e ouviu alguns marujos conversando entre um gole e outro.

– Sério, Ryan está contratando muito por lá. Vale a pena, velho, um belo salário. Mas o problema é... “Segredo de Estado”. Não pode falar do trampo. É perigoso, também. Em algum lugar do Atlântico Norte, indo pra Islândia...

Gorland ergueu as orelhas.

Deslizou pela porta lateral e ficou esperando. Menos de um minuto depois, alguns dos marujos saíram, homens maltratados pelo sol, usavam gorros e paletós cabans, e dirigiam-se para as docas. Os ratos de deque não notaram que alguém os seguia. Estavam ocupados demais assoviando para um grupo de garotas que fumavam no outro lado da rua.

Seguiu os marinheiros até perto do cais, depois quedou-se nas sombras de um corredor, para investigar a cena. Os marujos

subiram a bordo de um dos navios, mas foi outro o que chamou a atenção de Gorland – um novo cargueiro com bastante movimentação nos deques, preparando-se para zarpar. Na proa, lia-se o nome *The Olympian*. Era um dos navios de Ryan. Havia um rapaz encostado numa pilha de engradados perto da doca de carregamento, fumando cachimbo. Alguma coisa nele gritava "agente federal". Não era Voss – provavelmente um dos homens dele, crendo-se na habilidade de Gorland de identificar policiais.

Se Andrew Ryan estava atraindo federais, devia estar envolvido com algo de *status* legal "questionável". O que significava, no mínimo, que poderia ser chantageado – se Gorland conseguisse descobrir o que era exatamente, poderia fazer isso.

O agente parecia estar observando os dois rapazes que discutiam sobre a ponte de embarque do cargueiro de Ryan, mas não estava perto o bastante para escutar sem ser notado.

Gorland pendeu o chapéu, para que o federal não visse seu rosto, e seguiu em frente, as mãos nos bolsos, cambaleando de leve, fingindo estar bêbado.

– Talvez eu possa me arranjar um trabalho num desses navios – disse ele, enrolando as palavras. – Talvez, talvez... Trabalho pesado, esse... Ligo não... talvez precisem de diretor social... – Fazia boa imitação de bebum, e todos os três não lhe deram trela quando ele se aproximou.

Gorland parou perto da ponte de embarque, murmurando consigo mesmo ao fingir travar uma luta para acender um cigarro. Enquanto isso, ouvia a discussão entre o homem que estava na ponte e um bigodudo, no cais, que parecia ser marujo também.

– Não vou voltar para aquele lugar de novo, e fim de papo – rosnou o marujo vestido de preto. Usava um boné ajeitado na

cabeça e um bigode curvo. Um tipo moreno, de sobrancelhas unidas numa única barra preta. Mas parecia ser mais velho, talvez: pele enrugada, cabelo grisalho, a mão tremelicando conforme ele apontava um dedo para o comandante do navio. – Você não vai me fazer ir para lá! Arriscado pra caramba!

– Ora, em porcentagem, estão perdendo menos gente do que na construção da ponte do Brooklin – disse o comandante. – Palavra do Sr. Greavy. Deixe de ser tão covarde!

– Não me importo de ficar no navio... Mas naquele inferno lá embaixo, não!

– Não adianta tentar dizer que vai aceitar o trabalho somente se ficar no navio... O que importa é o que Greavy fala! Se ele te mandar descer, você desce!

– Então vai você no meu lugar... e vai brigar com o diabo! É heresia, o que ele está tentando fazer lá embaixo!

– Se for embora daqui agora, colega, não recebe mais nem um centavo! Suba a bordo já... Zarparemos em dez minutos... Ou pode dar adeus ao seu contrato!

– Duas semanas de salário em troca da minha vida? *Bah*!

– Você não vai morrer lá embaixo. Tivemos uma fase de má sorte, só isso...

– Repito: *bah*! Tchau pra você, Sr. Forester!

O marujo saiu andando, e Gorland percebeu que o comandante do navio o encarava com evidente desconfiança.

– Você... o que está fazendo, zanzando por aqui?

Gorland atirou a guimba do cigarro no mar. Sorriu feito bêbado.

– Só estou fumando, amigo.

Saiu andando atrás do marujo, perguntando-se no que estava se metendo. Era como uma trilha de moedas brilhando num caminho

iluminado pelo luar. Se ele continuasse seguindo as pequenas pistas cintilantes, encontraria o saco de dinheiro de onde elas estavam escapando.

Gorland sabia que a trilha podia levá-lo a problemas, talvez à cadeia. Mas era um homem incansável, infeliz quando não estava à beira do perigo. Ou se ocupava manuseando o jogo ou se perdia nos braços de uma mulher. Do contrário, começava a pensar demais. Como sobre seu pai largando-o naquele orfanato quando era menino.

O marujo fez a curva em torno de uma doca de carregamento para pegar a via de acesso. Era uma noite nevoenta, e não havia mais ninguém no caminho curto que apontava para a avenida. Ninguém para ver...

Frank Gorland usava de duas abordagens para conseguir o que queria da vida. Planejamento a longo prazo e improviso criativo. Viu uma possibilidade – um pedaço grande de cano de metal de uns três centímetros de diâmetro, caído de algum caminhão. Estava ali, largado na sarjeta, chamando-o. Ele pescou o pedaço de cano e correu para alcançar o marujo desleixado.

Chegou por trás do homem, agarrou-o pela gola da camisa e o desequilibrou, sem deixar que fosse ao chão.

– Ei! – o homem reclamou.

Gorland manteve o marujo no lugar com firmeza e pressionou a ponta do frio cano de metal contra sua nuca.

– Parado! – rosnou Gorland, alterando a voz. Imprimiu-lhe força e autoridade. – Vire, senhor, tente fugir, e eu puxo o gatilho e separo seu crânio com uma bala!

O home congelou.

– Não, não atire! O que você quer? Não tenho nem um dólar comigo!

– Acha que eu sou um rato de doca sujo? Sou agente federal! Agora, nem um pio!

Gorland soltou o colarinho do marujo, levou a mão no bolso do próprio casaco, tirou sua carteira, abriu-a e mostrou o distintivo falso de agente especial que usava quando precisava fingir autoridade. Agitou-o em frente ao rosto do homem, sem deixá-lo olhar direito para o objeto.

– Viu isso? – perguntou.

– Sim, senhor!

Guardou a carteira e continuou:

– Agora, escute bem, marujo: você está enrascado por trabalhar nesse projeto sujo do Ryan!

– Eles... eles me disseram que era legal! Tudo legal!

– Disseram também que era *secreto*, certo? Acha que é legal guardar segredos do Tio Sam?

– Não... acho que não. Quer dizer... bom, não sei de nada. Só sei que estão construindo alguma coisa lá. E é um trabalho perigoso, lá nos túneis, no fundo do mar.

– Túneis? No fundo do mar? Pra quê?

– Para a construção. As fundações! Não sei por que ele está fazendo isso. Nenhum dos homens sabe. Ele só conta o que eles precisam saber. E ouvi Greavy conversando com um desses cientistas! Só sei dizer o que ouvi.

– E o que ouviu?

– Que Ryan está construindo uma cidade lá no fundo do mar!

– Uma o quê?

– Tipo uma colônia embaixo da porcaria do mar! E estão levando todo tipo de coisas lá pra baixo! Não parece possível, mas ele está fazendo! Ouvi dizer que tá gastando centenas de milhões, talvez chegando aos bilhões! Tá gastando mais dinheiro do que já se gastou construindo alguma coisa!

Gorland ficou com a boca seca ao contemplar a informação, e seu coração acelerou.

– Onde fica essa coisa?

– No Atlântico Norte... Eles nos mantêm sob o deque quando vamos, assim não vemos para onde exatamente. Nem tenho certeza! Um frio de matar lá, muito frio! Mas lá tem o calor do próprio diabo que sobe... um vapor que sobe de algum jeito, e fumaça de enxofre, algo assim! Teve gente ficando doente por causa da fumaça! Homens morreram lá embaixo, construindo essa coisa!

– Como sabe quanto ele está gastando?

– Estava carregando umas sacolas para o escritório do Sr. Greavy, no navio-plataforma, e estava, tipo, curioso. Os ouvi conversando...

– Navio o quê?

– É assim que eles chamam. Navio-plataforma! Uma plataforma para lançar os rapidinhos! O *Olympian*, ele supre os navios-plataforma!

– Rapidinhos, isso que disse?

– Batisferas, na verdade!

– Batisferas! Se estiver mentindo para mim...

– Não, policial, eu juro!

– Então, suma daqui! Corra! E não diga a ninguém que falou comigo... Ou vai direto pra cadeia!

O homem bateu em retirada, e Gorland foi abandonado num estado de arrebatamento mudo.

Ryan está construindo uma cidade no fundo do mar.

3

Edifício Ryan, cidade de Nova York
1946

Eram dez da manhã e Bill McDonagh queria um cigarro. Tinha um maço chamando-o de dentro do bolso do casaco, mas ele se segurava. Já estava nervoso demais por causa da reunião com Andrew Ryan. Estava sentado quase na beirada da cadeira estofada com veludo, na sala de espera, ao lado da porta do escritório de Ryan, tentando relaxar, com o relatório que fizera sobre o túnel guardado num grande envelope pardo deitado em seu colo.

Bill olhou para Elaine, que trabalhava diligentemente em sua mesa: uma morena robusta enfiada num vestido cinza-azulado. Tinha por volta de vinte e nove anos, era uma mulher comedida de irritados olhos azuis, e aquele nariz empertigado que o fazia lembrar-se de sua mãe. Mas a sacudida que ela deu ao ajeitar-se na cadeira – aquilo, sem dúvida, não se parecia em nada com sua mãe. Observava Elaine andando em torno do escritório, sempre que podia fazê-lo com discrição. Ela tinha ombros e quadris ligeiramente largos, e longas pernas. Uma dessas mulheres americanas de pernas longas, como Mary Louise, mas mais esperta, a julgar pelo contato breve que mantivera com ela. Devia gostar de dançar. Talvez desta vez ele tomaria coragem e perguntaria...

Bill recostou-se na cadeira, sentindo-se repentinamente cansado: ainda estava exausto por ter ficado acordado até depois da meia-

noite, supervisionando a turma do período noturno no túnel. Mas estava contente com o serviço – estava ganhando muito mais dinheiro do que jamais conseguira. Mudara-se para um apartamento melhor na zona oeste de Manhattan depois do primeiro mês em que trabalhou para Ryan, e estava pensando em comprar um carro. O trabalho era, às vezes, como o de encanador, só que maior. As tubulações gigantes do projeto de túneis pesavam toneladas.

Talvez ele devesse falar com Elaine. Ryan não respeitava homens sem iniciativa. Não importa de qual iniciativa se tratava.

Bill limpou a garganta.

– Dia tranquilo, né, Elaine?

– Hum? – Ela olhou como se surpreendida com a presença do outro. – Ah... sim, está um pouco devagar. – Olhou para ele novamente, ficou vermelha, mordeu o lábio e voltou a atenção para a papelada.

Bill sentiu-se encorajado. Se uma mulher ficava vermelha ao olhar para você, isso era um bom sinal.

– Se as coisas andam devagar, temos que dar uma animada, sempre digo. E o que é mais animado que *jitterbug*[1]?

Ela olhou-o, inocente.

– *Jitterbug*?

– É. Quer dançar um *jitterbug* qualquer dia?

– Quer dizer... Se eu quero sair pra dançar? – A moça olhou de relance para a porta do escritório de Ryan, e falou mais baixo. – Bom, *talvez*... Quer dizer, se o Sr. Ryan não... Não sei bem o que ele pensa de funcionários que...

– Funcionários que dão show na pista? – Bill brincou. – Tudo tão inucente... – pigarreou. – Inocente.

– Ah, Bill, você está aqui! – Andrew Ryan estava à porta do escritório. Parecia animado, quase efervescente.

– Com certeza, senhor! – Bill murmurou. Levantou-se, tentando encontrar o olhar de Elaine no caminho. A moça voltara religiosamente ao trabalho.

– Acredito que tenha trazido o relatório – disse Ryan, fitando o envelope na mão de Bill. – Bom rapaz. Mas já sei como as coisas vão indo. Digo-lhe uma coisa: vamos pular a reunião aqui no escritório. Você e eu, Bill, se você estiver disposto, vamos viajar. Com algumas paradas. Uma na cidade e outra... bem longe da cidade. Vamos falar sobre isso no caminho...

♦ ♦ ♦

Era a primeira vez que Bill andava de limusine. A viagem foi calma e suave, muito distante do tráfego exterior. Mas o rapaz sentia-se fora de sua intimidade.

Fizera umas poucas reuniões com Ryan desde que fora contratado. Vinha trabalhando mais com empreiteiros, e às vezes com Greavy, quando o engenheiro voltava do Atlântico Norte. Só que, para Bill, parecia que Greavy viera ao local principalmente para avaliá-lo. Como se o sabe-tudo estivesse tentando adivinhar alguma coisa. Certa vez, o homem trouxe dois irlandeses barbudos de cara fechada e ternos chiques para observá-lo – irmãos chamados Daniel e Simon Wales. Greavy nem se deu ao trabalho de explicar o motivo da visita.

– Quando tiver a chance de dar uma espiada nas figuras, senhor – disse Bill –, verá que estamos dentro do tempo e quase terminando...

Ryan ergueu a mão para contê-lo. Mas estava sorrindo, vagamente.

– Não estou surpreso por estar quase terminando, Bill. Na verdade, a equipe pode terminar sem você, neste ponto. Foi por isso que o contratei... Sabia que faria um bom trabalho. Greavy estava testando-o nesse trabalho do túnel. Mas eu já o havia compreendido. Há algo mais que preciso saber. Algo muito mais importante, Bill.

– Sim, senhor? – Bill esperou, fascinado pela carga elétrica de plena *certeza* que parecia reluzir em torno de Andrew Ryan.

Ryan fitou-o com seriedade.

– Preciso saber se está pronto para ir de encontro ao maior desafio de sua vida.

– Eu... – Bill engoliu em seco. Não importa o que Ryan tinha em mente, ele precisava pôr-se à altura. – O que quiser jogar para mim, senhor, eu aceito.

– Bill... – Ryan inclinou-se para a frente, olhando para o chofer para certificar-se de que a janela do banco dianteiro estava fechada, e falou num tom de voz grave e urgente. – Ouviu falar alguma coisa sobre o Projeto do Atlântico Norte?

Bill não pôde conter uma risada.

– Ouvi essas quatro palavras, e nada mais. Todos parecem monges com voto de silêncio quando pergunto o que é isso.

– Sim. Sim, e por vários bons motivos. Motivos como o governo dos Estados Unidos... A ASE. Inteligência britânica, inteligência soviética.

– ASE... São espiões americanos, né? Quando eu estava com a FAR[2], recebíamos um relatório sobre esses caras de vez em quando...

– Certo. Agência de Serviços Estratégicos – ele bufou. – Damos um baile neles e no FBI, se quer saber. – A cordialidade desvaneceu dos olhos de, substituídas por um brilho amargo quando ele fitou Bill com seriedade. – Você lutou na guerra... Conte-me um pouco sobre isso.

Não era algo de que Bill gostava de falar, não mais do que o necessário.

– Não se pode dizer que lutei. Eu dava mais suporte. Radiotelegrafista a bordo, para a FAR. Nunca tive que matar um homem pessoalmente. Onze missões de bombardeio sobre a Alemanha. Depois que fui ferido, arranjaram um lugar para mim entre os Engenheiros Reais. Gostava mais disso. Consegui minha formação.

– Sentia uma forte lealdade ao governo pelo qual lutou?

Bill sentiu tratar-se de uma questão-chave.

– Não usaria esses termos, senhor. Não era leal ao governo. Nunca gostei deles. Não se tratava de *por quem* eu estava lá... mas contra quem. Estava *contra* os malditos nazistas, os nojentos que bombardearam Londres.

Ryan assentiu, sério. Fez contato visual, e Bill sentiu sua voltagem.

– Meus sentimentos sobre lealdade – Ryan disse cautelosamente – são bastante... Específicos. Acredito que um homem deve ser, primeiro, fiel a si mesmo. Mas também procuro homens que acreditem naquilo em que *eu* acredito... Homens que acreditem ser suficiente que saibam que ser leal a mim *é* ser leal a eles mesmos! Homens como você, espero.

Bill ficou emocionado. Esse homem, um dos mais poderosos do mundo, abria-lhe mais uma porta – e, ao mesmo tempo, reconhecia-

o como um indivíduo.

– Sim, senhor... Acho que compreendo.

– Mesmo? Claro, eu coordeno uma corporação e demando cooperação por parte de meus subalternos. Mas o interesse próprio está na raiz da cooperação, Bill. Pretendo provar que o interesse próprio lubrifica as engrenagens do mercado... E que a liberdade dos... dos tentáculos do governo, das usuais correntes que limitam a ciência e a tecnologia e o crescimento, produzirá prosperidade generosa. Visualizei um grande experimento social. Mas Bill, pergunte a si mesmo, onde pode ser realizado um experimento social em larga escala? Onde, neste mundo, há lugar para homens como nós? Meu pai e eu escapamos dos bolcheviques. E onde fomos parar? Esta não é uma "terra de homens livres" como finge ser. É a terra dos taxados. E foi sua relutância em pagar impostos que colocou meu pai na cadeia. Toda sociedade que existe neste planeta é exatamente a mesma hoje em dia. Mas, Bill, imagine se fosse possível... – sua voz ficou mais baixa, quase sem fôlego – partir desse mundo. Só por um tempo. Só por um ou dois séculos. Até que os imbecis tenham destruído uns aos outros com suas bombas de Hiroshima.

Bill estava desconcertado.

– *Partir*, senhor?

Ryan riu.

– Não fique assim tão atônito. Não quero dizer que vamos para a Lua. Não vamos subir. Vamos descer! Bill... tem uma coisa que quero lhe mostrar. Viajaria comigo para a Islândia?

– Islândia!

– Somente a primeira escala. Um avião até a Islândia... Depois, imediatamente, um bote para o Atlântico Norte. Para ver a fundação,

o início, do projeto do Atlântico Norte. Vou ter que confiar em você... e você vai ter que confiar em mim.

– Senhor... – Bill engoliu em seco. Não costumava ser tão aberto com as pessoas. Mas fora mobilizado pela paixão de Ryan, e por sua confiança. – Confiou em mim, chefe, à primeira vista. E confiarei em você.

– Ótimo. Mas vai me falar seu ponto de vista, Bill. Porque sinto que você é digno de confiança. Ah, chegamos a nossa última parada. Trocaremos algumas palavras com um dos nossos artistas que moram aqui, e depois tomaremos um avião bem tarde para ver o projeto do Atlântico Norte. Vou lhe mostrar uma maravilha ganhando forma no sudoeste da Islândia. E prometo que você ficará... arrebatado.

♦ ♦ ♦

Conduzindo um caminhão transportador, mais tarde, na mesma noite, Gorland avistou o pequeno e discreto aviso na entrada do depósito: SEAWORTHY CONSTRUTORA. Fez a curva com o caminhão e estacionou perto do compartimento de carregamento. Até naquela hora da noite o lugar era ativo feito uma colmeia. Um turno terminava, outro acabava de começar.

Gorland desligou o motor e ajustou o estofado que tinha no abdômen. Alugar um caminhão transportador foi fácil. Confeccionar um novo disfarce tomou-lhe mais uma hora. Arranjou um macacão da transportadora, estufou-os com um travesseiro, compondo uma grande barriga falsa, ganhou uma cicatriz e reajustou a peruca. Em geral, reajustou sua expressão facial: optou por uma feição pedante.

– E aí, como vai? – Gorland disse a si mesmo, vendo-se no retrovisor. Escolheu um tom de voz um pouco mais agudo. Não

queria que ninguém reconhecesse “Frank Gorland”. Ali, ele era Bill Foster, motorista de entregas, pois *Bill Foster* era o nome costurado no macacão.

Passou os olhos na prancheta que o motorista do caminhão emprestado deixara no painel. Estava escrito *Enlatados Heinz*. Daria certo. O caminhão estava vazio – os produtos já haviam sido entregues em outro lugar –, mas o depósito não precisava saber disso.

Gorland saltou do caminhão e caminhou até a doca de carregamento, agindo como se estivesse com pressa para terminar logo a entrega. Subiu as escadas como se ali vivesse. Grandes portas de metal foram abertas, revelando o interior do depósito, onde toda uma equipe resmungava em pleno alvoroço entre engradados e estrados cobertos de intrincado equipamento de metal, do tipo que ele jamais vira antes.

Um aviso sobre as portas, maior do que o nome da empresa na entrada, dizia: SOMENTE PESSOAL AUTORIZADO.

Um homem rabugento de casaco comprido e óculos de armação de chifre, além de um bigode em forma de adesivo, supervisionava uma equipe de oito homens que descarregava um caminhão encostado na doca de carregamento – talvez o maior caminhão que Gorland já vira. Observou por um minuto enquanto um engradado robusto de madeira era içado através de um sistema de polias; vários homens lutaram para pousar o treco sobre um estrado de rodinhas. Algumas das outras caixas nos fundos do caminhão pareciam grandes o bastante para guardar um carro pequeno. Estampado em um dos engradados estava DESIGN FACHADA PRÉDIO 4.

– Você! – latiu o homem de óculos. Ele bufou, não parecendo nada feliz por ver Gorland espiando a traseira do caminhão. – O que quer aqui?

Gorland mastigava, pensativo, um palito de dente, e fingiu refletir sobre a pergunta. Depois apontou com o dedão para o caminhão que estacionara ali ao lado.

– Entrega para Ryan – e mostrou a prancheta que trouxera consigo. – Enlatados.

O homem virou-se e gritou “Cuidado com isso!” para dois trabalhadores corpulentos, depois voltou-se para Gorland.

– Enlatados? Vão ficar feliz de saber disso lá do outro lado. Assim que terminarmos de descarregar este aqui, você entra com o seu...

– Só um minuto! – disse Gorland, mascando furiosamente o palitinho. – Essa entrega aqui é para um cara chamado Ryan! É você?

O homem bufou, contrariado.

– Não seja bobo. O Sr. Ryan não vem aqui pessoalmente! Sou Harry Brown; eu assino tudo!

Gorland deu de ombros e saiu andando.

– Aqui diz Sr. Ryan. Não tenho outras instruções.

– Espere um minuto, peraí! – Brown conteve o outro, segurando-o pelo ombro. – Eles devoram comida lá como se não houvesse amanhã! Rizzo nos disse ontem que temos que aumentar a quantidade de enlatados!

– Certo – disse Gorland, mastigando o palito. – Então chame o Sr... – fez uma pausa para espiar na prancheta, como se estivesse escrito ali. – Sr. Andrew Ryan aqui para assinar isso.

– Escute... – Brown parecia batalhar para conter os nervos. – Sabe quem é Andrew Ryan?

– Ouvi falar. Um mandachuva aí. Não me importa se for Harry Truman; minhas instruções dizem que ele tem que assinar ou não tem entrega. Inferno, eu volto amanhã, é só um caminhão de comida enlatada.

– Temos um navio chegando esta noite... E eles precisam dessa comida! Tem um exército de homens lá para alimentar!

– Então por que não compram coisa pra comer no local, onde quer que seja, até que a gente resolva isso aqui? – Gorland perguntou, simulando inocente incompreensão. – Não tem mercado lá?

– Não, seu gordo boboca... É pra lá da costa da Islândia! E se ele comprar na Islândia... – então, o homem se conteve, fechando a cara.

Gorland coçou a cabeça, como se tentasse entender.

– Bom, talvez eu possa deixar você ficar com essa remessa. Quantos homens ele tem trabalhando lá? Uma remessa vai ser suficiente? Talvez precisem que mandemos outra.

– Nossa, provavelmente vamos precisar de mais três!

– Fica mais caro trazer aqui assim tão rápido. O orçamento é alto o suficiente pra isso?

– É suficiente! – Brown resmungou e cruzou os braços. – Se você soubesse quanto já gastamos com as bombas de ar... Dinheiro... Como dizem, dinheiro não é o problema. Entende? Agora traz o caminhão aqui.

– Sei não. Essa história toda... Como vou saber que não é enrolação se o cara que pediu não tá aqui pra assinar? Quem comanda a Seaworthy se não o Ryan?

– Ryan é o dono, seu idiota... – O homem respirou fundo, tirou os óculos e limpou-os com um lenço. Isso pareceu acalmá-lo. – Ryan é

o *dono*. O homem chamado Rizzo, que fica no escritório administrativo, é quem está no comando.

Brown virou-se para assinar uma lista de carga que um negro atarracado dentro de um macacão veio lhe mostrar. Gorland inclinou para a frente, tentando ver do que se tratava. Tudo o que pôde ver foi *Sistema de purificação de ar prédio 32, 33*. E o custo desse sistema passava de um milhão de dólares...

Brown reparou que Gorland tentava ler a lista e entrou na frente, bloqueando-lhe a visão.

– Senhor, você é bem do tipo intrometido, hein?

Gorland deu de ombros.

– Só curioso, como todo mundo. Bem, não posso deixá-lo assinar isso aqui. Onde fica o escritório desse Rizzo, afinal? Acho melhor eu falar com ele...

Brown hesitou, fitando o outro com suspeita. Finalmente, assentiu e passou-lhe o endereço, que ele anotou na prancheta. O falso entregador olhou dentro do depósito.

– Ei, aquilo é uma dessas batisferas?

Brown o encarou.

– De qual companhia de entregas você é mesmo?

– Eu? Acme. Meu nome é Foster.

– É? Deixe-me dar uma olhada nessa sua prancheta...

– Ah, agora você é quem tá sendo intrometido. Vejo você quando conseguir essa assinatura, meu chapa. – Gorland deu meia volta e desceu correndo as escadas. Sentiu que o homem sobre a doca de carregamento o observava. Olhou para trás e viu um brutamontes com cara de fuinha tirar um porrete do bolso e batê-lo contra a palma da mão.

Apressou-se em direção ao caminhão, forçando-se a não correr, e saiu do local o mais rápido que pôde. Sorriu quando o veículo deslizou para fora do estacionamento. Talvez não fosse mais uma operação de chantagem. Poderia ser algo muito maior...

Sim. Se descobrisse onde devia ficar, choveria dinheiro sobre ele – e não precisaria de nada além de um balde para pegá-lo.

♦ ♦ ♦

– Nem todo mundo sabe que, às vezes, eu apoio musicais da Broadway – disse Andrew Ryan, quando a limusine parou em frente ao teatro. – Prefiro não divulgar isso. Possuo um gosto deveras antiquado para a música, é o que me dizem... George M. Cohan ou Jolson são mais do meu estilo. Ou Rudy Vallee. Não ligo muito para esse negócio de *jitterbug*. Não entendo. – Ryan acenou para o letreiro. – Conhece o trabalho de Sander Cohen? Alguns dizem que está ficando meio gagá, mas acho que ele tem tudo que um gênio musical tem... um renascentista das artes, de fato.

Bill leu o letreiro: SANDER COHEN EM *JOVENS DÂNDIS*.

– Eita! – soltou. – Minha mãe gostava de Sander Cohen, há um tempo atrás. Deve ter furado o disco de *Kissing the tulip* na vitrola dela!

– Ah, sim. Eu era fã da versão dele “No one understands me”. Vai conhecê-lo esta noite, rapaz! Estamos bem em tempo de assistir a sua última canção... Assisti ao show várias vezes, é claro... E vamos dar uma palavrinha com ele nos bastidores. Karlosky, aqui está bom!

O chofer, Ivan Karlosky, era um homem de cabelos claros, de rosto marcado e impassivo, com uma estrutura óssea distintivamente russa. Fez uma curta saudação com a mão e

acenou. Bill ouvira dizer que Karlosky era não somente um dos melhores mecânicos da região, mas também invencível. Ninguém se metia com ele.

Bill saltou da limusine e segurou instintivamente a porta para Ryan, e a fechou quando ele saiu. Um grupo de moças bem-vestidas saiu do teatro, rindo, embora a música do espetáculo pudesse ser ouvida através da porta aberta. O show ainda não acabara. Um homem, aparentemente entediado e de *smoking,* acompanhava uma menina de cabelo platinado protegida por um casaco de pele de marta; mais dois rapazes vieram em seguida, ladeados por garotas com elaborados penteados, todos alegrinhos devido aos coquetéis servidos no intervalo.

Bill hesitou quando Ryan parou para fitar, furioso, os jovens, parecendo desaprovar o fato de deixarem o teatro tão cedo.

– Digam – riu o rapaz de cartola –, esse Sander Cohen é um tipo esquisito!

– Ouvi falar que uns rapazes que entram no camarim dele nunca mais saem de lá! – disse, mais seriamente, num tom grave, um moço de chapéu panamá e olhos sonolentos.

– Bem, ninguém vai me convencer a assistir a outro show dele – disse o de cartola, conforme passeavam cambaleando. – Amaneirado daquele jeito! Sempre sob os holofotes! Toda aquela maquiagem! Parecia um palhaço!

Ryan resmungou consigo mesmo em alto e bom som, encarando os jovens.

– Bêbados!

Ele balançou a cabeça e seguiu para o beco entre os teatros, que dava para a porta do palco. Bill o seguiu, sentindo-se ele mesmo um pouco tonto, ainda que não tivesse tomado nem uma gota naquele

dia. Sentia-se pressionado para além de suas habilidades sociais com Ryan – mas a experiência toda também o divertia.

– Por aqui, Bill. Esses covardezinhos decadentes... Mas é sempre assim. Pessoas inconsequentes só sabem fazer troça. Somente os grandes entendem os grandes.

Ryan deu dois soquinhos na porta do palco, que foi aberta por um homem com cara de buldogue que mascava um charuto.

– Ora, quem é agora? – E então deixou cair o charuto da boca mole. – Ah, desculpe, Sr. Ryan, não percebi que era você, por favor, entre, senhor, por aqui, bela noite, não?

Mas que puxa saco, pensou Bill, quando o homem, praticamente fazendo uma reverência, deixou-os entrar. Depois de uma ruidosa passagem, encontravam-se nos bastidores, em pé, na coxia, assistindo a Sander Cohen. O cantor concluía o clímax de seu espetáculo, “Hop away to heaven”.

Era estranho assistir a um show daquele ângulo, tudo parecia estranhamente superiluminado, o clique dos sapatos no piso de madeira era audível, o ponto de vista não mostrava a total eficácia dos dançarinos. Eles pareciam mais arrastar-se de um lado para o outro.

Sander Cohen, por sua vez, era ainda mais esquisito. O desbotado astro da Broadway vestia uma jaqueta prateada que teria parecido mais natural numa dançarina de Busby Berkeley. Usava calças prateadas combinando, com uma faixa vermelha na lateral; as botas, com saltos do tipo que se usam para dançar flamenco, também cintilantes. Possuía uma cabeça bastante bulbosa, com cabelo rareando enfatizado por uma grande placa pálida que era a testa, não muito favorecida por um cachinho perdido, e um bigode risível com as pontas enroladas para cima. Usava, de fato, uma

quantidade surpreendente de pó de arroz – e o que parecia ser delineador.

Cohen gingava segundo o ritmo, cantando num tom alegre e alto, e girando uma bengala de prata nos dedos. Duas fileiras de rapazes e garotas muito belos dançavam em sincronia atrás dele. Cohen cantava:

"Se quiser dançar, dançar, dançar, comigo

Vamos multiplicar feito loucos

Feito um casal de coelhinhos

Ah, dance até o céu, dance até o céu... Assiiiiim!"

– Admito, é um número trivial – disse Ryan, inclinando-se para sussurrar por trás da mão para Bill –, mas o público precisa desse tipo de coisa, sabe, alguma coisa leve de vez em quando. Sander gostaria de ser mais sério. Os artistas deviam ter a oportunidade de trabalhar sem interferência. Contanto que seja lucrativo, é claro...

Bill assentiu, rogando para que aquele infeliz tivesse mesmo canções melhores do que aquela porcaria. Não imaginaria Ryan ouvindo esse cantor empinado – imaginaria-o mais como o tipo que escuta Wagner, ou talvez Tchaikovsky. Contudo, nunca se sabe com que estilo de música um homem costuma relaxar. Soubera, uma vez, de um trabalhador de porto brigão que encarava numa boa três homens de uma vez numa confusão de bar, mas se debulhava em lágrimas de emoção quando via Shirley Temple cantando "The good ship lollipop". Esfregava os olhos, fungando, "Ela não é uma graça?".

As cortinas se fecharam, gerando uma garoa de aplausos bastante singela, e ergueu-se quase imediatamente para que Cohen pudesse fazer várias reverências, embora ninguém o demandasse. Os dançarinos apressaram-se em deixar o palco.

Ryan gesticulou, e uma das dançarinas permaneceu lá: uma corista com pele branca bem alimentada num maiô adornado. Um jorro volumoso de cabelos loiros fluía sobre seus ombros rosados; a franja dourada pregava-se à testa com um brilho discreto de transpiração. Era uma moça forte, num sentido voluptuoso, uma amazona, e parecia muitos centímetros mais alta que Ryan – mas quase encolheu na presença dele, enquanto seus olhos de um azul de porcelana escancararam.

– Sr. Ryan! – A voz não era tão melódica. Chegava a ser irritante feito um chilreio, na opinião de Bill; esperava que fosse boa na dança.

Ryan a fitava com benevolência, mas também com um brilho faminto nos olhos severos. Então, a fome foi desfeita, de alguma forma, e ele pareceu quase paternal – cuidadosamente reservado.

– Você, sem dúvida, brilhou com talento hoje, Jasmine – disse ele. – Ah, permita-me apresentar-lhe meu sócio, Sr. Bill McDonagh.

Ela mal olhou para o outro.

– Você gostou mesmo, Sr. Ryan? Dava para me ver no palco?

– Claro, querida. Vi você dançando várias vezes. Você é sempre entusiasmante.

– Suficiente para protagonista? Não ando conseguindo chegar a lugar nenhum nessa área, Sr. Ryan. Quer dizer... cheguei aqui, mas não consigo ir além do coro. Tentei conversar com Sander, mas ele não parece se interessar por mim. Ele é tão envolvido com seus, como ele chama? Seus protegidos...

– Um grande talento como o seu vai se destacar na hora certa, Jasmine, não se preocupe – disse Ryan, conforme a cortina se fechou por cima de outro agradecimento não desejado de Sander Cohen.

– Acha mesmo, Sr. Ryan? Quer dizer, se o senhor quisesse...

– Na verdade – Ryan interrompeu com tamanha autoridade que a moça cortou a voz num semiguincho –, vou ajudá-la. Pagarei para que tome lições de expressão. Sua única fraqueza como artista é... podemos chamar de apresentação vocal. Eu mesmo tomei tais lições, uma vez. Você falará melhor... e as pessoas a olharão melhor.

– Ex-pres-são! Claro, sei o que é! – Ela parecia muito frustrada, no entanto. Pelo visto, melhorar a dicção não era o que a moça tinha em mente.

– Estou fundando... Uma nova comunidade – ele disse, olhando ao redor. – Em outro lugar, um pouco distante. Podemos chamar de *resort*, de certa forma. Levará um tempinho para ser concluído. Mas, com a devida dedicação, poderia trabalhar lá, no *show business*. Seria, definitivamente, um recomeço.

– Onde será, exatamente?

– Ah, no exterior. Sabe?

– Tipo Bermudas?

– Bem, ah, mais ou menos. Ah, Sander!

– Ai, um *resort*! Seria supimpa! – disse a jovem, afastando-se, mas sem tirar os olhos do magnata, tanto que quase colidiu com Sander Cohen.

– Com licença, minha querida – Cohen murmurou, com um sorriso forçado. O cantor iluminou-se ao ver Ryan, e aprumou-se em todo um aspecto diferente, radiante, uma sobrancelha arqueada. – Andrew! Meu bom amigo! Chegou a tempo para o show, afinal!

– Estávamos aqui, arrebatados. Permita-me apresentar-lhe Bill McDonagh.

– Bill, é? – Cohen esquadrinhou o rapaz com olhos sonolentos. – Hum... Robusto!

– Tem razão – disse Bill. – Sou bem saudável mesmo.

– E britânico! Adorável. Sabe, um dia desses, eu estava dizendo a Noël Coward... – O artista começou uma longa anedota, da qual boa parte se perdeu em meio ao farfalhar da correria dos bastidores, mas parecia se tratar de algo sobre a admiração deveras embaraçosa que Coward nutria por Cohen. –... e seria melhor se não bajulasse tanto.

Bill notou que a sobrancelha esquerda de Cohen parecia permanentemente erguida, presa acima da outra, sem jamais descer – como se tivesse sido paralisada numa condição de ironia.

– Você é um verdadeiro artista, não um metido a fino como Noël Coward – disse Ryan –, é natural que o homem fique impressionado.

– Você é tão gentil, Andrew!

Incomodava Bill ouvir aquele homem chamando o Sr. Ryan pelo primeiro nome. Não parecia correto, simplesmente. Deu um passo para trás, sentindo que Cohen estava perto demais.

– Andrew, posso contar com sua presença em minha pequena inauguração no Village?

Ryan fez uma careta.

– Inauguração?

– Você não recebeu o convite? Terei de pessoalmente esfolar vivo meu assistente pessoal! Ha-ha! Estou com uma mostra de arte no clube Verlaine. Minha nova obsessão. Uma forma de arte quase desconhecida na América. – Com o olhar novamente sonolento, o homem virou-se para explicar para Bill. – É uma *tableau vivant*.

– Ah, sim – Ryan disse a Bill. – *Tableau vivant*. É uma tradição artística francesa... Colocam pessoas para posar no palco, de diversas maneiras, representando cenas da história ou um drama. Elas ficam paradas, com os figurinos... quase como estátuas.

– Exato! – Cohen soltou, batendo as palmas das mãos com deleite. – Esculturas vivas, de certo modo... Nesse caso, representarão cenas da vida de Calígula, o imperador romano.

– Parece fascinante – disse Ryan, com uma leve careta. – Calígula. Muito bem.

– Meus protegidos têm tanta coragem artística, ficam lá posando num estado de seminudismo numa sala fria, minuto após minuto, como que congelados! – Jogou a cabeça para o lado feito um cavalo de competição e sussurrou: – Estão numa competição feroz para me agradar! Ah, como se dedicam a isso, mas a arte demanda a agonia do autossacrifício, da submissão, uma imolação invertida sobre o altar!

– É isso que admiro em você, Sander – Ryan falou. – Sua devoção completa à arte. Não importa o que os outros pensam! Você é você mesmo por completo. Isso é essencial à arte, me parece. Expressar seu verdadeiro eu...

Mas Bill achava que o verdadeiro eu de Sander Cohen vivia completamente escondido, conforme ele apresentava outro lado de si para o mundo com tamanha veemência. Era como se houvesse um animalzinho assustado espiando de dentro de seus olhos sonolentos. E, no entanto, ele falava com firulas, movia-se com dinamismo arrebatador. Sujeitinho esquisito.

– Devo estar fora do país na sua inauguração, infelizmente – Ryan dizia. – Mas estava dizendo a Jasmine...

– Ah, Jasmine. – Cohen deu de ombros com desdém. – De fato, ela tem seu charme. Acredite, eu entendo. Mas Andrew, foi-me dito que este espetáculo será encerrado mais cedo do que esperávamos. *Dândis* deveria ser minha reemergência, minha metamorfose! E o casulo, percebo, anda bastante apertado e pode me expulsar cedo demais. – O cantor envolveu a si mesmo com os braços, parecendo esmagar-se pelo próprio abraço enquanto falava. – Sinto-me definitivamente espremido!

– Artistas desgastam-se com restrições – disse Ryan, assentindo com simpatia. – Não se preocupe com o show. Logo a Broadway será passado. Criaremos nossa própria cena para os geniais, Sander!

– Fato! E com esse mesmo... escopo? Uma plateia grande?

– Você verá. Quanto ao escopo, bem, haverá gente suficiente para apreciá-lo lá. Quase um público cativo, de certa forma.

– Ah, não há nada que eu adoraria mais do que um público cativo! Mas preciso ir! Vejo Jimmy acenando desesperadamente do camarim. Mantenha-me informado sobre esse novo projeto, Andrew!

– Será um dos que saberão em primeira mão quando estiver tudo pronto, Sander. Demandará um pouco de coragem da sua parte – Ryan deu um sorriso torto –, mas se se arriscar, mergulhará em algo belíssimo.

Sander Cohen trotou em direção aos camarins. Bill achava que Cohen tinha um parafuso a menos, mas Ryan tinha razão – os gênios são excêntricos. Como se adivinhasse os pensamentos do outro, Ryan falou:

– Sim, Bill, às vezes ele é... Escandaloso. Esfuziante. Mas quem é grandioso sempre incomoda os olhos e irrita os ouvidos, um pouco. Ele se considera o Napoleão da Mímica, às vezes. E de fato é,

quando está atuando. Venha comigo, Bill. Vamos ao aeroporto. Se estiver pronto para ir. Ou está indeciso?

Bill sorriu.

– Eu não, senhor. Estou dentro, por inteiro. Vou mergulhar de cabeça, até o fim, Sr. Ryan...

4

Cidade de Nova York
1946

– Olha, Sr. Gorland, não sei de muita coisa. – Merton estava sentado nos fundos do The Clanger, do lado oposto à que antes era a sua cadeira. Era Gorland quem estava atrás da mesa, com Garcia em pé, de um lado, encarando Merton enquanto batia com o porrete na palma da mão, e do outro, Reggie, um fortão do Bronx, ainda metido no uniforme de porteiro, seu emprego diurno.

Gorland conhecia Reggie de antigamente – era uma das únicas pessoas ainda vivas que sabiam o nome verdadeiro do agiota – e, às vezes, contratava-o como força extra. Naquela noite, Gorland precisava engendrar um medo religioso em Merton. Harv Merton tinha que ter mais medo de Frank Gorland do que do poderoso Andrew Ryan.

– Quer dizer, se eu *soubesse* de qualquer coisa – Merton prosseguiu, espremendo as mãos –, eu *contaria*.

– Ei, tem algum palpite legal pros cavalos, Merton? – Garcia perguntou, sorrindo.

Gorland fez sinal para que Garcia ficasse quieto. O rapaz deu de ombros, guardou o porrete e trocou-o por um cigarro. Na calmaria, o som do bar vazava através da porta fechada. Uma garota ria com estridência; um homem vaiou, *"*Ah, você não sabe nada sobre Dempsey!*"*.

– Vamos pensar nisso tudo de novo, Merton – disse Gorland, servindo ao outro uma dose da garrafa de bourbon. – Está me dizendo que conseguiu um emprego na Seaworthy, no projeto do Atlântico Norte, e esse cara, o Rizzo, estava trabalhando como comissário em um dos navios. Certo? Daí eles levam seu traseiro até o Atlântico Norte e o mantém lá por *um mês e meio*... E você não viu coisa *nenhuma* lá?

Gorland deslizou o copo com a bebida por cima da mesa, e Merton o pegou.

– Obrigado. Hum... É assim mesmo que a coisa funciona. Quer dizer, algumas coisas foram levadas pra baixo, sabe, embaixo d'água. Mas... – riu, nervoso. – Eu não desci junto! Eles ficavam de segredo quanto ao que acontecia lá embaixo. Como se fosse assunto de "vida ou morte", disse um cara, depois que subiu. Não sei o que eles estão tramando.

– Veja, eu sei o que eles estão tramando, em termos gerais – disse Gorland, servindo-se de uma dose. – Construindo uma coisa grande. Mas não sei qual é a intenção de Ryan. Aonde vai o dinheiro? Viu-os trazendo algum metal? Sabe, produtos de mineração? Ouro, prata, petróleo?

– Não, nada disso. Só vários navios. Nunca vi o Sr. Ryan. Ouvi o nome dele algumas vezes, só isso. Fiquei ocupado o tempo todo. Enjoado também. Fiquei feliz de voltar pra cá e procurar outro trabalho...

– Tá, você vai viver pra procurar outro trabalho – disse Reggie, prestativo, com a voz suave. – Se contar ao Sr. Gorland exatamente o que ele precisa saber.

– Eu juro... não encontrei mais nada! Quase não saí da galeria naquele naviozão velho! Agora, Frank Fontaine... ele deve saber

alguma coisa. Ele manda barcos até lá pro fornecimento de peixes! E conversa mais com eles. Sabe, com os caras da construção...

Gorland contraiu as sobrancelhas, pensativo.

– Frank Fontaine. Pescados Fontaine? Ele costumava contrabandear material de Cuba naqueles barcos de pesca. E agora está entregando... peixe? Tá brincando!

– Eu o vi na doca, e foi isso que ele me disse! Eu costumava comprar um pouco do rum que ele contrabandeava pro meu... Pro seu bar – Merton engoliu em seco. – Fontaine diz que ganha mais dinheiro vendendo peixe pro Ryan, pra equipe dele, do que vendendo rum em Nova York! Eles precisam de muita comida lá. Têm um exército de operários pra alimentar.

Gorland resmungou consigo mesmo, pensativo. De fato, isso batia com o que ouvira na doca de carregamento. O jeito garantido de se aproximar dessa operação... seria abastecendo-a.

Um pensamento louco surgiu-lhe. E trouxe consigo possibilidades interessantes.

Mas se ele fosse tão longe – e *longe* era a palavra, certamente –, estaria muito distante de sua zona de conforto. Estaria aventurando-se pelo Atlântico Norte.

Havia algo sobre esse projeto secreto de Ryan que o fascinava, que o atiçava da maneira que ouro de pirata enterrado atiça o caçador de tesouros. Milhões de dólares estavam sendo afundados no Atlântico Norte. Devia haver um jeito para pescar um pouco.

Anos atrás, quando “Frank Gorland” esquivava-se da lei, saltara a bordo de um trem de carga. Dentro do vagão, lera num velho jornal sobre o emergente industrialista Andrew Ryan. Havia uma foto dele parado em frente a um prédio chique com seu nome na fachada. A figura causara-lhe certa comoção. A imagem de Andrew Ryan

perante o panorama de Manhattan, como se fosse seu dono, fizera Frank pensar: *Não importa o que ele tem: eu quero. Vou tomar tudo dele...*

Aquela poderia ser sua chance. Mas, primeiro, precisava descobrir qual era a intenção de Ryan. O que estava erigindo – ou afundando – na cidade abaixo das geladas entranhas daquele escuro oceano...

Em algum lugar do Atlântico

1946

– É um Liberator reformado, de verdade. – Andrew Ryan levou Bill McDonagh ao longo de uma grande e trepidante cabine de avião, em direção à cauda. – Agora é comercial; a United Airlines comprou onze destes para voos de luxo. Mas este é o protótipo. Claro, é movido a propulsão, mas a próxima geração será a jato...

– Vi um jato de combate na guerra, na última expedição – disse Bill. – Um ME-262. Protótipo alemão. Nem nos atacou... Acho que estavam fazendo teste de voo.

– Sim – disse Ryan, distraído. – Veloz e eficiente, o motor do jato. Nem me preocupei em desenvolvê-los, não como aeronaves, porque depois do projeto do Atlântico Norte esperamos não precisar de aeronave alguma. Teremos muitos submersíveis, e, com o tempo, mal precisaremos deles. Esperamos ser completamente autossuficientes...

Submersíveis? Bill devia ter entendido errado.

O rapaz não sabia exatamente como se sentia, estando ali, dentro do avião. O zumbido do motor era parecido demais com o som dos bombardeiros nos quais voara na guerra. Depois, pegou um navio

para chegar aos EUA. Cansara-se de aviões. Vira o melhor amigo ser transformado em marmelada vermelha da última vez.

Por dentro, no entanto, aquele avião não se assemelhava tanto a um bombardeiro. Exceto pelo som, as vibrações ao longo do piso e as “paredes” curvadas, poderia ser facilmente confundido com uma luxuosa suíte de hotel. As cadeiras e os sofás, de estilo vitoriano, estavam parafusados ao chão, mas eram luxuosos, com almofadas de seda vermelha bordada em dourado. Cortinas de renda elegantemente contidas nas laterais das janelas por cordões de seda. A cabine era tranquilamente servida por três criados uniformizados e um *chef*. Por trás de uma barra de aço inoxidável, um empregado asiático que vestia uma jaqueta preta e vermelha com laços dourados fitou-os, atento, conforme passaram.

Mas Ryan não queria tomar nada ainda. Passaram por uma cortina de veludo vermelho, para dentro de uma cabine posterior, menor, com uma mesa de metal presa no centro do piso. Sobre a mesa havia um objeto razoavelmente grande, erguendo-se fantasmagórico sob um véu de musselina branca. A sala continha pouca coisa – exceto que, preso a uma das paredes, à esquerda, havia um desenho colorido de uma cidade apinhada, ricamente estilizada. Fizera Bill lembrar-se, de imediato, da Cidade Esmeralda de Oz. Contudo, a cidade no desenho colorido parecia estar sob a água – um cardume de peixes rascunhados de diversas cores passava nadando pelas janelas. Seria a Atlântida, um dia após ter ido abaixo?

Ryan encaminhou-se dramaticamente até a mesa e arrancou o tecido.

– *Et voila*! – disse, sorrindo. Revelara uma maquete da cidade. Era uma estrutura formada por outras menores, todas no estilo de

arte industrial, como se o desenhista do Edifício Chrysler tivesse criado toda uma cidadezinha para combinar. O modelo tinha cerca de trinta centímetros de altura, uma construção de torres interligadas, revestimentos de vidro verde e cromado, passagens tubulares transparentes, estátuas, aberturas muito pequenas entre os prédios. A estrutura parecia devidamente selada, e, de fato, Bill visualizou o que pareciam ser comportas de ar perto das bases de várias torres que lembravam faróis artisticamente adaptados. Do lado de fora da comporta de ar havia o modelo de um pequeno submarino. Através de um dos painéis transparentes da miniatura, ele viu o que parecia ser uma minúscula batisfera, em parte içada por um mastro vertical.

– Esta – disse Andrew Ryan, ofegante ao falar, com a musselina balançando ao seu lado – é *Rapture*!

Uma onda de turbulência atingiu o avião nesse exato momento, fazendo o modelo da cidade tiritar perigosamente sobre a mesa.

Bill a fitava, preocupado com a turbulência.

– Certo. Uma beleza, não? Arrebatadora[1], mesmo.

– Não, Bill, *Rapture* é o nome da cidade. O que está vendo aqui é somente o núcleo, o centro, por assim dizer. As fundações já estão sendo construídas... Uma morada para milhares de pessoas sob as águas do Atlântico Norte.

Bill ficou embasbacado.

– Tá gozando com a minha cara!

Ryan abriu um de seus sorrisos pensativos.

– Mas é verdade! Está sendo construída em segredo, numa parte do mar raramente assediada por gente. A arquitetura é gloriosa, não é? Os irmãos Wales a desenharam. Greavy vem implementando a visão deles, e agora você ajudará, Bill.

Bill meneou a cabeça, maravilhado.

– Está... Sendo construída agora mesmo? – A turbulência desvaneceu, para alívio do rapaz. Trouxera-lhe péssimas lembranças de estar num avião atingido por tiros. – Qual vai ser o tamanho de Rapture, então?

– Será uma pequena cidade, escondida embaixo do oceano. Quilômetros de diâmetro. Bastante espaço aberto dentro. Não desejamos claustrofobia...

O formato da maquete lembrava Bill das partes mais densas de Manhattan em alguns pontos; todos aqueles prédios amontoados. Mas ali os prédios estavam ainda mais atravancados, e muito mais interconectados.

– Consegue ver o que está ali dentro, atrás daquela janelinha? – Ryan apontou. – Ali vai ser um parque... Um parque embaixo do mar! Chamo-o de Arcádia. Temos um sistema para trazer luz solar refletida para baixo, bem como luz elétrica. Arcádia ajudará a fornecer oxigênio, assim como será um local para relaxamento. Agora, aqui você vê...

Uma rude turbulência súbita o calou, seguida pelo ruído de um trovão que passara quase ao lado. Os dois homens olharam, nervosos, para a janela oposta à figura.

Bill pôs a mão na beirada da mesa e inclinou-se para ver através da escotilha – nuvens pretas e cinzas de tempestade erguiam-se, irritadas, lá fora, piscando com relâmpagos.

– A viagem vai ser complicada.

Outro trovão, outro tremor, e Bill fechou os olhos, tentando se livrar das imagens que lhe vinham à mente. A explosão de um míssil, a barulheira de vários pequenos e perversos impactos. Outra explosão do lado de fora, um pedaço do casco do bombardeiro

desfeito instantaneamente, destruído pelos alemães. O vento rugindo para dentro pelo buraco feito um invasor enlouquecido, e Bill McDonagh, radiotelegrafista, vê Welsh, o rapaz de cabelos encaracolados, um moleque inocente que concluíra o treinamento fazia uma semana, sendo sugado para trás em direção a uma fenda de um metro e meio de altura na parede curva de metal, puxado com força pela súbita queda de pressão atmosférica, o rosto contorcido de terror. Bill grita para os pilotos: “Reduzir altitude!”, enquanto corre para o jovem oficial, agarrando-se a uma barra com a mão direita para que possa trazer Welsh de volta com a esquerda – sabendo muito bem que não daria certo. O garoto grita conforme a sucção em torno da fenda o draga com mais pressão contra a borda pontiaguda, e o metal afiado rasga-lhe o ombro esquerdo; seu sangue o precede, fluindo através da fenda – e ele vai em seguida, simplesmente some feito num truque de mágica, desaparece naquele céu barulhento. Tudo o que resta são fragmentos de roupas rasgadas e pele nas pontas dilaceradas da lataria. O garoto estava caindo em algum lugar no meio da névoa cinzenta. Bill atém-se à barra conforme o bombardeiro inclina para baixo, para equilibrar a pressão do ar...

– Bill? Tá tudo bem?

Bill conseguiu abrir um sorriso débil.

– Existe um motivo para eu ter ido de navio à América, em vez de avião, chefe. Desculpe. Estou bem.

– Acho que nós dois precisamos de um drinque...

– Tem razão, Sr. Ryan. É o melhor remédio...

– Vamos nos sentar na cabine principal e escapar dessa tempestade. Devemos chegar ao aeroporto em coisa de uma hora, os ventos ficaram para trás. De lá, para o navio. Venha cá, vou pedir

para o Quee servir-lhe o melhor puro malte que você já experimentou, e vou lhe contar sobre a Grande Corrente...

♦ ♦ ♦

O bar em Staten Island estava quase deserto naquela noite. Mas o capitão Fontaine estava lá, conforme o combinado, sentado à mesa num canto escuro, fitando sua caneca de cerveja. Esperava por Frank Gorland.

O capitão Fontaine se parecia bastante com Gorland – mas tinha a pele mais maltratada, e era um pouco mais velho. Usava um gorro vermelho e um longo casaco trespassado de tecido canelado verde. As mãos vermelhas e calosas traíam a vida que levara no mar – primeiro como contrabandista, agora como chefe de uma pequena frota de pesqueiros.

Gorland pediu uma garrafa de cerveja para uma corpulenta garçonete que parecia estar dando em cima de um marinheiro bêbado, e levou-a à mesa do capitão.

Fontaine não tirou os olhos da cerveja quando o outro se sentou do lado oposto na mesa.

– Gorland, me parece que toda vez que encontro você, alguma coisa dá errado.

– Como assim? E toda aquela grana que ganhou graças ao que fiz, na sua última remessa?

– Sua parte foi quase tão grande quanto a minha, e tudo o que fez foi tagarelar.

– Bem, tagarelar é o que faço da vida, meu chapa. Agora, escute, Fontaine. Quer a informação que eu tenho ou não? Estou oferecendo de graça. Espero que possamos trabalhar juntos de novo, e não podemos fazer isso se você estiver na cadeia. Então, é

melhor você empinar uma dessas orelhinhas de concha; ouvi dizer que eles vão esperar até que você parta e atacá-lo na volta.

Fontaine sugou a bebida ruidosamente.

– Eles... *quem*?

– Ora, os... – Gorland inclinou-se sobre a mesa e falou mais baixo. – O FBI, só isso. O agente Voss está na sua cola!

Fontaine endireitou-se na cadeira. Gorland o fitava calmamente, quase acreditando, ele mesmo, no que dizia:

– Quem me contou foi a melhor amiga da minha irmã. Ela é secretária deles. Fica de olho nas coisas pra mim. – Este é o segredo do bom mentiroso: acreditar na mentira quando for contá-la. – Então, ela anda digitando um mandado aí, e pronto. Capitão Frank Fontaine. Contrabando, diz lá. *Drogas*, diz lá.

– Fale baixo. De qualquer maneira, não procede; parei de contrabandear aqueles baratos. A companhia para a qual trabalho agora me paga um dinheiro absurdo para levar mercadoria até a Islândia... É longe, mas dá muito dinheiro. Seguro e legal!

– Refere-se ao negócio com a operação de Andrew Ryan?

Fontaine deu de ombros.

– Nada de que você precise ficar sabendo.

Então ele mesmo fora levar o peixe até lá. Interessante. A localização exata do projeto do Atlântico Norte estaria em alguma tabela num de seus barcos.

Gorland suspirou e balançou a cabeça.

– Você não entendeu! Voss está à sua procura. Vai fuçar na sua carga, assim que você zarpar, e plantar droga lá! Você já deu mole pra ele muitas vezes.

– Não... Não acredito nisso!

– Eles já estão à sua espreita. E supondo que eles não armem para você... Sabem que Ryan está tentando esconder alguma coisa lá. Então, prenderão você para interrogatório. O que o Ryan pensaria disso? Quer ser preso por atrapalhar uma investigação?

– Tem provas de que estão à espreita, Gorland?

– Provas? Tenho uma cópia do mandado de busca. – Gorland entregou o papel ao outro. Todo bom vigarista conhece um bom falsificador. – Você pode vender seus barcos pra mim e fugir pra Cuba...

Fontaine examinou o mandado – e ficou cabisbaixo.

– Humpf... Talvez. Ando mesmo de saco cheio de andar de barco. Gostaria de me aposentar em Cuba. Mas quero um bom preço.

– Claro, vou pagar bem.

Fontaine fitou o outro com expressão de desconfiança.

– E por que você seria assim tão *prestativo*, Gorland? Não faz sentido.

– É você quem eles estão perseguindo, não eu; vou brincar de pescador até que as coisas esfriem. Ganhar dinheiro com Ryan. E ter as traineiras para quando for tranquilo contrabandear de novo.

Fontaine expeliu ar longa e lentamente. Gorland sabia que a reação significava que o homem se entregara. Sentiu um arrepio no corpo, quase um delicioso tremor sexual interior, que sempre vinha quando o oponente se entregava.

♦ ♦ ♦

Duas noites depois, Frank Gorland esperava na cabine de uma traineira, tentando acostumar-se com o odor de peixe velho, e bebia café. A traineira chamava-se *Passeio Feliz*. Cristo! Mas como fazia frio naquela banheira velha.

Ouviu uma saudação da doca e sorriu. O capitão Fontaine chegara para receber o dinheiro.

Gorland sorriu para o timoneiro dos cabelos grisalhos e disse:

– Quando eu der o sinal, siga para o leste.

– Positivo, chefe.

– Chame-me de capitão. Estou prestes a me tornar um...

– Sim, sim, capitão.

Gorland desceu pela escada até o deque principal, onde encontrou Fontaine indo de um lado para o outro, carrancudo.

– Gorland, ouvi dizer que demitiu minha tripulação! Está tramando algo! Essa história toda está começando a feder.

– Fico surpreso por você ainda conseguir sentir cheiro à essa altura. Mas vamos à cozinha que eu explico; tenho uma parcela do dinheiro pra entregar.

Gorland virou-se e foi descendo, cantarolando. Fontaine hesitou, depois seguiu-o.

Não havia uma tripulação na pequena cozinha do *Passeio Feliz*. Gorland planejava contratar o resto do pessoal mais tarde.

Sobre uma pequena mesa de montar perto do fogão havia uma pequena maleta marrom.

– Está aqui, Fontaine. Abra e conte.

Fontaine fitou-o, e ele olhou para a maleta. Então, umedeceu os lábios, avançou para a maleta, abriu-a – e viu. Estava repleta de peixes mortos. Pargos.

– Estou pensando – disse Gorland, sacando um porrete do bolso do casaco – em mudar o nome desse barco para *Passeio Infeliz*. O que acha?

O capitão Fontaine voltou-se com raiva contra Gorland, que o atingiu violentamente com o porrete, *crack*, bem na testa. Caiu feito

um saco de tijolos.

Gorland guardou o porrete e foi até a escada, subiu no deque, virou-se e acenou para a cabine do piloto, onde o timoneiro, Bergman, esperava por seu sinal. O timoneiro apontou para a doca – e Gorland lembrou-se de que tinha que desamarrar o barco. Isso ele sabia fazer. Desatou as cordas, e o barco ganhou vida, rugindo, deslizando da doca para o mar aberto.

Cantarolando “My wild irish rose”, Gorland desceu até a cozinha. O capitão Fontaine, de bruços, continuava apagado. Gorland percorreu os bolsos do homem, removendo sua identidade, dinheiro e itens pessoais. Talvez precisasse deles.

Pensativo, observou o capitão, que dava ligeiros sinais de vida, largado no chão, e murmurou consigo mesmo:

– Anda. Serviço completo, Frank.

Respirou fundo, depois tirou a camisa e as calças. Puxou as roupas de Fontaine, trocou-as pelas suas, e fez uma careta quando sentiu o cheiro das calças sujas do homem. Um pouco grandes demais. Teria que apertar a cintura.

Em seguida, usou suas antigas roupas para amarrar as mãos de Fontaine pelas costas.

– Que tá fazendo? – Fontaine perguntou, começando a despertar. – Me solta...

– Vou lhe soltar agora mesmo, capitão – disse Gorland. – Mas você vai ter que subir as escadas. Eu ajudo.

– Preciso de roupas, tá congelando aqui fora.

– Vou cuidar disso pra você. Vamos subindo...

Ajudou um desgastado Fontaine a escalar e, depois, levou-o ao deque. Uma névoa percorria e cobria o mar. Olhou para a cabine do piloto. Bergman fitava o oceano. Não que este fosse se importar;

passara cinco anos na prisão não muito tempo atrás. Estava sendo bem pago – concordaria com tudo o que o novo chefe quisesse.

Fontaine cambaleava sobre o deque, procurando enxergar os arredores.

– A... a gente tá no mar... Por que... a gente...?

– Vou mostrar por que – disse Gorland, acompanhando-o até a lateral. – Já notou como eu e você nos parecemos... Frank? Temos até o mesmo nome! Possibilidades, Frank, possibilidades! Estou com todo um novo conceito agora... Chamo-o de “roubo de identidade”. O que acha? – Então inclinou-se, agarrou o antigo capitão da embarcação pelos tornozelos e tombou-o sobre a borda, de cabeça dentro do mar gelado. Um grito, um ou dois respingos de água, e o capitão Fontaine foi abaixo. Não emergiu.

O capitão Fontaine morrera. Vida longa ao... capitão Frank Fontaine.

5

O Atlântico Norte

1946

Andrew Ryan, o navio, estava ancorado naquela manhã cinzenta, e Bill sentia náusea. O cigarro ajudou um pouco.

Tentou ignorar o comissário, que vomitava por cima do parapeito a estibordo. Observando o mar, viu a batisfera toda espumada pipocando na superfície...

– Essas não são batisferas comuns – disse Ryan, orgulhoso, reunindo ao rapaz no anteparo da popa do navio, com o cabelo tão lambido para trás que mesmo o vento considerável não movia. – Alguns dos funcionários as chamam de “rapidinhos”, porque elas vão a todo lugar com muita agilidade.

– Nunca tinha visto nada igual. São quase elegantes.

Ryan fitou o rapaz com atenção.

– Sentindo enjoo? Tenho um remédio...

– Não – disse Bill, esquivando-se de um jorro de água. O jorro apagou seu cigarro, e ele atirou a guimba por cima do parapeito. – Posso levar esta lata velha ao seu palácio no céu a qualquer momento, chefe. – O rapaz agarrou-se ao parapeito quando o deque vacilou sob seus pés.

– Agora, Bill – Ryan, por sua vez, agarrou também com força o parapeito e o encarou. – Está pronto para descer? Fui informado de

que o vento está cedendo; em uma hora, o mar estará calmo o bastante para o lançamento.

Bill engoliu em seco. Olhou para o mar, para os outros dois navios-plataforma e para a silhueta distante do *Olympian*, que retornava a Nova York em busca de suprimentos. Os navios-plataforma eram barcaças modificadas, ligadas por correntes e boias, desenhando um quadrado de meio quilômetro no mar. Era uma empreitada gigantesca. Ele tinha de fazer a parte dele e aceitar descer na batisfera. Contava com isso, mas não tinha pressa.

– Estou, Sr. Ryan. Sempre pronto.

O rapaz imaginava que teria de vestir um traje de mergulho ou algo aquático, mas uma hora depois seguiram do jeito que estavam, ambos dentro de sobretudos – peças feitas para Ryan com o melhor material, precisamente cortados. A batisfera foi içada para cima do convés, e sustentada pela estoica equipe em suas vestimentas e chapéus impermeáveis, enquanto Ryan e Bill entravam. Era espaçosa o suficiente para dois, com uma janela na escotilha e pequenos orifícios nas laterais. Cheirava um pouco como um vestiário, mas era confortavelmente estofada e equipada com apoios para as mãos. Entre eles, havia uma mesa com controles e medidores. Ryan não parecia preocupar-se com isso quando içaram a batisfera, arriaram-na para o lado e a soltaram.

Uma luz acendeu lá dentro conforme o mar avultou-se em volta deles.

Bill, umedecendo os lábios, esperava que Ryan, de alguma forma, pilotasse o veículo. Mas este nada fez. Somente permaneceu sentado, sorrindo com malícia, parecendo divertir-se com o óbvio esforço que Bill fazia para demonstrar tranquilidade. Afundavam cada vez mais.

Então, a batisfera parou com um leve abalo, e começou a mover-se na horizontal, segundo vontade própria.

– É controlada por rádio – explicou Ryan, finalmente –, não temos que fazer nada. Ela segue um sinal de rádio subaquático que a leva até a entrada, usando turbinas propulsoras. Não sentirá desconforto algum com a pressurização... Porque não é necessário pressurizar. O mesmo valerá para a própria Rapture. Não há risco de doença de descompressão. Temos um novo método para equalizar constantemente a pressão a qualquer profundidade sem o uso de gases especiais. Será quase sempre exatamente como na superfície, mas com menores variações.

Bill encarava o homem, incrédulo.

– Sempre a mesma pressão... em qualquer profundidade?

Ryan lançou-lhe um sorriso misterioso, aproveitando a oportunidade para vangloriar-se um pouco.

– Tivemos muito trabalho para manter nossas descobertas em segredo. Conheci alguns dos cientistas mais incomuns e extraordinários do mundo, Bill... e em lugares bastante complicados. – Ryan olhou através de uma vigia, sorrindo, absorto. – O mais difícil de alcançar foi um rapaz bastante peculiar, embora brilhante, chamado Suchong. Ficou preso na Coreia durante a ocupação japonesa. Os japas acusaram-no de vender ópio à equipe deles para financiar seus experimentos. Imperialistas têm uma visão tão estreita das coisas. Ah, por falar em maravilhas, dá para ver as fundações de Rapture ali, antes de passarmos pela entrada do domo. Vamos ouvir uma música apropriada...

Bill inclinou-se e espiou através do orifício. Abaixo deles, luzes elétricas brilhavam na escuridão azul ao longo do fundo rochoso do mar – fileiras de luzes, como em uma pista de pouso numa noite de

nevoeiro. O rapaz divisou o contorno escarpado do que seria a cratera deteriorada de um vulcão, como uma cadeia de montanhas em miniatura, em torno de um misterioso brilho elétrico. Surgiu a música: a “Rapsódia Azul”, de Gershwin, o arranjo de Grofé para piano e sinfonia fluindo de alto-falantes escondidos dentro da batisfera. Conforme a canção rapsódica crescia, Bill enxergou estruturas assomando através da água azul-escura além dos rochosos baluartes naturais: os contornos de prédios elegantes, os painéis de paredes não concluídas, a silhueta do que devia ser uma estátua, pendente enquanto esperava para ser ajustada no lugar.

– A genialidade dos irmãos Wales – disse Ryan, conforme mais estruturas imponentes e altaneiras adentravam seu campo de visão. – Simon e Daniel. Irônico, de fato, que tenham começado com catedrais e acabado por construir Rapture. Mas Simon sempre diz que Rapture será uma grande catedral... Mas não para Deus. Para a vontade do homem!

– Como construíram as fundações? – Bill perguntou, espiando pela vigia. – Deve ter sido um belo desafio.

– Adaptamos meu navio a vapor, o *Olympian*, ajustamos para que pudesse levar carga, trouxemos a chumbada para cá e unimos tudo. É uma grande plataforma submergível. Baixamo-la ao fundo com a equipe do alto-mar e tudo de que precisavam. Está lá permanentemente; absorve vibração, oferece isolamento para o maior setor central de Rapture. Trouxe os navios plataforma para os estágios seguintes...

Um pequeno submarino equipado com braços mecânicos flutuava nos arredores da área de construção.

– Dá para ver as ruínas de um antigo cone de vulcão – Ryan prosseguiu, apontando. – Isso é uma dica sobre a fonte de energia

de Rapture. Consegue ver aquele ponto escuro ali, naquele lado? É a abertura de uma fenda profunda, um verdadeiro abismo... mas a fundação da cidade repousa em rocha sólida. É bastante segura.

E então o panorama desapareceu, engolido pelas sombras. A música continuou enquanto mergulhavam dentro do escuro tubo vertical que penetrava no domo. Era como se descessem por uma chaminé. A descida era tão rápida e macia que dava enjoo, até que bateram contra as laterais de concreto e metal do tubo submerso. Um guincho metálico soou quando uma escotilha tapou a passagem acima deles. Um baque estremeceu o equipamento, que, em seguida, ficou completamente parado. Estavam numa câmara de pressurização, Bill compreendeu, conforme a água foi drenada. Um rangido mecânico e outro chiado metálico anunciaram a abertura da escotilha da batisfera.

– Venha comigo, Bill – Ryan desligou a música e subiu um degrau para atravessar a escotilha.

Bill o seguiu e encontrou-se numa curta passagem de concreto grosseiro com faixas de metal. Luzes elétricas ardiam à frente. O cheiro do mar misturava-se ao do cimento fresco.

Depois de dois passos por essa passagem, uma porta de metal deslizou, abrindo caminho, e revelou o Dr. Greavy com um longo casaco de trabalho e capacete de operário. Sua boca tremeu quando ele pôs os olhos em Ryan. O homem afastou-se, para deixar Ryan entrar numa sala hemisférica de tamanho considerável, feito um cortesão ao dar lugar a seu soberano.

– Isto é uma honra, senhor – Greavy gaguejou –, mas realmente é muito arriscado...

– Arriscado! – Ryan disse, olhando ao redor. – Bobagem! Bill, ele está tentando evitar que eu venha! – riu-se checando o equipamento

do domo.

– Somente até termos mais estruturas de segurança no lugar; McDonagh compreende.

– Estou aqui agora, Greavy – disse Ryan –, e pretendo dar uma conferida geral. Estou mergulhando minha vida nesse projeto, e preciso vê-lo florescer. Simon está aqui?

– Não aqui, senhor, está no sub-três.

– Deixe-o trabalhar. Você pode conduzir o *tour*.

O domo tinha cerca de duzentos metros de diâmetro, por volta de dez de altura no centro, e o teto era sustentado por uma rede de vigas de metal. Para Bill, as vigas pareciam ser de ferro, mas ele sabia que, se fossem somente desse material, estariam todos enterrados sob uma montanha de água salgada. Supôs que eram feitas de alguma liga especial.

Ele reconheceu algumas das grandes máquinas apinhadas no cômodo: furadeiras do tamanho de um carro pequeno, brocas de mineração, escavadeiras e guindastes, muitas ainda pingando água; algumas, adaptadas ao uso no fundo do mar, tinham curioso aspecto. Uma máquina tinha cerca de seis metros de comprimento, com enormes pinças nas pontas dos braços articulados, como os do submarino.

– O que aquela coisa faz? – Bill perguntou, apontando-a.

– A pinça carregadeira? – Greavy falou. – É um dos principais. Controle remoto. É um conceito vindo do desenvolvimento de armas durante a guerra.

– Certo. Como os teletanques usados na Rússia. Não funcionavam muito bem, aquelas coisas.

– Nosso controle remoto é confiável. Como na batisfera em que você veio. Máquinas controladas remotamente aceleram a

construção. Seria muito difícil criar a fundação de Rapture nesta água fria, nesta profundidade, de outro jeito. Já temos boa parte do nível Hephaestus pronto, e a energia geológica já está fluindo para as unidades concluídas.

Greavy lançou um olhar para Ryan, pedindo aprovação, antes de continuar. Ryan assentiu, e Greavy prosseguiu.

– É energia elétrica conduzida por calor, retirada das fontes vulcânicas abaixo do fundo do mar; nascentes e saídas de gás quente, chaminés de enxofre, coisas assim. “Geotermais”, alguns dizem. Uma fonte virtualmente infinita de energia. Maravilhoso, não? Nada de carvão nem petróleo! – Greavy esfregava as mãos, animado. – Uma vez que a corrente de suprimento é instalada, o fluxo de energia se mantém contanto que a Terra retenha seu calor!

– Temos doze domos como este construídos em torno do local – Ryan acrescentou, orgulhoso. – Afundamo-los, drenamos a água e injetamos ar limpo. Os domos estão todos conectados por túneis que construímos logo acima do fundo do oceano.

– Não dá pra acreditar, chefe – disse Bill, fitando o grande braço mecânico –, mas aqui estou eu, vendo tudo com meus próprios olhos!

Ryan riu.

– Então verá de perto! Greavy, peça ao Wallace que nos leve lá dentro, para ver melhor!

♦ ♦ ♦

Roland Wallace era um quarentão severo de barba cheia, com olhos profundos e testa enrugada. Ryan o apresentou.

– Este é um homem com quem pode contar para ver as coisas feitas mesmo sob as piores condições.

Wallace os levou até uma larga porta de metal, uma das três alojadas simetricamente no contorno do domo. Checou alguns mostradores num painel ao lado da porta, confirmando algo, e a abriu. O homem resmungou conforme a porta deu caminho a um túnel feito de algum tipo de amálgama pipocado por saídas de ventilação, seccionado por faixas de aço.

– Agora, senhores, se puderem esperar aqui ao lado...

Os dois encostaram na parede à direita; Ryan estava com uma expressão de proprietário orgulhoso. Depois de um minuto, uma pinça carregadeira alimentada a bateria cruzou lentamente o corredor, chiando. Fixada à traseira havia uma pequena cabine, de onde Wallace a conduzia com os braços articulados de metal preto retraídos; atrás dele vinha um bondinho movido a rádio, que fez Bill se lembrar de um daqueles bondes de turismo, mas sem o cabo, que parecia dirigir-se por conta própria, e parou diante de Bill e Ryan quando a pinça parou.

– Entre – disse Ryan, e eles se sentaram nos bancos de couro do veículo, lado a lado. A pinça carregadeira se moveu, e o carrinho a acompanhou.

Passaram por baixo das luzes elétricas do túnel no que pareceu ter sido um quarto de quilômetro quando, de repente, uma baleia assassina surgiu à frente, com a boca dentuça aberta. Bill recuou.

– Ei!

Ryan deu um risinho seco.

– Veja de perto!

Bill se inclinou para fora do bonde e viu que as paredes ali eram transparentes – eram feitas de um tipo de vidro pesado e polido, com faixas metálicas. Luzes reluziram de baixo para cima no solo do mar do lado de fora do tubo transparente. Ele podia ver o túnel, em

geral de cimento, com algumas placas de vidro, rumando para fora, a cruzar o chão em direção à silhueta de Rapture. As fundações da cidade erguiam-se em vultos verdes-escuros e azuis-marinhos.

– É difícil discernir onde para a água e começa o vidro; é como se estivéssemos na água com eles! – Bill murmurou.

Uma luz trêmula vinda da superfície, bem ao alto, respondeu ao brilho das lâmpadas do fundo. Cardumes de peixes emergiram de florestas de algas verdes e gorgônias roxas: atum, bacalhau e peixes que ele não conseguia identificar cintilando graças à iridescência, costurando uma malha de luz e sombra. Uma lula passou nadando e, logo depois, outra orca grande, preta e branca. Bill estava arrebatado.

– Olha só essa coisa! Rápida feito andorinha, mas grande o bastante pra engolir um homem! Está voando acima de nós!

– Maravilhoso, não é? – Ryan refletiu, observando através do vidro curvo transparente, apreciando o trajeto. – Natural, portanto, que ao ver tão glorioso panorama, eu tenha decidido dar um nome de impacto a Rapture! Claro, sempre fui fascinado pelo oceano. É outro mundo, um mundo *livre*! Durante anos li sobre lulas gigantes aprisionadas em redes, vindas das profundezas, sobre as aventuras de exploradores com escafandros e batisferas, coisas estranhas avistadas por submarinos. O potencial excitante de tudo isso! Odeio a belicosidade das Grandes Potências, mas as guerras mundiais, de fato, geraram submarinos viáveis...

– Nada além de vidro mantém a água lá fora? – Bill surpreendeu-se. – Estamos num lugar bem fundo! Toda essa pressão!

– Ainda não estou pronto para compartilhar todos os meus segredos com você, Bill, mas essa é, na verdade, uma fusão perfeita de vidro e metal. Uma coisa nova chamada “ligamento

submolecular”. Impressionante resistência a pressão. Caro, mas vale cada centavo.

Os dois veículos pararam embaixo da vidraça transparente do túnel, e Bill olhou para o horizonte azul-escuro do mar. Divisou gigantescas formas turvas nadando ao longe, contornos obscurecidos, de difícil discernimento, aparecendo e sumindo. Um objeto sobre o solo a uns quinhentos metros de distância emitia um fraco brilho vermelho.

– O que é aquilo, brilhando, lá longe?

– É a válvula de energia geotérmica – disse Ryan. – Perdemos três homens na construção – ele acrescentou casualmente. – Mas agora parece bastante segura...

– Perderam três homens? – Bill fitou-o, subitamente sentindo quão frio e profundo era o local no qual se encontrava. – Quantos homens morreram trabalhando aqui?

– Ah, não muitos. Ora, quando construíram o Canal do Panamá, Bill, quantos acha que morreram lá?

Bill relembrou suas leituras enquanto viu a silhueta de uma batisfera flutuando à frente.

– Se bem me lembro, os franceses perderam cerca de quinze mil homens. Quando os americanos terminaram o trabalho, outros cinco mil haviam morrido.

Ryan assentiu, severo.

– Risco, Bill. Nada é construído sem risco. Construa uma casa comum e deite a fundação alguns centímetros fora do lugar, a coisa toda pode desabar em cima você. Homens morreram pelo canal. Homens morreram na construção de grandes pontes, morreram tentando escalar grandes montanhas. Pioneiros morreram ao cruzar desertos. Mas não assumimos riscos *desnecessários*. Estamos

atentos para com as precauções de segurança; não desejamos perder funcionários habilidosos. Ah – Ryan apontou –, olhe ali.

Bill viu algo parecido com uma lagosta gigante voando acima; devia ter quinze metros de comprimento. A criatura atravessou uma porção escura e se aproximou da luminosidade em torno das fronteiras de Rapture, e ele viu que se tratava de um dos submarinos menores, especializados, que ele divisara anteriormente. Feixes de luz eram projetados de faróis frontais feito olhos brilhantes; os braços mecânicos articulados, com pinças, estavam estendidos para agarrar um grande segmento de parede ornamentada içado para baixo por um cabo.

Bill viu uma pinça carregadeira surgindo do outro lado, com os braços mecânicos posicionados para facilitar a instalação da grande secção de metal em seu lugar na parede. As secções da parede pareciam ser peças de metal esculpido pré-fabricadas. Bill pensou na forma com a qual a Estátua da Liberdade fora construída, com os pedaços separados feitos na Europa, depois embarcados para a América no Norte e encaixados precisamente para formar a gigantesca imagem.

Notou que não havia ninguém na pequena cabine na retaguarda da pinça carregadeira. Conseguia ver somente o cabo de controle conectado saindo por detrás da máquina.

– Como alguém consegue enxergar o bastante pra controlá-la? – perguntou. – O condutor enxerga por uma janela?

Ryan sorriu.

– Está vendo por uma tela. Usamos uma câmera de televisão nessa aí.

– Televisão! Meu primo de segundo grau do Bronx tinha uma. Fiquei com dor de cabeça quando tentei assistir a uma dessas

caixas, não faz nem uma semana. Um pessoal pulando de vestido, maços de cigarro dançando...

– A tecnologia pode ser usada para mais do que somente entretenimento. – Ryan apontou para a construção. – Um de nossos submarinos de suprimento...

Bill o viu, reluzente, flutuando ao longe, próximo às fundações de Rapture: um submarino maior, sem braços mecânicos, que poderia muito bem passar-se por um dos usados pela Marinha Britânica – exceto pelo fato de que estava puxando um pesado objeto de formato longo atrás de si, preso a uma corrente dupla.

– Está rebocando algum tipo de contêiner – comentou.

– Há um pouco de ar na bolsa de carga – Wallace falou. – Em geral, contém produtos secos e suprimentos médicos. Tudo costurado junto.

– Processo dispendioso – disse Ryan. – Vamos, Wallace...

Wallace retornou ao veículo e seguiram, túnel após túnel, passando por domos apinhados de prateleiras de ferramentas, maquinário, mesas. Aqui e ali uma janela iluminada destacava-se na imensidão. Ao lado de uma destas havia um grupo de águas-vivas de um rosa translúcido, arrastando longos ferrões de aspecto delicado. Um cheiro forte de suor e roupa suja era uma presença quase física nos domos; alguns tinham áreas reservadas, e Bill avistou homens dormindo em macas.

– A construção prossegue 24 horas por dia, sete dias por semana – disse Ryan. – Os homens trabalham em turnos, dez horas de trabalho, catorze de folga. Temos um domo recreativo onde vendemos cerveja, tocamos música, passamos filmes. Passaram o último filme do Cagney lá semana passada...

– Eu mesmo sou um fã do *Hopalong Cassidy* – Bill murmurou enquanto passavam por dentro de mais um túnel coberto. Por um painel transparente, viram trabalhadores em trajes de mergulho lutando para pôr no lugar um enorme cano de cobre.

– Vamos, com certeza, arranjar uns filmes do *Hopalong Cassidy* para você assistir quando estiver aqui embaixo – disse Ryan.

– Vou passar bastante tempo trabalhando aqui embaixo, então?

– Ficará comigo em Nova York a maior parte do tempo. E em Reiquiavique. Preciso ter o ponto de vista de alguém em quem posso confiar. Mas viremos aqui para baixo também. Pretendo supervisionar o próximo estágio mais de perto. Rapture será meu legado. Espero passar o resto da minha vida aqui embaixo, quando a cidade estiver construída.

Bill tentou esconder o espanto.

– O *resto da sua vida*, chefe? A vida *toda*? Aqui embaixo?

– Ah, sim. A sociedade de formigas lá de cima não é para nós. E a radiação das guerras atômicas, quando vierem, durará por muitos anos acima da superfície do mar. Estaremos seguros aqui embaixo.

Foi quando Bill captou o som agudo de rodas sobre água – enfiou a cabeça para fora da janela do pequeno carro de transporte e viu cinco centímetros de água acumulada no piso do túnel.

– O que é isso? Wallace, pare o carro! Olhe para o chão! – Os dois veículos estacionaram e Bill saltou para fora. Sabia que Ryan não gostaria de vê-lo dar ordens subitamente, mas soube também, instintivamente, que aquilo poderia ser caso de vida ou morte. – Olhe ali! – Bill apontou para a fina camada de água sobre o chão de metal.

Wallace saiu e acendeu uma fonte de luz elétrica portátil.

– Mas que diabos! Não havíamos tido nenhum vazamento nesse setor! – O rapaz escancarara os olhos; as mãos tremiam, fazendo a luminosidade dançar contra o piso molhado.

– Você não disse que a pressão da água não era um problema? – Bill perguntou, examinando as paredes curvas do túnel mais de perto.

– Bem, esses túneis não foram feitos totalmente com a nova liga; ela é tremendamente cara. Guardamos a maior parte para usar em Rapture. Somente as vigas de suporte. Mas devem ser suficientes, levando em consideração a mistura de ferro no concreto, o dobro de...

– O que está dizendo? – Ryan perguntou, irritado. – Wallace, existe algo que eu precise saber?

– Preciso levá-lo de volta ao Domo 1, senhor! – Mas Wallace, que olhava assustado para todo canto, parecia mais assustado por si mesmo do que pelo chefe.

– Vamos identificar o problema primeiro! – Ryan retrucou.

– Ali! – disse Bill, apontando. – Veja, as vigas de suporte estão uns 45 centímetros mais separadas naquele ponto; tem gente sendo descuidada! O suporte enfraquecido está se rendendo à pressão, denegrindo o concreto. Estão vendo? Está gotejando na base...

– Eu juro que esse alagamento não estava aqui há duas horas! – disse Wallace, em evidente desespero. – Eu... eu passei por esse mesmo setor! Não havia vazamento!

– Mau sinal – disse Bill. – Significa que está acontecendo rápido! E vai acelerar! Temos que levar o Sr. Ryan de volta agora mesmo antes que...

Um *crick* agudo soou e a água começou a jorrar com força da beira de uma das vigas de sustentação do túnel, cerca de doze

metros abaixo. Uma rachadura percorreu o teto, feito uma criatura rastejante; houve um guincho, e mais barulho de metal retorcendo.

Um chiado, seguido por faíscas cuspidas do alto – e várias das luzes se apagaram perto do vazamento, que jorrava e sibilava.

Wallace afastou-se, trombando por cima do pequeno bonde onde estava Ryan, que observava toda a cena. Bill agarrou o outro pelo braço e o apertou, na tentativa de tirá-lo do pânico.

– Wallace, escute. Essa coisa na qual viemos, ela pode voltar sem a pinça?

– Sim, sim, tem uma alavanca, posso revertê-la. Mas não há espaço para três homens, e duvido que possa carregar tanto peso, não foi feita para...

– Quieto, e ouça! Entre aí, leve o Sr. Ryan de volta ao domo! Assim que chegar lá, comunique-se com os demais domos; deve haver algum tipo de sistema de comunicação...

– Sim, sim, existe... – Wallace fitava, horrorizado, os jatos de água que jorravam para baixo, sobre o chão do túnel, formando uma onda de água que lhes alcançava os tornozelos.

– Diga-lhes que selem os domos conectados a esse túnel!

– Mas e você? – Ryan perguntou.

– Alguém pode vir cuidar de mim, e se der tempo podem me fazer passar! Vou trabalhar num suporte temporário para conter essa coisa! *Vão*!

– Certo! Certo, eu... – Wallace saltou para dentro do pequeno transportador, ao lado de Ryan, e acionou uma alavanca.

Bill viu de relance a expressão de horror no rosto de Ryan, olhando para ele conforme o transportador disparou ao longo do túnel, refazendo o caminho pelo qual vieram.

Virou-se e correu em meio ao alagamento, que já alcançava as canelas, para a pinça carregadeira estacionada. Subiu na cabine, ciente do crescente cheiro de salmoura e um tipo de névoa que empesteavam o túnel. Um nevoeiro erguia-se da água, que rodava e açoitava. Na luz pálida da cabine da pinça, ele encontrou uma série de alavancas, interruptores, um pequeno volante, um câmbio de marchas, um pedal acelerador.

Bill acionou um botão rotulado de Pinça, e os braços mecânicos estenderam e abriram as pinças na frente dele, feito uma lagosta a ameaçar um inimigo. Duas alavancas que brotavam ao lado do volante pareciam ser os controles dos braços.

A água que subia já estava invadindo a cabine quando ele compreendeu como fazer para manipular os braços mecânicos. Bill inclinou-se para fora da cabine, olhando para as luzes acima, e encontrou o ponto que procurava logo antes que duas outras lâmpadas do teto brilharam, chiaram e se foram. O rapaz engatou uma marcha e dirigiu a pinça alguns metros à frente, deixando um rastro na água atrás de si enquanto a salmoura gelada reunia-se em torno de seus tornozelos.

Que Deus o ajudasse e o mecanismo da pinça não entrasse em curto antes que ele pudesse concluir o serviço. Os sons do ranger do metal estavam se tornando ameaçadoramente mais altos.

Bill respirou fundo e manipulou os braços para que se dobrassem nas articulações mais próximas, angulando-se para o alto. O rapaz forçou-os contra o teto, exatamente onde a água atravessava aos jorros. Imediatamente, o vazamento diminuiu. Ainda fluía, mas não tão rápido.

Reparou num botão que indicava “Segurar” e acionou-o. Os braços da pinça ficaram rígidos, mantendo-se no lugar, mas logo

começaram a tremelicar, começando a ceder.

Com o coração aos saltos, ele escalou rápido para fora e bateu a cabeça na peça de metal devido à pressa.

– Mas que porcaria!

Bill pegou uma chave-inglesa de dentro de uma caixa de ferramentas na traseira da pinça e correu pelo túnel, perturbando a água em meio às sombras, em direção à luz, com a água nos joelhos.

Ouviu outro chiado vindo de trás... O mar estava prestes a invadir e inundar o túnel, e muito rapidamente. Mas talvez ele tivesse contido o vazamento a ponto de permitir que o Sr. Ryan chegasse a um local seguro. Só não estava otimista quanto à sua própria sorte.

Encontrou-se numa área iluminada do túnel, correndo o mais rápido que podia em torno de uma curva, e viu uma porta de ferro sob o arco recuado, numa reentrância do domo. Disparou para ela, quase caindo mais uma vez. Não havia janela nessa porta, nem interfone. Era equipada com uma roda que podia ser usada para abri-la manualmente, mas ele não ousaria fazê-lo antes de certificar-se de que era seguro. Os operários do outro lado teriam medidores de pressão. Teriam mais certeza do que ele. Não podia arriscar todas aquelas vidas pela dele. Trouxera a chave inglesa somente para avisá-los de que estava ali – e usou-a para bater com força na porta. Ouviu vozes apagadas do outro lado, mas não compreendeu exatamente o que diziam. Soavam como uma discussão.

Olhou atrás de si e viu uma onda avançando contra ele, ao longo do túnel. Fim da linha. Chegara sua hora. Estaria morto em pouco tempo.

Mas então a porta rangeu e se abriu. A água fluiu por entre seus joelhos, invadindo o domo.

– Não! – ele gritou. – Feche! Não há tempo! Não deixe a água entrar!

Mas braços fortes o circundaram; era Ryan, puxando-o para dentro das luzes brilhantes e dos cheiros humanos do domo. Bill virou-se e, com Ryan e Wallace, grudou-se na maçaneta da porta e a puxou. O fluxo de água os acompanhou no movimento e ajudou-os a bater a grande porta de metal. Fecharam-na exatamente um momento antes da onda gigantesca colidir contra a parede, com um baque abafado.

– Santo Deus, essa foi por pouco – disse Wallace, arquejando, conforme a água foi esvaindo-se em torno de seus tornozelos. – Graças a Deus está salvo, Sr. Ryan!

Ryan virou-se para Bill, e os dois deram as mãos espontaneamente, cumprimentando-se.

– Não agradeça a Deus, Wallace. Agradeça a um *homem*. Agradeça a Bill McDonagh.

O farol, Rapture

1947

Fazia um frio de início de noite quando Andrew Ryan saiu da lancha. Ele gesticulou para seus guarda-costas e seu timoneiro para que esperassem no barco, depois se virou e escalou os degraus do grande farol. Fora modelado segundo descrições antigas do farol de Alexandria, e irradiava a mesma majestade clássica. Ryan parou no meio do caminho para assimilar tamanha beleza, hipnotizado pela torre, a entrada superficial de Rapture.

Ele havia ordenado aquilo. Era a manifestação de *sua vontade*...

BEM-VINDO A RAPTURE, diziam as letras de metal acima da grande porta Securis chapeada de cobre. Dos dois lados da entrada

artisticamente decorada erguiam-se figuras retilíneas cromadas de homens, estátuas construídas junto à parede, com os braços esticados para cima em busca das alturas.

A porta se abriu conforme ele se aproximou, e o chefe Sullivan, sorrindo, emergiu para tomar-lhe a mão, acompanhado de Greavy, que estava radiante, Simon Wales, barbado e ironicamente ranzinza, e Bill McDonagh, que parecia um tanto atordoado. Ryan estava feliz porque Bill estava ali para ver aquilo. Notara dúvidas em sua expressão vez ou outra, porém, finalmente, ele veria, e todos veriam, que o "impossível" era possível.

Wales fez um aceno para Ryan, procurando compor um sorriso.

– Acho que vai ficar satisfeito, Andrew. – O homem tinha um leve sotaque irlandês. – É claro, estamos quase lá... – O arquiteto usava um casaco trespassado, uma blusa de lã preta de gola rolê e calças pretas; a careca redonda brilhava devido à transpiração, e os olhos reluziam acima das olheiras.

Entraram numa câmara hexagonal de pé direito alto, semelhante ao interior de um observatório particularmente grande, e seus passos ecoaram sobre o piso de mármore. Meticulosamente polida, escolhida dentre metais preciosos, a entrada de Rapture possuía a densidade espacial de um saguão de um prédio de muito luxo, composto de mármore em ouro – devidamente planejado. Ryan sentiu certo assombro ao ver sua própria figura: um busto dourado gigante de Andrew Ryan encarava com gravidade a qualquer um que entrasse naquele lugar. A expressão era austera, mas não irritada. Expressava autoridade, mas também objetividade. Era como se avisasse: *Rapture somente tolera pessoas de valor*.

A estátua parecia estranhamente muda, no entanto. Ele acrescentaria uma faixa para que as pessoas que ali entrassem

soubessem que estavam perante uma nova sociedade, na qual os homens não seriam limitados por superstições ou grandes governos:

NEM DEUSES NEM REIS. SOMENTE HOMENS.

Tomou nota disso mentalmente. Não se esqueceria. E por que não providenciar música para receber as pessoas que adentrassem o farol? Talvez uma versão instrumental de “La mer”, canção bizarramente pertinente.

Wales falava sobre folheados e chapas – “problemas de vazamento confirmados que têm deixado Daniel bastante preocupado” –, mas Ryan mal o escutava. Wales fora capturado por uma fixação de designer quanto a detalhes, superficialidades. Era justamente o todo que entusiasmava, e, vendo-o com seus próprios olhos, enfim, Ryan estava quase sem palavras perante seu poder.

Sullivan tomou a frente até a batisfera que os levaria através do tubo de água, um tipo de elevador especial, para dentro de Rapture.

– Primeiro você, senhor – disse ele.

Com a boca seca de ansiedade, as mãos num suave tremor, Ryan subiu na batisfera, o primeiro transporte do metrô de Rapture. Os outros o seguiram e tomaram seus lugares no pequeno veículo, com os joelhos quase a se tocar. Estava um pouco apertado, mas não importava. O ar crepitava de tanta animação.

Uma pena que a tela de televisão da batisfera estivesse em branco naquele momento; com o tempo, ela passaria a apresentar um curta, *Bem-vindos a Rapture*, para aqueles a quem seria permitida imigração secreta para a nova colônia subaquática.

Foram descendo, vendo bolhas de ar subirem pelo encanamento submerso. O cabo da batisfera rangia, mas a viagem foi confortável.

– Corre suave feito seda, isso aqui – Bill riu.

Chegaram, então, ao primeiro ponto de observação, o salão de onde poderiam ver toda a cidade de Rapture. A batisfera abriu-se quase sem fazer ruído.

Todos saíram do veículo, e Ryan deu um tapinha no ombro de Bill.

– Bill, você esteve aqui embaixo muito mais vezes do que eu. Sabe onde teremos a melhor vista. Leve-nos!

Simon Wales não pareceu muito contente ao ouvir isso, mas Bill tivera grande participação na construção da estrutura interna da cidade.

– Conheço tudo isso como a palma da minha mão – dissera ele, certa vez. E Ryan simplesmente gostava de Bill McDonagh mais do que de Wales. Apesar de sua inegável genialidade, havia algo, uma sutil instabilidade em torno daquele homem soturno, de barba pontuda; era como se Simon Wales estivesse sempre prestes a soltar um grito que jamais conseguia libertar.

Bill sorriu e varreu o ar com a mão, gesticulando um “sigam-me”. Partiram em direção a uma grande janela lateral, onde luzes de matizes verdes e azuis ondulavam ao longo do chão.

Ryan parou perante a janela e observou Rapture. A maravilha erguia-se à frente deles quase como se fosse uma protuberância natural daquele mundo aquático, tão pertencente ao planeta quanto o Himalaia. Desfiladeiros de ferro e vidro cintilavam, iluminados eletricamente; torres decoradas elevavam-se; prédios submersos firmavam-se, robustos, secos no interior; arranha-céus à prova d’água, erigidos sem céu para arranhar. Os contornos da magnífica arquitetura de Rapture eram como foguetes lançados em direção à ondulante superfície do mar, a certa distância acima, onde luz e sombra brincavam de pega-pega. Um cardume de peixes dourados nadou através da janela feito um bando de aves, brilhando ao

passar. Um grupo de leões-marinhos veio às cambalhotas lá do alto; podia-se ver suas silhuetas contra a luminosidade da superfície.

Focos de luz atiravam raios coloridos ao alto, dos lados do edifício – verdes, vermelhos e roxos, ornavam sutilmente os elevados prédios num esplendor real. Era tão impressionante quanto o Grand Canyon ou os Alpes Suíços – mas era uma criação humana. Ryan ficou sem fôlego diante de tal visão.

– É claro, não está totalmente concluída, mas dá para ver o que a *vontade* humana pode fazer – disse Ryan, com a voz contagiada pela emoção. À distância, na rua, no cruzamento entre dois túneis de vidro, um letreiro de *neon* piscava como se fosse parte de uma agitada Times Square submersa: RYAN ENTERPRISES. O primeiro de muitos letreiros elétricos que brilhariam dentro do mar escuro e frio. Placas, *outdoors*, todos os ornamentos de um verdadeiro mercado livre seriam encontrados ali, tanto dentro quanto fora, uma declaração óbvia da liberdade e do empreendedorismo irrestrito.

– É uma maravilha, é Rapture – disse Bill, rouco. – Uma das maravilhas do mundo! – E acrescentou com um toque de remorso: – Pena que boa parte do mundo não vai conhecer...

– Ah, com o tempo, vão – Ryan garantiu. – Todos que sobreviverem à destruição do mundo superior conhecerão Rapture! Um dia, ela será a capital de toda a civilização!

– Você conseguiu, senhor! – Greavy declarou, com a voz tremendo com uma emoção que ele raramente demonstrava.

Wales olhou para Greavy.

– Nós conseguimos, todos nós – disse, irritado.

– Ora, ainda não está totalmente construída, Greavy, mas está viva – disse Ryan, exultante. – Um novo mundo, no qual homens e

mulheres se firmarão com seus próprios pés através da glória da competição. Hão de apoderar-se com luta!

Bill falou:

– Mas quando vai povoar esse milagre? Tem que encher todos esses prédios, chefe... – Até então, poucas pessoas, relativamente, viviam em Rapture, em geral funcionários da manutenção, engenheiros, alguns seguranças.

Ryan concordou e sacou um papel dobrado do bolso do casaco.

– Trouxe algo comigo que queria compartilhar com vocês. – O homem desdobrou a folha e leu para todos. – Carta de recrutamento. – Ele limpou a voz e prosseguiu:

> *Cansado de impostos? Cansado de governos opressores, regras para negócios, sindicatos, gente pedindo esmola? Deseja recomeçar? Tem uma habilidade, a ambição de tornar-se um pioneiro? Se está recebendo este comunicado, você já foi considerado e selecionado para preencher um formulário para morar em Rapture. Esse incrível novo empreendimento vai demandar emigração. Mas não vai lhe custar nada além de suor e determinação para vir e tomar parte em um novo mundo. Se nossa equipe de habitação cumpriu sua função, você não é um sindicalista do comércio; você acredita no mercado livre, na competição, e em cavar seu próprio caminho por entre a aridez do mundo. Há lugar para até vinte mil pioneiros prosperarem nessa nova sociedade. Pedimos que não mostre esta carta para ninguém, não importa qual seja sua decisão. Se estiver interessado...*

Ryan deu de ombros e dobrou a carta.

– É só uma de nossas formas de recrutamento, distribuída discretamente. Um rascunho antigo... É claro, Rapture ainda não está pronta para receber sua população em massa. – Prentice Mill teve algum progresso em seu Expresso? – Ryan perguntou, desta vez para Wales.

Este resmungou.

– Ah, teve sim. Duas estações concluídas, uma boa porção de trilhos colocados. Ele está em Sinclair Deluxe, supervisionando a construção. – O homem fungou, retirou um cachimbo do casaco e o meteu entre os dentes, mas não o acendeu. – Reclamou que precisa de mais operários, é claro. Todos reclamam.

– O Expresso é um negócio independente – Ryan apontou. – Deixe que ele mesmo se ocupe de contratar mais trabalhadores. Os que terminaram de trabalhar no casco exterior podem começar nos trilhos.

Ryan virou-se para olhar para Rapture, através da janela, mais uma vez. Quem saberia dizer quanto tempo demoraria para crescer essa imponente expressão de sua vontade, que podia prosseguir proliferando em ferro e vidro e cobre e Ryanium muito depois de ele próprio ter já falecido?

PARTE DOIS | A SEGUNDA ERA DE RAPTURE

Não acredito em nenhum Deus, em nenhum homem invisível no céu. Mas existe algo mais poderoso do que cada um de nós, a combinação de nossos esforços, uma Grande Corrente de trabalho que nos une. Mas é somente quando lutamos por nossos próprios interesses que a corrente puxa a sociedade na direção certa. A corrente é poderosa demais e misteriosa demais para que algum governo a guie. Qualquer homem que lhe diga o contrário quer enfiar a mão no seu bolso, ou uma pistola na sua nuca.

– Andrew Ryan

6

Apollo Square, Rapture

1948

Em cima do palco, com Ryan, Bill McDonagh exultava-se com o discurso de Ryan, que se espalhava pela Apollo Square. Rapture erguia-se em robusta magnificência em torno deles.

– Construir uma cidade no fundo do mar! Insanidade! Mas olhem ao seu redor, meus amigos! – a voz de Andrew ecoou, com um pouco de microfonia.

Ele vestia um terno transpassado cor de caramelo e o cabelo recém-cortado alisado para trás. Ryan parecia emanar personalidade de seu lugar, sobre o pódio. Bill chegava a *sentir* que Ryan estava ali, à sua esquerda, e a quase assustadora convicção profunda do tom dele mantinha os ouvintes atentos. A multidão de mais de duas mil pessoas ficou um pouco atordoada graças à visão dos arredores, assim que chegou. Mas Bill notava que elas estavam, então, aceitando, com orgulho brilhando nos rostos, conforme Ryan contava-lhes que eram pessoas únicas num lugar único: cada uma delas teria a chance de definir seu próprio destino entre as paredes de Rapture. À frente estavam os patrícios endinheirados, os excêntricos e os profissionais pioneiros que Ryan recrutara. Os que faziam o tipo operário determinado agrupavam-se na traseira da multidão.

Mãos aplaudiam à frente dele, Bill à direita de Ryan e o mais perto de Elaine que o decoro permitia. Ao lado de Bill e Elaine estavam Greavy, Sullivan, Simon e Daniel Wales, Prentice Mill, Sander Cohen e a nova “assistente pessoal” de Ryan, a esculturalmente bela Diane McClintock. Esta parecia julgar-se uma rainha. Bill ouvira dizer que era apenas uma vendedora de cigarros que Ryan escolheu – e agora ficava fazendo pose.

Sob o palco adornado de bandeiras em frente à praça, um gravador captava o discurso de Ryan. Ele planejava gravar todos os seus discursos e lançar pedaços deles como “frases inspiradoras” para o público de toda a Rapture.

– Mas onde mais – Ryan questionava – poderíamos viver livres das mãos gananciosas dos parasitas? – Sua voz grave reverberava nas janelas que davam para as águas turvas do fundo do mar.

Bill cutucou Elaine e acenou com a cabeça para as janelas atrás das quais um cardume de peixes nadava. Os peixes pareciam sorver o discurso, fitando Ryan, como que admirados. A moça cobriu um sorriso com a mão. Bill queria pegar aquela mão e beijá-la, levar sua noiva daquela multidão sonhadora para a privacidade de seu apartamento no Olympus Heights – e celebrar a concretização de tanto trabalho duro com outro tipo de clímax. Mas tinha que contentar-se em piscar para ela, enquanto Ryan prosseguia, pomposo:

– Onde mais poderíamos construir uma economia que não tentariam controlar, uma sociedade que não tentariam destruir? Não era impossível construir Rapture no fundo do mar! Era impossível construí-la em outro lugar!

– Sim! Sim! – disse Greavy, incentivando uma onda de aplausos.

– A sociedade de formigas não compreende a natureza da verdadeira cooperação! – Ryan vociferou. – A verdadeira cooperação é um interesse próprio esclarecido, e não um viscoso parasitismo! A verdadeira cooperação não se baseia em sugar o sangue com que os parasitas chamam de “impostos”! A verdadeira cooperação significa pessoas trabalhando juntas... Cada uma por seu próprio lucro! O interesse de um homem encontra-se nas raízes de tudo o que ele alcança! Mas existe algo mais poderoso do que cada um de nós: a combinação de nossos esforços, uma Grande Corrente de trabalho que nos une. É somente quando lutamos por nossos próprios interesses que a corrente puxa a sociedade para a direção certa. A corrente é poderosa demais e misteriosa demais para que algum governo a guie. A Grande Corrente pode parecer mítica... – Ryan meneou a cabeça de maneira insolente. – Mas não é! Alguns imaginam a mão de seu querido Deus por trás de todos os mistérios! O melhor da natureza humana, as leis da seleção natural... Este é o poder por trás da Grande Corrente, não Deus! Não precisamos de deuses nem de reis em Rapture! Só dos homens! Aqui, o homem e a mulher serão recompensados pelo suor em suas testas. Aqui, sem interferência, provaremos que a sociedade pode ordenar-se com competição irrestrita, com iniciativa livre irrestrita... Com pesquisa irrestrita! Temos cientistas em Rapture trabalhando com novas descobertas que vão deixá-los embasbacados. E a perseguição dos que têm mente pequena era tudo o que impedia que essas descobertas acontecessem, até agora. A ciência vai avançar sem a supervisão de tiranos pomposos que imporiam suas visões pessoais de “moralidade” sobre nós. – Ele pigarreou e sorriu, passando a falar em tom amigável, paternal. – E agora, para celebrar a inauguração de Rapture, uma canção

interpretada por Sander Cohen, escrita pela senhorita Anna Culpepper... – Anna Culpepper fazia graduação em Letras, uma inocente, porém ambiciosa, garota que Ryan recrutara em pleno terceiro ano da faculdade, e que se considerava uma compositora.

Enfiado num *smoking*, o espevitado cantor aproximou-se do microfone. Bill fez uma careta. Cohen dava-lhe nos nervos.

Vinda de algum lugar, uma canção gravada soou, e Cohen pôs-se a cantar.

O paradoxo da cidade
é a liberdade da corrente
a corrente que te traaaz
a miiiim,
corrente que, de um jeito estranho, ah, tão estranho,
me faz feliiiiz
Esse mundo azul cintila
por detrás das janelas,
e os peixes giram, e o belo, belo oceano espera...

A canção arrastava-se, lenta, e levou muito tempo para atingir o refrão. Então Bill perdeu o interesse, deixando sua atenção vagar pela majestosa Apollo Square, a “Estação Central” de Rapture.

A arquitetura e o design de Rapture eram uma fusão do estilo da Feira Mundial de 1934 – evento que teve grande impacto em Andrew Ryan – e da grandiosidade industrial da “Arte da Grande Corrente”. Dos dois lados do palco, estátuas heroicas de bronze galvanizado de doze metros de altura – formas longilíneas de homens idealizados, esbeltos e musculosos – esticavam os braços ao alto, como se quisessem alcançar a divindade. Para Bill, não eram mais do que adereços de capô de carro gigantes, mas isso ele nunca diria a Ryan, que adorava esse tipo de arte. Bill ficara um

pouco confuso na primeira vez em que vira uma estátua enorme de Ryan, como a que se encontrava do outro lado do grande espaço – havia muitas dessas em Rapture, olhando por cima com autoridade, como se incorporassem uma férrea determinação. Na Apollo Square, figuras em alto-relevo de homens em fila – puxando correntes aos sorrisos – decoravam as paredes. Em todo canto havia um ornamento de *art decoratif*, em geral na forma de raios de luz emanando de saliências brilhantes, e bordas intrincadas que evocavam tanto a escala industrial do mundo moderno como os templos da Babilônia e do Egito.

Conforme a canção continuava, Bill sentiu uma súbita vertigem, tomado por um assomo interior de admiração por aquilo que ajudara a construir. Os Wales criaram a aparência e o estilo de Rapture, mas ele e Greavy construíram a carne, os ossos, os mecanismos internos – e Ryan era a "alma" que lhe dava vida. Fizeram tudo com a ajuda dos homens que trabalhavam nos túneis, sob o mar – que arriscaram suas vidas nos setores à prova d'água de Rapture que estavam prontos, indo de Hephaestus a Olympus Heights. Rapture era uma realidade: uma pequena cidade espalhada num raio de cinco quilômetros, que se erguia das profundezas, ostentando-se sobre o piso do mar.

Rapture. *Eles conseguiram!* Ah, não havia trabalhadores suficientes para a manutenção, ainda havia dutos de aquecimento para instalar, canos para colocar em alguns níveis. Até o momento, somente três das cinco turbinas geotérmicas estavam funcionando em Hephaestus. Uma ligeira infiltração incomodava em algumas áreas. Mas Rapture era uma realidade: um homem a concebera, financiara-a com um custo absurdo – gastando uma quantia de

dinheiro usada por pequenos países a cada ano – e acompanhou o processo até a conclusão. Era de tirar o fôlego.

Bill olhou para Sullivan, que vivia calado, preocupado. Havia ainda rumores exaltados sobre federais farejando por Nova York, supondo que Ryan estava sonegando impostos com algum projeto novo.

Alguns dos rostos em meio à multidão demonstravam um relance de vaga ansiedade, olhando ao redor, sem sossego, para seu estranho novo *habitat*. Muitas das pessoas de Rapture faziam o tipo grã-fino, aristocratas emergentes ou ricos de berço que estavam descontentes com a sociedade. Vieram ali em busca de um recomeço, gostando do fato de que um homem rico como Ryan os oferecia um.

Bill rogava para que tudo aquilo tivesse valido a pena. Tanto sacrifício fora feito ali. Como quando ele viu três homens morrerem cozidos enquanto ajustavam o aquecimento central geotérmico. A água aquecida vulcanicamente que corria pelos dutos fora liberada em pressão demasiado alta – algo sobre o qual ele tentara avisar Wallace – e a pressão estourou a articulação entre dois canos. A água superaquecida jorrou e preencheu uma sala em questão de segundos. Ele quase não escapara. Wallace deveria ter prestado atenção depois daquele apuro no primeiro dia nas cúpulas. Bill ficou muito sentido com a morte desses homens – assistira através de uma escotilha, e a visão lhe causou pesadelos durante uma semana.

O primeiro acidente, no túnel da cúpula, firmara o relacionamento entre Bill e Ryan. Ele salvara a vida de Andrew Ryan – e Ryan recompensara-o com um bom aumento, pelo menos.

Mas ele se perguntava se o dinheiro realmente significava a mesma coisa lá embaixo. Inicialmente, foi requisitado à maioria dos

habitantes de Rapture que trocasse seu dinheiro por dólares de Rapture, e uma percentagem foi retida por Ryan para pagar por serviços de manutenção. E o que aconteceria com uma pessoa quando seus dólares de Rapture se esgotassem? Ninguém podia ligar para o lado de fora para pedir dinheiro – nem mandar cartas para além de Rapture. Será que entendiam quão separados do mundo exterior eles estavam?

Concluída a canção, Elaine aproximou-se e apertou a mão de Bill discretamente. Contanto que Elaine estivesse ali, Bill estava feliz. Não importava onde estavam.

Ajudara a construir algo glorioso, que ninguém previra. Evidente, Rapture não fora testada, era uma ideia obviamente nova. Um experimento gigantesco. Mas a planejaram nos mínimos detalhes. O que poderia dar errado?

O Atlântico Norte

1948

Fazia uma manhã feia no Atlântico Norte. Feixes de luz intermitente atravessavam as nuvens cinzas. O vento açoitava a crista das ondas, espirrando porções de água salgada sobre os homens que ocupavam o convés das seis traineiras da Pescados Fontaine. O homem que se chamava de Fontaine investira parte de seu próprio dinheiro, e de alguma forma, para sua surpresa, fizera da empresa um sucesso, vendendo toneladas de peixe para o projeto de Ryan, e para Reiquiavique. “Grande coisa”, ele diria.

Frank Fontaine – ex-Frank Gorland – avistou a peculiar torre em meio às ondas, a um quarto de quilômetro. Além dela havia dois navios; um deles era o navio-plataforma, com seus guinchos e

guindastes. Placas de gelo ainda flutuavam em torno da traineira, de um branco brilhante que contrastava com a água verde-azulada.

O objetivo era sair de lá de cima – e ir lá para baixo –, chegando com segurança à cidade cujo marco era aquele farol bizarro. Na primeira vez que compradores de Rapture aproximaram-se de suas traineiras, o homem lhes dera uma carta para que levassem a Ryan.

> *Ao Administrador da Colônia Subaquática: o comércio entre nós fez-me ciente de seu empreendimento, e pude inferir parte de seu escopo heroico. Sempre desejei ser um pioneiro, e um apreço pelos mistérios do fundo do mar me faz oferecer-lhe meus serviços. Planejo capturar peixes embaixo d'água usando submarinos modificados. Aqui em cima, essa ideia é desdenhada, chamam de conversa fiada. Espero que você, obviamente um homem de visão, tenha mente mais aberta para essa inovadora iniciativa. Portanto, requisito sua permissão para me realocar em sua colônia e desenvolver minha pesca subaquática.*
>
> *Cordialmente, Frank Fontaine*

Na verdade, enviara variações da mesma carta em três entregas diferentes feitas a Rapture. Em pé, na proa da traineira, abrindo uma garrafinha, Frank Fontaine se perguntava: *Estou indo atrás de peixes, ou de um ganso selvagem?* Claro, sempre sonhara com um esquema que pagasse bem e durasse bastante, mas esse ameaçava durar indefinidamente – e, embora fosse de tarde e supostamente estivessem no verão, estava frio pra cacete. De congelar meleca do nariz. Teria valido a pena desistir de Gorland para se tornar Fontaine?

Uma cidade no fundo do mar. Estava se tornando uma obsessão.

Fontaine fitou as nuvens cor de carvão que rolavam pelo céu e imaginou se preparavam outra tempestade. Só ficar preso naquela banheira maldita já dava muito trabalho.

Conversando com os homens que escolhiam os peixes para o suprimento alimentício de Rapture, Fontaine confirmara que Ryan

de fato construíra uma gigantesca habitação submersa, uma espécie de utopia do livre comércio – e ele sabia o que acontecia com utopias. Veja o caso dos soviéticos; todas aquelas belas palavras sobre o proletariado acabaram em *gulags* e filas de esfomeados. Mas a "utopia" era oportunidade pura para alguém como ele. Quando essa utopia submersa ruísse, ele estaria lá, com toda uma sociedade da qual se alimentar. Contanto que não pisasse com força demais nos calos de Ryan, poderia construir uma organização e sair de lá com uma boa pilhagem.

Mas, primeiro, tinha que chegar a Rapture.

A traineira deu uma guinada, e o mesmo fez seu estômago. Um pequeno veículo estava sendo baixado na lateral do navio-plataforma – um bote de nove metros. Alguns homens desceram por uma corda e subiram a bordo. Quando o barquinho começou seu trajeto em direção à traineira, a quase um quarto de quilômetro, estava apinhado de homens que empunhavam rifles reluzentes.

Mas ele não foi até ali para fugir. Esperou, com a equipe alinhada às suas costas. Peach Wilkins, seu principal comparsa, aproximou-se do parapeito.

– Isso não parece bom, chefe – disse, ao ver a lancha chegando perto. – Pra que precisam de todas essas armas?

– Não se preocupe com isso – retrucou Fontaine, tentando parecer mais confiante do que se sentia.

A lancha cortou por entre a agitação das ondas e estacionou a estibordo da traineira. Um homem quase de meia-idade que vestia um casaco, botas de borracha e luvas de couro subiu pela escada e entrou num giro, seguido por dois corpulentos vigilantes mais jovens de gorro e capa impermeável, com rifles presos por alças sobre os ombros.

Com uma expressão cansada, parecendo estar com frio, o mais velho firmou-se no convés e olhou Fontaine de cima abaixo.

– Meu nome é Sullivan, chefe da segurança das Indústrias Ryan. Você é Frank Fontaine. Estou certo?

Fontaine concordou.

– Sim, sou eu. Proprietário e coordenador da Pescados Fontaine.

– O Sr. Ryan tem observado sua operação aqui fora. Viu você erguendo tudo, afastando os competidores, fazendo sucesso. E fez um bom trabalhando fornecendo para nós. Mas é enxerido. Fica perguntando sobre o que tem lá embaixo... – Sullivan apontou para o mar com o dedão e abriu um sorriso antipático. – Chegou até a subornar alguns dos nossos operários com birita...

– Só quero fazer parte do que estão construindo lá embaixo. Enviei várias cartas...

– Claro, recebemos as cartas. O Sr. Ryan as leu. – Sullivan esquadrinhou novamente a traineira. – Tem alguma coisa pra beber nesse barco além de água?

Fontaine sacou sua garrafa e passou para o outro.

– Sirva-se...

Sullivan abriu o frasco, deu um belo gole. Devolveu-o vazio.

– Escute – disse Fontaine. – Farei o que for preciso, qualquer coisa que libere meu caminho para Rapture.

Sullivan franziu os lábios.

– Sabe, assim que for onde está o Sr. Ryan, não vai mais voltar. Você vive lá; trabalha lá. Talvez se dê muito bem por lá. Mas *não vai mais embora*. Não existem muitas regras. Mas essa é uma delas. E isso requer comprometimento, Fontaine. Está pronto pra isso?

Fontaine olhou para o mar, como se estivesse pensando, resolvendo um intrincado conflito interior. Em seguida, fez sinal

positivo com a cabeça. Havia um garoto no orfanato que, sempre que as freiras o perguntavam se ele queria agradar a Deus, ele devolvia um olhar todo piedoso. O garoto acabou virando padre. Fontaine botou aquela expressão de crença absoluta no rosto e disse:

– Completamente, chefe.

Sullivan fitou-o demoradamente, e depois bufou.

– Bem, o Sr. Ryan gostou das suas cartas. E está disposto a lhe oferecer um posto em Rapture. Diz que você mereceu, sempre por aqui, presente. Acho que vamos dar uma chance a você. E o mesmo vale para sua equipe.

– Então, quando vamos?

Sullivan virou-se para ver o mar, depois fez que sim.

– Agora mesmo.

Nesse exato momento, a tripulação da traineira soltou uma expressão de espanto e começou a apontar, vendo um submarino submergir repentinamente à superfície, despejando uma ruidosa avalanche de espuma a menos de quarenta metros dali.

7

Sinclair Solutions, Rapture
1948

– E aí, o que você tem contra essa mulher, a Tenenbaum? – perguntou Sullivan. O homem se ajeitou na pequena cadeira em frente à mesa de Sinclair. Notoriamente visível através da grande janela redonda atrás da mesa, um letreiro brilhava, do lado de fora, em neon vermelho, com os dizeres SINCLAIR SOLUTIONS, em contraste com o pano de fundo índigo do oceano.

Augusto Sinclair roçou o queixo bem barbeado, como se não tivesse certeza quanto ao que responder. O investidor farmacêutico era um belo descendente de panamenses de trinta e poucos anos; elegante, usava uma fina linha de bigode. Era preciso olhar de perto para ver que o bigode não fora simplesmente riscado a lápis.

– Bem, ela trabalha pra gente; desenvolvimento, sabe? Eu não entendo bem no que exatamente ela está trabalhando... Tem algo a ver com hereditariedade, acho, mas eu sou um zero à esquerda em ciências. Isso é um dos motivos que fizeram Ryan me pedir pra ficar aqui, penso eu. É aqui que fica o dinheiro: novas invenções, novas drogas. Ora, se a pessoa pode...

– Falávamos sobre Brigid Tenenbaum – Sullivan lembrou ao outro. Sinclair tendia a tagarelar. E já eram quase cinco horas. O chefe da segurança de Ryan não via a hora de secar meia garrafa

do que se passava por uísque em Rapture, artigo que estocara em seu apartamento.

– Essa Tenenbaum – disse Sinclair, passando o dedo na linha apagada de seu bigode – é uma mulherzinha peculiar... Só quero me certificar de que, se ela está trabalhando conosco, não esteja quebrando nenhuma regra por aqui. Ela teve um laboratório só dela, por um tempo, patrocinado por algumas financeiras de Rapture, mas os caras a dispensaram sem pensar duas vezes. Sabe, correram uns rumores de que ela fazia experimentos com gente para um médico do Hitler. Vivissecções e... nem quero pensar nisso. Agora, fazemos alguns experimentos em Sinclair, temos que fazer, mas não matamos gente. Não fazemos à força. Pagamos bem. Se o cabelo do sujeito fica laranja e ele começa a agir feito macaco e fica assim por uma ou duas semanas, ora, não faz mal nenhum a longo prazo...

Sullivan começou a rir, depois percebeu que Sinclair não estava brincando.

– Mas a Tenenbaum – Sinclair prosseguiu –, ela tem tirado sangue das pessoas aos baldes. E mais de um deles já apagou.

– Acredita que estão fazendo algo... antiético? – Quase ninguém usava essa palavra em Rapture.

Sinclair hesitou.

– Hein? Antiético? Poxa, chefe, eu sigo na mesma linha que Andrew sobre altruísmo, essa coisa toda, faz anos. Por que acha que me trouxeram tão cedo? Ligar pra ética: eu não faço isso. Vim aqui pra ficar rico; pode ter certeza de que não vou desperdiçar minha última chance por mais nenhum ricaço – ele apontou o dedo indicador para Sullivan, enfatizando as palavras – ou ricaços. Li

cada edição de *Ciência popular e mecânica* de cabo a rabo; sou um convicto apoiador da filosofia científica de Rapture. Mas...

– Diga.

– Bem, existem *algumas* regras aqui, não? Fico achando que as pessoas podem começar a pegar em armas se a gente for longe demais. Não sei ao certo se essa Tenenbaum não é capaz de fazer isso. Ou aquele outro cara, o Suchong.

– Existe a detenção para os desordeiros, mas eles têm que ser, digamos, assassinos de fato. Ladrões. Estupro. Contrabando pesado. Coisas desse tipo. Somos rígidos quanto à integridade da impermeabilidade, e sobre abandonar Rapture. Mas não sendo isso... Não tem muita coisa em termos de lei. Um cara abriu uma loja chamada Rapture Coca, um dia desses. Planta os próprios pés de coca embaixo de uma luzinha vermelha. Ouvi dizer que faz cocaína com as folhas. Ou diz que faz. Pode ter qualquer coisa naquelas seringas. Me deu uma sensação ruim ver as pessoas saindo de lá. Parecia que estavam prontas pra aprontar de tudo. Mas o Ryan leva tudo isso numa boa. Então, acho que tirar um sangue extra... sendo voluntário... – deu de ombros. – Não tem problema.

– É. Bom, espero que não tenha. – Sinclair meneou a cabeça. – Meu velho tinha certeza de que o importante era fazer coisas pelo bem maior, e o que aconteceu? Não perco tempo me preocupando com nada além de ser o melhor. Porém, também não quero ver todo mundo pegando em armas. Ouviu algum rumor nesse sentido? Gente confabulando... sindicatos? Esse tipo de coisa?

Sullivan estava pensando sobre seu uísque, mas esse assunto chamou-lhe a atenção.

– Você ouviu algo, eu presumo. O Sr. Ryan se preocupa constantemente com comunistas infiltrados.

– Uns rumores que ouvi do pessoal da manutenção. Ouvi-os falando sobre aquele lugar que os operários construíram para eles, lá embaixo. Nada mais do que uma favela. Vai saber o que acontece lá embaixo.

Sullivan sacou papel e lápis do casaco.

– Tem uns nomes pra me passar?

Sinclair abriu uma gaveta e pegou uma *long neck*.

– Alguns. Quer beber algo, chefe? Tá na hora. Essa é da minha própria destilaria, Sinclair Spirits. Muito boa, se me permite dizer.

– Augusto, você é dos meus. Vai servindo; eu vou anotando...

Cais inferior, Neptune's Bounty

1949

Andrew Ryan teve um pressentimento quando viu o letreiro que indicava PESCADOS FONTAINE. Ele e o xerife Sullivan observavam dois operários corpulentos, em cima de escadas, pendurando-o no teto da área do cais inferior. Ryan não acreditava em maldições nem em nada sobrenatural. Mas havia algo naquela placa que o perturbava. Frank Fontaine instalara, lá embaixo, um escritório, uma esteira rolante para peixe, grandes congeladores para armazenamento a longo prazo. Nada inesperado.

Mas a sensação vaga de perigo voltava toda vez que Ryan olhava para o letreiro de neon – e pareceu aumentar, até se tornar um estremecimento interior, quando o letreiro foi ligado. Era uma composição bonita, de fato, com PESCADOS em amarelo brilhante e FONTAINE em neon azul-elétrico, sob um peixe de neon que reluzia contra o anteparo de madeira.

– Já viu o bastante do Neptune's Bounty, chefe? – perguntou Sullivan, fitando o relógio de bolso. Fazia frio ali, dava até para ver o vapor da respiração, e ficaram inspecionando novas empresas por horas, tentando ter uma noção do que estava se enraizando em Rapture.

Ryan ouviu o barulho do impacto das ondas contra os pilares mais próximos e virou-se para, então, ver uma pequena embarcação similar a um rebocador estacionando no cais; a fumaça dos motores foi sugada por saídas de ar alojadas no teto baixo. O cais inferior era um espaço interior projetado para parecer exterior, com águas rasas em torno das docas de madeira e um eventual barco vindo das câmaras vizinhas, onde peixe e outros produtos eram descarregados. Outra peculiaridade de Rapture – um barco, que não era um submarino, podia zanzar no fundo, bem abaixo da superfície do mar.

– Sr. Ryan, como vai, senhor?

Ryan voltou-se para a Pescados Fontaine e viu Frank Fontaine em frente à porta aberta, com as mãos nos bolsos, vestindo um sobretudo amarelo por cima de um terno de três peças, sapatos pretos adornados por suporte, com a careca brilhando azulada graças ao letreiro – seu próprio nome reluzia em cima da cabeça. Ao lado dele, fumando um cigarro e apertando os olhos para enxergar através da fumaça, estava o guarda-costas com cara de bandido que ele trouxera havia pouco tempo, Reggie alguma coisa. Reggie encarava Sullivan com uma espécie de sorriso de desdém.

Ryan cumprimentou-os educadamente.

– Fontaine. Parece que está se instalando bem, tudo certo. Gostei do letreiro. Neon anima Rapture.

Fontaine concordou, olhando para o letreiro.

– Claro. Igual à rua 42 de Manhattan. Posso ajudá-lo, Sr. Ryan? Eu estava indo checar meu submarino de pesca.

– Ah, sim. Os submarinos de pesca... gosto de inspecioná-los pessoalmente.

– É mesmo? Ficou preocupado? – Fontaine falava com entonação calma, e com ligeira zombaria por trás do respeito.

– Rapture vaza bastante – disse Ryan, com ironia. – Não queremos muita coisa entrando, nem escapando. Ninguém vem e vai sem nossa autorização.

– Para um lugar que gosta de pegar leve com as regras, Rapture tem um monte delas – Reggie murmurou.

– Temos somente a quantidade de regras de que precisamos – disse Ryan. – Não se pode roubar. E ninguém sai de Rapture nem traz coisas que não queremos ver aqui. Produtos de fora ou religiões, nada de Bíblias, livros “sagrados” de nenhum tipo. Bens de luxo, vamos fazer os nossos, assim que possível. Nada de cartas, nada de correspondência com o mundo de fora. O sigilo é nossa proteção.

– Não dá pra esquecer as regras de contrabando – Fontaine brincou. – Do jeito que você as pendurou no meu escritório, em letronas pretas. Ou foi seu empregado que pendurou.

Sullivan resmungou consigo mesmo.

– Acho que me compreende – disse Ryan, cuidadosamente falando num tom civilizado. – Os pesqueiros poderiam ser um ponto vulnerável... – Hesitou, escolhendo as palavras com cuidado. Fontaine era um empreendedor enérgico, e Ryan gostava disso. Chegou a oferecer mais do que a Empreendimentos Ryan num leilão, para adquirir um posto de venda. Tudo de acordo com o espírito de Rapture. Mas Ryan precisava deixar claros os limites. –

A única coisa que um pescador deve trazer para Rapture são peixes.

Fontaine piscou e abriu um sorriso.

– Não temos dificuldade para identificar o que é peixe e o que não é, Sr. Ryan. Tem o cheiro. As escamas.

Reggie deu uma risadinha.

Ryan pigarreou.

– Somos todos indivíduos aqui, Fontaine. Mas somos também parte da Grande Corrente de trabalho... A Grande Corrente nos une quando lutamos por interesse próprio. Se alguém quebra essa corrente ao trazer contrabando, temos um ponto vulnerável. Até mesmo ideias podem significar contrabando...

Fontaine sorriu.

– Do tipo mais perigoso, Sr. Ryan.

– Desejo-lhe muita sorte, e prósperos negócios.

– Talvez você se acostumasse mais com a minha presença se me convidasse pra participar do Conselho de Rapture – disse Fontaine com suavidade, acendendo um charuto com um isqueiro dourado. – Aceita um charuto?

– Não. Obrigado. – Ryan examinou o charuto. – Presumo que se trata de um charuto feito em Rapture.

– Naturalmente. – Fontaine ergueu o charuto para que o outro o visse.

Ryan sorriu, procurando esquivar-se do assunto.

– Talvez você tenha a impressão de que o Conselho é uma organização grande e poderosa. É uma comissão bastante descontraída que visa orientar as iniciativas, ficar de olho nas coisas sem interferir. Toma muito tempo, para ser honesto. – Ryan não se animava com a ideia de chamar o enérgico e loquaz Fontaine para o

Conselho de Rapture. Gostava de competição, mas não sob suas barbas. – Mas, ah, vou pensar sobre seu pedido.

– Então estamos indo bem! – disse Fontaine, soltando fumaça azul no ar.

O homem parecia relaxado, confiante, despreocupado. E talvez houvesse algo em seu olhar que Ryan reconhecera. Uma pista, uma centelha que insinuava a força de vontade de Fontaine de fazer o que quer que fosse para conseguir o que queria.

Olympus Heights
1949

– O Sr. Ryan gosta de falar sobre escolhas – Elaine dizia. – E fico pensando se fizemos a escolha certa, vindo para Rapture.

– Fizemos, amor – disse Bill, olhando ao redor do confortável *flat* com certa satisfação. Afagou a barriga da moça, grávida, com a mão esquerda; com a direita, circundava-lhe o ombro. Sentados na varanda, observavam o mar.

Antes da inauguração, Ryan comprara muitos móveis no atacado alojando-os na cidade submersa, depois vendeu-os com margem de lucro para empreendedores de Rapture. Trouxera matéria-prima também, e uma modesta indústria manufatureira se desenvolveu.

O gosto de Elaine não combinava muito com o excesso de rococó tão comum em Rapture. Escolhera linhas simples e móveis de carpinteiro: madeira escura curvilínea, mesas de sequoia polida, espelhos com moldura prateada. Um retrato de Bill todo sorridente – com o bigode encaracolando e o cabelo castanho começando a rarear – adornava a parede atrás do sofá de couro de tubarão. Materiais encontrados nos arredores marítimos de Rapture eram cada vez mais usados na mobília – metais minerados no local,

corais coloridos para tampos de mesa e balcões, vidro extraído da areia do fundo do mar, até vigas e bronze de navios naufragados.

A janela curva da varanda, o vidro arqueado sobre os dois, seccionado por faixas de liga de Ryanium, oferecia como panorama um profundo canal entre dois imponentes edifícios. Uma luz bruxuleante de um azul pálido prevalecia no espaço aquático; um letreiro novo, do lado oposto, que parecia tremer graças às lentes da água, dizia:

DIVERSÃO EM FORT FROLIC!
Sempre um grande espetáculo no palco do Fleet Hall!

– Não me importo com o cheiro de Rapture – disse Elaine. – É tipo o cheiro da lavanderia do prédio em que cresci. Faz lembrar de casa. Uma parte, pelo menos.

– Estamos dando um jeito nesse cheiro, amor – Bill informou. – No cheiro de enxofre também.

– E não me importo tanto de não ver minha família. Mas Bill, quando penso em criar um filho aqui... – A moça pousou a mão sobre a dele, em cima do barrigão. – É aí que me preocupo. Como serão as escolas? E viver sem igrejas, sem Deus... O que as crianças vão aprender sobre o mundo lá de cima? Só as coisas odiosas que o Ryan fala dele? E ela... se for menina... algum dia vai poder ver o céu?

– Ah, com o tempo, vai poder, amor... Com o tempo. Algum dia, quando o Sr. Ryan achar que for seguro, a cidade será construída lá no alto, por cima das ondas. E vamos ir e vir livremente, pode ter certeza. Mas isso vai levar uma geração, no mínimo. O mundo anda perigoso lá fora. Malditas bombas atômicas!

– Não sei não, Bill. Quando fomos jantar no Glória de Atenas, com ele e os amigos, bem, o Sr. Ryan alugou a gente, não acha? Falou e falou sobre o mundo lá de cima e como devemos aceitar nossa escolha e ser felizes com ela. E ficar presa em Rapture com... Bom, com certas pessoas daqui, tipo aquele Steinman. Ficava me tocando no rosto, falando que estava “tão perto, tão perto e, no entanto...”! O que isso quer dizer?

Bill riu e apertou o abraço no ombro da esposa.

– O Steinman é um boboca mesmo. Mas não se preocupe. Vamos ficar todos bem. Vou proteger você, querida. Pode ter certeza que vou fazer isso. Vai dar tudo certo no fim das contas...

Expresso Atlântico, Estação Adonis

1949

Stanley Poole jamais estivera tão nervoso ao fazer um relatório. Talvez por estar tão perto de personalidades incríveis como Andrew Ryan, Prentice Mill e Carlson Fiddle – que se comportavam de forma muito casual, agindo quase como se o rapaz fosse um deles.

Os quatro homens estavam sentados juntos na frente do primeiro vagão. Poole quase não compreendia o que Ryan e Mill diziam devido ao ronco do Expresso Atlântico. Pensativo, as sobrancelhas franzidas, Mill parecia preocupado com alguma coisa...

Estavam a caminho do Adonis Luxury Resort, embora o local estivesse longe de ser concluído – somente a casa de banho de estilo romano estava pronta, fumegando para os banhistas. Ryan queria que a *Tribuna de Rapture* divulgasse algum progresso. À direita de Poole estavam Mill e Ryan; à sua esquerda, Carlson Fiddle, homem de expressão delicada que usava óculos e vestia-se com elegância, suavemente batia os dedos sobre o colo. Fiddle

parecia sentir-se abusado e receoso – e levou um susto muito comedido quando o trem entrou em movimento. O tipo de homenzinho atarantado que faz a gente se lembrar de uma senhora de idade. Era como se tivesse passado tempo demais com a mãe. Acabavam de sair da futura localização da Ryan Entretenimentos, e, naquele início de viagem para Adonis, Poole sentia que havia uma história por trás da meditação de Carlson Fiddle.

– Bem, Carlson – Poole começou. – Posso chamar-lhe de Carlson?

– Não – disse Fiddle, de cenho franzido, fitando o chão.

Poole retraiu-se, enquanto procurava uma caneta e um caderno. Sabia que não era do tipo de pessoa que conseguia ser respeitada facilmente. Quando o trem passou por um túnel escuro, pôde ver seu reflexo no vidro, atrás de Fiddle – parecia enfermo, a escuridão tornava-lhe os olhos ainda mais fundos do que o normal. Mas também como é que alguém poderia levá-lo a sério com aquelas orelhas pontudas, o pescoço magrelo e o pomo de Adão protuberante? Ficava cada vez mais magro, tinha dificuldade de manter a alimentação. Talvez fossem as farras de bebedeira e drogas das quais participava desde que chegara em Rapture.

O rapaz pigarreou e tentou mais uma vez:

– Que trabalho interessante o seu, Sr. Fiddle... projetar a Ryan Entretenimentos, no caso. Construir um parque de diversões para crianças não é brincadeira. – Poole sorriu, encorajador, esperando que Fiddle entendesse a piada. Mas o cara não parecia nem um pouco a fim de brincar.

Fiddle ajeitou os óculos.

– Isso, isso, teremos animatrônicos, planejamos umas... hum... atrações interessantes. Estou um pouco perplexo com o que o Sr.

Ryan deseja exatamente. – Ele fitou Poole com veemência. – Não cite isso no jornal. Que estou perplexo.

Poole piscou para Fiddle.

– Ah, o Sr. Ryan deixou bem claro – e abaixou a voz – que esse artigo vai ser todo floreado. Tudo sobre as novas construções começando, a nova filial, o *spa*. Diga, que negócio é esse de animatrônico?

Cansado de ajeitar os óculos, Fiddle ajeitou a gravata.

– Ah, nem todo mundo usa esse nome. Mas houve aquela exposição da Westinghouse em 1939, com Electro, o robô, e seu cãozinho Sparko. Esse tipo de coisa. Manequins animados, alguns chamam. Vão conversar com os visitantes.

– Manequins animados! Não diga!

Fiddle voltou a bater os dedos com delicadeza sobre o colo.

– Falarão sobre a história de Rapture. Gostaria de colocar um pouco de conto de fadas também, para que as crianças queiram voltar. Talvez algo como os desenhos de Walt Disney. Mas ele... bem, deixa pra lá. Escreva aí que acho que é um *projeto maravilhoso*, e mal posso esperar para torná-lo realidade.

– Pode deixar!

O trem sacolejou ao fazer uma curva, e subiu passando por um túnel transparente em meio ao oceano. Friamente magnificente, feito uma terra mágica naufragada, Rapture surgiu à frente. Um cardume de peixes prateados passou, fazendo zigue-zague, cintilando. Uma batisfera particular disparou abaixo deles assim que entraram em outro prédio.

Poole olhou para Ryan e Mill, quando este ergueu a voz.

– Ele continua insinuando, Andrew, que eu... que, em algum momento...

– Calma, calma – disse Ryan, firme. – Você se preocupa demais, Prentice! Augusto não é nenhum predador marítimo.

Mill suspirou, contrariado.

– Então o que Sinclair quis dizer com “aproveite o Expresso Atlântico enquanto o tem”?

– Ah, isso é somente um homem de negócios usando um pouco de psicologia contra o outro! Provavelmente ele planeja fazer-lhe uma oferta e quer que você receie ser dominado. Quer lhe tirar o equilíbrio. Tática de negócios perfeitamente normal.

– Mas não é uma empresa pública...

– Talvez devesse ser! Não precisa vender para o Sinclair. Poderia turbinar sua liquidez vendendo ações livremente em Rapture. Rapture ainda está crescendo! É uma bolha que nunca vai estourar. Vai querer esse capital para investimento, Prentice... Ah, lá está seu novo *resort* de luxo.

O trem desacelerou ao entrar na estação perto de Adonis. Poole, rabiscando em seu caderno, mantinha-se um tanto atento à desconfiança de Ryan. Quando olhou para ele, pegou-o com uma expressão de dúvida. Ryan ergueu uma sobrancelha, acusador.

– Lembra-se do que conversamos? Nada sem autorização, Poole.

O rapaz engoliu em seco, tentado a apontar que a mão de ferro de Ryan sobre o jornal contradizia seu discurso libertário. Porém, o magnata era o principal acionista da *Tribuna*, e Stanley Poole jamais ouvira falar de um periódico que expressasse opinião contrária ao gosto de seus proprietários.

– Pode ficar tranquilo, Sr. Ryan – disse o rapaz, todo alegre, com uma piscadela. Esfregou o nariz, mas logo parou, sabendo tratar-se de um irritante maneirismo. Cara, como ele gostaria de escapar do olhar controlador de Ryan, abrir uma garrafa de Sinclair Spirits e

cheirar um negocinho da Le Marquis D'Epoque, aquela loja nova de birita e drogas de Fort Frolic. – Essa filial, Sr. Ryan, muito impressionante. Belo panorama.

Ryan concordou, e seu rosto voltou a uma expressão neutra. Mas o homem continuou olhando, um olhar que dava para sentir, como se fosse um dedo indicador a cutucar-lhe a testa.

– De fato, acredito que terei trabalhos especiais para você daqui a um tempo, Poole, se provar que é discreto. Precisarei de alguém realmente muito discreto.

As portas do trem se abriram, e Ryan esqueceu-se de Poole para dar um tapinha no ombro de Prentice, sorrindo.

– As portas demoraram um pouquinho para abrir quando chegamos, não acha, Prentice? Vamos deixá-las mais leves. Vamos deixar Rapture cada vez melhor!

Pavilhão médico

1949

– Bill, temos mesmo que fazer isso? – Elaine sussurrou, deitada na maca, esperando pelo Dr. Suchong. – Por que tenho que ir nos dois? Não acho nem que essa tal de Tenenbaum seja médica. E Suchong, ele é tipo um cirurgião de cabeça, algo assim... o que sabe sobre obstetrícia? – Elaine alisou o avental para que cobrisse melhor a barriga.

Bill afagou-a.

– O médico de sempre estava ocupado, amor. Comentei com o Ryan que você anda tendo umas cólicas esquisitas, e ele insistiu que alguém daqui visse você. Tenenbaum e Suchong trabalhavam com Gil Alexander, que tem feito alguns trabalhos para Ryan. – Deu de ombros.

Elaine umedeceu os lábios e disse, irritada:

– Ouvi alguém dizendo que ela tem fama de ser meio maluca nos experimentos que faz.

– Isso eu não ouvi. Ela é só mais um desses gênios por quem Ryan se interessa. Claro que é estranha, todos são. Ela não consegue fazer as pessoas entenderem o que ela quer quase o tempo todo.

– Ah – disse o Dr. Suchong, entrando na sala, com os óculos a captarem o brilho da lâmpada acima. O fino rosto asiático ostentava um brilho sutil de suor. – Aqui está a futura mamãe!

Brigid Tenenbaum entrou flutuando logo em seguida – uma moça muito jovem, bonita em geral, mas que tinha olheiras marcadas, um coque deformado de cabelos castanhos e uma expressão distante no rosto. Ambos vestiam jalecos; Tenenbaum tinha a barra do empoado vestido marrom aparecendo por baixo da indumentária branca.

– Terceiro trimestre, sim? – ela disse. – Interessante. – Seu sotaque, uma mistura de alemão e europeu oriental, era quase tão pronunciado quanto o de Suchong. – Comendo bem, sim? Circulação boa.

Elaine fez uma carranca; Bill podia ver que a mulher se sentia feito uma cobaia de laboratório. Tenenbaum nem lhe dissera oi. No entanto, de fato, ela não era o que se pode chamar de médico. Somente estava disponível naquele dia. Era tudo um pouco desorganizado demais para o gosto de Bill.

– Sim, ela, como é expressão, “vai indo” – Suchong comentou, tocando a barriga de Elaine. – Sim, posso sentir a... cria se mexendo. Quase pronta para emergir. A criatura deseja sair e se alimentar.

Tenenbaum voltara-se para uma mesa de instrumentos ao lado e os deslocava com minúcia, dispondo-os de forma que ficassem equidistantes, formando ângulos precisamente corretos.

– Sra. McDonagh – disse Suchong, examinando as coxas de Elaine –, o feto faz movimentos reflexos com as extremidades?

Elaine fez cara de tédio.

– Quer saber se meu filho chuta, doutor? Chuta, sim.

– Excelente sinal. Faz tempo que não examino um feto. Difícil obtê-los em bom estado.

O médico caminhou até a ponta da maca, estendeu os braços e abriu as pernas da moça com um movimento firme e decidido das mãos, feito um açougueiro pronto para desossar um frango. Elaine deu um gritinho de susto.

– Ei, doutor, vai devagar aí! – Bill reclamou.

Suchong levantou o avental. Ele e Tenenbaum inclinaram-se sobre a maca, franzindo o cenho ao ver as partes íntimas da moça. Suchong resmungou, apontando.

– Distensão interessante, aqui e aqui, está vendo? Parte da metamorfose peculiar da mulher grávida.

– Sim, estou vendo – disse Tenenbaum. – Já dissequei várias nesse estágio...

– Invejável. Ainda tem espécimes?

– Não, não, todos os meus espécimes foram tomados quando os americanos vieram, mas...

– Bill! – Elaine guinchou, fechou as pernas num arranque e abaixando o avental até os joelhos.

– Pronto! Viram alguma coisa de errado? – Bill perguntou.

– Hum? – Suchong olhou para o rapaz sem compreendê-lo. – Ah! Não, não, ela vai indo muito bem. Seria interessante sondar um

pouco...

– Não será necessário, doutor! Vamos embora. – Bill ajudou Elaine a descer da maca. – Venha, amor. Aqui atrás, olhe as suas roupas, hora de vesti-las.

Pôde ouvir a voz de Andrew Ryan vinda da porta do laboratório ao lado.

– Aí está você, Dr. Suchong. Está tudo bem?

– Sim, sim, nada anormal. Fico contente que esteja aqui, Sr. Ryan; favor checar experimento 37.

Bill caminhou até a porta do laboratório, quase decidido a contar a Ryan quão grosseiramente Elaine fora tratada. Mas parou e os observou. Andrew Ryan, Suchong, Gil Alexander – um pesquisador que trabalhava para Ryan quase o tempo todo – e Brigid Tenenbaum reuniam-se em torno de uma grande criatura desfigurada dentro de uma espécie de caixão de vidro repleto de água; a caixa estava conectada a um emaranhado de tubos translúcidos. Bill encontrara Gil Alexander somente umas poucas vezes – era um homem de expressão séria e bigode espesso. Tinha atitude bastante professoral e inteligente, mas, na opinião de Bill, também cruel.

Estendido no caixão de vidro, havia um homem cujo corpo parecia uma colcha de retalhos de carne e, em alguns pontos, ferro. Pálido feito cadáver, o homem jazia imóvel na água borbulhante – Bill julgou que poderia tratar-se de vítima de naufrágio.

Gil Alexander ajustava o tubo que penetrava a perna esquerda mole do homem.

– Uma pequena inflamação. Nada ruim. Fizemos boa indução...

Bill viu-se encarando a perna exposta – parecia que carne e metal estavam fundidos na área da coxa. Estava toda enrugada, e Bill

pensou ter visto a pele tremelicar, como se reagindo, quando teve contato com um conjunto de bolhas. Queria falar ou sair dali, mas algo o prendia, algo de estranhamente fascinante naquela cena.

– Como vê, Sr. Ryan – disse Tenenbaum –, a fusão está incompleta, mas sinto que, caso tentássemos, talvez, transferir genes virais, faremos o corpo mais capaz de se unificar com...

– Bá! – disse Suchong, fitando-a com irritação. – Você sempre pensa genes são resposta. Transferência viral de genes é totalmente teórica! Não precisa! Corpo condicionado para que células conectem com metal! Não temos como controlar genes sem programa de reprodução!

– Ah, perdoe-me, doutor – ela disse, com uma entonação um tanto insolente, enquanto arrumava ferramentas numa mesa ao lado –, mas você está equivocado. O caminho vai se revelar para nós. Quando consideramos Gregor Mendel...

Alexander parecia divertir-se com o clamor entre Suchong e Tenenbaum. Sorria – Bill o notara –, mas nada dizia.

Observando a figura no caixão transparente cheio de água, Ryan fez um gesto de desdém.

– Estou mais interessado na utilidade prática. Preciso de um procedimento que torne nossos homens capazes de ficar mais horas lá fora.

– Chefe! – Bill gritou, ao ver as pernas do homem desfalecido se contraindo. Um joelho blindado golpeou o tampo de vidro, partindo-o. Chegou a espirrar água pela rachadura.

Ryan e Suchong viraram-se e viram Bill; Tenenbaum e Alexander ocuparam-se de ajustar o fluxo de uma droga pelos tubos que se comunicavam com o caixão de vidro.

– Bill – disse Ryan calmamente, aproximando-se do rapaz. – Pensei que tivesse ido embora.

– Estava indo – disse o outro. – O cara aí dentro, ele tá bem?

– Ele? Ah, ele é voluntário, está nos ajudando num experimento. – Venha, vamos deixá-los trabalhar, certo? Como está Elaine?

E acompanhou Bill para fora do laboratório.

Fort Frolic
1949

A voz de Bing Crosby entoando “Wrap your troubles in dreams” fluía através de alto-falantes em forma de flor, e Bill cantarolava junto, caminhando ao lado de Elaine no átrio superior. Havia tempo para dar uma volta antes de começar o musical no Fleet Hall. Bill trouxera a esposa para um passeio de Natal. Mariska Lutz, amiga do casal, ficara na casa deles para olhar o bebê.

– Esse lugar é engraçado – Elaine murmurou. Ela e Bill circulavam ao longo do terraço de Poseidon Plaza, no átrio superior iluminado de neon, em Fort Frolic. A moça usava um vestido rosa brilhante de cetim, e Bill um terno branco de linho. Outros casais passavam às pressas, bem-vestidos, cabelos aprumados, rostos cintilando sorrisos. *Quase igual a Nova York*, Bill pensou.

– O que tem de engraçado, amor?

Passaram pela entrada do cassino Sir Prize Games of Chance, com o grande elmo de cavaleiro projetando-se entre as palavras *sir* e *prize*. Os letreiros de neon pareciam irradiar franca insistência num espaço tão fechado. Não havia um céu para colocá-los em perspectiva.

– Ah, enfim, pensei que seria muito diferente do mundo da superfície.

E é, claro, de certa maneira, mas... – Ela viu, através da janela, as pessoas usando as máquinas de jogar. – A ideia era trazer somente o que há de melhor no mundo conosco, mas talvez tenhamos trazido um pouco do pior também.

O rapaz riu, colocando a mão da esposa embaixo do braço.

– É o que acontece quando um lugar é ocupado por *humanos*, amor. Eles trazem o pior e o melhor com eles aonde quer que vão. As pessoas precisam de um lugar para desabafar. Tem que ter um Fort Frolic.

Desceram as escadas, até o átrio inferior, passaram pela Tabacaria Robertson's. Elaine suspirou ao cruzar a entrada de Eve's Garden. Olhou-a de soslaio.

– Tinha que ter também uma casa de *strip-tease*, então?

Bill deu de ombros.

– Alguns diriam que sim, e muito, com tantos homens aqui. Funcionários da construção, funcionários da manutenção. Agora, eu não preciso desse tipo de diversão. Tenho o passarinho mais lindo de Rapture para admirar.

– Bom, pois não fique esperando um *strip-tease*. – A moça piscou os olhos para o marido como faziam as melindrosas do cinema: – Enquanto não chegamos em casa, é claro.

– Essa é a minha garota!

Ela riu.

– Não quero dar uma de beata; vamos pegar um vinho na Sinclair Spirits... Ou talvez no clube Ryan. Acho que você vai preferir cerveja.

– Vinho para minha dama! Mas temos ingressos para o show do Fleet Hall, amor. Pensei em beber alguma coisa depois.

– Ah, o Fleet Hall! Faz tempo que quero vê-lo. Aquele teatro Footlight é meio abarrotado.

– O Fleet é grande. O Sr. Ryan planejou pra que tudo fosse grandioso em Rapture.

Elaine olhou o marido com ar zombeteiro.

– Você realmente admira o Sr. Ryan, não, Bill?

– Quem, eu? Sabe que sim! Ele me deu tudo que tenho, com certeza. Eu instalava privadas, amor, e ele me transformou no construtor de um novo mundo!

Passaram pelo empório de bebidas e drogas Le Marquis D'Epoque, que estava bastante apinhado, cheio de rapazes. Bill reconheceu uma pessoa lá dentro, o cara de rato Stanley Poole, inquieto sobre o balcão, comprando com nervosismo um frasco de algum narcótico. Bill apressou-se; não queria ter que falar com a esposa sobre o lugar, nem bater papo com o execrável Poole.

A música seguinte foi "Jitterbug Waltz", entoada num arranjo de jazz por Fats Waller. Vozes felizes ecoavam do átrio superior. As pessoas lembravam fantasmas sob as luzes refletidas do neon, mas eram fantasmas felizes, sorridentes, que brincavam uns com os outros. Uma garota ruiva deu um gritinho ao ser cutucada por um rapaz. Lembrou-se de dar-lhe um tapinha, mas sem força alguma.

Bill viu um dos policiais de Sullivan, Pat Cavendish, um grandão, parecendo mais um detetive de meia tigela dentro do terno barato, zanzando por ali com as mãos nos bolsos e o revólver na cintura, olhando de esguelha para um grupo de meninas.

Elaine iluminou-se quando chegaram ao Salão Sophia, e Bill resignou-se a ficar plantado ao lado, com as mãos nos bolsos, enquanto a esposa se engalfinhava por entre os badulaques na butique de "alta moda". Comprou-lhe uma camisola e um casaco

novo, a serem entregues no *flat* do casal, e depois deu a hora de subir para o Fleet Hall.

Saíram às pressas da butique e subiram as escadas, onde Bill avistou o arquiteto Daniel Wales conversando com Augusto Sinclair. Mas o jovem Wales estava em meio a um assunto sério com o executivo e nem desviava o olhar deste.

Bill espiou o teto, pensando sobre a integridade da contenção de água, e ficou satisfeito de não ver sinal algum de vazamento. Alguns setores de Rapture eram gerenciados mais escrupulosamente do que outros. Este era mimado feito bumbum de neném.

Bill sentia que Rapture estava prosperando: o Expresso Atlântico cruzava, aos roncos, de um prédio a outro com eficiência. As lojas explodiam de tantos negócios. As galerias e átrios da cidade brilhavam com a iluminação; os ornamentos fixados reluziam devido à cobertura dourada. Grupos de operários mantinham os carpetes limpos, coletavam o lixo e remendavam rachaduras nos parapeitos. Olhando para o átrio inferior, a multidão cada vez maior e os letreiros iluminados, Rapture parecia explodir em vivacidade, fervilhando com brio econômico. E talvez o Sr. Ryan, os irmãos Wales e Greavy, talvez, não teriam conseguido construí-la sem Bill McDonagh.

Bill e Elaine chegaram ao Fleet Hall, e pararam para admirar o grande letreiro azul e branco. O arco era perpassado por linhas radiantes de neon branco. Um rumor de conversas misturadas vinha lá de dentro. Bill puxou a esposa pelo braço, beijou-lhe a bochecha, e depois entraram.

O grande salão de concertos estava cheio de gente; o casal tomou lugares no setor da orquestra. As luzes se apagaram, a banda se aprumou e o musical *Patrick e Moira* começou. Era uma

produção de Sander Cohen, felizmente sem a participação do próprio, e Elaine estava encantada. Bill achou tudo sentimental demais e um tanto mórbido – a peça tratava de um casal fantasma que se encontrava na vida após a morte –, mas estava feliz por estar lá com Elaine, satisfeito por ela estar se divertindo. Percebia-a perdida, no início. Ora, sentia que haviam realmente encontrado seu lugar no mundo... no fundo do oceano.

Monitoramento de perda de calor, Hephaestus

1950

Bill estava quase terminando de ajustar o monitor de calor. O controle de temperatura era apenas um dos numerosos pontos de vulnerabilidade de Rapture, um dos muitos aspectos da manutenção que precisavam ser constantemente ajustados para evitar que entrasse em colapso. A cidade submersa fora instalada havia somente dois anos, um pouco menos, mas já havia boa quantidade de reparos a fazer.

Preso entre fogo e gelo, pensou Bill.

Uma determinada quantidade da água fria que circundava Rapture era dragada para dentro através de respiradouros para modificar o calor dos gases vulcânicos usados para mover as turbinas – em uma delas, a água era fria o bastante para matar um homem por hipotermia em menos de um minuto; na outra, quente o bastante para cozinhá-lo. Bill testemunhara os dois tipos de tragédia.

O rapaz se virou para equilibrar a mistura de água frígida e vulcânica. Olhou pela janela e viu o mar, onde um complexo de canos transparentes emitia um fraco fulgor vermelho, conduzindo água quente rica em minerais advinda das fontes geotermais. Bill

farejou um cheiro sutil de enxofre, embora tivessem tentado com grande esforço filtrar completamente a substância. De qualquer maneira, o ar de Rapture era, em geral, mais limpo do que o da cidade de Nova York. Esse ar limpo era fornecido por jardins, como Arcádia, e por dutos de ventilação conectados à estrutura do farol.

Os medidores de calor oscilavam corretamente. Bill ajustara o equilíbrio. Pablo Navarro trabalhava do outro lado da sala cheia de aparatos com Roland Wallace e Stanley Kyburz.

– Esse Navarro está sempre procurando uma chance de subir na vida – Wallace ruminou, aproximando-se. – Quer ser engenheiro chefe do setor, sabia?

– Quem manda nisso é o Greavy, meu chapa. Mas não sei se o Pablo se dedica tanto ao trabalho a ponto de merecer esse posto. E como tem se saído o Kyburz?

– Cumpre suas funções. Bom *know-how* técnico. Mas esses australianos são esquisitos. E ele é do tipo carrancudo, sabe?

– Todo australiano que eu conheci na vida era um boboca carrancudo – Bill disse, distraído, fitando os medidores. – Tudo no lugar até agora.

– Enfim, parece que chegou uma mensagem por interfone pra você. O Sr. Ryan quer que vá para o Centro de Controle.

– Devia ter me falado isso antes! Beleza, já vou.

Bill checou os medidores mais uma vez e saiu às pressas, torcendo para que Elaine estivesse trabalhando no escritório do chefe. Encontrou-o zanzando em frente à mesa. Nenhum sinal de Elaine.

– Ah, Bill. Mandei Elaine ir mais cedo para casa hoje.

Bill sentiu um súbito frio na barriga.

– Ela está bem?

– Sim, sim – disse Ryan distraidamente. – Parecia bem. Queria dar uma olhada na babá. Talvez ela tenha voltado cedo demais a trabalhar depois do nascimento do bebê. Como vai a criança?

– A pequena está ótima. Sorri e balança os braços como se fosse conduzir uma banda...

– Esplêndido, esplêndido...

Bill esperava que Elaine estivesse mesmo bem. Ela insistira em contratar uma babá para poder voltar ao trabalho. Parecia ter claustrofobia dentro do *flat*. Não era fácil levar o bebê num carrinho para passear em Rapture – uma pequena jornada até a área dos parquinhos.

– Bill, pode vir comigo? Preciso dar uma palavrinha com Julie Langford. Gostaria de ouvir sua opinião sobre o novo jardim em Arcádia. E sobre outras coisas. Temos muito que conversar durante o trajeto.

Cruzaram diversas passagens e depois entraram num corredor transparente entre os prédios, que seguia intocado em meio ao próprio oceano, com o aquecimento advindo do piso, que os protegia do frio extremo do Atlântico Norte.

– Ando ouvindo rumores que não gosto em Rapture, Bill – Ryan murmurou, parando para observar um cardume de peixes claros nadando freneticamente, perseguidos por uma orca. – Lá fora, tudo está conforme deve ser. Os peixes grandes comem os menores. Alguns confundem os predadores e sobrevivem. Mas aqui... existem aqueles que querem perturbar o equilíbrio.

Bill aproximou-se do chefe e os dois ficaram observando através do vidro, feito dois amigos batendo papo num aquário.

– Rumores, chefe? De que tipo? Rumores de encanamento ou rumores de gente?

– De pessoas, se quer chamá-los assim – Ryan meneou a cabeça e acrescentou: – Parasitas! – disse, entortando a boca ao pronunciar a palavra. – Pensei que pudéssemos capiná-los todos. Mas as pessoas são corruptas, Bill. Há rumores sobre organizadores de sindicato aqui em Rapture! Sindicato! Na minha cidade! Alguém os está encorajando. Gostaria de saber quem... e por quê.

– Não ouvi nada nesse sentido – Bill comentou.

– Stanley Poole captou esse tipo de assunto na taverna. Existe um panfleto sendo distribuído, reclamando sobre "injustiças contra o operariado de Rapture"...

– As pessoas, quando ficam tensas, precisam, naturalmente, botar pra fora, chefe. Lançar as ideias a todo canto, livremente. Até mesmo ideias de que você... nós não gostamos, Sr. Ryan. Sindicatos e tudo mais. Agora, não vou defendê-los – ele acrescentou com pressa –, mas existe algo como um mercado de ideias também, não? As pessoas precisam poder trocar ideias...

– Hum. Mercado de ideias. Talvez. Eu *tento* ser tolerante. Mas sindicatos, sabemos aonde essas ideias levam.

Bill decidiu não argumentar com a última frase. Silenciosamente, assistiram ao trajeto majestoso de uma baleia azul que passava acima. Bolhas flutuavam vindas do fundo do mar; luzes piscavam dentro dos prédios de Rapture, levitando feito espectros na água verde-azulada. O design dos irmãos Wales misturava linhas retas com certa complexidade artística. A arquitetura parecia calculada para expressar ousadia, ou até bravata.

Um letreiro de neon do outro lado da passagem submersa, que corria na vertical ao longo da parede de um prédio que poderia facilmente se passar por algo do centro de Manhattan, dizia FLEET

HALL. Outro letreiro de neon brilhava em roxo cor de uva, anunciando WORLEY'S WINERY, as letras tremeluzindo devido ao movimento das correntes marítimas. Boa parte dos apartamentos tinha janelas quadradas, e não escotilhas – de fato, a maioria se parecia com apartamentos da superfície. O efeito, às vezes, era mais o de uma Atlântida naufragada do que a de uma metrópole deliberadamente construída dentro do mar – como se as calotas polares tivessem derretido, inundando Manhattan, imergindo seus cânions de ferro e rocha num profundo e misterioso mundo aquífero desprovido de horizonte definido.

– Pode ser – Ryan continuou, finalmente – que tenhamos tido pressa demais quanto a algumas pessoas que recrutamos para Rapture. Devo ter escolhido pessoas que não tinham exatamente as mesmas ideias, como eu esperava.

– A maioria das pessoas acredita no modelo de Rapture, Sr. Ryan. Existe muita iniciativa privada na cidade. – Bill sorriu, vendo um fluxo de bolhinhas subindo alguns centímetros atrás do vidro. – Chega a borbulhar!

– Você me comove, Bill. Espero que todos permaneçam ocupados, competindo, cavando seu lugar em nosso novo mundo. Todos deveriam se espalhar, criar novos negócios! Ainda planeja abrir uma taverna?

– Pode ter certeza que sim. McDonagh, o Lutador, vai ser o nome. Homenagem ao meu velho; foi boxeador quando jovem.

– Faremos uma festa de inauguração para você! – Ryan olhou para cima, para as torres muito altas que se erguiam em pleno oceano; difícil enxergar o topo de muitas delas dali de baixo. Respirou fundo, com ares de satisfação, parecendo fluir para um humor mais animado. – Olhe para ela, avultando-se como num

clímax orquestrado! Rapture é um milagre, Bill. O único tipo de milagre que importa! O tipo que um homem de verdade cria com suas próprias mãos. E deveria ser celebrado todos os dias.

– Milagres precisam de muita manutenção, Sr. Ryan! O fato é que temos pouca gente pra cuidar do esgoto, da limpeza e do paisagismo em Arcádia. Tem os tipos finos que nunca nem se cortaram com papel, mas poucos, preciosos, que podem cavar um fosso e desentupir um cano.

–Ah. Teremos que atrair homens que tenham as habilidades de que precisamos, então. Arranjar moradia. Nós os traremos, não se preocupe com isso. A luz atrai os iluminados, Bill!

Bill imaginou como isso poderia funcionar: trazer ainda mais operários, homens que poderiam não aceitar viver num lugar em que o governo desprezava sindicatos. Poderiam ter problemas.

– Ah – disse Ryan, com satisfação. – Um submarino de suprimentos está entrando.

Viram o submarino passar por cima deles feito um espectro, com as luzes piscando em contraste com a profundeza índigo. Dali, com os contornos desfocados pela água, o veículo parecia uma criatura gigante do mar, outro tipo de baleia. Estava seguindo para Neptune’s Bounty. Bill viu quando o submarino angulou-se para baixo em direção à entrada, na câmara de ar, que levava até o cais e à Pescados Fontaine.

– Não sei – disse Bill – quem pode estar encorajando os sindicatos, mas posso dizer que uma pessoa em quem não confio muito é esse Frank Fontaine.

Ryan deu de ombros.

– Ele é bem produtivo. Tem muitas iniciativas em andamento. Me mantém pensando; gosto de competição... – e acrescentou, como

se pensasse em voz alta – com bom senso.

Fontaine trabalhara com Peach Wilkins para desenvolver uma forma de fazer a pescaria em Rapture mais discretamente, embaixo da água. Algumas adaptações simples nos submarinos menores, ajustando-os para arrastar redes, e inventaram a pescaria puramente subaquática.

Mas a pescaria dera a Fontaine acesso potencial a algo que Bill sabia que deixava Ryan receoso: o mundo exterior. Seus submarinos deixavam Rapture para resolver seus próprios assuntos, e poderiam estar contatando qualquer pessoa lá fora. A cada ano, Ryan rompia mais relações com o mundo da superfície, liquidando propriedades, vendendo fábricas e rodovias.

– Acha que Fontaine deve estar usando os submarinos para trazer contrabando, chefe? – perguntou subitamente.

– Estou monitorando tal possibilidade. Avisei-o, e me parece que ele levou o aviso a sério.

– Tem havido contrabando – Bill apontou. – Uma Bíblia apareceu nos alojamentos dos operários.

– Bíblia... – Ryan disse a palavra com desprezo. – Sim, Sullivan me contou. O homem diz tê-la comprado com um “cara que não conheço lá na Apollo Square”.

Bill não tinha amor por religião alguma. Mas, no fundo, pensava que algumas pessoas deviam precisar de uma como válvula de escape.

– O que posso dizer, Sr. Ryan, é que nunca confiei nesse chato do Fontaine. Ele fala todo gentil, mas nada do que diz soa a gentileza.

– Não podemos supor nada, sabe disso. Venha...

Bill suspirou. Às vezes, cansava-se desse “Venha, Bill”.

Um olho eletrônico acionou a porta Securis semicircular, que se abriu, deslizando. Caminharam ao longo de corredores decorados com pôsteres que exaltavam as glórias do comércio de Rapture, e desceram por uma escadaria curva para uma estação de batisferas onde uma flâmula declarava COMÉRCIO, INDEPENDÊNCIA, CRIATIVIDADE. Ryan permaneceu em silêncio, meditando enquanto seguiam.

Bill supunha que tomariam o Expresso Atlântico, mas Ryan ignorou a estação de trem e seguiu em direção ao metrô. Passaram por um grupo de funcionários da manutenção, que cumprimentaram Ryan com seus chapéus. Ele parou e apertou a mão de todos.

– Como vão, rapazes? Remendando o teto? Bom, bom... Não se esqueçam de investir uma parte de seus salários em dos novos negócios de Rapture! Continuem crescendo, amigos! Trabalham com o Bill, aqui? Se ele não estiver tratando-os bem, não quero nem saber! – Todos riram com a brincadeira. – Abram uma empresa de encanadores competitiva, façam o Bill aqui gastar um pouco do dinheiro dele, hein? A propósito, o que acharam daquele novo parque? Ótimo lugar para levar as garotas...

Quando estava com vontade, Ryan podia ser muito jovial, até mesmo com os operários. Dessa vez, parecia até que estava atuando para impressionar Bill.

Ryan pôs as mãos nos bolsos e deu meia-volta, refletindo:

– Quando eu era um menino, meu pai me levou a um parque... Bem, era numa capital estrangeira... O czar ainda estava vivo, mas o negócio do meu pai estava vacilando, e o parque deu uma levantada no espírito! “Foi aqui que conheci sua mãe”, ele disse. Então, rapazes, se quiserem encontrar a moça certa, temos o lugar ideal! Bastante privacidade para galantear as moças, não?

Os operários riram; Ryan deu tapinhas nas costas de dois deles, desejou-lhes um dia de trabalho lucrativo, e os mandou seguir para onde iam. Os homens foram embora radiantes; poderiam vangloriar-se por terem batido um papo com o grande Andrew Ryan.

Ryan levou Bill até uma batisfera que estava disponível. Quando a escotilha se abriu, ele digitou um destino no painel e puxou a alavanca que dizia IR. A batisfera pulou habilmente para seu corredor de passagem e disparou na horizontal com um ruído borbulhante.

Os dois homens ficaram sentados, viajando num silêncio sociável, até que, quando estavam a meio caminho da entrada pressurizada mais próxima de Arcádia, Ryan falou:

– Bill, ouviu moradores reclamando por não ser permitido deixar Rapture?

– Aqui e ali – Bill admitiu, relutante. Não queria dedurar ninguém.

– Sabe que não podemos confiar em ninguém que saia de Rapture, Bill. Teríamos agentes da inteligência americana aqui, ou os chacais da KGB, assim – estalou os dedos.

– Pode ficar difícil para algumas pessoas aqui embaixo, senhor. Alguns ficam se perguntando se fizeram a escolha certa ao imigrarem para Rapture.

– Não tenho respeito algum por desertores! Não se visita Rapture, é um modo de vida! – meneou a cabeça, amargo. – Gente sem brio! Foi dito, antes de virem, que havia certas regras invioláveis. Ninguém sai! Não há lugar para homens como nós na superfície.

Bill admirava Ryan; ambos sabiam. Mas talvez fosse hora de deixar Ryan saber que ele considerava esse confinamento uma tolice. Porque temia que, se Ryan se ativesse a essa política, poderia ser algo explosivo.

– É da natureza humana, chefe, desejar liberdade de ir e vir. As pessoas ficam malucas quando pensam que estão encurraladas. Você acha que a pessoa deveria fazer uma escolha, mas como o pobre coitado pode escolher ficar em Rapture? Nós tiramos essa escolha dele!

– Uma pessoa tem milhares de escolhas em Rapture. Mas desta ele desistiu quando veio para este mundo, um mundo que eu criei. Construí com meu dinheiro e recursos, que ganhei com meu *suor*! É tudo reclamação absurda! Com o tempo, expandiremos Rapture por todo o fundo do mar, e haverá muito mais espaço para circular. – Ryan fez um gesto de impaciência insolente. – Firmaram um contrato comigo aqui! No fim, nossas escolhas fazem de nós quem somos. A pessoa *escolhe*, Bill! Escolhe, e deve aceitar a responsabilidade.

Bill pigarreou.

– É natural que alguns caras queiram mudar de ideia...

A batisfera alcançou seu destino, encaixou no lugar, e a escotilha abriu, rangendo, mas Ryan não se moveu para sair. Permaneceu em seu lugar, olhando para Bill com novo senso de solenidade.

– Você mudou de ideia, Bill?

Bill foi surpreendido.

– Não! Aqui é minha casa, Sr. Ryan. Construí esse lugar com as próprias mãos. – Bill deu de ombros: – Você me perguntou o que ouvi por aí.

Ryan fitou-o por um longo momento, como se espiasse dentro da alma do rapaz. Finalmente, concordou.

– Está certo, Bill. Mas vou dizer-lhe algo. Os moradores de Rapture serão purgados dos hábitos da sociedade de formigas! Precisam aprender a firmar-se ao nosso lado, como homens, e

construir! Planejo começar um novo programa de educação cívica. Flâmulas, muito mais delas; anúncios educacionais na televisão e espaços públicos, e *outdoors*! Vou trazer alguém para nos ajudar a treiná-los para ver que o mundo fora de Rapture é a verdadeira prisão... e Rapture a verdadeira liberdade. – Ryan saiu da batisfera. – Venha, Bill. Venha...

8

Escritório de Andrew Ryan
1950

– Srta. Lamb – Dianne anunciou. – Dra. Sofia Lamb... – Havia um toque de frieza na voz dela ao dizer o nome, e Andrew Ryan o notou. Teria ela já visto defeito na moça? A Dra. Lamb fora algo como uma missionária, tanto médica quanto psiquiatra, trabalhando em Hiroshima antes e depois do bombardeio. Talvez Diane se sentisse intimidada. Era sensível no que tange à sua origem na classe trabalhadora.

– Acompanhe-a para dentro. Peça aos guardas que esperem lá fora.

Diane fungou, voltou para a antessala e segurou a porta para Sofia Lamb.

– Ele vai recebê-la agora, Dra. Lamb – disse Diane, como se não compreendesse por que ele o faria.

– Esplêndido. Foi uma longa jornada... Estou curiosa para conhecer a câmara ulterior desta grande cidade submersa.

Ryan levantou-se, educado, quando a moça entrou. Ela se comportava de acordo com a profissional elitizada, educada e rica que era. E ele sabia que o protocolo lhe importava.

Era alta, quase cruelmente magra, e tinha os cabelos loiros aprumados em grandes cachos no topo da cabeça. O pescoço era comprido, o rosto, estreito, com estrutura óssea saliente, olhos de

um gelado azul acinzentado por trás de óculos com requintada armação, e os lábios pintados de vermelho escuro. Vestia um *tailleur* azul-marinho com colarinho branco e escarpins azuis escuros.

– Bem-vinda a Rapture, Srta. Lamb. Quer se sentar? Espero que a viagem não tenha sido muito exaustiva. É um prazer que venha juntar-se a nós em nosso admirável mundo novo.

Ela se sentou na cadeira oposta a dele, cruzando as pernas longas e pálidas.

– Admirável mundo novo; vejo que lê Shakespeare! *A tempestade*, não é? – Seus dedos compridos e esguios extraíram com habilidade um estojo prateado de cigarros da pequena bolsa de mão, enquanto ela falava, fitando-o com suavidade. – "Oh, admirável mundo novo que tem tais habitantes".

– Está surpresa, Srta. Lamb, porque conheço Shakespeare? – Ryan perguntou, dando a volta à mesa para acender-lhe o cigarro com um isqueiro dourado.

Ela soltou fumaça para o teto e deu de ombros.

– Não. É um homem rico. Pode pagar para educar-se.

Não foi uma crítica óbvia, contudo, de certa forma, foi condescendente. Mas ela sorria; e ele viu um quê de carisma.

– Devo dizer – ela prosseguiu, olhando ao redor – que este lugar é extraordinário. Deveras arrebatador. E, no entanto, quase ninguém parece conhecê-lo.

– O mínimo possível. Trabalhamos pesado para mantê-lo em segredo. E teremos que pedir para que você o mantenha em segredo também, Srta. Lamb. Ou devo chamá-la de Dra. Lamb?

Ele esperava que ela dissesse "Ah, me chame de Sofia". Mas ela não disse. Simplesmente assentiu, num movimento ligeiro.

Ryan pigarreou.

– Está bastante ciente das forças que movem Rapture; sua filosofia, seus planos. A Grande Corrente...

– Sim, mas não posso afirmar compreender totalmente sua... filosofia executiva. Sinto-me, de fato, atraída pelas possibilidades de uma nova sociedade que não sofra interferência alguma do mundo exterior. Uma colônia autossustentável que talvez redescubra as possibilidades humanas. A possibilidade de uma sociedade livre da vontade de guerra do mundo superior...

– Sei que esteve em Hiroshima quando...

– Estava num local protegido e distante. Mas sim. Pessoas com as quais trabalhara algumas vezes foram reduzidas a sombras nas paredes de suas casas. – Os olhos da moça ostentaram horror ao retomar a lembrança. – Se o mundo moderno fosse um paciente sob meus cuidados – ela meneou a cabeça – eu o diagnosticaria como suicida.

– Sim. Hiroshima, Nagasaki. Foram boa parte do motivo pelo qual construí Rapture. Imaginei que entenderia nossa urgência depois de ter visto o que aconteceu lá, em primeira mão. Estou certo de que o mundo da superfície *cometerá* suicídio nuclear com o tempo, Dra. Lamb. Uma geração, duas, três; acontecerá, e quando acontecer, Rapture estará a salvo, aqui embaixo. Autossuficiente e crescendo. Rapture é a salvação.

Ela bateu a cinza do cigarro no cinzeiro de latão ao lado da cadeira, concordando com veemência.

– Esse é o grande atrativo para mim. Salvação. Uma nova chance para refazer uma sociedade como algo bom de nascença! Todo mundo tem uma obrigação com o mundo, Sr. Ryan, e perdemos tudo isso, lá em cima, em todo o caos destruidor dessa civilização perversa.

Ryan franziu o cenho, sem compreendê-la exatamente. Mas antes que pudesse pedir para explicar, ela continuou:

– E fiquei satisfeita quando ouvi que todos têm oportunidades equivalentes aqui! Inclusive mulheres, eu presumo. – Ela o fitou, inquiridora. – Na sociedade normal, a hierarquia masculina esmaga nossos sonhos. Veem a mulher como uma centelha – apagou o cigarro com raiva no cinzeiro – e a esmagam! "Damas doutoras", é como eles as chamam, são toleradas, às vezes. Mas desenvolvimento de verdade para uma mulher nessa área? Não.

– Ah, sim, entendo... – Ryan acariciava, pensativo, o bigode com o nó do dedão. Teoricamente, todos em Rapture começavam em pé de igualdade; e qualquer um pode alcançar o topo com trabalho duro, iniciativa, talento e dedicação implacável ao poder simples e liberador da livre iniciativa. Até as mulheres.

Convidara Sofia Lamb para Rapture porque se graduara sendo a melhor aluna da turma. Diz-se que escrevera teses brilhantes – que Ryan não tivera tempo de ler – e demonstrara destemor na experimentação psiquiátrica. Destemor científico era algo axiomático em Rapture.

– Pode competir com todos os outros aqui – Ryan disse, com firmeza, tanto para convencê-la quanto a si mesmo. – Mas, é claro, seu trabalho inicial será avaliar Rapture, ajudar-nos a desenvolver meios de preparar o público para o futuro. Mais urgentemente, alguns moradores podem estar desenvolvendo problemas psicológicos, pequenas, hum, *dificuldades pessoais* que despontam devido ao isolamento. Sua primeira tarefa será diagnosticar esses problemas e sugerir uma solução.

– Ah, é claro, isso eu já compreendi. Mas e depois, se quiser desenvolver meu próprio... instituto aqui em Rapture?

– Ah, sim. Seria esplêndido. Por que as pessoas não poderiam ter uma psiquiatra com a qual se consultar? Um instituto inteiro para o autoconhecimento.

– Ou talvez para a redefinição da pessoa – ela murmurou. Levantou-se. – Se me permite, gostaria que me mostrassem meus aposentos. A viagem até aqui foi... muito para absorver. Preciso me trocar, descansar um pouco; e precisarei de um passeio completo por Rapture. Começarei meu diagnóstico imediatamente, esta noite.

– Ótimo! Mandarei o agente Sullivan enviar os arquivos sobre... pessoas com problemas. Os poucos descontentes que têm aparecido; os que reclamam, e por aí vai. Pode começar com esses.

Neptune's Bounty, Rapture

1950

Brigid Tenenbaum caminhava pelo cais gelado, em direção à água, pensando que poderia pegar algum peixe fresco para dissecar. Se estivesse congelado, poderia extrair o material genético com alguma esperança de encontrá-lo intacto. Ela não tinha mais um contrato definido com a Sinclair Solutions, mas ainda podia usar o laboratório deles depois do expediente, uma vez que tinha a combinação de acesso da porta. A história de que tentara extrair sêmen de um dos marinheiros com uma seringa comprida a levara a ser demitida – injustificadamente, pensava ela – dos laboratórios de pesquisa Sinclair. De fato, julgara mal ao insinuar que queria outra coisa com a genitália malcheirosa do homem. Talvez tenha enfiado a agulha na gônada do sujeito com vigor demasiado. Mas o rapaz sair correndo do laboratório aos gritos, pelado da cintura para baixo, com uma seringa pendurada na virilha, pingando sangue e gritando "Essa vaca doida me espetou no saco!" parecia simples exagero.

Desde então, raramente via o fundador de Rapture. Muito menos conseguia marcar um horário com ele. Recebia sempre uma desculpa daquela arrogante Diane McClintock.

Às vezes, gostaria que ainda estivesse no acampamento, trabalhando com seu mentor. Pelo menos tinham liberdade criativa de verdade.

Brigid suspirou e ajeitou o casaco em torno dos ombros. Sempre fizera um frio cortante lá embaixo, naquele esquisito cais submerso. Espécie de caverna artificial, de fato, dentro de Rapture, cheia de água, onde os barcos de entrega encostavam, carregados de peixes e outros produtos aprovados trazidos das baías submarinas. O piso era de madeira, as paredes e o teto de metal – a água lambia os pilares com um estranho sussurro oco e ressonante.

Um policial e um rapaz negro que parecia ser um delegado passavam por ali, ambos fitando-a com curiosidade.

Ela viu dois funcionários das docas que vestiam casacos trespassados em pé no píer, mais abaixo, esperando que uma pequena embarcação similar a uma traineira encostasse, para que pudessem descarregá-la. Distraíam-se enquanto esperavam, jogando uma bola uns para os outros. A moça reconheceu ambos – vira-os nas mãos do Dr. Suchong. Tentara curar um deles, Stiffy, de uma paralisia parcial, e o outro...

O outro a viu primeiro. Era um homem de nariz empinado e rosto queimado de vento, mas a face avermelhada ficou branca quando viu Tenenbaum. Deixou a bola cair e levou as mãos à genitália.

– Não, não, dona, não vai chegar perto daqui!

Afastou-se dela, balançando a cabeça.

– Ah-ahn, dona!

– Não seja tão bobo! – ela soltou, irritada, procurando as palavras certas do inglês. – Não vim aqui atrás de você. Quero peixe fresco.

– Agora você os chama de peixe, é? – o homem inquiriu, afastando-se; despencou da doca e foi parar na água. Levantou-se, cuspindo e pingando água; o local tinha pouco mais de um metro de profundidade.

– Ha-ha, Archie! – gargalhou o outro pescador alegremente para ele, indo buscar a bola. – Finalmente tomou o banho que vinha evitando!

– Vai se ferrar, Stiffy! – disse Archie, afastando a água em direção ao barco que se aproximava. – Ei, você, me dá uma mão; vou subir a bordo!

– Ah, por que tá com medo dessa mocinha magrela? – Stiffy perguntou, rindo.

A cientista se aproximou de Stiffy, armando-se de uma postura oficial, quase professoral, de forma que o homem não tentasse ganhar muita intimidade.

– Você joga a bola, é muito... anormal para você, não? – ela perguntou, fitando-lhe as mãos. Ficara por perto e observara quando Suchong o examinara. – Suas mãos; uma paralisada, a outra quase não tem movimento, lembro-me disso. Você carrega algumas coisas nos ombros, não faz muito trabalho com mãos.

– Claro, por isso me chamam de durinho. Tenho outra coisa durinha, dona, se você...

Ela lançou ao pescador sua carranca mais franzida.

– Não brinque comigo! Só quero saber como você consegue pegar a bola agora. Com dedos que estavam paralisados. O Dr. Suchong consertou suas mãos, sim?

– Suchong? Que nada! Deu um monte de desculpa. A coisa mais esquisita. Pegamos uma rede cheia de peixes, sabe? Eu tava tirando eles da rede, separando. Isso eu conseguia fazer, enfim, e tinha um tipo de lesma marinha misturada com eles, se debatendo. A lesminha mais estranha que já vi na vida! O danado do bichinho me mordeu na mão! – Stiffy caiu na gargalhada; não parecia nem um pouco irritado com a situação. – Nem sabia que essas coisas mordiam! Bom, minhas mãos ficaram meio inchadas, mas quando o inchaço passou – o pescador olhou para as mãos com renovada surpresa –, elas começaram a ganhar vida! – Ele jogou a bola no ar e a pegou com habilidade. – Viu isso? Antes da merdinha ter me mordido, eu não conseguia fazer isso de jeito nenhum!

– Acha que foi a lesma marinha que curou a paralisia?

– Alguma coisa nessa mordida... Deu pra sentir que se espalhava, tipo, na minha mão!

– Ai! Verdade! – A cientista viu as mãos dele. Viu as curiosas marcas de mordida. – Se ao menos eu conseguisse essa criatura... Você pode encontrar outra lesma marinha dessas?

– Ainda tenho a que me mordeu! Guardada num balde de água do mar! Era uma coisinha tão maluca que cheguei mesmo a pensar em talvez vender pra um desses cientistas iguais a você. Quer comprar?

– Bem... Talvez eu queira.

Sala de Sofia Lamb

1950

– Acho que não deveria ter trazido meus filhos para Rapture. Mas me disseram que tínhamos que vir juntos, a família toda, ou ninguém... Disseram que precisavam de gente com habilidade com

aquecedores, que tomariam conta de mim e que eu ganharia uma boa grana.

A Dra. Sofia Lamb observava o homem de meia-idade, vestido com o sobretudo típico dos operários, caminhando de um lado para o outro da sala, torcendo as mãos.

– Não gostaria de relaxar no sofá enquanto trabalhamos nisso, Sr. Glidden?

– Não, não. Não posso, doutora – Glidden murmurou. Fungou, como se procurasse controlar o choro. Tinha olheiras de cansaço; os lábios finos tremiam. As manzorras eram avermelhadas, graças ao trabalho na usina geotérmica. – Preciso voltar pra casa. Olha, minha esposa, meus filhos estão sozinhos no apartamento novo... Se é que se pode chamar de apartamento. É um lixo aquilo lá. Cheio de gente perigosa por perto. Sinto que as crianças não estão seguras naquele lugar. Temos que compartilhá-lo com outra família; não existe moradia suficiente nessa cidade maluca. Não que eu possa pagar, quero dizer. Disseram que havia mais moradia aqui, e salário melhor. Pensei que fosse coisa de ficar rico, tipo a Mina Comstock... do jeito que falavam...

A médica assentiu, ajeitou-se na cadeira e tomou nota. Ouvira histórias similares de vários trabalhadores que entrevistara como parte de seu projeto para Ryan.

– Sente que foi enganado quanto ao que aconteceria aqui?

– Sim, eu... – Glidden conteve-se, parou no meio da sala e encarou a moça com suspeita. – Você trabalha pro Ryan, certo?

– Bom, de certa forma...

– Então, não, não fui, como você disse? *Enganado*. – O homem umedeceu os lábios e continuou. – Foram bem diretos comigo.

– Está tudo bem; você pode dizer o que pensa de verdade – Sofia disse, tranquilizando-o. – É fato que essas sessões terapêuticas serão resumidas num relatório, mas não mencionarei pessoas específicas. Falarei mais das tendências.

– É? E por que essa história de *terapia* é de graça? Eu não teria vindo, não fosse a minha esposa dizer que ando todo tenso ou coisa assim. Mas, de graça? Nada é de graça em Rapture!

– Sério, pode confiar em mim, Sr. Glidden.

– Você diz. Mas imagina se eu for demitido por causa disso? Talvez não me queiram mais! Daí fico sem trabalho! E o que acontece? *Não dá pra sair de Rapture!* Não, ninguém pode sair! Nem mesmo você, doutora! Acha que ele vai te deixar ir embora quando quiser? Não.

– Ah, bem, eu... – Ela não soube o que dizer. Não pensara muito em deixar Rapture. Parecia haver tantas possibilidades ali. Mas e se tentasse mesmo sair? O que Ryan faria? Tinha medo de descobrir. – Estou no mesmo barco que você, digamos assim, Sr. Glidden. Ou embaixo do mesmo barco.

O homem cruzou os braços e balançou a cabeça. Não queria falar mais nada.

Ela anotou: *Sujeitos estão, em geral, desconfiados de Ryan e sentem-se alienados. A claustrofobia social está em ponto de ebulição para alguns. O* status *financeiro é um fator-chave. Salários mais altos demonstram menor ansiedade*... Sublinhou “salários mais altos” e depois disse:

– Você pode ir, Sr. Glidden. Obrigado por ter vindo.

Esperou enquanto Glidden saía em disparada da sala e então foi até sua mesa, destrancou uma gaveta e pegou seu diário. Preferia escrever a gravar suas impressões. Sentou-se e escreveu:

Se o experimento de Rapture falhar – como suspeito que vai – outro experimento social poderia ser conduzido nessa estranha estufa submarina. As mesmas condições que tornam Rapture explosiva – o sequestro do mundo exterior, as iniquidades – poderiam ser a fonte de uma radical transformação social. É algo a se considerar. O perigo de até mesmo contemplar tal experimento social é enorme, contudo... Não devo deixar que este diário caia nas mãos de Sullivan.

Sofia deitou a caneta de lado e pensou se o que estava contemplando era arriscado demais. Política. Poder... Uma ideia que começava a se tornar obsessão. Provavelmente se tratava de loucura pura.

Mas, loucura ou não, crescia como uma criança dentro dela desde que se mudara para Rapture. Vinha gestando, em silêncio, a noção de que aquilo que Rapture poderia destruir – pessoas como Glidden – poderia também salvar, se fosse guiada por um novo líder.

Ela conseguiria dar uma guinada no destino de Rapture, a partir do interior.

Pensamentos perigosos. Mas a ideia não ia embora. Tinha vida própria...

Estação de bombeamento 5

1950

Bill McDonagh estava ligando a bomba de drenagem de número 71, para esvaziar os espaços de isolamento e ventilação nas paredes do Mermaid Lounge, quando Andrew Ryan entrou na estação 5. O gênio visionário de Rapture sorria, mas parecia um pouco distante, distraído.

– Bill! Que tal dar uma voltinha de inspeção, já que estamos perto de Little Eden? Ou está lidando com alguma emergência?

– Emergência nenhuma, Sr. Ryan. Só um pequeno ajuste. Pronto, resolvido.

Logo estavam caminhando ao longo do pátio de Little Eden Plaza, passando pela fachada graciosa do Hotel Pearl. Pessoas passeavam, casais de braços dados, fregueses com sacolas. Ryan parecia satisfeito com tal evidência de um comércio em expansão. Alguns dos fregueses o cumprimentavam com embaraço. Uma senhora bastante matronal lhe pediu um autógrafo, que ele providenciou pacientemente antes de continuar o trajeto com Bill.

– Está preocupado com alguma coisa em específico por aqui, Sr. Ryan? – Bill perguntou, enquanto passavam pelos apartamentos de Plaza Hedone.

– Falaram-me sobre um vazamento químico, e tivemos reclamações do gênero numa loja da área, então pensei em investigar ambos de uma só vez. Não me preocupo muito com reclamações, mas gosto de saber o que está acontecendo e passear um pouco...

Chegaram a uma esquina que estava coberta com o que parecia ser um composto químico preto-esverdeado que vazava de uma fenda na parede. Cheirava a petróleo e solvente.

– Aí está, Bill. Estava ciente disso?

– Estou, senhor. Por isso que estava ajustando as válvulas na estação 5. Tentei cortar o fluxo para reduzir esse transbordamento tóxico. Há uma fábrica rio acima, pode-se dizer, ou em algum lugar acima daqui, produz letreiros e coisa do tipo. Augusto Sinclair é o dono, se bem me lembro. Usam vários produtos químicos, despejam nos canos que dão para o exterior, mas os produtos corroem o encanamento, e os solventes encontram caminho até a calçada. O que pode ser pior, o restante acaba despejado para fora de Rapture,

Sr. Ryan. Já confirmei isso. Essas substâncias vão parar no oceano e entram nas correntes. Pode acontecer de se misturarem com os peixes lá embaixo. No fim das contas, vamos ingerir esses produtos quando comermos os peixes.

Ryan olhava o funcionário com o cenho franzido.

– Francamente, Bill, que alarmismo ridículo! Ora, o oceano é vasto. Não poderíamos poluí-lo de forma alguma! Tudo seria diluído.

– Está certo, senhor, mas uma parte se acumula, com correntes ou redemoinhos, e se criarmos bastante problema...

– Bill, esqueça! Temos preocupações suficientes aqui, dentro de Rapture. Teremos que substituir esses canos com algo mais forte, e cobraremos Augusto por isso.

Bill tentou mais uma vez:

– Só pensei que seria melhor se ele usasse químicos que não fossem tão corrosivos, chefe. Poderia ser feito, entendo eu, se...

Ryan deu uma risadinha.

– Bill! Está ouvindo o que está dizendo? Daqui a pouco vai me pedir para regulamentar o lixo industrial! Ora, Will Clark, lá em Montana, criou um depósito de lixo em torno de suas minas e refinarias, e alguém sofreu com isso? – Ryan pigarreou, parecendo lembrar-se de algo. – Bem, talvez alguém tenha, sim. Mas o mundo do comércio é incansável; é como uma criança faminta que continua crescendo e quando cresce de fato, torna-se um gigante, Bill, e as pessoas precisam sair do caminho ou serão pisoteadas por suas botas! Ah, vou arranjar canos de drenagem mais fortes para o exterior das fábricas, para prevenir uma bagunça nas calçadas. As Indústrias Ryan cobrarão de Rapture, e Rapture cobrará das fábricas. Venha, Bill, por aqui... Ah! Aqui está o outro problema.

Alcançaram uma loja em Little Eden Plaza chamada Hortifruti Gravenstein's. Do outro lado da "rua" – estava mais para um corredor largo – e um pouco mais abaixo havia outro negócio, maior, chamado Shep's ShopMart.

Lixo apodrecido de todo tipo acumulava-se numa grande pilha na sarjeta, em torno da Gravenstein's. Bill balançou a cabeça, vendo todo tipo possível de dejeto, boa parte em decomposição. As cabeças de peixe destacavam-se. A outra loja, Shep's, pelo contrário, estava imaculada. Um homenzinho de avental de merceeiro veio correndo da Gravenstein's conforme os outros se aproximaram; tinha um rosto fino e orelhas de abano, olhos castanhos intensos, cabelo castanho cacheado.

– Sr. Ryan! – gritou ele, esfregando as mãos enquanto se dirigia até eles. – Você veio! Devo ter enviado centenas de pedidos, e aqui está o senhor, finalmente!

Ryan franziu o cenho. Não respondia bem a críticas indiretas.

– Então? Por que deixou todo esse lixo se acumular aqui? Isso não tem nada a ver com o filosofia da Grande Corrente...

– Eu, deixar acumular? Não deixei! Ele deixou! Foi o Shep! Eu pago qualquer taxa razoável para coleta de lixo, mas ele... – Gravenstein apontou para o lado oposto da rua, onde vinha um homem, saindo da outra loja. Gordon Shep usava um terno azul grande, com a barriga estufada explodindo para fora do costume; tinha uma papada volumosa, um dente de ouro num sorriso desagradável, e um charuto enorme na mão. Ao ver Gravenstein apontando para ele, Shep atravessou a rua, agitando a mão depreciativamente e conseguindo executar uma bela caminhada apesar da obesidade.

Apontou o charuto para Gravenstein, no meio do caminho, dizendo:

– O que esse mentiroso está lhe falando, Sr. Ryan?

Ryan ignorou o homem.

– Por que esse homem deveria ser responsabilizado pelo seu lixo, Gravenstein?

Bill já imaginava por quê. Lembrou-se de que Shep havia diversificado.

– Em primeiro lugar – disse o baixinho, tremendo, claramente tentando não gritar com Ryan –, não é tudo meu!

– Ah! – disse Shep, rindo. – Prove!

– Uma parte é minha, mas uma parte é dele, Sr. Ryan! E quanto à minha parte, ele comanda o único serviço de coleta de lixo da região! Comprou-o dois meses atrás, e está usando pra me forçar a fechar meu negócio! Está cobrando dez vezes mais do que cobra pra todo mundo pela coleta de lixo!

Bill ficou pasmo.

– Dez vezes?

Shep riu e bateu a cinza do charuto sobre a pilha de lixo.

– Esse é o mercado. Não há restrições aqui, certo, Sr. Ryan? Nem controle de preço! Todo mundo pode ter aquilo que puder comprar e gerenciar do jeito que quiser!

– O mercado não vai suportar um preço desses – Bill apontou.

– Ele só cobra esse preço de mim! – Gravenstein insistiu. – É meu competidor no ramo de hortaliças! Tem mais negócios do que eu, mas não basta; ele quer monopolizar o negócio de hortifrúti aqui na região, e sabe que, se o lixo se acumular porque não consigo pagá-lo para que leve embora, ninguém virá comprar na minha loja! E ninguém está vindo!

– Pelo visto, você mesmo terá que removê-lo – Ryan disse, dando de ombros.

– Quem vai tomar conta da loja enquanto faço isso? O depósito de lixo fica longe daqui! E eu não deveria ter que fazer isso, Sr. Ryan; ele não devia estar me prejudicando, tentando me fazer fechar a loja!

– Não deveria? – Ryan ponderou. – Não é bem o tipo de prática de negócios que eu admiro. Mas o mercado é como uma floresta em evolução, onde alguns sobrevivem e tornam-se reis de seu território, e outros não. A natureza é assim! A sobrevivência dos mais fortes afasta os mais fracos, Gravenstein! Aconselho você a encontrar uma maneira de competir, ou que se mude.

– Sr. Ryan, por favor, não deveríamos ter um serviço público de coleta de lixo?

Ryan ergueu as sobrancelhas.

– Público! Isso soa como Roosevelt, ou Stalin! Vá falar com um dos competidores de Shep!

– Eles não querem vir limpar aqui, Sr. Ryan! Esse homem controla a coleta de lixo em toda esta área! Quer me pegar! Ora, está ameaçando comprar o imóvel e me despejar, Sr. Ryan! Veja, eu acredito em competição e trabalho árduo, mas...

– Chega de reclamação, Gravenstein! Não fixamos preços aqui! Não regulamos! Não dizemos quem pode comprar o quê!

– Ouviu isso, Gravenstein? – Shep escarneceu. – Bem-vindo ao mundo real dos negócios!

– Por favor, Sr. Ryan – disse Gravenstein, cerrando os punhos. – Quando vim para cá, foi-me dito que eu teria oportunidade de expandir, crescer, morar num lugar sem impostos; desisti de tudo

para vir para cá! Para onde devo ir, se ele me tocar daqui? Aonde posso ir? *Aonde posso ir?*

Um músculo no rosto de Ryan se contorceu. Fitava Gravenstein estreitando os olhos. A voz ganhou um tom frio feito metal.

– Lide com a situação como deve fazer um homem, Gravenstein; não choramingue feito criança!

Gravenstein permaneceu ali, parado, tremendo, sem saber o que fazer, pálido de raiva; depois correu de volta à sua loja. O coração de Bill pendeu para o lado dele. Mas Ryan estava certo, não? O mercado não podia ser regulado. Entretanto, havia outros problemas despontando em Rapture graças a esses tipos predadores...

– Diga lá, Ryan – disse Shep –, que tal vir até o escritório para tomar um drinque, hein?

– Melhor não, Shep – Ryan resmungou, afastando-se. – Venha, Bill. – Seguiram em frente, e Ryan suspirou. – Esse tal Shep é odioso. É um pouco melhor do que um mafioso. Mas o mercado tem de ser livre, e se alguns ovos forem quebrados para que seja feita a omelete, então...

Ouviram um grito ao fundo. E um grito de terror.

Bill e Ryan viraram-se e viram Gravenstein, com as mãos tremendo, apontando um revólver para Shep, no meio da rua. Ele gritou:

– Vou lidar com a situação feito um homem mesmo!

– Não! – Shep gritou, cambaleou para trás e derrubou o charuto no chão.

Gravenstein deu dois tiros. Shep gemeu, agachando, contorcendo-se a cada disparo, e então caiu feito um saco cheio de hortaliças no asfalto da rua.

– Caramba! – Ryan soltou. – Isso sim é contra as regras! Vou mandar um policial ir atrás desse homem!

Mas isso não seria necessário. Enquanto Bill ainda assistia à cena, Gravenstein mirou a arma na própria cabeça e puxou o gatilho.

Sala de Sofia Lamb

1950

Sofia Lamb equilibrou o caderno sobre os joelhos, preparou a caneta e disse:

– Fale-me sobre essa sensação de estar presa, Margie...

– Só existe um jeito de sair dessa fortaleza, doutora – Margie disse, num tom seco. – Se eu me matar. – A moça se ajeitou no sofá e levou a mão à boca. Era esbelta, esguia, tinha cabelos castanhos; usava um vestido azul simples, sapatilhas brancas gastas e um chapeuzinho roto de veludo azul. O esmalte vermelho das unhas não era renovado fazia muito tempo; estava descascando. O rosto, doce, era ligeiramente sardento e redondo, e tinha grandes olhos castanhos. A barriga despontava – estava grávida de dois meses. – Mas talvez não. Talvez me matar não me tiraria daqui também. – Os olhos parecem ficar ainda maiores ao sussurrar: – Ouvi falar que existem fantasmas em Rapture...

Sofia encostou as costas na cadeira e balançou a cabeça negativamente.

– Os fantasmas estão nas mentes das pessoas; tanto quanto sua ideia de fugir. É somente uma ideia que a assombra. E depois do que passou...

– O que passei; talvez a única culpada seja eu. – Limpou as lágrimas do rosto e respirou fundo. – Disseram que eu teria uma

carreira de artista aqui. Eu devia ter imaginado, doutora. Minha mãe sempre dizia, ninguém ganha nada de graça neste mundo, e ela tinha razão. Minha mãe morreu quando eu tinha dezesseis anos, meu pai tinha ido havia mais tempo, então eu estava por conta própria, trabalhava como dançarina quando fui recrutada para vir a Rapture. Cheguei aqui, cheia de sonhos e esperanças, fui parar naquela casa de *strip-tease* em Fort Frolic. Eve's Garden, que piada! Todos os ricaços vão pra lá, ficam sorrindo feito gorilas pras meninas. Já vi até o Sr. Ryan por lá. Ele ficou interessado em Jasmine Jolene; essa sabe seduzir, eu bem sei! O gerente do lugar, eu não queria fazer sexo com ele. Então, ele me demitiu! Isso não deveria ser parte do trabalho...

– Naturalmente não. – Sofia escreveu *Padrão consistente de expectativas frustradas nos pacientes*.

– Então tentei conseguir trabalho em outro lugar aqui em Rapture; garçonete, sabe? Nada, não consegui nada. Vendi quase todas as minhas roupas. Fiquei sem dinheiro, sem comida. Vivia com o que encontrava nas latas de lixo. Pedi para ser levada de volta à superfície. Nem pensar, mocinha, eles me diziam. Nunca pensei que acabaria virando prostituta. Dançar um pouco por dinheiro, tudo bem, mas isso, vender meus "atributos" para aqueles pescadores de Neptune's Bounty! Todo santo dia no bar, ou às minhas custas naqueles quartos lá nos fundos. E Fontaine, ele disse que eu tinha que dar-lhe uma porcentagem. Como minha mãe sempre dizia: fui teimosa, mandei-o ir pro quinto dos infernos. Ele mandou aquele Reggie me botar pra correr.

Sofia fez uma expressão compreensiva, e escreveu: *Não há recursos para os que são acometidos por má sorte. Não existe*

manejo de recursos humanos. Nada para salvar os que não dão certo. Grande potencial para inquietação social.

– Está sob meus cuidados agora – Sofia disse, num tom acolhedor. O coração apertado graças à história de Margie. – Posso até lhe oferecer emprego.

– Que tipo de emprego?

– Jardinagem, assistência. Pretendo começar um novo programa que estou chamando de Dionysus Park. Nada que se envergonhe de fazer. Mas precisarei pedir algo a você. Preciso que confie em mim. Confie por completo.

Margie fungou, e seus olhos verteram lágrimas.

– Nossa, se você me ajudar; meu Deus, com certeza, doutora! Confiarei em você até o fim do mundo!

– Ótimo! – Sofia sorriu.

Pessoas que conseguem fazer com que as demais confiem nelas de verdade, ganham também sua lealdade. E ela precisaria de lealdade, lealdade incondicional, para o que tinha em mente. Uma revolução gradual, primeiro na mente, e depois transformando, de fato, Rapture a partir do interior...

Entre Neptune’s Bounty e Olympus Heights

1951

Frank Fontaine sentia-se feito um menino guloso com a chave da loja de doces na mão.

Flutuando pelo oceano em sua batisfera particular radiocontrolada, indo de Neptune’s Bounty para Olympus Heights e Mercury Suites – passando pelos letreiros de neon de várias lojas, inclusive uma que lhe pertencia –, Fontaine refletia sobre o apetitoso banquete que Rapture seria para um homem como ele. Ryan

mantinha a regulamentação dos negócios no menor nível possível. Se alguém tivesse dólares de Rapture suficientes para alugar um espaço das Indústrias Ryan, poderia abrir virtualmente qualquer negócio. Fontaine chegara até a trabalhar uma das contadoras de Ryan, Marjorie Dustin. Contanto que ele a tapeasse de vez em quando e escorregasse-lhe um pouco de dinheiro, Marjorie acrescentava alegremente quarenta porcento nas notas de compra de peixe fresco – as Indústrias Ryan pagavam por mais peixe do que acreditavam estar comprando.

Ele sabia que Ryan mantinha agentes de olho nele. Naquela mesma manhã, Fontaine avistara aquele bronco russo, Karlosky, seguindo-o ao longo do Pátio Inferior. Ryan estava instalando câmeras de segurança por toda a cidade. Não muitas, até então, mas mais estavam por vir – e Ryan as controlava. Difícil manter segredo por muito tempo com essas câmeras.

Fontaine viu um peixe gigantesco com uma boca igualmente enorme passar nadando. Não fazia ideia de que tipo era – o monstro girou um dos olhos para espiar pela escotilha da batisfera, parecendo intrigado. Fontaine balançou a cabeça, impressionado com quão acostumado tornara-se em morar num aquário gigante. Talvez, algum dia, quando detivesse controle de Rapture, poderia usar a cidade submersa como base de onde partir para saques. Teria sempre um lugar para onde escapar, onde os tiras nunca o encontrariam...

Fontaine avistou um de seus próprios submarinos deslizando abaixo, seguindo em direção à entrada pressurizada, arrastando uma rede cheia de reluzentes peixes prateados. Prateados feito moedas. Dinheiro vivo simplesmente nadava no oceano, e tudo o que ele tinha de fazer era arranjar um otário que o pescasse para

ele. Às vezes pensava que era o único cara no mundo que não era um otário.

O pessoal em Rapture estava começando a ficar cansado de comer peixe. Fontaine começara a contrabandear carne de vaca, que era simplesmente impossível de conseguir em Rapture a não ser assim. Produto em falta gerava uma oportunidade. Alguns desses bobocas estavam sentindo falta de religião, então Fontaine trouxe Bíblias. O que certamente deixaria Ryan irritado. Ele odiava religião – enquanto Fontaine somente achava engraçado.

A batisfera chegou à estação, encaixou-se, e Fontaine saiu. Cruzou com um grupo de festeiros bem-vestidos que seguiam pela Metro para um dos clubes noturnos. As luzes do teto estavam se apagando, de acordo com o que foram designadas para fazer ao anoitecer, para dar às pessoas em Rapture uma sensação mais normal de noite e dia.

Fontaine pegou um bonde até Olympus Heights, depois um elevador para chegar a sua casa, em Mercury Suites. Chegou bem a tempo de fazer uma boquinha antes da reunião. Caminhou pelas salas de piso de mármore, passou por pequenas estátuas de bronze representando dançarinas e as reconfortantes pinturas de cenas da cidade de Nova York. Sentia muita falta de Nova York.

Sentou-se junto a uma mesa de tampo de mármore e pernas douradas, próximo à grande janela que oferecia o panorama azul do oceano à luz das lâmpadas, onde brilhantes águas-vivas púrpura flutuavam como se fossem as saias de dançarinas invisíveis.

Seu cozinheiro, Antoine, preparara-lhe *boeuf bourguignon* com alga marinha e algumas solitárias folhas de alface no canto. Bebeu uma taça de um vinho Worley pedante, e então a campainha tocou. Reggie os fez entrar.

– O chefe tá aqui – disse o bronco.

Reggie acompanhou o Dr. Suchong e Brigid Tenenbaum até a sala de estar.

– Fique de olho na porta, Reggie – Fontaine falou. – Não queremos ser interrompidos.

– Fica frio, chefe.

O Dr. Yi Suchong ainda vestia um longo jaleco branco sobre o terno amarrotado com manchinhas avermelhadas que se assemelhavam a sangue. Brigid Tenenbaum usava um vestido azul até a canela. Caminhava com certa dificuldade em escarpins vermelhos, obviamente desacostumada aos calçados. Era uma moça jovem – um prodígio, como a chamavam. O rosto, contudo, cujo ângulo entregava a origem eslava, era marcado pela experiência. Havia um frio distanciamento nele. Fontaine compreendia tal distância. Ele também não deixava ninguém se aproximar. Mas havia algo quase robótico em seus movimentos. E ela nunca o fitava nos olhos, embora ele se sentisse, às vezes, observado.

Obviamente, a moça se arrumara para a reunião, com um toque de batom bizarramente aplicado. Não era de se jogar fora, apesar dos dentes manchados de tabaco e das unhas roídas.

Ao sentarem-se em sofás decorados opostos um ao outro, Fontaine passou a mão pela careca, perguntando-se se deveria deixar o cabelo crescer – mas as mulheres pareciam gostar dele careca.

– Posso fumar? – ela perguntou.

– Claro que pode. Pegue um dos meus. – Ele passou à moça a bela cigarreira prateada que guardava na mesa de centro, feita de coral e vidro.

Ela pegou um cigarro com os dedos tremendo, e o inseriu numa cigarrilha de marfim que retirou de um pequeno bolso do vestido. Fontaine o acendeu com um isqueiro de prata moldado com perfeição na forma de um cavalo-marinho. A cientista fitou-o ao soprar fumaça para o teto, mas desviou os olhos em seguida.

Ambos os cientistas, sentados tão distantes, pareciam muito tensos e formais. Pareciam não confiar em Fontaine. Superariam o desconforto assim que começasse a derramar dinheiro sobre suas cabeças. Nada é mais quente e confortável do que um cobertor de dinheiro vivo.

Suchong era o coreano esguio que usava óculos de aro de metal. Devia ter o dobro da idade de Tenenbaum. Ela não parecia admirá-lo nem um pouco, embora tivesse uma leva de diplomas.

– Que tal um pouco de vinho? – Fontaine perguntou.

Ela disse sim, e Suchong disse não, precisamente no mesmo instante. Suchong riu, nervoso. Tenenbaum limitou-se a fitar fixamente a ponta do cigarro.

Fontaine serviu vinho para si e para ela, e disse:

– Dr. Suchong, é de meu conhecimento que esteve trabalhando para as Indústrias Ryan.

Suchong suspirou.

– Suchong trabalha para si mesmo. Existem o Instituto e o Laboratório Suchong. Porém, contratos com Ryan e Sinclair existem.

– E a Srta. Tenenbaum está trabalhando... como agente independente?

– Sim. É uma boa descrição. – A moça olhava através dele, sobre seu ombro, como se tentasse dar a impressão de que o encarava sem poder, de fato, fazê-lo.

– Este é o momento em que digo: estão todos se perguntando por que os chamei aqui – disse Fontaine, pousando a taça de vinho. – Chamei-os aqui porque estou achando que há oportunidades maiores nessa coisa de ciência do que jamais pensei. Tenho agentes que trabalham para Ryan e me passam detalhes confidenciais. Pelo que ouvi, vocês dois andam se sentindo um tanto frustrados.

Tenenbaum começou a olhar de um lado para o outro, menos para Fontaine.

– É verdade, o que disse. Ryan diz trabalhar com qualquer coisa, mas pesquisa custa dinheiro. Apoio financeiro é, qual é a palavra? Inconsistente. – Ela virou e fitou Suchong. – O Dr. Suchong não quer deixar o Sr. Ryan nervoso, mas precisamos de mais!

Suchong franziu a testa.

– Moça, não fale por mim. – Mas ele não negou que era verdade.

Estavam maduros e prontos para serem colhidos.

– Ora, então – Fontaine disse –, dada a situação, nós três poderíamos começar nosso próprio grupinho de pesquisa. Suchong, acredito que está trabalhando num novo tipo de tabaco.

– Não precisamente. – O sotaque dele era carregado; Fontaine levou um minuto para traduzir *pli-cisa-mente* para precisamente. – Suchong altera genética de outra planta para fazer nicotina. Faz nicotina de cana-de-açúcar! Extrairemos e faremos “Nicoçúcar”. Doce de nicotina!

– Brilhante! – Fontaine falou, sorrindo. – É, andei lendo sobre essa coisa toda de genética. Você poderia fazer todo tipo de coisa trocando genes por aí, me parece. Talvez gado em miniatura que poderíamos guardar aqui embaixo, em algum lugar, para ter carne

fresca, sim? E, pelo que ouvi, poderia trocar os genes de uma pessoa. Poderia fazer mudanças nas pessoas, certo?

A expressão desconfiada de Brigid passou para uma carranca, que ela apontava para o chão.

– O que sabe sobre isso?

– Somente rumores. Que está oferecendo pagamento em troca de uma lesma marinha especial. Ouvi dizer que comprou dez dessas...

Ela assentiu com vivacidade.

– Compraria mais se pudesse. Não é lesma marinha comum. Essa espécie é um milagre ambulante! Pedi para o Ryan ajudar a financiar esses experimentos. Ele não deu ouvidos. – Ela fungou, tirou a bituca da cigarrilha e jogou-a displicentemente no cinzeiro. A guimba caiu na mesa, ainda acesa. A cientista roeu uma unha, com o olhar perdido, parecendo estar a meio caminho de outro planeta, abstraída, enquanto Fontaine, num reflexo, apagou o cigarro no cinzeiro.

Com um gesto súbito e desconcertado, ela prosseguiu:

– Ryan, ele me irrita! “Talvez mais tarde”, todo esse tipo de coisa.

– Está perto de fazer uma descoberta importante?

– Talvez. – Ela olhou para Suchong, que deu de ombros.

Fontaine sorriu.

– Então, é algo em que quero investir. Pagarei bem para ser seu sócio, e Ryan não tem que ficar sabendo de nada. Quando estiver pronta, pode vir e trabalhar somente para mim. Vocês dois podem! Imagino que esse método genético poderia ser a nova onda do futuro, e tenho algumas coisas em mente. Vocês dois poderiam trabalhar nisso, Suchong poderia levá-la para o laboratório dele, e eu poderia pagar seu salário, por enquanto... Talvez envolver esse tal de Alexander. Só não quero que Ryan saiba de nada disso.

Quero que fique em segredo, entende? Do contrário, ele vai se infiltrar e tomar tudo que criamos; e vai arranjar alguma desculpa para ficar com os direitos de tudo pra ele.

Tenenbaum abriu um sorriso matreiro.

– Nesse meio tempo, Ryan paga pelo laboratório caro de Suchong, sim?

– Por que não deixá-lo pagar pelas coisas maiores? – disse Fontaine, brincando com a taça de vinho. – Estou me dando bem aqui, mas Ryan controla mais recursos em Rapture. Tem bolsos mais cheios. Por enquanto.

– Suchong precisa de mais dinheiro para pesquisa, sim! – disse o coreano, abruptamente. – Mas também precisa de outra coisa. – O homem pôs as mãos nos joelhos, inclinou, tenso, para a frente, com os olhos varrendo a sala por trás das lentes dos óculos até que captaram as luzes marinhas vindas da janela. – Sim. Nós dois pensamos em alterar genes humanos. Difícil fazer sem *humanos*! O que Suchong precisa mesmo é *jovens humanos*! As células deles têm muito mais possibilidades. Mas todo mundo louco por criança! Superprotegem! – Ele fez uma careta. – Criaturas vis as crianças...

– Não gosta muito de crianças, hein?

– Suchong cresceu numa casa em que o pai era servo muito pobre, únicas crianças lá fedelhos do homem rico. Eles me tratavam como cachorro! Crianças são cruéis. Devem ser treinadas feito animais!

– Crianças são todas criaturas perdidas – Brigid Tenenbaum disse, suavemente, com a voz quase inaudível.

– Você era bastante jovem quando começou a trabalhar como cientista, Srta. Tenenbaum – Fontaine induziu. Entenda o que

incomoda as pessoas e poderá controlar suas mentes. Colocá-las no modo que desejar. – Como isso aconteceu?

A moça deu um gole no vinho, acendeu outro cigarro, e pareceu enxergar outra época.

– Eu estava num campo de concentração alemão, tinha só dezesseis anos. Um importante médico alemão faz experimentos. Certo momento, comete um erro científico. Eu falo desse erro, e isso o deixa nervoso. Mas então ele pergunta: “Como uma criança pode saber uma coisa dessas?”. Eu digo: “Às vezes, eu só sei”. Ele grita comigo: “Então por que conta pra mim?”. – Ela sorriu, tensa. – “Bem”, eu disse, “se vai fazer uma coisa dessas, no mínimo tem que fazer apropriadamente!” – Deu outra tragada no cigarro e abriu um sorriso fantasmagórico, e um fantasma de fumaça ergueu-se dos lábios entreabertos, conforme ela deixou a fumaça fluir lentamente para fora dos pulmões.

Suchong fez cara de tédio.

– Ela conta demais essa história.

Fontaine pigarreou.

– Não sei se consigo o tipo de sujeitos experimentais de que falou agora mesmo, doutor – disse ele. – Pode chamar muita atenção. Mas posso arranjar-lhe uns adultos que andaram em conflito com as regras da cidade. Uns dois caras desaparecem da Detenção, quem é que vai ligar? Vamos soltar que eles escaparam e se afogaram tentando sair da cidade.

Suchong assentiu com um movimento rápido de cabeça.

– Isso pode ser útil.

– Então, supondo que você possa encontrar um jeito de controlar genes – disse Fontaine, brincando com a taça. – É verdade o que ouvi, que os genes controlam como envelhecemos?

Mais uma vez, Suchong disse não e Tenenbaum sim, ao mesmo tempo.

Suchong resmungou, irritado.

– Essa é a teoria da Tenenbaum. Genes são somente um fator!

– Genes são quase tudo – Tenenbaum falou, fungando.

– Mas, quero dizer, poderiam ajudar um homem a permanecer jovem – Fontaine persistiu. – Talvez mudar seu corpo de algum jeito. Dar-lhe mais cabelo, braços mais fortes, um... negócio maior, sabe? Se pudéssemos vender isso, e dar a um cara, sei lá, mais talentos, mais habilidades?

– Sim – Tenenbaum disse. – Isso é algo de que meu mentor falava. Realçar os poderes de um homem, fazer dele *der Übermensch*, o super-homem. Um super-homem ou uma supermulher! Muitos risco nisso. Mas sim. Com o tempo, e muita experimentação.

– Quando Suchong consegue dinheiro e sujeitos experimentais, Sr. Fontaine? – Suchong perguntou.

Fontaine deu de ombros.

– Vou dar-lhe o primeiro pagamento pela pesquisa amanhã. Faremos um contrato, só entre nós...

Ele fez uma pausa, refletindo sobre o fato de que, se tivesse que dar-lhes ações na empreitada, isso lhe custaria muito dinheiro a longo prazo. Mas assim que tivesse os produtos básicos iniciados, a tecnologia em andamento, poderia contratar outros pesquisadores por preço menor. E poderia, então, livrar-se de Suchong e Tenenbaum. De um jeito ou de outro.

O executivo abriu seu melhor e mais convincente sorriso, o mais franco. Nunca falhava em atrair os otários.

– Arranjarei o contrato e o dinheiro rápido, mas temos que fazer tudo com cuidado. Empreendimento “livre” ou não, Ryan observa tudo...

9

Cais inferior, Neptune’s Bounty

1953

O xerife Sullivan não gostava de ficar no cais inferior quando as luzes diminuíam. Ainda conseguia ver os arredores, mas as sombras em torno dos pilares se multiplicavam e pareciam se contorcer nos cantos de seu campo de visão. Não era um local seguro nem em plena “luz do dia”. Dois caras haviam desaparecido naquele cais na semana anterior. Um deles foi encontrado, ou o que sobrara dele; seu corpo fora todo retalhado. Quando examinou o corpo, Sullivan julgou que os belos cortes retos tinham sido feitos por bisturis.

As botas do policial fizeram os tacos de madeira crepitar conforme ele caminhava até a ponta do cais. O frio vinha da água. O cheiro de peixe estava forte, o fedor da decomposição. Três engradados de madeira, alinhados juntos no cais, exibiam um curioso logo impresso na frente, mas o homem supôs que arrombá-los provavelmente não lhe conferiria provas do contrabando que vinha acontecendo. Estavam marcados com um “Estragado – para descarte”, e cheiravam como tal. Ele imaginou que Fontaine era esperto demais para conduzir seu contrabando ali mesmo no cais.

O cais inferior lembrava um píer de madeira. Inclinava-se sutilmente em direção à água na grande câmara que encobria parte do pescado. A água rasa em torno das projeções de madeira tinha a função principal de gerar uma sensação de cais de verdade, para

romper a claustrofobia – parte da psicologia do *design* de Rapture. Um grande letreiro elétrico pendurado no teto, desligado, dizia PESCADOS FONTAINE. A maioria das paredes era coberta por metal enrugado; acima da área do cais inferior, o cais superior sustentava cafés e tavernas, como a McDonagh, o Lutador – a taverna de Bill McDonagh, embora o dono tivesse pouco tempo para administrar o negócio pessoalmente.

A área do cais assemelhava-se, segundo Sullivan, a uma caverna feita pelo homem. Madeira e areia e uma piscina de água embaixo, as paredes abobadas, o teto no topo; era como uma caverna submarina. Somente as paredes e o teto eram de metal.

A área das docas em si, para os submarinos de pesca, somada aos gelados cofres de armazenamento, ficava escondida nos fundos, num labirinto de passagens que fediam a peixe podre, esteiras de rolamento para o processamento dos frutos do mar, e escritórios – como o do gerente do cais, Peach Wilkins, funcionário de Fontaine. Até então, Wilkins tinha despistado Sullivan da questão dos contrabandistas.

Levando a mão ao bolso do casaco para sentir o toque tranquilizador de seu revólver, Sullivan desceu pela rampa, para se aproximar da água. O líquido salgado repousava imóvel feito uma placa de vidro. De súbito, algo agitou-se ruidosamente na água, nas sombras ao lado da parede.

O policial sacou a arma, mas a manteve baixa, com o dedo pronto para apertar o gatilho. Agachou-se, olhou embaixo do píer, pensando ter visto um vulto movendo-se na obscuridade.

Abaixou-se um pouco mais, tentando espiar na escuridão embaixo do píer, mas não viu nada além do brilho da água. Tudo parado. Seja lá o que ouviu, fugira. Mas então ele enxergou a coisa,

agitando-se mais ao fundo, perto das enrugadas paredes de metal. Alguém vinha empurrando um engradado flutuante. O xerife desejou estar com uma lanterna à mão.

Um som distinto de água remexida veio de trás do engradado. Ele apontou o revólver e gritou:

– Saia daí, você!

Na rampa atrás dele, um rangido chamou, em parte, sua atenção, mas esta fixava-se na escuridão sob o píer, de onde vinha o barulho de água.

– Você aí! Vou abrir fogo se você não...

Ao ouvir o rangido com maior distinção atrás de si, Sullivan levantou-se e deu meia-volta, bem a tempo de ver a silhueta de um homem contra a luz fraca do teto, que saltou sobre ele da rampa do cais superior. Com uma chave-inglesa na mão, preparava-se para esmagar o crânio do policial.

Sullivan só teve tempo de girar para a direita, de forma que a chave-inglesa passou zunindo ao lado de sua orelha esquerda e golpeou seu ombro dolorosamente. O atacante partiu para cima dele.

O xerife foi jogado para trás, disparando o revólver convulsivamente. Ouviu o homem gemer quando ambos caíram na água rasa. Sullivan girou-se ao cair, ficando de lado. A água salgada batia nos seus ouvidos e o sufocava; mãos grandes e grosseiras travavam-lhe a garganta, e peso considerável o pressionava para baixo. Ele desferiu um golpe com o cabo da arma, e sentiu que ela atingiu a nuca do agressor. Os dois desabaram; Sullivan dobrou rapidamente os joelhos e conseguiu levantar; estava com água quase até a cintura. O outro começava a se levantar, cambaleando, a cabeça pingando sangue. Um homem de rosto quadrado que

vestia um casaco trespassado, encarando o policial com um pequeno olho castanho escondido por uma mexa de cabelo preto molhado. Perdera a chave inglesa na água.

Ele atacou Sullivan com um soco forte num giro súbito, mas este saltou para trás, evitando o golpe. Perdeu, porém, o equilíbrio. Tentou acionar o revólver, mas estava encharcado e não funcionou. Procurando manter-se em pé, Sullivan cambaleou para trás. O homem sorriu, mostrando os dentes tortos, e disparou contra o outro, com as manzorras esticadas.

Vindo do cais, um tiro raspou o ar, e o musculoso assaltante gemeu, rangeu os dentes, deu mais um passo e, então, caiu de cara na água. Convulsionou por alguns momentos e depois ficou imóvel, flutuando de cabeça para baixo.

Sullivan endireitou-se e olhou para cima. Karlosky sorria com frieza para o outro, do alto da rampa do cais, guardando uma pistola fumegante. O ar cheirava a pólvora.

– Belo tiro – disse Sullivan, vendo o sangue vazar do buraco na lateral esquerda da cabeça do estranho. – Supondo, é claro, que você não tenha mirado em mim!

– Se eu atirar em você – disse Karlosky, com um sotaque russo –, você morre na hora.

Sullivan guardou sua pistola, agarrou o morto pelo colarinho e arrastou-o até a rampa inferior, esforçando-se para trabalhar dentro das roupas encharcadas. Puxou o bronco para cima da rampa, inclinou-se – ciente da dor do machucado profundo que o outro lhe deixara no ombro esquerdo – e virou o defunto para cima. Havia luz suficiente para iluminar o rosto. Ainda assim, não o reconhecera. Ou será que sim? Com uma das mãos, ele afastou o cabelo do rosto do

morto. Vira aquelas feições numa foto, nos registros de admissão de Rapture. Funcionário da manutenção.

– O cara tentou quebrar minha cabeça com uma chave-inglesa – disse ele, quando Ivan Karlosky aproximou-se.

– Ouvi você atirar. Mas errou.

– Não tive tempo de mirar. Viu alguém do outro lado do cais?

– Fugindo! Não deu pra ver quem!

– Já vi o arquivo desse aqui. Não me lembro do nome.

– Mickael Lasko. Ucraniano! Tudo filho da mãe, ucranianos! Lasko, ele trabalhava na manutenção, depois fazia alguma coisa pra Peach Wilkins. Ouvi num bar, talvez ele soubesse sobre contrabando; então o segui essa manhã. O maldito me despistou no labirinto das docas. Tem umas passagens secretas lá.

– Parece que esse ucraniano filho da mãe queria dar um jeito em mim...

Tremendo devido ao frio causado pelas roupas encharcadas, Sullivan percorreu os bolsos do defunto, encontrando um envelope cheio de dólares de Rapture; em outro bolso, um caderninho. Abriu-o. Continha uma lista, borrada por causa da água. Ele leu em voz alta:

> *Bíblias: 7 vendidas*
> *Cocaína: 2 g vendidos*
> *Bebida: 7 litros*
> *Cartas saídas: 3, a 70 RD[1] cada*

– Parece que estava contrabandeando – disse Karlosky.

Sullivan balançou a cabeça.

– Parece que Fontaine ou Wilkins não têm muito respeito por mim. Como se julgassem que eu acreditaria que este cara está por trás de tudo. Ele não guardaria um caderno listando cocaína e

Bíblias. Duvido que soubesse escrever as palavras. O envelope com o dinheiro dentro era o pagamento pra esse cabeça de bagre tentar acabar comigo. Tudo bem para eles se ele fosse morto. Faz parecer que era o fim do contrabandista, tirando a culpa deles...

Sullivan jogou o envelope para Karlosky.

– Pode ficar com isso, por ter salvo a minha vida. Venha, vou mandar alguém pegar esse imbecil. – Partiram para a rampa, na pressa de alcançar melhor iluminação. – Droga, odeio andar com água do mar nas calças. Fica raspando no saco, caramba... Vamos beber alguma coisa. Te pago uma vodka.

– Vodka é bom pra tirar cheiro de peixe podre! E pra cheiro de ucraniano morto, melhor ainda!

Um laboratório trancado, Rapture

1953

– Absurdo, Tenenbaum! – zombou o Dr. Suchong, caminhando ao lado de Frank Fontaine e Brigid Tenenbaum.

– Essa descoberta é muito boa – Tenenbaum retrucou, confiante. Ela parecia fervilhar com contida animação. – Sr. Fontaine, você verá!

O trato de Frank Fontaine com o Dr. Suchong e Brigid Tenenbaum ainda não dera resultados. Talvez, pensava ele, enquanto acompanhava os cientistas ao laboratório, aquele seria o dia em que os dados jogados mostrariam números de sorte. A excitação de Tenenbaum – que ela quase nunca demonstrava – parecia indicar que trombara em algo explosivo.

A moça os levou até um homem sedado metido num avental hospitalar, deitado numa maca almofadada, na mais secreta câmara

interior do complexo laboratorial. Observou o homem inconsciente com frieza analítica ao falar:

– Alemães; só sabem falar de olhos azuis e formato de testa. Tudo o que me importa é por que este nasceu forte e o outro, fraco; este esperto, aquele burro. Com toda a matança, você pensa que os alemães estavam interessados em algo útil? Hoje acredito que encontramos algo de grande utilidade...

O homem adormecido sobre a maca estava preso a ela por fivelas de couro. Tinha aparência bastante comum, altura mediana, cabelos castanhos, pele manchada. Fontaine o vira jogando pôquer no McDonagh, o Lutador – era Willy Brougham. Na mesa branca de metal ao lado dele, havia uma seringa enorme com um espesso líquido vermelho. Ocupando a maior parte de uma estante atrás da mesa, um aquário de cinco litros borbulhava com água do mar. Imerso no tanque, pulsando de maneira repugnante sobre uma cama de areia, jazia uma das lesmas maravilhosas de Tenenbaum. Media cerca de vinte centímetros e tinha uma armadura primitiva protegendo as beiradas. A pele tinha estrias e rugas; sobre a corcova, placas azuis brilhavam feito brasa morna. No fim do corpo alongado, havia dentes irregulares; um rabinho em forma de cone completava a outra extremidade.

– Essa Tenenbaum, ela acredita que genes respondem a tudo. Suchong acha genes importantes, mas o controle da mente dos sujeitos, condicionamento de sinapses, essas coisas são mais importantes! Quem as controla, controla tudo!

– Gostei disso – Fontaine falou. – Condicionamento é algo que me interessa muito. Li sobre isso numa revista. Os nazistas faziam experimentos nessa área...

Tenenbaum pigarreou e disse:

– Agora, esse homem, Brougham, está ferido. Vou mostrar o ferimento. – Ela ergueu o avental do homem sobre a maca, e Fontaine retraiu-se ao ver o rasgo nojento e enrugado na carne do doente, de pouco mais de quinze centímetros, atropeladamente enfaixado, logo acima da virilha. – Ele tentou usar arpão de pesca para roubar peixe dos tanques de pesca! Os homens do Ryan o pegaram, rasgaram-no com seu próprio arpão. Agora, extraímos material especial das lesmas. Purificamos. Esse material é feito de células-tronco especiais. Instáveis. Altamente adaptáveis. Por favor, observe.

Ela pegou a seringa e enfiou na carne do homem, pouco acima da virilha. Brougham arqueou as costas; seu corpo reagia, mas ele não despertou. Fontaine retraiu-se ao ver a agulha de oito centímetros penetrando fundo nas entranhas do homem.

– Agora – ela disse –, observe o ferimento.

Fontaine olhou. E nada aconteceu.

– Há! – disse o Dr. Suchong. – Talvez não funcione desta vez. E sua grande teoria: *puff*, Tenenbaum!

Nesse momento, a pele em volta do ferimento se contorceu, ficou vermelha, e a carne serrada dentro do machucado pareceu colar-se até se fechar por completo. Depois de um minuto, restou somente uma vaga cicatriz. Fora curado bem ali na frente deles.

– Deus do céu! – disse Fontaine.

– Chamo de ADAM – disse Brigid Tenenbaum. – Porque a partir de Adão, no mito, foi concedida a vida à humanidade. Isso também concede vida: destrói células danificadas, substitui por novas. É transferido por plasmids, material genético instável. Agora, células-tronco podem ser manipuladas, ter genes modificados! Podemos fazer delas o que quisermos. Se consigo fazer isso, cura

instantânea, o que mais posso fazer? Transformar um homem, uma mulher? Em quê? Muitas coisas! Possibilidades infinitas!

Suchong mordiscava um dedo, fitando a cobaia humana. Depois, apontou:

– Está vendo ali? Na cabeça, umas lesões!

Ela deu de ombros.

– Quase invisíveis. Pequenos efeitos colaterais...

– Alguns podem ter muito mais! Aquele homem das mãos miraculosas, ele se comporta de um jeito meio estranho, agora. E tem umas marcas estranhas nos braços. Parece câncer! Crescimento celular descontrolado!

– Então, essa é a chave – Fontaine refletiu. – Essa história de células-tronco e esse... esse ADAM? Pode usar pra mudar coisas numa pessoa, dar-lhe habilidades especiais, como discutimos?

– Precisamente! – ela disse, orgulhosa.

Fontaine sabia que a cientista respondia para ele, embora ela nunca o encarasse. Chegava a virar o rosto em sua direção, mas os olhos estavam sempre fixos em algum ponto sobre seu ombro esquerdo, como se conversasse com uma pessoa invisível que vivia atrás dele.

– Crescer cabelo, criar peitorais maiores, músculos maiores, seios maiores para as mulheres, cérebros maiores para os intelectuais...

– Tudo é possível com ADAM!

– Humpf – disse Suchong. – Não diz para ele que ADAM tem que ser constantemente reenergizado.

– Não é problema, Dr. Suchong! – disse Tenenbaum, auscultando o coração de Brougham com o estetoscópio. – Tenho projeto para um energizador: chamaremos de EVE! – Ela franziu o cenho. – Mas a lesma marinha é capaz de produzir quantidade limitada de ADAM

e EVE. Essas lesmas marinhas... acreditamos que são, também, parasitas. Encontramos em tubarões, outras criaturas. Talvez possam ser grudadas em seres humanos. Uma pessoa poderia tornar-se uma fábrica de ADAM. Então, teremos mais ADAM para experimentos. – A cientista coçou o cabelo sujo, pensativa. – Trabalhando com mentor, tudo o que pensava era como encontrar maior poder nos homens! Criá-los, transformá-los! Trabalhando ao lado dele, eu só pensava em outro pesquisador. Um maior! Rá-rá!

Foi a primeira vez que Fontaine ouviu a cientista rindo – um som trincado, quase inumano.

– Então, esse ADAM – Fontaine prosseguiu, fitando a pele curada do homem sedado. – Se conseguir lesmas marinhas suficientes, talvez algumas pessoas para servirem do que chamaríamos de “hospedeiros”... Poderia produzir essa coisa em massa?

Ela assentiu para a pessoa imaginária que vivia atrás dele.

– Com o tempo, sim.

– Mas... – o Dr. Suchong meneava a cabeça. – Suchong acredita, ADAM pode ser viciante! Meu estudo de seres humanos mostra que qualquer coisa que crie mudança fácil nas pessoas, as pessoas rápido ficam viciadas! O homem se sente mal, toma uma bebida de álcool, muito rápido se sente um pouco melhor: ele fica viciado no álcool! Mesma coisa ópio! Talvez mesma coisa ADAM, resultado rápido no homem: vício! Organismo desenvolve necessidade. Suchong observa agitação nesse homem que Tenenbaum encontrou na doca. Às vezes ele fica... Como se fala mesmo? Fica “alto”!

Viciante? Melhor ainda. Fontaine pensou no tempo, no risco e no gasto para importar papoula de Kandahar.

Sim. Dava para sentir. A dedicação que tivera com Suchong e Tenenbaum estava dando frutos.

– Continuem nesse caminho – ele disse, ansioso. – Compensarei a ambos pelo trabalho; por todos os trabalhos!

Pavilhão médico

1953

Sentado, pensativo, na mesa de seu escritório no pavilhão médico, o Dr. J. S. Steinman sentia-se entediado, cansado de lutar contra seus impulsos. E somente então começou a compreender por que viera a Rapture.

Steinman tirou um cigarro do estojo sobre a mesa coral, acendeu-o com um isqueiro prateado em forma de nariz humano e levantou-se para abrir as cortinas que cobriam a escotilha do escritório, para poder vislumbrar o oceano – algas e gorgônias ondulando ao sabor da corrente. Tanta paz tinha esse visual. Nada a ver com Nova York. Tudo sempre tão agitado na Big Apple. Pessoas interferindo umas com as outras.

Era da condenação implícita que ele se ressentia, o julgamento mesquinho de sua grandeza. Como poderia explicar como era buscar o planeta Vênus, na esperança de transformá-lo em seu relógio de bolso? Como poderia explicar que ele era, às vezes, visitado pela deusa Afrodite? Ouvira a voz da deusa com tamanha clareza...

– *Meu querido Dr. Steinman* – disse Afrodite. – *Criar como os deuses é tornar-se um deles. Somente um deus pode desenhar um rosto? Você o fez várias vezes, tomou o que antes era informe e tornou-o requintado; tomou o medíocre e tornou-o maravilhoso. Mas em cada rosto de homens e mulheres, um segredo está escondido.*

A perfeição perdida, mascarada. Sob a face de uma mulher que pessoas baixas e vulgares consideram "bonita", existe outra face, a face perfeita, o ideal platônico, escondido sob a beleza superficial. Se você puder libertar a face perfeita da quase perfeita, tornar-se-á um deus. O que importa mais do que a beleza? Fui eu, a própria Afrodite, quem inspirou Keats, o poeta. A verdade é a beleza; a beleza é a verdade! A simetria escondida abaixo da feia irregularidade da realidade superficial. E aqui surge o paradoxo: somente passando pelo portão negro do caos, através do vale das sombras da famosa "feiura", termina-se a busca finalmente e a perfeição escondida é encontrada!

Ah, como a deusa o excitara! Sim, era verdade que ele ouvira sua voz depois de usar cocaína e éter, revezando, na verdade, mas não fora mera alucinação. Estava certo disso.

Então, quando Ryan o abordou, dizendo que seria necessário ter cirurgiões inovadores em Rapture, ele ouviu Afrodite sussurrando para ele mais uma vez:

– *Veja só! Esta é a chance, esta é a oportunidade, aqui está o reino secreto com o qual sonhara, no qual poderá, finalmente, desenterrar a perfeição! Um refúgio onde os escarnecedores quadrados não poderão encontrá-lo!*

Steinman soprou uma pluma de fumaça azul para o respiradouro do teto e virou-se, para ver-se no espelho do escritório. Sabia muito bem que era um homem "bonito". Queixo elegante, belas orelhas, olhos escuros, bigode discreto e perfeitamente cortado...

E, no entanto, havia outro rosto embaixo daquele, esperando para sair. Ousaria ele encontrar seu próprio rosto perfeito? Poderia operar a própria face, talvez usando um espelho? Poderia?

– Doutor? A Srta. Pleasance está acordando.

O médico olhou para a porta, onde sua assistente o esperava: era a Srta. Chavez, uma porto-riquenha baixinha e bonita, com uniforme branco, sapatos brancos e boné de enfermeira. Não pareceu surpresa ao encontrá-lo fitando o espelho.

Chavez era uma criaturazinha de rosto em forma de coração, e lábios de cupido. Estaria o rosto perfeito por baixo das feições da Srta. Chavez? Suponhamos que ele reduzisse os músculos pterigoides pela metade, depois distendesse duplamente o músculo temporal, e talvez bifurcasse as pálpebras...

Mas cada coisa a seu tempo.

– Ah, sim, vá na frente e comece a desenfaixar o rosto dela, Srta. Chavez; já estou indo.

A Srta. Sylvia Pleasance era noiva de Ronald Greavy, filho de Ruben Greavy, que trabalhava lado a lado com Ryan. Era uma família influente de Rapture.

Deitou a guimba do cigarro no cinzeiro em forma de concha sobre a mesa e caminhou pelo corredor. Esticada na sala de recuperação, a Srta. Pleasance vestia camisola e meias. Estava coberta com um modesto lençol. Veja só esses bracinhos gordos. Uma pena não poder cortar esses bracinhos gordos e reduzi-los. Talvez até os ossos. Podia até expor os ossos em algumas partes. Como uma joia de marfim.

A enfermeira Chavez levantara a porção superior da cama da paciente para um ângulo de 45 graus e começava a desenrolar as bandagens. Por entre as frestas do embrulho facial *a la* múmia, a Srta. Pleasance fitava o médico com os olhos verdes escancarados num misto de medo e ansiedade. O cabelo ruivo derramava-se quase estilosamente sobre a lateral das faixas. Ele pensou, mais uma vez, que havia certo valor em deixar as bandagens ali... Talvez

para sempre. Ver-se-iam somente o cabelo e os olhos – e o mistério. Como uma múmia.

O rosto de Sylvia Pleasance foi lentamente revelado. A enfermeira suspirou.

E juntou as mãos, efusiva.

– Ela não está adorável, doutor? Fez um trabalho incrível!

Resignado, o médico suspirou: realmente. Tudo muito adorável. Não fizera nada de experimental com aquela mulher. Estava tentando não fazer nada incomum no consultório novo. Basta dar-lhes o que querem. Mas era difícil. A tentação era forte demais...

A moça ganhara um rosto delicadamente esculpido e convencionalmente atrativo, com covinhas nas bochechas pálidas e uma covinha, para combinar, no queixo. Era uma visão redonda e doce, sem os detalhes grosseiros, indesejados. O noivo provavelmente ficaria satisfeito. Ela estava parecendo uma Shirley Temple adulta. Que tedioso. Mas a tal Pleasance teve um acesso graças ao próprio reflexo, quando a enfermeira lhe passou o espelho de mão.

– Oh, doutor! Está perfeito! Deus o abençoe!

– Sim, sim – murmurou ele, aproximando-se; tomou-lhe o queixo, virou-lhe a cabeça de um lado para o outro, observando-a sob a luz da lâmpada pendente. – Sim, apenas não posso furtar-me da sensação de que há mais, muito mais, a ser feito. Existe perfeição espreitando por baixo dessa pequena máscara bonita!

– O quê? – a paciente parecia assustada. Ela se retraiu e afastou-se do médico. – Eu... – Com o cenho franzido, mirou-se novamente no espelho de mão. Virou o rosto para lá e para cá. – Não! Isto é o que eu queria! Exatamente! Estou abismada por ter conseguido! Não mudaria nada, doutor!

Ele deu de ombros.

– Como quiser. Só que acho... – E pensou consigo mesmo: *Se eu pudesse apenas cortar meio centímetro do nariz... e depois talvez estreitar a testa, remover inteiramente o* orbicularis oculi...

Porém, em voz alta, disse:

– Fico tão feliz que esteja satisfeita com o resultado. Leve-a e deixe-a vestir-se, enfermeira, liberte-a para o noivo, e eu, hum... – O médico girou nos calcanhares, meio perdido, como se entrasse num sonho, e voltou para o escritório.

Instrumentos cirúrgicos são tão limitados. Se ao menos houvesse um jeito de transformar as pessoas ainda a nível celular. Se pudéssemos esculpir pessoas geneticamente; se ao menos um artista cirurgião pudesse alcançar a essência mesma de uma pessoa, transformar o paciente de dentro para fora... Como Deus o faria.

Como Afrodite queria que ele fizesse.

Pescados Fontaine

1953

Era tarde. O escritório de Fontaine estava fechado, as cortinas, estendidas. Reggie estava lá fora, em algum lugar, fazendo vigília. Fontaine e Tenenbaum estavam sozinhos no escritório do pesqueiro, sentados num confortável sofá. Brigid Tenenbaum estava deitada, vestindo roupa íntima e escarpins. Fontaine inclinava-se sobre ela, meio sentado na beirada, as mãos entrelaçadas nas dela. Ao lado do casal, no chão, jazia uma garrafa vazia de vinho Worley e duas taças. Fontaine vestia somente as cuecas e uma camiseta. Suas roupas estavam cuidadosamente dobradas sobre uma cadeira, atrás de sua mesa, do outro lado da sala.

A cientista parecia assustada, entretanto; ele podia captar ansiedade nos olhos dela sempre que ela o encarava e, como sempre, desviava o olhar imediatamente.

– Você parece meio assustada – ele disse. – Tem certeza de que quer fazer isso?

– Eu não gosto de ser tocada – ela respondeu. – Mas preciso, quando me vêm as sensações de desejo. Sonho com um homem que simplesmente me tome. Fingirei que vou resistir. Mas será mentira. Devo lutar um pouco. Só consigo fazer desse jeito...

– Bom, menina – disse ele, usando sua “voz tranquilizadora” –, veio ao lugar certo. – A moça se arrumara direito e passara um pouco de perfume, parecia até ter limpado as manchas de cigarro dos dentes. – Então isso é algo que você não fez, exatamente, mas imaginou? – ele perguntou.

– Sim. Tenho medo do toque. Mas *devo* ser tocada...

– É o que se pode chamar de contradição. Você é assim?

– Talvez. Agora, por favor, ponha a venda em mim.

– Ah, sim. – O homem tirou uma venda preta do bolso e a amarrou sobre os olhos de Brigid. – Pronto. Não pode mais me ver.

– Não. Agora que não posso mais ver você, pode me tocar se puder conter meus braços...

Fontaine forçou os braços dela para trás, pelos pulsos, levando-os até as laterais de sua cabeça, e esticou-se sobre ela, beijando-lhe os lábios. Ela tentou libertar-se, mas não com muita convicção.

– Apenas lembre-se – disse ele enquanto cumpria sua função, divertindo-se mais do que pensava que faria –, quer que eu faça do seu jeito? Então você faz do meu. Vai trabalhar exclusivamente para mim.

Ryan Entretenimentos

1953

Bill McDonagh sentia-se meio bobo andando no brinquedo Jornada à Superfície sozinho. Era feito para as crianças de Rapture, de fato, para “satisfazer a curiosidade” sobre o mundo da superfície. Em tese. Em poucos anos, seu filho desejaria andar num brinquedo do único parque de diversões de Rapture. Bill gostaria de saber, de antemão, se o que ouvira falar sobre a atração era verdade. Se fosse, o brinquedo, sem dúvida, deixaria Elaine chateada.

Ele estivera no local anteriormente, fazendo trabalho de manutenção, mas não entrara no brinquedo. Agora comprara ingresso e tudo.

Subiu no carrinho – que simulava uma batisfera aberta – e se sentou. Ele entrou em movimento e foi rangendo sobre os trilhos, para dentro do túnel.

O carro passou lentamente por um manequim animatrônico de Andrew Ryan, sentando em sua mesa, com aparência quase paternal. O manequim se mexia e gesticulava de um jeito meio espasmódico, “dizendo”:

– *Ah, olá! Meu nome é Andrew Ryan, e eu construí a cidade de Rapture para crianças como você, porque o mundo acima se tornou impróprio para nós. Mas aqui, sob o oceano, é natural imaginar se o perigo já passou...*

– Caramba – Bill murmurou. O Ryan-robô era de dar medo.

Em seguida, o carrinho avançou para perto do quadro mecânico que informava sobre o regime de impostos do mundo da superfície. No alto, à esquerda, havia uma casa de fazenda, em frente à qual um fazendeiro lavrava a terra, com a esposa e o filho felizes atrás de si, mas então uma mão gigante – realmente gigantesca – entrou

esmagando no quadro, de cima para baixo. A partir do pulso, notava-se a manga de um terno do tipo usado por um burocrata. A mão agarrou o teto da casinha e a esmagou no ar. O homem das taxas tomava tudo aquilo que o homem conseguira com trabalho. O fazendeiro animatrônico desabou, desesperado.

– *Na superfície* – disse a voz grave de Andrew Ryan, explodindo do auto-falantes escondidos –, *o fazendeiro lavra o solo, trocando a força de seu braço por uma terra que seja sua propriedade. Mas os parasitas dizem "Não! O que é seu é nosso! Somos o Estado, somos Deus; demandamos nossa parte!".*

– Ah, meu Deus – Bill disse, fitando a mão gigante. Aterradora, como se pertencesse a um Jeová burocrata, ela prosseguiu, inexorável, para o quadro seguinte, conforme o percurso continuava. Um cientista animado fazia uma descoberta gloriosa em seu laboratório, elevava-se num pedestal, triunfante, e depois era esmagado pela mão gigante.

– *Na superfície, o cientista investe o poder de sua mente numa única ideia miraculosa e naturalmente começa a se destacar de seus colegas. Mas os parasitas dizem "Não! Descobertas devem ser regulamentadas! Devem ser controladas e, enfim, rendidas!".*

Essa aí deve deixar Suchong e seus colegas felizes, Bill supôs.

O quadro seguinte mostrava um artista pintando com exaltada inspiração, antes que a mão gigante viesse e lhe suprimisse a liberdade, como anteriormente.

O quadro final era o mais assustador de todos. Uma criança assistia à TV alegremente com sua família. Então, a voz divina de Ryan avisou:

– *Na superfície, seus pais buscavam privacidade; usando seus grandes talentos para sustentar você, aprenderam a manejar as*

mentiras da Igreja e do governo, acreditando serem mestres do sistema. Mas os parasitas dizem "Não! A criança tem um dever! Ela irá para a guerra e morrerá pela nação!".

Então, a mão gigante desceu, atravessou a parede e arrastou a criança para dentro da escuridão... para a morte.

Bill balançou a cabeça. Tratava-se apenas de assustar as crianças, julgou ele. Ouvira dizer que Sofia Lamb, assim que chegara, dera tal sugestão a Ryan: um "brinquedo de parque de diversões" que funcionasse como uma espécie de terapia de aversão, uma forma de imprimir nas crianças uma repulsa ao mundo da superfície, e o compromisso resultante com a única alternativa: Rapture.

Entre os grandes quadros, "Ryans" animados apareciam, palestrando, intimidando, avisando as crianças sobre os horrores do mundo da superfície.

Quando o passeio chegou ao fim, Bill ouviu tocar uma canção de Cohen chamada "Erga-se, Rapture, erga-se".

Ah, avante, Rapture, avante!
Para o céu, orações vamos enviar!
Ah, avante, Rapture, avante!
Com suas asas, nossos sonhos vão voar!
Uma cidade no fundo do oceano
Uma promessa a cumprir a cada ano
Para, corajosos, vermos nosso prêmio chegar!
Então, avante, avante, avante!
Ah, avante, Rapture, avante!
Cantamos felizes, para você, avante.
Ah, avante, Rapture, avante!
Que nos ajude a esmagar os parasitas de antes...

Bill suspirou. Faria tudo o que pudesse para manter Elaine longe daquilo. Ela não compreenderia. Tinha dúvidas quanto à cidade, e isso somente as reafirmaria. Não importa o que acontecesse, estavam comprometidos com Rapture e Andrew Ryan. Não estavam?

Dionysus Park, Rapture

1954

– Como pode uma casa dividida manter-se em pé, Simon? – Sofia Lamb perguntou gentilmente, sentada no jardim esculpido de Dionysus Park. Simon Wales sentava-se ao lado dela no banco de coral cravejado, fumando um cachimbo, com expressão inquieta; Margie e diversos seguidores de Sofia espalhavam fertilizante feito à base de vísceras de peixe sobre as plantas do outro lado da galeria de esculturas do parque. À frente do casal, um exemplo de “arte inconsciente” era exibido: uma escultura, criada por um dos seguidores da médica, representando um polvo contorcionista. A criatura, porém, exibia um rosto humano estranhamente similar ao de Andrew Ryan. – Rapture foi projetada para o conflito, para a competição, mas esta maravilha de comunidade pode sobreviver a tal divisão embutida nela? Precisamos de unidade para que Rapture progrida! E isso significa um conceito de comunhão, não de competição.

Simon olhava para os lados, nervoso.

– De fato, você não deveria usar esse tipo de... Bem, Ryan consideraria isso como propaganda comunista. Pode ser perigoso. Estão construindo outro centro de detenção, e estou sentindo que Ryan o deseje para, ah, pessoas que falam sobre minar sua visão de mestre.

Sofia deu de ombros.

– Se eu tiver que ir para a prisão, que seja. As pessoas precisam de mim! Mais estão vindo a cada dia, Simon! A visão de totalidade está tomando conta! Rapture deve ser uma sociedade única, não um organismo social esquizofrênico fadado a lutar contra si mesmo para sempre. Veja o que tem acontecido: pessoas forçadas à prostituição, vivendo às custas umas das outras. Como isso pode ser melhor do que o mundo da superfície?

– Se ele suspeitar do que está fazendo...

Sofia riu.

– Está convencido de que estou no time dele. Aconselhei-o sobre como desenvolver aquele parque de diversões para treinamento infantil... É absurdo, na verdade; duvido que faça qualquer coisa além de assustar crianças, mas ele acredita que as treinará para aceitar Rapture. Dei-lhe um relatório editado com todas as minhas... – A médica olhou para o outro. – Posso confiar em você, não, Simon?

Ele a fitou com uma expressão de espanto e engoliu em seco.

– Mas é lógico! Como pode duvidar? Sabe como me sinto...

– Mãe, olha! – disse Eleanor, serelepe. Sofia olhou para a filha pequena, com somente três anos, em seu vestido rosa, arrastando um dos audiodiários atrás de si. – Vou brincar com o Sr. Diário que você me deu!

Sofia assentiu.

– Ótimo, meu amor!

Falando mais baixo, Simon perguntou:

– Não acha que está na hora de ela ter contato com outras crianças, doutora?

– Hum? Não. Não, estão todas sob a influência do paradigma venenoso de Andrew Ryan. Vou mantê-la bem aqui, treiná-la na segurança do confinamento, fazer dela um modelo para a sociedade que está por vir...

– E... – ele pigarreou. – O que aconteceu com o pai dela?

– Ah, quanto a isso, é uma questão pessoal.

Eleanor sentou-se na grama e pôs-se a conversar com o gravador, como se fosse um amigo; empunhava uma pequena chave de fenda.

– Olá, Sr. Diário. Vamos brincar? – Ela imitou a voz do aparelho: – "Na verdade, estou um tanto ocupado agora, Srta. Eleanor. Talvez mais tarde". Ah, então tá bom! Mas se importa se eu desmontar você enquanto espero? Prometo arrumar depois! "Espere! Não pode fazer issoooo... nããão... espeeeere, espere, Eleanor..."

Para a surpresa de Sofia, Eleanor começou a esfaquear o gravador, partindo-o em pedaços com a chave de fenda.

10

Complexo laboratorial

1954

– Alguns efeitos do plasmid provaram ser mais difíceis do que o esperado – disse Brigid Tenenbaum, guiando Fontaine ao longo de um corredor.

Suchong surgiu por uma porta aberta e gesticulou aos dois, para que viessem.

– Suchong está pronto agora para demonstração!

Sentindo-se um pouco enjoado, mas determinado a ver aquilo até o fim, Fontaine seguiu Tenenbaum até a sala de experiências do laboratório.

Quando entraram, ele viu tratar-se do mesmo sujeito usado na última vez, o Brougham. Mas ele estava acordado, embora não por completo. Tinha os olhos abertos, muito agitados.

Estavam no laboratório três da Futurismos Fontaine – uma sala quase nua a não ser por um armário, uma mesa de instrumentação de aço escovado e uma maca de exame equipada com fivelas. O metal das paredes era texturizado por ferrugem e rebites; a sala cheirava a antissépticos e água do mar – dava para ouvi-la pingando entre as paredes. Uma lâmpada elétrica solitária brilhava no centro do teto. O piso era coberto pelo por um fino carpete de borracha.

– Vocês não ligam para detalhes, não? – Fontaine comentou. – Talvez uma decoraçãozinha...

– Acrescentaremos mais equipamento depois – disse o Dr. Suchong, inclinado sobre a mesa. – Decoração é supérflua. – Ele escolheu uma seringa e pôs-se a drenar um fluido azul brilhante de um béquer. O homem sobre a mesa olhou para a seringa com um olhar assustado, contorceu-se e gemeu baixinho.

– Com o tempo, Suchong vai acrescentar computadores e outros aparelhos.

– Computadores? – Fontaine perguntou. – Que é um computador?

– Como uma máquina de somar – disse Suchong, espalhando álcool no ombro de Brougham. – Mas mais rápido, mais esperto. O Sr. Ryan tem projetos. Podemos levar para Futurismos Fontaine. Agora, a solução que chamamos de EVE ativará o ADAM que já incorporamos nele.

Ele injetou EVE no ombro de Brougham. O homem atado à mesa grunhiu e tentou afastar-se. Suchong pressionou o êmbolo da seringa, sem a menor comoção.

– Estamos prontos – disse. – Favor se afastar do sujeito.

Os três se afastaram do homem sobre a mesa de exame, até chegarem perto da porta. O “sujeito” murmurava para si mesmo, tremendo visivelmente dentro das fivelas de couro. Contorceu-se. Chacoalhou-se. Até que o chacoalhar tornou-se convulsão. Ele guinchou, arqueou as costas, seus ossos crepitaram em alto e bom som. Fontaine receou que o homem fosse quebrar a própria espinha.

– Tá saindo de mim, tá saindo de mim, tá saindo de miiiiiim! – gritou Brougham.

Então ouviram um chiado, sentiram cheiro de ozônio e carne humana queimada, e um arco azul de eletricidade emergiu das

mãos presas do homem, rastejou pelos braços até a cabeça, crepitou por alguns segundos e disparou para a lâmpada acima, que explodiu e se apagou.

A sala ficou escura. Negra feito o fosso do inferno.

– Mas que diabos! – Fontaine exclamou.

Como se o próprio diabo lhe respondesse, um fulgor azul-avermelhado surgiu novamente, ainda mais brilhante, iluminando a sala.

O recinto ganhava e perdia visibilidade, e das mãos de Brougham levantavam-se grandes e gordas faíscas, que escureciam as paredes. A única fonte de luz era o brilho misterioso gerado pelo homem sobre a mesa. Um silvo percorria a sala. O brilho nos olhos do homem começou a pulsar.

Fontaine balançava a cabeça, começando a reavaliar no que estava se metendo. Ocorreu-lhe que deveria ter trazido Reggie consigo, talvez Lance também.

– Doutor! – Tenenbaum gritou. – O tranquilizante!

Fontaine percebeu, finalmente, que Suchong tinha algo preparado na mão – era semelhante a um revólver, mas quando foi disparado contra o homem, fez um barulho delicado de cuspe, e não houve explosão de pólvora. O homem ganiu, e Fontaine viu que um tipo de dardo fora atirado no quadril do sujeito, onde era sacudido por seus movimentos.

Eles foram se acalmando, e a luz abrandou-se conforme o brilho elétrico baixou.

– Percebe? – perguntou Suchong. – Quando a mente desliga, seu poder também desliga...

– Devíamos ter isolado a lâmpada – disse Tenenbaum, voltando-se para abrir a porta, enquanto o brilho elétrico proferia seu último

suspiro.

A luz vinda do corredor iluminou a câmara indiretamente e os três se aproximaram de Brougham, que parecia ter voltado à inconsciência, embora movesse a cabeça suavemente de um lado para o outro.

O sujeito não demonstrava ter sido prejudicado, para surpresa de Fontaine, embora o avental estivesse reduzido a filamentos chamuscados.

– Ele deveria ter se queimado, não? Com toda aquela eletricidade atirando pra todo lado? Talvez esteja todo queimado por dentro?

Tenenbaum meneou a cabeça ao examinar o sujeito, tomando-lhe o pulso.

– Não. Não está queimado. Isso faz parte do fenômeno do plasmid. Ele emana eletricidade, mas não é ferido por ela. Não exatamente...

– Então qual é o uso prático dessa coisa? – Fontaine inquiriu. – Como vamos ganhar dinheiro com isso?

Tenenbaum deu de ombros.

– Pode ser usado para acionar motores, galvanizar equipamentos que estão sem energia, sim?

Vendo mais de perto, Fontaine enxergou uma marca em Brougham – em volta dos olhos. Não exatamente uma cicatriz; algo mais parecido com um engrossamento da pele, uma brotoeja cancerígena cruzando-lhe o rosto. Irradiava-se para fora, a partir dos olhos, uma caprichosa máscara de tecido vermelho aglomerado.

– Percebe o tecido estranho – disse o Dr. Suchong, assentindo com a cabeça. – Não parece ser... letal. Mas é curioso. Alguns sujeitos apresentam mais do que outros.

– Alguns? Quantos caras como esse vocês têm?

– Poucos ainda vivos. Venha, por aqui.

O cientista indicou o caminho, saindo da sala. Fontaine ficou feliz por deixar o local. Poderia ter se queimado durante a demonstração.

– Então, o que acabamos de ver? Aquilo era um plasmid, certo? – E acrescentou, admirado: – Relâmpagos saindo de um homem!

O Dr. Suchong parou em meio ao árido corredor de metal sob uma luz direta amarelada e passou a esfregar uma mão na outra. Fontaine e Tenenbaum detiveram-se junto a ele; estavam todos um pouco abalados. Fontaine espiou, por uma porta aberta, dentro de um pequeno laboratório desordenado, onde uma das desconhecidas lesmas marinhas enroscava-se num aquário borbulhante sobre uma mesa repleta de tubos cheios de fluido.

– Suchong está muito impressionado com possibilidades do plasmid! Poderosa carga elétrica, drenada da atmosfera, pode ser usada para ativar máquinas, ou para atacar inimigos! Talvez para autodefesa contra tubarões, quando nossos operários trabalham no mar! Esse Brougham, ele não sabe controlar. Mas logo Suchong desenvolverá comunicação entre células-tronco e sistema nervoso! Em breve, a pessoa poderá *controlar* esse poder! E outros poderes!

Fontaine notou que sua pulsação acelerava com avultante excitação.

– Que outros poderes?

– Descobrimos genes especiais, podem ser transmutados com aceleração de crescimento, usando ADAM, para que uma pessoa tenha o poder de projetar o frio, assim como Brougham projetou relâmpago! Poder de projetar fogo! Projetar raiva! Fazer as coisas se moverem, somente com o poder da mente!

Fontaine fitou o cientista. *Estava sendo sincero, ou seria tudo uma armação? Suchong estava tentando dar um golpe nele?* Entretanto, ele acabara de ver um exemplo do poder de um plasmid.

– Se isso é sério, ADAM é a grande sacada. E EVE. É incrível demais.

Tenenbaum concordou, vendo a lesma marinha, dentro do aquário, através da porta.

– Sim. A lesminha marinha apareceu e reuniu todas as ideias malucas que eu vinha tendo desde a guerra. Ela pode ressuscitar células, dobrar a dupla hélice, de forma que o negro pode renascer branco, o alto pode ser baixo. O fraco pode tornar-se forte! Mas estamos somente começando. Há mais coisas de que precisamos, Frank. Muito mais.

Fontaine sorriu e piscou para a moça.

– Terá tudo que precisar! Futurismos Fontaine transformará Rapture! Posso sentir nos meus ossos.

Tenenbaum olhou com curiosidade para Fontaine, bem nos olhos. Ele suspeitou que ela pudera fazê-lo somente por estar pensando nele como um *espécime*.

– Verdade? Sente isso nos ossos?

– Não, é só força de expressão. O que quero dizer é que essa história vai longe. E tem que ser apresentada com grandiosidade. Vou comprar um espaço das Indústrias Ryan, e vamos mudar a Futurismos Fontaine para fora desse muquifo, para o local mais bem arquitetado de Rapture! Vai parecer o interior de uma mansão, com muito *déco* e esculturas, para que as pessoas sintam o poder por trás das portas! – Fontaine exultou-se, balançando a cabeça, pensando que estava começando a soar como um... *executivo*.

Não terei que fazer isso por muito tempo, disse ele a si mesmo. *As possibilidades de farsa nesse caso resumem-se a vender uma coisa às pessoas que elas somente pensam querer, até que a possuam. E assim que a possuírem, a coisa as possuirá. Ou seja, terei as pessoas bem na palma da minha mão*.

Suchong olhou de relance para a lesma marinha, e lambeu os lábios. Algo o perturbava.

– Mas, Sr. Fontaine, há um perigo. – O cientista fitou o patrão com gravidade. – Perigo em usar ADAM e desenvolver os plasmids. Deve saber antes de proceder. Venha comigo. É melhor você ver...

Seguiram por um corredor de paredes de metal, pisoteando com força as tábuas de madeira. O ar naquela ponta cheirava a substâncias químicas *in natura* e suor humano coalhado. Pararam em frente a uma porta na qual estava escrito

ESTUDOS ESPECIAIS: NÃO ENTRE.

Suchong levou a mão à maçaneta.

– Talvez não devêssemos entrar! – disse Tenenbaum de súbito, sem olhar para nenhum dos outros dois, segurando a porta com a palma da mão. Encarava a porta fechada.

– Por quê? – perguntou Fontaine, imaginando que planejavam trancafiá-lo lá dentro. Ocorrera-lhe que talvez devesse ter cuidado ao lidar com cientistas que amarram pessoas a mesas e lhes injetam qualquer coisa.

– É perigoso lá dentro, talvez infectado...

Fontaine hesitou. Mas tomou a decisão.

– Não pode haver parte alguma disso de que não saiba. É tudo da minha conta.

Ele queria os plasmids, queria muito. Mas precisava saber quais seriam os riscos. Se fosse algo que o exporia demais...

A cientista assentiu e deu um passo atrás. Suchong abriu a porta. Imediatamente, um cheiro incomum e perturbador emanou de dentro da sala. Era o cheiro que Fontaine esperava sentir caso visse um cérebro humano exposto graças a um tampo de crânio serrado.

Seu estômago revirou. Ainda assim, seguiu o Dr. Suchong, dando um passo, somente um, para dentro da sala.

– Tentamos misturar alguns genes de criaturas marítimas com humanos – Suchong dizia. – Dar ao homem os poderes dos animais. Mas... – A doentia e mofada câmara retangular tinha cerca de dez por nove metros, mas parecia ser menor devido ao amontoado ondulante da coisa que a ocupava. Grudada às paredes opostas a Fontaine havia uma coisa espécie devia ter sido humana algum dia. Era como se alguém tivesse pego carne humana e a tornado maleável feito argila – carne e ossos elásticos –, para depois aplicá-la, feito reboco, às paredes. Coberta de suor, a massa de carne humana parecia simplesmente grudada ali, espalhada sobre duas paredes e o canto entre elas. Um rosto inchado murmurava consigo mesmo, no centro da criatura, perto do teto; diversos órgãos humanos estavam expostos, inclusive coração e rins, desfalecidos, porém palpitantes; pendendo de fendas de bordas cheias de crostas, feito cortes de carne bovina num açougue, estavam os grandes membros da criatura.

– Que diabos! – Fontaine soltou.

O bico da coisa clicou e murmurou, em resposta.

Fontaine deu meia volta e saiu correndo da sala. Deu cinco passos dentro do corredor e, sentindo-se tonto, com ânsia de vômito, parou às cambaleadas, apoiando-se no estrado de metal gelado de Rapture.

Sentiu um assomo de alívio quando ouviu a porta da sala de estudos especiais sendo fechada. Tenenbaum e Suchong vieram caminhando atrás dele. O cientista levava as mãos nos bolsos, parecendo achar a cena um tanto divertida. Tenenbaum parecia quase humanamente preocupada com o chefe.

– Então... – Fontaine sentiu gosto de bile na boca. – Vocês têm controle sobre esse processo ou não?

– Agora, temos – disse a moça, fitando, pensativa, a luz amarelada acima. – Sim. Não produziremos mais... desses.

– Então quero que façam algo para mim. Matem essa coisa. Queimem. Não deixem vestígios. Não quero publicidade negativa. Quero mais plasmids como aquele que faz relâmpagos. Mas mais variedade. Mais controláveis, fáceis de empacotar. Coisas que tornem um homem mais esperto, mais forte. Coisas que nos tragam dinheiro. Entendem? *Dinheiro*!

Ryan Entretenimentos, Museu Memorial de Rapture

1954

Stanley Poole encontrava-se na beirada da pequena multidão, esperando a Dra. Lamb começar. Panfletos discretamente distribuídos na estação de manutenção dezessete e em Apollo Square anunciavam uma “Palestra pública gratuita da eminente psiquiatra, Dra. Sofia Lamb, sobre uma nova esperança ao Trabalhador”.

A loura esguia, de pescoço comprido, usando óculos da moda, surgiu em frente ao quadro do museu que representava o *Crescimento de Rapture*, com imagens estilizadas dos operários que trabalharam nas fundações da cidade. A médica olhava para a pequena multidão como uma profetisa; sua expressão benevolente,

condescendente, embora maternal, o sorriso infinitamente sapiente. Ela apertou o botão para acionar o vídeo do quadro do museu. Uma amigável voz masculina entoou:

– *Depois que a plataforma está segura, o trabalho progride em ritmo impressionante. Desenhada para ser a fundação de Rapture, os trabalhadores empenham-se sem parar para criar a metrópole que você vê hoje.*

– Ouviram isso? – A moça juntou as mãos atrás das costas e riu ironicamente, encarando a pequena multidão composta, em geral, por operários de nível inferior que ouviam com atenção, embora Poole notasse que Simon Wales estava lá também. – Esta gravação oferece uma conclusão rápida e compacta sobre Rapture! "Trabalhadores empenham-se sem parar para criar a metrópole!" E na atração *Construindo a Fundação*, logo ali, o que diz a gravação? – a voz dela ganhou uma malícia zombeteira ao recitar: – "Engenheiros trabalham para superar obstáculos como as rochas duras feito diamante, a obstinada vida marinha e as casualidades inesperadas!" Pensem nisso, meus amigos; quanto sofrimento desnecessário aceitamos de bom grado? – Ela balançou a cabeça com expressão triste. – Casualidades inesperadas? Ora, Andrew Ryan as esperava, e como! Ele só não se importava! Muitas vidas foram perdidas na construção de Rapture; essas vidas foram sacrificadas para o "deus" que é o ego humano! O ego de Ryan! O homem comum e a mulher comum de Rapture têm que trabalhar demais e ganham pouco; ficam exaustos. Empenharam-se sem parar para criar esta cidade, mas quanto disso que criaram eles compartilham?

O que Andrew Ryan realmente ofereceu além de papel? Uma coisinha chamada dólar de Rapture... Meros documentos, dinheiro

em papel! Dinheiro para pedinte! É muito pouco! Quem, pergunto eu, realmente é o dono de Rapture? As pessoas que a construíram ou os plutocratas que a controlam? Os muitos ou os poucos? Vocês sabem a resposta!

Boa parte da multidão concordava. Alguns franziam a testa, incertos, mas a maioria parecia convencida. Vinham pensando algo nesse sentido por si mesmo, Poole supôs. Havia ali somente alguém dizendo aquilo em voz alta... a Dra. Sofia Lamb. Uma psiquiatra a usar de sua psicologia sobre o homem ordinário.

“Essa tal Lamb está tornando-se um problema, Poole”, dissera Ryan. Veja o que ela está aprontando. “Mantenha-se discreto.”

Se Ryan estivesse ali para escutar, pensou Poole, ia querer arrancar a cabeça da psiquiatra.

Sofia Lamb fez uma pausa, pensativa, depois apontou para as paredes decoradas.

– Rapture se parece, às vezes, com um grande palácio, não acham? Luxo abundante, mas onde estão as moradias para aqueles que a sustentam? Vocês moram apinhados em lugares como a Manutenção 17! Mas isso é a tradição de um palácio, certo? Temos os bairros luxuosos para a elite e temos os buracos sob as escadas onde moram os serviçais! Serviçais de palácio sempre foram mais numerosos do que reis e rainhas! Contudo, continuamos a servi-los cegamente! Minha visão de uma Rapture nova e unida é revolucionária; sim, revolucionária! Digo com orgulho! E, entretanto, tudo o que estou trazendo é um novo espírito de cooperação, meus amigos. Uma nova forma de amar! Cooperação, num lugar como a Rapture de Ryan, é transformadora, e a palavra que estou trazendo é sacramento, o começo de uma nova igreja de cooperação. Tive uma inspiração, vinda de algum lugar cósmico de certeza, que me

diz que a fundação de Rapture sobre a competição está ruindo! A competição gera a divisão, meus amigos. *Uma casa dividida não pode se sustentar*! – Enquanto falava, notara Poole, a moça ia ficando mais empolgada; as narinas se abriam, os olhos escancaravam, as mãos fechavam-se em punhos. Ela irradiava carisma, assim como Ryan. Mas seu magnetismo era, de certo modo, poderosamente maternal. Poole olhou para Simon Wales e notou que ele parecia completamente cativado por Lamb. Ela prosseguiu, declarando bem alto: – Temos que evoluir para curar Rapture, e vamos curá-la, reestruturando-a a partir do interior! Criaremos uma verdadeira utopia, e utópicos são adequados para viver numa utopia! Construiremos uma unidade que evoluirá, ainda que o mundo da superfície falhe! Mas a nova Rapture não será baseada na ambição; será um coletivo baseado na partilha! O que é o coletivo? *É o corpo de Rapture*! Dentro dele estará a verdade! Poremos fim ao peso da competição desgovernada; uma guinada para a cooperação, o altruísmo, a comunidade... e a comunalidade!

Caramba, Poole pensou. Ryan vai ficar doido. O chefe estava entre a cruz e a espada. Era oficialmente contra a censura, então como poderia censurar essa mulher? Mas, segundo o que Poole ouvira sobre as estruturas secretas sendo expandidas no Projeto Perséfone, Ryan tinha um plano para dar conta de organizadores comunistas.

Quando o discurso terminou, ele se virou e avistou alguém no fundo da multidão que não notara antes; um homem de óculos e chapéu cobrindo a cabeça calva.

Poole o reconhecera, apesar da tentativa de manter-se incógnito. Era Frank Fontaine. E Fontaine tinha uma expressão verdadeiramente reflexiva no rosto.

♦ ♦ ♦

Frank Fontaine não tinha ciência de que Poole o observava. Estava encantado por Sofia Lamb. *Mulher incrível*, pensou ele. Que artista do trambique. Era uma trambiqueira de segundo ou terceiro grau, tinha de admirá-la. “O que é o coletivo?”, ela dissera. “É o corpo de Rapture!” Coisa boa. Dava para enfiar quase todo sentimento que quisesse nessa ideia. Enganar um cara por vez não era desafio dos grandes. Mas uma multidão inteira, enganar uma população inteira. Cara, isso sim era uma beleza.

Essa tal Lamb sabia como fazer “o povo” ficar do lado dela. Saque o que está perturbando as pessoas e use como um tipo de vantagem, e em pouco tempo estarão movendo montanhas por você. Esperta. “Mas isso é a tradição de um palácio, certo? Temos os bairros luxuosos para a elite, e temos os buracos sob as escadas onde moram os serviçais! Serviçais de palácio sempre foram mais numerosos do que reis e rainhas!”

Esperta. Dar-lhes algo para repetir uns aos outros. “Somos como os serviçais do palácio, vivemos embaixo das escadas, entende?”

Essa Dra. Lamb seria uma boa competidora, é claro. Com o tempo, seria preciso arranjar para que Ryan conseguisse a informação de que precisaria para prendê-la. Por hora, ela inspirava Frank, assim como à multidão. Porém não da mesma maneira.

Ele o faria do seu jeito, é claro. Ela era como uma versão feminina. A versão dele de uma liderança radical seria um pouco diferente.

Talvez ainda fosse muito cedo para colocar as engrenagens em funcionamento. Mas ele poderia começar a plantar as sementes. Cultivá-las. E, com o tempo, colher.

Escritório de Andrew Ryan

1954

Bill encontrou Andrew Ryan em sua mesa.

– Sr. Ryan, estou com o relatório da manutenção.

Ryan abandonou seus pensamentos.

– Ah, Bill, sente-se... – O magnata voltou a atenção à pasta que tinha nas mãos, enquanto Bill se sentava em frente a ele. A pasta era marcada por um CONFIDENCIAL. – Só quero dar mais uma olhada no final desta aqui. Pedi para Stanley Poole checar umas coisas... Essa tal de Lamb é um problema. – Ele virou a página. – Trazer essa mulher aqui para dentro foi erro de julgamento. – Ryan resmungou, fechou a pasta, colocou-a de lado e abriu outra. – Sim. Poole também descobriu algo sobre a nova empreitada de Fontaine, que ele chama de Futurismos. Parece bastante... repleta de possibilidades. Descanse um pouco enquanto dou uma lida nisso.

Ryan fazia notas, mexia a cabeça, como se compreendesse o que lia. Depois olhou para Bill, sorrindo.

– Fico tão entretido com os negócios do dia a dia que me esqueço de olhar bem para as pessoas ao meu redor. Você parece um pouco preocupado, Bill. Isso é normal. Como vai Elaine?

Bill sorriu, relaxando um pouco. Gostava de ver esse lado de Ryan.

– Ótima, Sr. Ryan. Sabe como fazer um homem feliz, aquela ali.

– Bom, bom. Também vou me assentar quando chegar a hora. Sonho em ter um filho algum dia, sabe? Alguém para tomar o que construí em suas mãos e mantê-lo crescendo; construir algo em cima! Um investimento no futuro. Que lugar maravilhoso para crescer é Rapture, também. Uma terra de encantos para as crianças, penso eu.

Bill não concordava muito com tal ideia. Nem um pouco. Mas somente sorriu, pensativo, e concordou.

Sullivan entrou bruscamente. Cumprimentou Bill e parou ao lado da mesa com a expressão tensa de alguém que acabara de incluir a visita numa agenda lotada.

– Me chamou, senhor?

– Ah, xerife. Aí está você! Sim... – Ryan entregou a pasta a Sullivan. – Preciso que entre com tudo neste assunto. Ouviu falar alguma coisa sobre uma inovação chamada plasmid?

– Plasmid? Não, senhor. Que diabos é isso?

– Algum tipo de produto. Veja isto. – Andrew abriu uma gaveta da mesa, retirou uma cópia dobrada da *Tribuna de Rapture* e a deitou na mesa para que Bill e Sullivan a vissem. Estava aberta na página de trás, na qual um anúncio proclamava:

TUDO O QUE VOCÊ SEMPRE QUIS SER
VOCÊ PODE SER
COM PLASMIDS! A NOVA ONDA DO FUTURO
COM FUTURISMOS FONTAINE
AMOSTRAS GRÁTIS DE **MAISCABELO**
SUPERMENTE
SUPERSPORT
ELECTRO BOLT
BRUTEMORE AUMENTO MUSCULAR
E, EM BREVE, **INCINERATE**!

Ryan deu de ombros.

– Fontaine está lançando. Cresce cabelo, novos dentes, deixa mais bonito, mais forte, mais jovem, até mais rápido. Já está vendendo pesado para os funcionários da manutenção. Uma

revelação genética, de acordo com Poole. Nosso incansável e jovem rival está no jogo mais uma vez. Quero que descubra o que puder sobre esses “plasmids”, Sullivan, e tudo sobre a Futurismos Fontaine. Ao que parece, ele contratou o Dr. Suchong e Brigid Tenenbaum para desenvolver esses produtos. Essa moça me parecia instável, mas é um gênio.

Bill olhou para o anúncio e balançou a cabeça.

– Bom demais pra ser verdade, não? Quero dizer, tem que ter efeitos colaterais. Eles testam esses produtos primeiro?

Ryan acenou, incomodado.

– Não estou nem um pouco interessado em desacelerar o progresso com um monte de testes. Quem quiser provar, que aceite os riscos. Bem, Sullivan, pode cuidar disso? Poole está ocupado investigando aquela tal Lamb.

Sullivan coçou o queixo.

– Estou firme naquela história de contrabando agora, senhor. Fontaine mudou de método.

– Vamos lidar com o contrabando depois. A menos que tenha provas fortes contra Fontaine.

– Não, senhor. Nenhuma prova para prendê-lo. Claro, os policiais prenderiam qualquer um, se você mandasse...

Ryan inclinou-se para trás, na cadeira, parecendo ponderar sobre a ideia. Depois, meneou a cabeça.

– Não. Se eu fizesse isso, não seríamos nada melhores do que os comunistas. Não, vamos conseguir provas. Mas primeiro quero saber do que se trata essa história de plasmid. Meu instinto diz que é algo que pode transformar o mercado de Rapture.

Sullivan assentiu, passou a mão pelo cabelo e mordeu o lábio, como se pensasse se deveria ou não mencionar outra questão.

Depois, deu de ombros.

– Estou dentro, senhor.

Saiu pela porta, emanando eficiência.

– Como andam aqueles problemas de vazamento sobre os quais ouvi falar, Bill? – perguntou Ryan, embora o brilho em seus olhos sugerisse que seus pensamentos estivessem planando sobre outro assunto.

– Manutenção constante, chefe. Esse danado desse mar não fica quieto lá fora; empurramos ele do caminho, ele empurra de volta. O tempo todo jogando seu peso em cima de nós: pura pressão da água, correntes, mudanças de temperatura, formação de gelo, raspar e arrancar criaturas marinhas. Cracas e estrelas-do-mar e vermes marinhos. Tive que mandar equipes de raspagem duas vezes no mês passado.

– Sim. Alguns dos trabalhadores passam tanto tempo dentro de vestes de mergulho que estão começando a sentir como se fosse parte deles. – Ryan sorriu para si mesmo.

Bill lembrou-se do homem cobaia que vira nos laboratórios. Preferia não pensar muito nele.

Ryan jogou o lápis sobre a mesa, uniu os dedos e fez uma careta pensativa.

– Fontaine está crescendo e se tornando-se meu grande rival. Vai só me aguçar. É como combustível para a fogueira do meu talento. Mas não posso deixá-lo dominar por completo o mercado de Rapture. Não. Talvez eu tenha que agir. Talvez tenhamos que pegar pesado com o Sr. Fontaine...

Estação de Manutenção 17

Início de 1955

Era muito deprimente visitar a antiga colônia dos funcionários da manutenção. Trazia-lhe uma obscura sensação de culpa ao caminhar desde a saída do metrô até os fundos da casa de penhores, na esquina, passando por montanhas de lixo. Bill sentia-se responsável por Rapture – sem dúvida, não planejara favela alguma.

Alguém escrevera “Bem-vindo ao Beco dos Pobres” em vermelho sobre uma parede; a tinta ainda escorria. Abaixo, havia uma longa fila de indigentes mal-humorados agachados contra a parede de metal, tremendo, alguns deles escondidos em carapaças de papelão. O duto de aquecimento dessa área estava bloqueado, e os poucos mercadores locais estavam relutantes em pagar a taxa de serviço das Indústrias Ryan para conseguir o desbloqueio. Bill viera até ali em seu tempo livre. Não pretendia contar para Ryan. Se soubesse que ele estava fazendo trabalho de caridade...

Bill conseguira que Roland Wallace o ajudasse – um jurando ao outro manter segredo –, e Wallace prometeu que traria um eletricista junto. Mas nem ele nem o outro haviam chegado.

Bill estava começando a ficar nervoso por estar ali sozinho. Os desempregados rabugentos da parede observavam cada passo que ele dava. Podia ouvi-los murmurando enquanto passava. Um deles falou:

– Ela tá de olho nele também...

Bill ficou aliviado quando viu Roland Wallace numa esquina. Com ele estava um barbudo de sobretudo que carregava uma caixa de ferramentas – um homem alto, esguio, de perfil adunco.

– Ei! – Bill chamou, soltando vapor dos pulmões no ar gelado. – Wallace! – Wallace o viu e acenou. Bill correu até ele. – Estou feliz pra caramba de te ver, cara – disse, falando baixo. – Esses

maltrapilhos aqui estão me olhando com uma cara... Cheguei a pensar que ia levar cascudo na cabeça.

Wallace concordou, olhando por cima do ombro para os homens e mulheres mal-encarados enfileirados na parede, muitos com garrafas nas mãos.

– Bebendo, também, muitos deles. Não há regras contra fazer sua própria bebida em Rapture; tem gente vendendo absinto barato pra esse grupo, ouvi falar. Três pessoas morreram por causa de bebida ruim, e dois ficaram cegos. – O rapaz pigarreou. – Bom, vamos lá; o melhor caminho para o duto é pelos fundos da casa de penhores. Legal fazer o aquecimento funcionar aqui; tá frio demais.

O eletricista não disse nada, embora Bill julgasse que o homem murmurava algo para si mesmo bem baixinho, enquanto os olhos desconfiados miravam de um lado ao outro. Bill reparou que ele tinha grandes manchas grossas na testa.

Pisaram em cima de pequenas pilhas de lixo e deram a volta numa maior para chegar aos fundos da casa de penhores.

– Não tem coleta de lixo aqui também? – Bill perguntou.

– Não podemos pagar.

– Você também mora aqui?

– Ué, tá pensando que tô fazendo isso de graça? – disse o eletricista, frisando cada palavra. Sua voz pingava veneno. – Precisamos do aquecimento. Não dá pra entrar nos dutos sem o pessoal das Indústrias Ryan. Não se eu não quiser polícia atrás de mim.

Bill assentiu e bateu à porta dos fundos da casa de penhores.

– Quem é? – perguntou uma voz grosseira, lá de dentro.

– Bill McDonagh! Procuro Arno Deukmajian! Recebeu minha mensagem?

– Ah, pode entrar. – O homem que abriu a porta de latão parecia tão grosseiro quanto soara sua voz. Tinha uma cara achatada e vestia um terno amarrotado; sobre o lábio superior, havia uma cicatriz. Os braços eram longos demais para o costume. O cabelo, curto e espetado. – É, sou Arno Deukmajian. Aqui é minha loja. Entrem, entrem... Já que têm que entrar.

Os três homens entraram na sala dos fundos, empoeirada e escura, onde mal havia espaço para se moverem. Empilhados do chão ao teto estavam equipamentos, rádios, sapatos femininos, vestidos, caixas de revólver, caixas de relógio, molduras prateadas, tudo que se podia pôr no prego.

– Tirei tudo de cima do alçapão – disse o homem. – Esse lugar foi construído bem em cima dele.

Construir sobre o alçapão devia ser uma violação de alguma regulamentação de construção na superfície, supôs Bill, mas em Rapture quase não havia regulamentação para construções.

Wallace tinha a chave. Agachou no chão de metal e abriu o alçapão, com a luz da tocha elétrica guiada pelo eletricista. A claridade abriu caminho abaixo, revelando um empoeirado porão de metal e uma escada enferrujada.

Um cheiro enjoativo se ergueu do porão.

– Deve ter alguma coisa morta lá embaixo – disse Bill. Ele desceu, enquanto o eletricista segurava a lâmpada. Ficava mais frio a cada passo que dava. Os outros dois o acompanharam até o fundo e se agacharam para entrar num túnel, tendo o eletricista tomado a dianteira para iluminar o caminho. O cheiro de morte foi ficando mais forte. Tiveram que andar arqueados para prosseguir: o túnel tinha cerca de vinte centímetros de altura, baixo demais para que pudessem ficar em pé.

– Se vão fazer grande o bastante para um homem baixinho, por que não podem fazer grande o bastante para um alto? – resmungou o eletricista.

Apenas três ecoantes passos depois, onde o túnel afunilou-se num grande cano, encontraram a fonte do cheiro – e a causa da obstrução. Havia um corpo entalado no duto de ventilação de calor. Parecia ser o corpo parcialmente mumificado de um menino – de doze ou treze anos, talvez – deitado de bruços no encanamento. Vestia roupas rasgadas, e o cabelo preto misturava-se a sangue seco. Uma grande lâmina de ventilador, pintada de ferrugem, rasgara-lhe metade do pescoço.

– Meu Jesus do céu – Bill murmurou. – Coitado do moleque.

Wallace estava quase vomitando. Levou alguns minutos até se recompor. Bill vira bastante morte na guerra e durante a construção de Rapture, e estava quase acostumado com ela. Quase. Contudo, sentiu um profundo mal-estar ao ver as mãos imóveis do garoto agarradas à parede do túnel, como se congeladas na última tentativa de buscar a vida.

– Creio – disse Bill, com a voz um tanto rouca – que a criança estava explorando... O ventilador não fica ligado o tempo inteiro. Estava desligado, e o menino tentou passar engatinhando; e foi então que o equipamento ligou.

O eletricista concordou.

– É. Mas não estava explorando. Não tinha onde morar. Um dos órfãos. Ninguém o aceitou, então... Ele veio aqui embaixo pra dormir, onde estaria seguro. Talvez tenha se perdido.

– Órfãos? – Bill perguntou. – São muitos?

– São alguns, por aqui. As pessoas vêm pra cá, trabalham, depois terminam um projeto e os chefes as dispensam. Não há mais

trabalho. Mas elas não podem sair de Rapture, também. Então começam a brigar por comida e tudo mais, matam umas às outras. E agora, com esses plasmids... algumas pessoas não sabem controlá-los. Então, você pode se empolgar um pouco. E deixar alguém órfão.

– Tem de haver um orfanato – disse Wallace.

O eletricista deu um risinho amargo.

– Acha que Ryan consegue tocar um que dê lucro?

– Alguém vai abrir um, se tivermos muitos órfãos – disse Bill. – Bom, vamos tirá-lo e ver se conseguimos ligar essa coisa.

Feliz por sair da tumba improvisada de metal, Wallace voluntariou-se a ir buscar os itens necessários. Correu de volta à escada, retornando minutos depois com um grande saco e luvas extras.

– O garoto tá meio mole; imagino que possamos colocá-lo neste...

Fazendo caretas, retiraram o corpo do menino do local, bloqueando cuidadosamente as lâminas com um martelo extraído da caixa de ferramentas, para o caso de que resolvessem começar a girar.

Mas, depois que tiraram a carcaça seca da criança, enfiaram o corpo no saco de estopa e removeram o martelo, as lâminas do ventilador permaneceram sem movimento.

O eletricista abriu um painel perto do ventilador e fez alguns ajustes com uma ferramenta. Espirrou lubrificante ali e usou um pequeno utensílio para testar se havia corrente.

– Está com energia ali, mas vou ter que dar uma sacudida para fazer funcionar. Algumas partes passaram tempo demais enferrujadas. Afastem-se.

O rapaz esticou a mão esquerda no painel, parecendo concentrar-se por um instante. Seus olhos brilharam suavemente e um

pequeno raio elétrico disparou, branco-azulado, de sua mão, crepitando para dentro do painel.

Com o susto, Bill levantou-se subitamente e deu com a cabeça no teto.

– Deus do céu!

– Plasmid Electro Bolt – Wallace murmurou.

– Cace... – disse Bill, coçando a cabeça. – Eles só... – Então, ele percebeu que o ventilador começara a girar, soprando ar quente em seu rosto.

– Isso deve resolver – disse o eletricista. – Quando este aqui parou, os outros dois param também. Deve estar tudo funcionando agora...

Ele se virou e olhou para Bill, ainda com um fulgor nos olhos, de forma que se parecia com um animal feroz em meio à escuridão do túnel.

– Só tem que saber como controlar, viu? – disse. – Os plasmids. – Em seguida juntou as peças e caminhou em direção à escada.

11

Estação de Manutenção 17, Sinclair Deluxe Hotel e Apartamentos
1955

– Está me dizendo que gastou tudo, Rupert? – inquiriu a esposa de Rupert Mudge, exatamente como ele imaginara que ela faria, com aquela cara de brava que ele andava tão cansado de ver.

Era uma mulher loira de quadril largo e pernas curtas, com rugas permanentes nas laterais da boca que faziam seu rosto assemelhar-se a uma marionete de madeira. Usava um vestido esfarrapado de estampa de flores vermelhas e amarelas e as galochas que calçava no trabalho de doméstica.

Estou superando essa mulher, Mudge pensou, passando a mão pela exuberante cabeleira. Passou de calvície parcial a uma gloriosa juba castanha garças aos plasmids de Fontaine. O homem balançou a cabeça – com mais empenho do que o necessário a fim de fazer todos aqueles fios voaram de um lado ao outro – e depois alcançou seu novo ADAM. Já acionara uma boa dose EVE para ativá-lo.

– Leve esse troço de plasmid de volta ao Fontaine! – Sally vociferou por entre dentes. – Trabalhei duro pra ganhar esse dinheiro!

– Ah, meu Deus, Sally – disse Mudge, injetando o plasmid –, a gente tem que ter boa aparência pro mundo lá fora. Preciso... – Seus dentes começaram a ranger conforme o efeito estimulante do SuperSport entrou em ação. O quarto rodava lentamente ao redor

dele, pulsando com energia. Era como ser o centro do universo. Assustava e empolgava ao mesmo tempo. Quase fazia o pequeno apartamento que alugaram no famoso Sinclair Deluxe parecer digno de se habitar, não fossem as rachaduras nas paredes, a lâmpada pendente sem luminária, as goteiras nos cantos, o cheiro de peixe podre. – Sal... Sally... preciso... preciso mostrar às pessoas que sou rápido e forte. Vou comprar um pra te deixar inteligente...

– Há! Melhor se você tivesse tomado o de inteligência primeiro! Teria sido esperto o bastante pra não gastar toda a nossa grana num troço desses! Você não precisa desse cabelo bonito; não precisa desses músculos...

– Esses músculos vão me conseguir um emprego novo no Expresso Atlântico! Vão instalar uma via nova!

– Ouvi dizer que mais gente tem andado de bonde e batisfera; o Expresso deve estar ficando, como se diz, obsoleto. Não vão te contratar de novo depois que você ficou maluco e foi pra cima do mestre de obras!

– Ah, aquele boboca ficou com raiva sem motivo!

– Você tava afetado por uns desses plasmids aí e enlouqueceu com o cara! Jogou uma chave inglesa na cabeça dele!

– Plasmids: tem que se acostumar com eles, ponto! Eu ainda não tava acostumado! Todos os caras tão usando!

– Claro, e a maioria vai à falência por isso! Ficam largados por aí, tagarelando de tão alucinados por causa dessas porcarias! Nenhum fica sem os efeitos colaterais! Que são essas marcas no seu rosto, aí?

– O que, nunca teve espinha?

– Isso não é espinha; é tipo pele crescendo onde não era pra ter nenhuma!

– Mulher, cala essa boca e me traz comida!

– Calar a boca! Trabalhei o dia todo esfregando chão em Olympus Heights pros grã-finos, e tenho que voltar pra esse lixo e ouvir “me traz comida”! Por que não tenta ganhar pra pagar pela sua comida? Que tal umas maçãs? Maçãs que a gente não tem! Como vou comprar comida se você gastou o dinheiro todo com plasmids? Sabe que Ryan não permite sopão grátis na rua por aqui!

– Ouvi dizer que o Fontaine vai começar um tipo de cozinha da sopa...

– Eu não chegaria perto desse homem, se fosse você. Mazy fala que ele é um trapaceiro.

– Ai, o que é que aquela baranga imbecil sabe da vida? O Fontaine é legal. Acho que eu podia conseguir um emprego lá com ele... Tô forte, agora! Olha isso! – Rupert flexionou o bíceps, e a camiseta rasgou devido à expansão do músculo. – Graças ao BruteMore! Plasmids são o futuro, tá vendo?

A mulher se sentou num flácido sofá-cama, em frente ao marido.

– Isso é o que me preocupa... o futuro. – Falava baixo, agora. E fazer isso tinha um poder de irritá-lo mais do que a gritaria. – Gostaria que pudéssemos pagar por um apartamento com janela. Não que tenha muita coisa pra ver além de peixe. A gente se cansa de olhar pra peixe.

Com o joelho latejando de nervosa energia, Mudge procurou nos arredores do pequeno e sujo apartamento por algo para vender na casa de penhores. Queria outro SuperSport. Só para se certificar. Não gostava de ver os plasmids acabando. Tudo o que tinha era outro BruteMore na geladeira. O rádio, talvez; poderia vendê-lo? Ela estimava o rádio. Último luxo que lhes restava.

– Engraçado o Sr. Sinclair chamar esse fiasco de “deluxe” – Sally comentou. – Deve ser senso de humor. Mas não teremos nem isso se você não levantar a bunda e for trabalhar. O que ganho não dá pra gente pagar o aluguel, principalmente com você se picando com essas malditas poções malucas!

– Fecha essa matraca... – Ele considerou tomar a última dose de BruteMore para ver como seria, tendo o SuperSport ainda fresco em seu organismo. Imaginou se conseguiria convencer Sally a tomar um pouco de MaisSeio...

Levantou-se, foi até a geladeira; escondera o BruteMore por trás de uma lata de feijões aberta semiconsumida.

Injetou a substância ali mesmo, em pé, de costas para Sally. Um brilho de energia vermelho derramou-se sobre ele. Dava para senti-la percorrendo seu corpo, como se cada célula crescesse, de dentro para fora.

Sally continuava a verborreia.

– Esta área não deveria ser um lugar permanente pra morar! Devia ser alojamento temporário pra manutenção do trem! Não muito melhor do que aquelas favelas que tínhamos na Depressão, quando eu era criança, lá em Chicago. Sabe como estão começando a chamar essa parte de Rapture, embaixo da estação de trem? Beco dos Pobres! Dá pra acreditar? Beco dos Pobres, Rupert! Foi pra lá que você me levou! Eu devia ter ouvido o meu pai. Ele me alertou sobre você. O que está fazendo aí? Olha só pra você! Parece que tá ficando todo inchado... isso não é normal!

O marido virou-se e viu a expressão no rosto dela. Sally sabia que devia ter mantido a boca fechada. O farfalhar de braços e pernas a entregou. Ela estava tentando alcançar a porta.

– Devia ter calado o bico, mulher! – rugiu ele. As paredes de metal pareceram vibrar em resposta ao som. – Seu pai te alertou, foi? Vou mostrar uma coisa em que aquele velho idiota nunca pensou!

Sally puxava a maçaneta da porta. Rupert Mudge virou-se, agarrou a geladeira, ergueu-a, deu meia-volta e a lançou contra a esposa.

Engraçado como parecia tão leve para os braços dele...

Engraçado também quão frágil era a mulher, no fim das contas. Era um verdadeiro terror, às vezes. Uma bolinha de fúria. Mas, naquele momento, não passava de uma grande mancha vermelha sobre a porta de metal enferrujado. E na parede. E no chão. E no teto. E uma cabeça sem corpo, virada para o canto...

Oh-oh. Sally estava pagando as contas do apartamento. E agora estava morta.

Era melhor dar o fora dali. Procurar Fontaine.

Mudge disparou porta afora, seguindo para o corredor que dava no metrô. Isso, Fontaine. Arranjar emprego lá. Qualquer emprego. Não importa o que lhe pedissem para fazer. Porque ele tinha necessidades. Isso foi o que Sally não entendeu. Tinha necessidades intensas; necessidade de ser poderoso.

Arcádia, Rapture

1955

– Sabe o que está faltando aqui? – perguntou Elaine, olhando o entorno do parque coberto. – Som de passarinhos. Não há passarinhos em Rapture.

O brilho suave e artificial de uma fonte de luz dourada saturava o ar. Empurrada por lâminas de ventilador escondidas, instaladas pelo

próprio Bill, a brisa soprava o perfume de narcisos e rosas sobre o casal.

Bill e Elaine estavam sentados num banco, de mãos dadas. Decidiram passar boa parte do dia de folga dele juntos. Almoçaram e foram dar um longo passeio. Chegava a hora do jantar, mas era tão saboroso ficar no parque. Sentir o cheiro das flores, observar a vegetação. Ouvir o riacho fluindo e murmurando. Bill pegou-se desejando que tivessem trazido a filha, Sophie, com eles.

A menina de quase quatro anos de idade gostava de correr até a miniatura de ponte de madeira e atirar ramos de mato sobre o riacho de água filtrada, para observá-los flutuar ao longo do curso, até que desaparecessem em meio às paredes. Brincava alegremente por entre as samambaias, os seixos artisticamente distribuídos, as arvorezinhas.

Contudo, avaliou que Sophia estava se divertindo no *flat*, jogando Tesouro do Mar com Mascha, a filhinha de Mariska Lutz. Mariska era uma moça do Leste Europeu que Elaine contratara em Artemis Suites como babá de meio período. Engraçado pensar que nem Sophie nem Mascha conheceram mundo algum além de Rapture. Ryan suprimia boa parte das imagens do mundo da superfície nas salas de aula da cidade. Isso incomodava Bill tanto quanto a Jornada à Superfície. Mas havia coisas que o incomodavam ainda mais. Como o Sr. Gravenstein apontando uma arma contra a própria cabeça em frente à sua loja falida de hortifrúti. A lembrança ainda o assombrava.

– Não tem passarinhos aqui, amor, nisso você tem razão – disse Bill, finalmente. – Mas tem abelhas. Do Apiário Silverwing. Olha um dos bichinhos ali...

Acompanharam a trajetória da abelha: de certo, a única forma de vida selvagem que havia em Rapture, descontadas algumas pessoas. As abelhas eram necessárias para polinizar as plantas, e as plantas criavam oxigênio para a cidade.

– Ah, lá está sua amiga, Julie – disse Elaine. A moça compôs uma expressão tensa ao ver Julie Langford aproximar-se.

Bill olhou para a esposa. Pensava ela realmente que ele andava de casinho com Julie Langford?

A cientista ecológica era uma mulher baixinha de cerca de quarenta anos, e tinha os cabelos pragmaticamente cortados sustentados por fivelinhas. Usava óculos de aro transparente e sobretudo verde-oliva durante o expediente na fazenda de árvores e outras áreas verdes de Rapture. Bill gostava de conversar com ela – gostava da rapidez, das ideias independentes.

Julie Langford trabalhara para os Aliados durante a Segunda Guerra, desenvolvendo um desfolhante no Pacífico, para expor bases japonesas na mata. Ouvira dizer também que, quando Andrew Ryan a convenceu a vir para Rapture, o governo norte-americano ficou enfurecido por ela ter abandonado seu posto federal. Ela sumira, na verdade, da América do Norte. Vinham esquadrinhando o mundo todo à sua procura, desde então.

– Olá, Bill, Elaine – cumprimentou Julie distraidamente, olhando para as plantas da redondeza. – Ainda não tem muita luz natural entrando aqui. Temos que colocar mais espelhos de luz solar nos faróis. Aqueles zimbros estão ficando enferrujados nas pontas. – Ela pôs as mãos nos quadris e dirigiu-se educadamente para Elaine. – Como vai sua linda filhinha?

Elaine sorriu, distante.

– Oh, Sophie vai bem, acabou de aprender a...

– Legal, legal. – Julie voltou-se com impaciência para Bill. – Bill, legal ter encontrado você. Preciso conversar com você sobre o chefe... Coisa de um minuto. A sós, se não se importa.

Bill olhou para a esposa, procurando adivinhar como ela se sentia quanto ao pedido.

– Importa-se, Elaine?

– Pode ir, tudo bem. Faça como quiser.

– Volto já, amor.

Obviamente ela não gostava de ver o marido passeando com Julie, mas Elaine era uma garota alegre a maior parte do tempo. Não lhe faria mal algum sentir um pouquinho de ciúme vez por outra; impedia-a de não dar valor ao esposo. Ele a beijou na bochecha e caminhou em direção à pequena ponte com Julie, as mãos aos bolsos, tentando parecer o menos romântico possível.

– Não quero te afastar da mocinha – Julie começou, num tom que pareceu a Bill um tanto condescendente com relação a Elaine. – Mas preciso de um aliado, e sei que você adora este parque.

– Certo. O que se passa, Julie?

– Vou lhe contar, Bill. Aqui estou eu, uma pateta das plantas que trabalhou durante anos para expor os japas no mato, derretendo vida vegetal, e agora estou aqui embaixo tentando fazer exatamente o contrário. “Vamos criar um segundo Éden aqui”, diz o Ryan. Tudo isso, e agora ele quer transformar esse lugar numa atração turística paga... para residentes de Rapture, quero dizer.

– O quê? Pensei que o parque fosse público.

– Era pra ser. Mas ele não acredita muito em propriedade *pública* de coisa nenhuma. Então começou a juntar capital. O que significa cobrar por tudo que você pode imaginar. Me contrata pra construir uma floresta no fundo do mar, depois transforma um passeio no

parque em um luxo. Numa coisa que tem que pagar pra fazer! Sabe como ele é. “O fazendeiro não deve poder vender sua comida? O oleiro não merece lucrar com suas panelas?” Mas o que é que eu vou fazer? Ele é meu chefe, mas ele te escuta, Bill. Talvez possa convencê-lo a mudar de ideia. Precisamos de algum espaço público em Rapture. Para todos. As pessoas precisam... precisam de um lugar pra respirar.

Bill concordou, fitando a esposa, contente ao notar que Anya Anyersdotter detivera-se para conversar com ela. Elaine sorria. Gostava de Anya, uma moça bem-vestida com cabelo estilo joãozinho, dada a pensar por si mesma. Anya desenhava sapatos e roupas, e tinha uma butique própria – uma das histórias de sucesso de Rapture.

Bill voltou-se para Julie.

– Mas olha, o que posso fazer, Julie? Sabe sobre o incêndio na floresta particular dele?

– O quê? Não!

– Isso mesmo. Ele me contou assim: “Uma vez, comprei uma floresta. Então, eles alegaram que a terra pertencia a Deus; exigiram que eu instalasse um parque público lá. Um parque público, onde a ralé pode ficar com cara de boba, fingindo que mereceram toda aquela beleza natural! Terra de minha propriedade! O Congresso, com aquele maldito do FDR[1], tentou nacionalizar a minha floresta; então queimei-a até as cinzas”.

– Não pode ser...

– Ah, sim. Verdade. Acha que dá pra convencê-lo de tornar alguma coisa propriedade pública?

Julie fez um barulhinho, resmungando, e balançou a cabeça.

– Pelo visto, não. – A mulher gesticulou para o parque abobadado. – Uma vez ele me disse: “Deus não plantou as sementes em Arcádia. Fui eu quem plantou”. Mas fui eu quem projetou tudo isso... com uma ajudinha de Daniel Wales.

– Acho que devemos confiar no Sr. Ryan. Ele vem sabendo o que faz até agora...

– É, bom, mas não acabou ainda. Ele andou até falando de uma *sobretaxa pro oxigênio*! Fala que o ar de Rapture só existe pra respirar porque as Indústrias Ryan o forneceram!

– Ah, meu Jesus – Bill falou baixinho. – Vem vindo aquele mala do Sander Cohen...

Sander Cohen se aproximou pela pequena ponte, de braços dados com dois rapazes com cara de tédio que vestiam trajes de caça, embora não portassem nada com que caçar. Cohen vestia um macacão de estilo alemão, com shorts e suspensórios, e um chapéu de feltro com uma pluma púrpura. Os shorts de couro expunham seus joelhos protuberantes. Parecia especialmente pálido, mas isso era resultado de uma bela camada de maquiagem branca, similar a de um mímico, embora o homem estivesse muito distante do palco. O rijo bigode curvado para cima pareceu tremelicar nas pontas quando viu Bill.

– Ah! *Monsieur* William McDonagh! *Madame* Langford! – disse o cantor, pronunciando os nomes, sem motivo aparente, como se fossem franceses.

– Cohen – disse Langford, com um movimento seco da cabeça.

– Sander – falou Bill. – Os senhores vieram dar um passeio?

– Sim, de fato! – respondeu Cohen. – Esses danadinhos beberam um pouco demais. E exageraram um pouco no SuperSport também! Convenceram-me a uma caminhada no parque. Embora a Musa

saiba que eu não gosto de parques... Detesto-os, na verdade. Lembram-me de animais. – Ele apertou o braço do rapaz à sua direita. – Não esse tipo de animal. Este animal deveras sofisticado é Silas Cobb, Bill. Deve ter passado por sua linda lojinha, Rapture Discos! Acredito poder dizer que me pertence também; sou um investidor.

Cobb era um rapaz magrelo de cabelo espetado castanho e cara de quem vivia no mundo da lua. Ele bufou e disse:

– É. Ele paga o aluguel pra minha "linda lojinha". Que, por acaso, tem tudo o que o Sr. Cohen gravou até hoje. – E acrescentou, animado: – E outros artistas também: Sinatra, Billie Holiday. – O rapaz ainda estava bêbado, oscilava para a frente e para trás.

– E este enorme megálito de homem – disse Cohen, pendendo a cabeça, zombeteiro, ao rapaz alto à sua direita – é o Sr. Martin Finnegan. – Finnegan era um bigodudo mal-encarado, cuja altura acentuava-se graças ao amontoado de cabelo que ele tinha no topo da cabeça. Parecia sombriamente masculino e vagamente efeminado ao mesmo tempo. – Martin trabalhava nos bastidores do teatro da Broadway onde apresentei meu "*Jovens dândis*"... Se precisava de um homem intrépido pra fechar as cortinas, não havia melhor que ele. É o melhor no que faz. Mas é ator também. O próximo Errol Flynn, não, Martin?

– E por que não? – Finnegan rugiu. – Atuo tão bem quanto esse babaca... De onde ele veio mesmo? Ele não é irlandês, é?

Cohen gesticulou, impaciente.

– Errol veio da Austrália ou da Tasmânia, algo assim. Oh, poucos atores de sucesso realmente sabem atuar. A maioria só recebe boa iluminação e tem tônus muscular adequado. E um belo perfil. Oh! O que foi aquilo? – Cohen abaixou a cabeça, esquivando-se de uma

abelha que passou. – Aquilo era *um inseto*? Um inseto aqui em Rapture! Pensei que estivesse livre dos insetos aqui!

– Só uma abelhinha inofensiva – disse Julie. – Precisamos delas por causa das flores.

– Coisinhas arrepiantes! Vis. Podem subir na gente. E picar. Detesto a natureza. Não obedeço! Não posso ser... organizado. Pode-se encenar a natureza? Não! A natureza devia ser conquistada, forçada à submissão! Quão grosseiramente belo você está hoje, Bill. Não quer ir ao Kashmir conosco, abrir umas garrafas de vinho, hein?

– Bill! Bill!

Bill virou de costas e avistou Roland Wallace chegando, o rosto vermelho, todo sem fôlego.

– O que passa, Roland?

Wallace parou, inclinou-se, pôs as mãos no joelho, ofegante.

– Bill, emergência! Em Hephaestus, inundação! Parece ter sido sabotagem. Alguém fez isso de propósito, Bill. Alguém está tentando matar a todos nós...

Restaurante Kashmir, Rapture

1955

Ryan entretinha convidados à mesa de jantar. Junto a ele naquela noite estavam Diane McClintock; o engenheiro Anton Kinkaide; Anna Culpepper, sentindo-se bastante artística com sua boina azul; Garris Fisher, um alto executivo da Futurismos Fontaine, e Sullivan. Karlosky encontrava-se a trinta passos dali, fazendo vigília na porta da antessala do restaurante. O rapaz ganhava a refeição como parte do trabalho, mas nada de vodka, não ali. O russo costumava ficar com os dedos escorregadios, especialmente depois de uma

vodka, ou três. Certa vez, em Nova York, Karlosky atirara num motorista de táxi que tivera a temeridade de arranhar o lustroso para-lama da limusine. Ryan tivera que gastar um bom dinheiro com suborno para manter o russo fora da cadeia.

Ciscando os restos de sua garoupa no prato com um elegante garfo, Andrew Ryan lembrava-se de não parar de sorrir. Não estava muito a fim, mas era o anfitrião do encontro no Kashmir e sentia obrigação de manter as aparências. Mantinha silêncio, sentado ao lado de seus convidados tagarelas. Anna falava de uma nova canção que escrevera; Diane, sobre um quadro no qual trabalhava, graças ao *insight* recente de que poderia ser artista; Kinkaide esforçava-se debilmente para ser espirituoso. Tudo muito tedioso para Ryan. Sentia que todos tentavam pensar em alguma forma de falar sobre qualquer coisa além de seus sentimentos com relação a Rapture. O que o deixava curioso quanto ao que as pessoas andavam dizendo sobre a vida na cidade por suas costas. Obviamente, o resmungar começava a ganhar volume. A traidora Sofia Lamb alimentava a fogueira latente.

Observava os convidados conduzindo cada qual sua encenação, lutando para parecer que se divertiam alegremente e viviam felizes em Rapture, mas começavam a fraquejar devido ao confinamento – como tantos outros fracos que o magnata permitira adentrar a cidade. Possuíam todo tipo de conforto: naquele momento, sentavam-se na mesa mais luxuosa do restaurante, ao lado da elaborada fonte de mármore, sob uma grande janela que contemplava um jardim submarino no qual plantas em forma de leque ondulavam-se por entre raios de luz azulada. Alto-falantes ocultos tocavam Chopin baixinho. Em Rapture, a vida para os

endinheirados deveria ser encantadora. Mas nada parecia ser suficiente, jamais.

Ryan reparou que Anton Kinkaide olhava com cara de bobo para Diane. Kinkaide era um homem pouco sofisticado socialmente, mas um brilhante engenheiro. O casaco puído, a gravata borboleta amarrotada e o bebericar constante e nervoso de um copo de cerveja contrastavam com a sofisticação natural de Fisher ao tomar champanhe. Ryan imaginava se Diane gostava de Anton Kinkaide. O engenheiro tinha algo de impressionante – fora o responsável por projetar o metrô de Rapture –, e era um homem que adorava ideias. Diane fingia ser intelectual, às vezes, embora fosse, na verdade, um tanto ingênua.

Os únicos além do grupo no restaurante, sentados numa mesa do outro lado do grande salão, eram os sorridentes Pierre Gobbi e Marianne Dellahunt. O jovem francês, um produtor de vinhos, estava visivelmente entediado com a conversa da jovem superficial, cujas feições retesadas pareciam desprovidas de caráter e maturidade. Fizera visitas demais ao Dr. Steinman.

Ryan queria que Bill e Elaine tivessem vindo jantar. Bill McDonagh era uma companhia boa demais. E equilibrada.

Sullivan terminava de secar a terceira taça de um dos melhores vinhos de Worley. O chefe de polícia ficava meio travado em qualquer reunião social; ou mantinha a cara fechada ou se embriagava e começava a galantear para cima das mulheres. Depois da fase dos galanteios, deslizava para o natural mau humor do beberrão, fitando furioso as janelas, como se irritado com a interminável profundeza azul. Ryan quase conseguia ler sua mente: *Aceitei esse trabalho desgraçado e me mudei para cá, devia estar louco*. Contudo, sóbrio, Sullivan fazia o que precisava ser feto. Ryan

sabia que podia confiar no chefe da segurança. Isso era bom o bastante para que ele aturasse muita coisa.

Não sabia ao certo se podia confiar em Garris Fisher, no entanto. O homem urbano de meia-idade, metade bioquímico, metade empreendedor, ajudara a divulgar os plasmids de Fontaine.

– Algum produto novo em desenvolvimento na Futurismos Fontaine, Garris? – perguntou Ryan, cuidadosamente.

Fisher sorriu, misterioso, como Ryan imaginava que ele faria.

– Ah – o rapaz estalou o dedo contra a taça de champanhe, fazendo-a vibrar. – Como de costume. Mas nada com que tenha que se preocupar, Andrew...

– Reparei que o BruteMore tem vendido bastante. Os demais não têm tido... muito sucesso.

Fisher deu de ombros.

– Esses buracos transbordam na estrada do comércio, não é verdade? Passamos por cima deles, trocamos os pneus, e prosseguimos. Nosso CrescePele é popular com as senhoras... e o mais recente da Fontaine, o Incinerate, bastante chamativo.

– Ah, sim – Ryan riu. – Vi o cozinheiro acender o fogão, outro dia, usando-o. Apontou o dedo e *puff*! Assusta a pessoa um pouco, na hora.

– Assusta nas propagandas, sabe? Chama a atenção.

Ryan concordou. Havia algo naquilo, ficara impressionado ao ver o homem atirar fogo pela mão. Um verdadeiro sinal da ciência de Rapture em ação. E, de acordo com Sullivan, Fontaine nadava em alto lucro, superando o de Ryan. As Indústrias Ryan precisavam mesmo dar um jeito de produzir plasmids.

Kinkaide parecia embasbacado por Diane. Ryan pegou-se imaginando se conseguiria se livrar da moça, passando-a para o

rapaz. É claro, poderia simplesmente mandá-la embora. Mas, de alguma maneira, ela se encravara em sua vida emocional de forma que ele sabia que simplesmente dispensá-la seria doloroso, o que representava parte da vontade de fazê-lo. Não desejava um relacionamento sério. A moça andava com ideias de casamento. Pensamento detestável. Nunca mais. Mas preferia que Diane o deixasse por iniciativa própria, sem ter de ser... forçada.

O magnata sentiu o toque da namorada no braço, virando-se para dar com um sorriso carregado de leve repreensão.

– Querido, minha taça está vazia faz um tempão.

Ryan suspirou, descontente. A ex-garota dos cigarros, pelo menos em público, vivia empregando a dicção chique afetada que aprendera nos filmes. Julgava-se uma Myrna Loy.

– Sim, meu bem, precisamos mesmo de outra garrafa de champanhe. – Não queria oferecer mais vinho a Sullivan. – Brenda!

A mulher, aparentemente a dona do Kashmir – sócia de Ryan, na verdade – aproximou-se às pressas, contornando a estátua heroica de fortes homens erguendo o mundo, sorrindo muito. A testa grande de Brenda reluzia sob a luz vinda da janela; o vestido prateado, curto e muito apertado – *exagerado*, pensava Ryan, *para uma dama que passara dos trinta* –, forçou-a a caminhar com pacinhos de gueixa por sobre o carpete.

– Andrew! – ela soltou, numa voz absurdamente infantil. – O que *mais* posso fazer por você?

– Uma garrafa de nosso melhor champanhe, por favor.

– E – disse Sullivan – traga-me um, é... – notou que Ryan o fitava e suspirou: – ... um copo d'água.

– Providenciarei pessoalmente – Brenda cantarolou. – Pessoalmente, pessoalmente! E depois, que tal o carrinho de

sobremesas?

– Sim – disse Ryan. – Será esplêndido; obrigado, Brenda.

Olhou ao redor, para os demais. Os sorrisos que abriram para Brenda desapareceram assim que ela deu meia-volta – exceto, como sempre, Fisher, que parecia viver em seu elemento natural em Rapture, e ainda sorria, confiante.

Talvez, pensou Ryan, *eu esteja imaginando todo esse descontentamento*.

Mas os relatórios feitos por Sullivan, bem como outros seguranças, indicavam haver descontentamento em todos os níveis da sociedade – especialmente em Artemis Suites e no Beco dos Pobres, regiões que se tornavam perigosamente abarrotadas de gente. Ryan subestimara o número de funcionários necessários para o serviço de manutenção e não construíra moradia suficiente para todos. Rapture estava prestes a exceder um total de dezoito mil habitantes. Nem todos chegaram com fundos para investir. Ele esperara que muitos dos operários da construção e da manutenção deixariam a miséria graças ao trabalho. Encontrariam um jeito de expandir, arranjariam um segundo emprego – o que ele faria se estivesse no lugar deles. Os rumores de que os seguidores de Frank Fontaine e Sofia Lamb vinham encorajando ideias que Andrew Ryan considerava perfeitos tabus – como os sindicatos – ganhavam cada vez mais volume. Fontaine era escorregadio, contudo. Conseguir provas contra ele por fazer organização comunista era tão difícil quanto de estar contrabandeando.

Ryan, porém, tinha um plano para Sofia Lamb. Pretendia arranjar para que debatessem em público. Quando os melhores elementos de Rapture ouvissem a sofística marxista da moça em brados

flagrantes através do rádio, nenhum deles faria objeção caso ela simplesmente... desaparecesse.

– Estava pensando – disse Diane – que devíamos fazer mais apresentações públicas, eu e Sander e todo mundo – a moça lembrou-se de sua nova gramática. Pigarreou e retomou a fala: – E *os demais*, no parque e nos átrios, levar mais gente às ruas. Você fez todos esses espaços grandes, lindos e altos, mas o que as pessoas fazem? Amontoam-se como coelhinhos na toca!

Ryan reparou que ansiava pela companhia simples, menos afetada, de Jasmine Jolene. Talvez conseguisse escapar para visitá-la...

– Sr. Ryan? – o sotaque pesado de Karlosky invadiu os pensamentos do fundador de Rapture. Fedendo a tabaco e colônia masculina em excesso, o empregado encontrava-se bem ao seu lado.

Ryan virou-se rapidamente para ele, desejando tratar-se de uma desculpa para ir embora mais cedo.

– Sim?

– Temos um problema em Hephaestus. Sabotagem, estão dizendo!

– Sabotagem! – Por estranho que parecesse, estava quase satisfeito em ouvir aquilo. Era a desculpa de que precisava. Levantou-se. – Não se levantem – disse aos demais. – É melhor eu ir ver o que está acontecendo.

– Também vou – disse Kinkaide.

– Não é da sua área, Anton. Eu mesmo verifico. Ah, talvez você possa acompanhar Diane em casa, por mim, mais tarde?

– Ah, sim, sim, com prazer, sem dúvida, eu... sim...

Ryan apressou-se, acompanhando Karlosky, supondo que Bill McDonagh já estava lidando com a emergência.

♦ ♦ ♦

Bill McDonagh tinha água gelada até a cintura, tentando descobrir como lidaria com aquela emergência. Atravessara a sala de controle, em meio à água ondulante, e encontrou as manivelas certas para girar, mas os dedos dormentes estavam sem força. Conseguira fechar somente duas de quatro. Deu um jeito na terceira e estava com dificuldade na quarta. Devia ter fechado a escotilha da sala de controle. Mas, se o tivesse feito, se arriscaria a morrer afogado. Ativara as bombas de escoamento, torcendo para que a máquina mantivesse o afluxo até que ele conseguisse consertar o cano furado.

Roland Wallace também zanzava em meio à água, vestindo calças especiais que vinham até o peito, e luvas. O rapaz colou-se ao lado de Bill, enfiou as mãos dentro da água fria e ajudou a girar as duas últimas válvulas. As manivelas moviam-se com rangidos, e toda a ação parecia levar séculos para ser feita; porém, finalmente o fluxo foi bloqueado.

A água parou de jorrar para dentro da sala. Seguiram para as bombas, acionaram-nas e esperaram que a água fosse drenada; ambos batiam os dentes de tanto frio.

– Viu as marcas de ferramenta onde rasgaram os canos? – Wallace perguntou, apontando. Falou bem alto para ser ouvido entre chiados e sons de sucção vindos das bombas.

Bill fez que sim com a cabeça, esfregando as mãos para acordá-las. O cano de resfriamento encontrava-se projetado à frente, com

as bordas de metal rasgadas, e o ângulo agudo somado às marcas na parede traíam a força bruta empregada.

– Não tem nem o que discutir, amigo. Sabotagem!

A inundação estava quase completamente drenada quando Bill avistou um pacote preso por fita ao duto de ventilação do teto.

– Que diabos é isso, Roland?

– O que, ah! Não sei! Mas tem um tipo de relógio em cima...

– Jesus! É uma bomba! Sai daqui!

Wallace destravou a porta de metal, abriu-a, e os dois saíram menos de um segundo antes de ouvir um som de explosão atrás de si, acompanhado de um clarão e um cheiro forte de pólvora.

– Droga! – Bill xingou. Procurando enxergar em meio à fumaça, através da porta entreaberta, viu uma marca escura no duto onde a bomba estourara, mas não havia dano considerável. Pelo contrário, a sala estava coberta com o que pareciam ser pedaços grandes de papel, que começavam a grudar no piso molhado e nas paredes.

Tossindo devido à fumaça acre, ele entrou, pescou alguns papéis e saiu às pressas.

Havia palavras nos pedaços de papel. Impresso em letras grandes e pretas, em um deles estava

opressores de rapture
E no outro
preparem-se

Eram todos assim, com uma das duas frases.

– Preparem-se, opressores de Rapture – disse ele, vendo a sujeira de papel no chão.

– Uma bomba só com papel? – disse Wallace, confuso, coçando a cabeça.

Bill lembrou-se de ter ouvido falar, quando criança, sobre os antigos bombardeiros anarquistas do final do século XIX. Bombardeiros malucos, era como os chamavam. Mas papel não era do estilo deles.

– Só um jeito de chamar nossa atenção – sugeriu ele. – Uma pequena sabotagem. Uma bombinha, nada forte o bastante pra fazer todo mundo sair procurando quem fez. Como diz aqui, um aviso, não é?

– Mas indica que vai haver uma bomba maior – Wallace apontou. – Do contrário, pra que essa bomba?

– Bem, verdade isso. Acham que estão sendo oprimidos, então? E isso aqui é pra nos dizer o que eles querem? Muito vago pro meu gosto.

– O que é vago? – perguntou Ryan, aproximando-se. – O que aconteceu?

– Sr. Ryan, não era pro senhor estar aqui! – Bill falou. – Pode haver outra bomba!

– Uma bomba!

Wallace deu de ombros.

– Estava mais pra bombinha, senhor. Espalhou papel, com algum tipo de aviso político escrito. Não causou muito estrago.

Bill entregou ao chefe os pedaços de papel. Ele ficou todo vermelho, com as mãos tremendo.

– Então começou! – Ryan balbuciou. – Organizadores comunistas! Provavelmente os seguidores daquela Lamb...

– Pode ser – disse Bill. – Ou talvez seja alguém que quer que pensemos que é isso o que está acontecendo aqui...

Ryan olhou para o amigo, preocupado, amassando o papel na mão.

– O que quer dizer, exatamente, Bill?

– Não sei, chefe. Mas... – ele hesitou, sabendo que Ryan tinha sentimentos ambíguos com relação a Frank Fontaine. Parecia gostar dele. Aparentemente não queria derrotá-lo. – Um cara como Fontaine poderia usar esse tipo de imundície para virar o jogo de poder aqui em Rapture.

Ryan parecia duvidar.

– Alguém sim, mas Fontaine?

Wallace pigarreou.

– Rapture tem suas vulnerabilidades, Sr. Ryan. Pode ser bem caro ir ao médico aqui. Fontaine poderia apontar isso. Saneamento, oxigênio... tudo é cobrado aqui.

Ryan fez uma expressão indignada.

– Qual o problema? Construí este lugar. As Indústrias Ryan detêm a maior parte de Rapture. As pessoas têm que adquirir propriedades, *competir* para conseguir conforto aqui!

Wallace engoliu em seco, mas continuou bravamente.

– Claro, Sr. Ryan, mas a maioria das pessoas que trabalham pros mercadores daqui não ganha bem. Não existe salário mínimo, então é difícil ganhar o bastante pra guardar, e...

– Os habilidosos vão ganhar! Temos possibilidades aqui que outros não têm: nenhuma restrição para a ciência, nenhuma interferência dos sistemas de controle supersticiosos que as pessoas chamam de religião! Esses descontentes não têm motivo! E devo dizer, Wallace, surpreende-me ouvir esse tipo de ideia comunista vindo de você...

Wallace pareceu genuinamente alarmado ao ouvir isso. Bill apressou-se em intervir:

– Acho que o que ele quis dizer, chefe, é que a sensação de injustiça dá a esses comunistas a chance de meter seus bedelhos. Então temos que ficar de olho neles.

– É isso! – Wallace logo falou. – Só... de olho.

Ryan lançou para o rapaz um olhar demorado de apreciação. Depois, virou-se para os restos da bomba-mensagem.

– Ficaremos de olho. Vou colocar Sullivan para checar essa situação. Imediatamente. Por hora, vamos encontrar um lugar mais seguro para fazer uma convocação...

– Para uma... certo, chefe. Uma daquelas. Por aqui, senhor.

Bill dissera a si mesmo, para o bem de sua família, que tudo daria certo. Mas não conseguia mais ignorar o que estava óbvio demais: Rapture estava desmoronando.

12

Artemis Suites

1955

– Eu estava trabalhando no farol hoje – Sam disse, sombrio. Sam Lutz estava cansado; com as costas arqueadas, sentado ao lado da esposa, observava a filha brincando ao lado do beliche.

Sam e Mariska Lutz estavam sentados na cama inferior de seu beliche, no abarrotado número 6 de Artemis Suites – apartamento de "luxo" destinado para poucos habitantes, mas que eles compartilhavam com nove outras famílias. Ignoravam as discussões, a algazarra e o empurra-empurra que dominavam o restante da unidade, e observavam Mascha brincando no chão, ao lado da cama, com duas bonequinhas sem movimento que Sam confeccionara com sobras de madeira. Uma das bonecas era um menino, a outra, menina, e a pequena Mascha – criança pálida de cabelos pretos e olhos brilhantes da mesma cor, como os da mãe – fazia-os dançar juntos.

– La, la-la la, o amor de Rapture, seu coração vai capturar, oh la, la-la la-a-a! – ela cantava, provendo a música para a dança com sua voz fraca. Era alguma canção que ouvira na transmissão pública em um dos átrios.

– Foi bom você ter conseguido trabalho, Sam – Mariska falou, com os olhos na menina. Tinha boa dicção, ensinara inglês em Praga, mas o sotaque era forte. Conheceram-se quando Sam

estava locado na Europa Ocidental, depois da Segunda Guerra Mundial. As circunstâncias tornaram quase impossível para os dois casarem-se e voltarem para os EUA, mas, em 1948, foram abordados por um recrutador de Rapture à procura de operários para construir o Expresso Atlântico. Seria uma forma de escapar das ruínas deixadas pelo conflito. Uma forma de escapar do exército norte-americano.

Contudo, Rapture não era o que prometia. O rapaz sentia-se aprisionado. O trabalho terminara, e Sam fora dispensado. E sumariamente informado de que era proibido sair da colônia submarina. Havia beleza em Rapture, sem dúvida, mas pessoas como Sam não tinham muita chance de apreciá-la. Era como dizia Sofia Lamb: a maioria das pessoas da cidade era como serviçais nos bastidores de um palácio.

– É, eu precisava de trabalho, mesmo – Sam admitiu. – Mas durou só dois dias. Não foi suficiente pra nos tirar daqui. Preciso de dinheiro que baste pra termos nossa casa em Sinclair Deluxe, no mínimo.

– Tem uns quartos sem uso nos fundos de McDonagh, o Lutador. Elaine me falou deles. Talvez eles nos deixem ficar lá por um bom preço! Os McDonagh são legais.

O rapaz resmungou.

– Talvez, mas... não sei se queria ver a menina lá. O gerente noturno do McDonagh aluga esses quartos pras mulheres do Beco dos Pobres... Mulheres desesperadas, se é que você me entende...

– E por acaso aqui é muito melhor?

– Não. – Então, percebendo que a tristeza pode contaminar, ele sorriu e acariciou a mão dela, chegando perto de seu ouvido para

dizer: – Algum dia, vou te levar ao Colorado. Você ia gostar do Colorado...

– Talvez algum dia. – A moça entrelaçou os dedos nos do esposo, olhando ao redor, nervosa. – Melhor não falar disso aqui. Temos comida e abrigo agora...

Sam bufou. Fitou as pessoas que passavam de um lado a outro da pequena suíte malcheirosa. Todas as demais suítes e os quartos do edifício Artemis estavam igualmente apinhados, repletos de tensão.

O baixinho Toby Griggs parecia estar discutindo novamente com o fortão Babcock. Os dois tinham algo de esquisito. Como se, do nada, transformassem-se em gatos, arqueassem as costas e pusessem-se a sibilar. Babcock deu as costas ao outro e saiu andando entre os beliches. Griggs o seguiu...

Havia duas fileiras de beliches no que deveria ser a sala de estar. Mais sete contra as duas longas paredes dentro do quarto. Lixo acumulava-se ao canto. Não havia espaço suficiente para guardar volumes. Torciam para que a privada não estivesse entupida mais uma vez. Pelo cheiro, parecia estar.

E alguém havia pichado as paredes: *Ryan não nos possui! Torne-se o corpo de Lamb!* Aquilo tinha que ser apagado antes que os policiais vissem.

– Ah, se você esteve no alto do farol – Mariska comentou de súbito –, você viu o céu! Deve ter sido gostoso! – Ficou de olhos escancarados ao pensar em ver o céu de novo.

– Sim. Só tive alguns segundos para olhar para ele. Estivemos ocupados consertando a batisfera da entrada. Tivemos que içar quase trezentos metros de cabos de aço e ajustá-los na roldana. Nada fácil para três homens, além de um guincho manual. E como

fazia frio naquele farol. É inverno na superfície. Lembro-me de cruzar o oceano num barco de tropa nessa época do ano, frio pra caramba, e as ondas mais altas do que o barco, todo mundo enjoado. – Sam fez um esforço mental para expulsar à força as memórias da guerra de sua mente. Contou com a ajuda de Toby Griggs e Babcock, que discutiam em alto e bom som, do outro lado dos beliches. Tentou ignorá-los; era preciso filtrar o que vinha do ambiente ao redor, nessas condições, se a pessoa quisesse manter-se sã.

– Ouviu alguma coisa lá no farol? – ela perguntou. – Quer dizer, talvez os navios passando, ou as gaivotas...

– Sabe o que ouvi lá em cima? *Icebergs*! Ouvimos um desses trombando no farol, *bum*! Aquele som ecoante de impacto! Que barulho!

– Gostaria de subir e dar uma olhada, alguma vez – ela disse, melancólica. – Se fosse permitido...

– Ah, Deus. Desculpe-me por ter trazido você aqui para baixo. Fizeram a gente pensar que seria tão bom...

Mariska beijou Sam no rosto. Seus lábios tocaram-no feito pluma, depois de lidar com metal duro e frio o dia todo.

– *Miluji t*ě! – ela suspirou. “Eu te amo” em checo.

– Eu também, menina! – disse ele, pondo o braço em torno dos seus ombros. Era uma moça pequena, aninhava-se facilmente nos braços do rapaz.

Em todo o quarto apinhado, as pessoas murmuravam, discutiam e enchiam o saco em três, talvez quatro idiomas diferentes: o chinês cantado, o espanhol, fluido e borbulhante, e principalmente o sarcasmo descarado do inglês do Brooklyn.

– O que tá fazendo com suas bota embaxo do meu beliche aquee? To com cara de tê lugar pra suas coisa embaxo do meu beliche, cacete?

– Alguém roubou o resto da porra da minha sopa aromatizada! Sabe como é difícil achar essa porcaria? Deve ter sido você, Morris...

– Nem fodendo!

– Alguém mexeu no meu armário! Minha última dose de EVE tava lá dentro e sumiu!

– Qual é, velho, foi você que roubou meus plasmids! Eu tinha um MaisHábil que eu ia injetar pro trampo de amanhã!

Assustada com a gritaria, Mascha foi se sentar com as costas nas pernas do pai. Grudou os bonequinhos um no outro e cantou bem alto, para ignorar o som de todas aquelas vozes exaltadas.

– La, la-la la, o amor de Rapture, seu coração vai capturar, oh la, la-la la-a-a!

Alguém no canto oposto gritou, mas Sam não pôde entender o que a pessoa falou. Viu um clarão, ouviu um barulho, sentiu cheiro de ozônio; em seguida, um grito de dor e um fulgor azulado.

Uma bola de fogo passou sibilando, cruzando a sala, por entre os beliches, e chamuscou a parede da esquerda.

– Mãe! Pai! – Mascha choramingou, escalando a cama para ir se pendurar no pescoço da mãe, por onde podia ver o que se passava. – Que é isso?

– Alguém está fazendo bagunça com aqueles plasmids! – Mariska sussurrou, falando baixinho, com medo. – Eles estão lá longe, do outro lado do quarto; estamos salvos aqui.

– Fiquem no beliche – Sam disse com firmeza. Mariska tentou segurá-lo, mas ele puxou o braço. Tinha de saber o que estava

acontecendo. Se estavam atirando bolas de fogo, o lugar todo poderia incendiar; havia diversos inflamáveis em Artemis. Estavam longe das portas da suíte e poderiam morrer queimados antes de conseguir escapar. Forma muito contraditória de morrer, considerando que estavam no fundo do mar. Mas já ouvira falar de homens que morreram queimados em submarinos na guerra.

Moveu-se com cautela para olhar de esguelha ao lado do beliche duplo da família Ming, e viu os dois homens duelando no canto mais distante da sala, perto da fileira de janelas circulares que davam para o mar.

– Sai da minha frente, ou a próxima vai te transformar em torrada, Griggs! – gritou Babcock, enfiando um dedo irritado na cara do mais baixo. Babcock era um homem alto, com bochechas gordas e cabelo em camadas, e vestia um sobretudo engordurado. Tinha uma daquelas reações esquisitas que as pessoas tinham após o uso de plasmid, no caso dele no couro cabeludo, compondo uma malha de vergões vermelhos. Parte do cabelo dele caíra em torno do local diferenciado.

Toby Griggs estava a postos para entrar na briga – um moço franzino com cara de raposa, os cabelos alisados para trás; o jeito de falar era mordaz, e o senso de humor, espevitado. Sam gostava de Toby devido à sua efusividade. Ele trabalhava como vendedor em uma das lojas de Fort Frolic, e ainda usava o terno amarrotado listrado de verde e preto.

– Sai fora, ou te eletrocuto, Babcock! – Toby ganiu, conforme a energia crepitava entre os dedos da mão erguida. – Vai ser tipo cadeira elétrica, mas fora dela!

Sam não se surpreendera ao constatar que Toby gastara o salário comprando um plasmid da Futurismos Fontaine; ouvira o rapaz

comentando sobre como um bom plasmid geraria igualdade. Era um moço baixinho e não gostava de ser incomodado.

Contudo, Babcock sempre parecera equilibrado, e tinha duas filhas pequenas com as quais se preocupar; gêmeas roliças. Ainda assim, lá estava ele usando *Incinerate!*, criando uma bola de fogo nas mãos.

Toby Griggs tinha algo no olhar que fez Sam pensar no galo de briga de sua casa, no rancho, pronto para atacar o rival com o bico – aquele brilho malvado nos olhinhos. Quanto a Babcock, parecia-lhe que a malha de vergões vermelhos na cabeça dele pulsava no mesmo ritmo de seu ofegar irritado. Uma coluna ondulante de ar quente se erguia das chamas que tremeluziam sobre as mãos dele. Estranhamente, as chamas que emanavam dos dedos não os queimavam – mas assim eram os plasmids. Sam acreditava que o uso exagerado de plasmids transformava as pessoas em víboras, jamais prejudicadas pelo próprio veneno.

Toby e Babcock dançavam em torno um do outro, dentes à mostra, olhos ardentes, baba escorrendo pelos cantos da boca, energia reluzindo nas mãos. Para Sam, as ameaças soavam como um balbuciar; como se nenhum dos dois tivesse ciência do que dizia.

– Tá me ameaçando, Babcock? – Toby urrou. – É isso mesmo? É mesmo? Tô cansado de vocês, patetas, me enchendo o saco! Por que acham que paguei uma boa grana por esse plasmid? Posso ficar sem comida por uma semana, mas tenho poder pra impedir que babacas como você fiquem folgando por aí! Sou um novo homem! Posso sentir! É melhor não se meter comigo agora, Babcock! Sai fora ou *morre*!

– Morrer? *Eu*? Posso te queimar até virar cinza! Jurei que vou defender minha família contra qualquer um que a ameace, e vou fazer isso!

– Ninguém tá ameaçando sua família! Você ficou maluco desde o momento em que injetou o plasmid! – Toby bufou. – Você não dá conta! Deve ter tomado muito EVE e pouco ADAM, não sabe o que tá fazendo! Enlouqueceu, Babcock! Doido varrido, pirado! Sai fora ou vou te atacar com uma carga que vai transformar sua cabeça numa lâmpada de mil watts!

– Como é que vai fazer isso se for um monte de cinza, hein? Responde aí!

O fogo rodopiava, incansável, rugindo nas mãos de Babcock, como se ansiasse por destruir.

Toby Griggs grunhiu e partiu para a ofensiva. Contraiu os ombros, com o cenho franzido, em insana concentração. A eletricidade emanou de seus dedos, crepitando pelo ar para cima de Babcock, quando a esposa deste – uma senhora rechonchuda, de cabelo repartido ao meio, que usava chinelos e uma camisola azul larga – veio correndo para ele, abusando das pernas pequenas, e atirou-se em seus ombros.

– *Nãããão*, Harold! – gritou ela. – Não faça isso! Vai matar a todos nós!

Depois soltou um guincho ressonante quando o Electro Bolt atingiu a ela e o marido ao mesmo tempo... um relâmpago branco-azulado extragrande – tudo o que Toby Griggs conseguira conjurar.

As pessoas que assistiam à cena gritaram ao ver Babcock e a esposa ficarem duros feito pedra. O casal pareceu fazer uma coreografa, presos um ao outro, trancafiados num abraço fatal conforme a corrente passava através deles, vertendo faíscas azuis

de seus dentes expostos. O cabelo da Sra. Babcock levantou-se, e seu vestido pegou fogo. Os olhos de ambos soltaram fumaça e, em seguida, saltaram das órbitas. As faces contorceram-se.

O assomo de energia e as fagulhas ricochetearam nas paredes e no chão quando o Sr. e a Sra. Babcock, seus corpos fundidos numa grotesca paródia do casamento, caíram como uma massa imóvel e chamuscada.

– Ah, meu Deus – Sam murmurou, olhando-os. – Estão mortos! Toby Griggs, que foi que você fez?

– Vocês, vocês todos viram! – Toby falou, num ganido estridente, afastando-se da multidão que assomava por entre os beliches. – Ele atirou uma bola de fogo na minha cabeça! Estava delirando, perdeu totalmente a cachola! Tava louco de plasmid! Não aguenta os plasmids, e basicamente tentou... tentou me matar! Ele...

Então, Toby disparou, esquivando-se das mãos que tentavam agarrá-lo, e saiu pela porta de entrada da suíte.

Duas menininhas, as gêmeas dos Babcock, de apenas cinco anos, aproximaram-se nas pontas dos pés, abraçadas em vida assim como seus pais abraçavam-se na morte.

– Mamãe? – chamou uma menininha.

– Papai? – chamou a outra.

Duas menininhas. Sozinhas no mundo. Órfãs. Duas irmãzinhas...

Futurismos Fontaine, Rapture

1955

– Temos muito poucas lesmas marinhas – disse Brigid Tenenbaum, enquanto analisava um gastrópode morto através do microscópio, quando Frank Fontaine entrou no laboratório 23. Os novos sítios de pesquisa eram maiores, tinham mais espaço, janelas

e escotilhas, níveis e um mezanino que dava para o pátio central da Futurismos Fontaine. Tenenbaum virou-se e franziu o cenho, pensativa, olhando para Fontaine. – Somente gastrópodes especiais funcionam para o mutagênico de ADAM e como base para EVE... e já se acabaram.

– Vamos ter que diminuir a produção de plasmids – disse Fontaine, sombrio, fitando as lesmas marinhas remanescentes que nadavam dentro do aquário. *Merdinhas nojentas*. – Não podemos reproduzir essas merdinhas? Criar mais lesmas marinhas como, como se chama, como na pecuária?

– Talvez, com o tempo. Mas o processo muito lento, muita experimentação, talvez anos. Melhor aumentar a produção individual de mutagênico na lesma, de ADAM. Isso pode ser feito mais rapidamente se usarmos um hospedeiro.

– Um *hospedeiro*? Ah... talvez possamos assaltar um navio, entregar os marinheiros a você.

– Já tentamos adultos. Dois sujeitos. Adoeceram e morreram. Gritando, muito barulho. Irritante. Um deles tentou me tocar... – Ela olhou para a própria mão com espanto. – Tentou pegar minha mão. Implorando, tira, tira de mim... Mas crianças! Ah, o bicho gosta de estar em crianças. A lesma marinha fica feliz em criança.

– Fica feliz... numa criança? Bom, como funciona isso exatamente?

– Implantamos a lesma na parede do estômago da criança. Ela se conecta às células, torna-se simbiótica com o hospedeiro humano. Depois que ele a alimenta, induzimos a regurgitação, e depois temos vinte, trinta vezes mais rendimento de ADAM utilizável.

– E como sabe que funciona tão bem em crianças?

O Dr. Suchong apareceu na sala empurrando uma maca, e respondeu à pergunta:

– Suchong e Tenenbaum experimentaram com essa criança!

Esticada sobre a maca estava o que parecia ser uma criança que dormia, uma menina clara de feições comuns, vestida com roupão, presa por fivelas à cama hospitalar. Devia ter por volta de seis anos de idade. Os olhos se abriram; a menina olhou para Fontaine com uma carinha de sono e abriu um meio sorriso. Dopada.

– Onde foi que conseguiram essa criança?

– Estava doente – disse Tenenbaum. – Tumor cerebral. Falamos aos pais que talvez possamos curar. Implantamos a lesma no abdômen, dentro. Cura tumor! Mantemos a menina dopada, ela conversa por pensamentos com a lesma marinha...

Como se respondesse, a menina levou a mão à barriga e a acariciou.

Tenenbaum fez uma interjeição de satisfação.

– Sim. Ela vai ser produtiva.

– Pretende usar essa criança para criar uma nova base de plasmids... – Fontaine balançou a cabeça. – Uma criança? Vai ser suficiente? O mercado está explodindo! As pessoas estão procurando o produto feito loucas! Eu estava pensando em começar uma publicidade pesada, lojas, talvez até em máquinas de venda automática...

– Essa é criança-teste – disse Suchong. – Precisamos de mais, muito mais. Implantar, alimentar, induzir regurgitação, muito mutagênico produzido, muito ADAM. Melhor se dopada. Devemos preparar hospedeiros para o processo. Condicioná-los!

– Mas por que é que elas... gostam de crianças? – perguntou Fontaine. Dava quase para sentir uma lesma marinha contorcendo-

se dentro da própria barriga. Pura imaginação, mas o pensamento o enojou.

Tenenbaum deu de ombros.

– Células-tronco de criança são mais maleáveis. Mais... responsivas. Conectam-se à lesma marinha. Precisamos de crianças, Frank, muitas crianças!

Fontaine bufou.

– E onde é que vamos encontrar? Escolher num catálogo de compra pelo correio?

O Dr. Suchong franziu o cenho e balançou a cabeça.

– Suchong nunca viu catálogo desse. Não precisa. Duas crianças disponíveis já. Meninas órfãs. Gêmeas dos Babcock. Moram com pessoas em Artemis Suites; pais morreram. Ambos os pais mortos por ataque de plasmid. E são meninas, a idade certa... perfeito! Pagamos para trazê-las aqui.

– Certo, tem que ser crianças... mas por que meninas? – Fontaine questionou. – As pessoas costumam ser ainda mais protetoras com menininhas.

Tenenbaum pareceu irritar-se e voltou sua atenção para o microscópio, murmurando:

– Por alguma razão, meninas aceitam lesma marinha melhor do que meninos.

Fontaine pensou em quem teria sido o menino com o qual fizeram experimentos para determinar tal fato, e o que lhe acontecera. Mas ele não se importava. Não *mesmo*.

E, na verdade, havia um lugar que poderia fornecer crianças para todo tipo de intento.

– Então só meninas, hein? Tudo bem; serão somente algumas camas vazias no orfanato.

– Orfanato? – Tenenbaum piscou os olhos, admirada. – Tem orfanato em Rapture?

Fontaine sorriu.

– Não, mas vai ter. Acabou de me dar a ideia, com essa história das órfãs dos Babcock. Doarei dinheiro para o orfanato! Sim! “Orfanato das Irmãzinhas.” Teremos lindas fazendas de plasmid... e vamos prepará-las já. Temos que fazer isso logo! Tenho mais pedidos de plasmid do que consigo suprir no ano! – Alguma coisa nessa ideia o dera ânimo. Sentia um ligeiro tremor, quase um alívio que perpassava seu corpo ao pensar no assunto. *Orfanato*. O lugar onde crescera. Orfanatos resultando em dinheiro. E dinheiro... em poder. – Dinheiro e poder, Brigid. Dinheiro e poder! Está bem ali, feito fruta madura pendurada num pomar.

Fontaine ouviu a porta abrir e viu seu guarda-costas entrando com um sorriso no rosto. Deixara Reggie tomando conta da porta de entrada da Futurismos Fontaine; o rapaz surgira com uma mão no bíceps, com sangue escorrendo por entre os dedos.

– Aí, alguém tem gaze pra me dar?

– Reggie? – Fontaine aproximou-se da porta e olhou para o pátio inferior. Não viu ninguém. – O que aconteceu? Machucou muito?

Suchong já estava limpando metodicamente o ferimento no braço do segurança.

– Ai! Oh, não machucou feio, não. Mas, te digo uma coisa, alguém atirou em mim. Tipo, assim do nada, eu acho. Maldito. Atirei também, mas acho que não acertei. O cara fugiu.

– Atirou em você... um policial, é isso? – Fontaine perguntou.

– Acho que não. Não fiz nada que levasse um policial a atirar em mim. E não tinha distintivo. Cara de noiado de plasmid, revólver na mão. Manchas em todo o rosto. Tem sido assim ultimamente, tiro

pra todo lado. Ryan começou a construir torres de segurança, pra manter esses caras sob a mira. É melhor você arranjar uma dessas pra este lugar. Câmera com revólver que capta o alvo. Não sei como... ai, doutor, caramba!

– Suchong sente muito – disse o cientista, parecendo não sentir nada, enquanto enrolava uma bandagem apertada em torno do ferimento.

– Como eu dizia, não sei como a torre não mata quem não é pra matar. Só sei que dia após dia tem tiroteio. Plasmids... é por isso que não uso essas coisas. Não gosto de usar minha arma sem um bom motivo. – O rapaz estremeceu mais uma vez. – Desperdício de boa munição.

Escritório de Andrew Ryan

1955

Andrew Ryan, em pé em frente à janela, observava, taciturno, as luzes de Rapture que tremeluziam na água do mar, e pensava: *Medidas hão de ser tomadas... Já tolerei demais...*

– Queria falar com Poole? – perguntou Sullivan, entrando no cômodo com o repórter com cara de rato.

Ryan assentiu e sentou-se em sua mesa. Stanley Poole e Sullivan sentaram-se também.

– Bom, Poole, o que tem a relatar sobre esse Topside? As pessoas falam dele como se fosse herói, mas é um forasteiro, pelo que sei...

Sullivan franziu o cenho.

– Eu podia fazer um servicinho sujo nele, Sr. Ryan.

– Eu sei, xerife. Mas seu pessoal, às vezes, é... óbvio demais. O Poole aqui tem um dom esquisito pra ser ignorado. E aí, Poole?

Stanley Poole lambeu os beiços, nervoso.

– Sim, senhor, bom, pelo que pude descobrir, esse cara que estão chamando de Johnny Topside é um mergulhador. Havia uns bisbilhoteiros por aqui, lembra-se? Nossos submarinos certificaram-se de ter liquidado o problema. Quando saíram de vista, ora, ele desceu pra ver o que estava acontecendo. Foi até o farol principal e encontrou uma entrada. Uma das saídas de ar, acredito eu. As pessoas andam impressionadas com ele, por ter conseguido entrar aqui. Age como se estivesse por conta própria, só querendo ajudar. Anda perguntando sobre meninas desaparecidas, aparentemente...

– Ah, é? Qual é o nome verdadeiro dele?

– Desculpe, ele é reservado quanto a essa questão. Parece que prefere o pseudônimo. E vai trocando. Tá me cheirando a agente secreto. Federal, acredito eu; bom, como é que ele conseguiu informação sobre barcos que sumiram nesta área, tudo isso, se não tinha conexão nenhuma?

Ryan levou a mão à ponta do nariz, entre os olhos. Andava tendo dores de cabeça muito incômodas, cada vez mais frequentemente. Ouvir que poderia haver um agente do governo em Rapture fez sua cabeça redobrar o latejo.

– Sabe algo sobre ele, xerife?

Sullivan meneou a cabeça.

– Tenho a mesma impressão. Também não descobri o nome. Coisa fácil de fazer. Posso levá-lo à nova instalação...

Ryan estalou os dedos.

– Precisamente o que eu tinha em mente. É um forasteiro. Quem sabe com quem está associado? Não podemos deixar um forasteiro qualquer zanzando por aqui, perguntando coisas... Prenda-o imediatamente, Sullivan. E enquanto cuida disso, traga aquela

desgraçada da Lamb. Poole informa que ela pode estar ligada à bomba de papel. Estou farto da tagarelice marxista dessa moça. Virou metade dos funcionários da manutenção contra mim.

– Quer que a acusemos de alguma coisa? – Sullivan indagou.

– Não. Quero, simplesmente, que ela... desapareça. Em Perséfone. Que seus seguidores sintam-se abandonados.

Sullivan assentiu.

– Fechado, Sr. Ryan.

– Lamb tem uma filha – Poole apontou. – A menina se chama Eleanor.

– É mesmo? Bom, encontre moradia para a menina, Sullivan.

Poole deu de ombros.

– Aquela mulher negra, Grace Holloway, toma conta dela às vezes. Ela aceitaria a criança...

– Certo, certo – disse Ryan, com um aceno displicente –, que ela fique com a criança. Por hora. A criança pode ser útil mais tarde...

Apollo Square

1955

– Spider splicers, é isso que eles são – disse Greavy.

– Spider o quê? – Bill perguntou.

– Splicers, Bill – Ruben Greavy repetiu. – Splicers. É o termo usual para quem é muito viciado em plasmids.

Fascinado, Bill observou os dois splicers, um homem e uma mulher, movendo-se feito aranhas, grudados nas laterais de um bonde. Rastejavam sobre a parede como fazem os insetos, desafiando a gravidade.

– Já vi um bocado de usuários de plasmid – Bill admitiu. – Mas isso... grudados nas coisas feito insetos malditos... Já foi longe

demais, talvez.

– Longe demais tem muito a ver com os splicers – disse Greavy num tom duro. – Todos acabam se tornando malfeitores. Ficam obcecados, esse grupo. Só pensam em consumir plasmids. Injetar mutagênicos de Fontaine, procurar EVE para ativá-los...

Bill McDonagh e Ruben Greavy estavam perto dos trilhos do bonde em Apollo Square, vendo o veículo se afastar. Aderidos como lagartixas às laterais metálicas dos bondes vagarosos, o casal de spider splicers usava roupas comuns, mas tinha as cabeças ornadas com horrorosos vergões vermelhos que brotaram devido ao uso abusivo de ADAM e EVE.

Bill passou a pesada caixa de ferramentas da mão esquerda para a direita, pensando em quão tentadores eram os plasmids. Ele poderia valer-se da capacidade de escalar paredes para alcançar lugares difíceis de consertar em Rapture. E poderia usar o novo plasmid de telecinese para mover objetos, acrescentando um par de mãos a mais no trabalho. Um homem sozinho seria capaz de fazer o trabalho que, normalmente, poderiam fazer três.

Mas Bill tinha consciência. Alguns conseguiam usar a substância e manter-se mais ou menos sãos por certo tempo. Mas fique usando e logo a pessoa aparece latindo por aí.

O homem splicer abriu um sorriso de palhaço malvado ao abaixar a cabeça para olhar pela janela, encarando os passageiros, que se contraíram ao vê-lo.

– Suas coisinhas saborosas! – gritou ele, com a voz rouca. – Seus chocolatinhos nessa caixa de chocolate de metal! – Ele cacarejou mais alguma coisa que Bill não pôde ouvir, pois o bonde se afastava dele e de Greavy. Mas conseguiu ver que a mulher, rindo-se toda, enfiou a mão pela janela e agarrou o braço de alguém.

Uma arma foi disparada de dentro do bonde, soltando fumaça, que escapou pela janela aberta, conforme a spider splicer puxou seu braço para fora. Ela guinchou de dor e fúria; em seguida, seu parceiro disparou com a própria arma janela adentro, ainda pendurado de cabeça para baixo. Então, o bonde sumiu no horizonte, além dos quiosques.

Bill suspirou e balançou a cabeça.

– Mas que gente mais maluca, esses dois!

– Sim, concordo – Greavy disse, pensativo. – Mas acho que fazem parte de um processo darwiniano. Essa loucura, esses efeitos colaterais, em algum momento eles vão morrer por causa disso, por lutarem uns contra os outros, penso eu. Uma peneira possivelmente necessária. Ryan e eu sabíamos que alguma coisa do tipo surgiria, algum vetor de purgação. No futuro, os plasmids serão produzidos sem efeitos colaterais. Esses usuários iniciais são como cobaias...

Bill fitou Greavy. Nunca gostara muito dele, e esse tipo de comentário era um dos motivos.

– Melhor começarmos essa inspeção. Acha que devíamos avisar os tiras sobre aquele disparo?

Greavy deu de ombros.

– Anda havendo tanto tiroteio ultimamente, tanto antagonismo... a polícia não consegue lidar com boa parte do que acontece. A opinião de Ryan é que, se dois adultos querem duelar, deixe que o façam.

Perturbado, Bill indicou o caminho, cruzando por sobre os trilhos e descendo uma pequena escadaria. Operários içavam uma grande placa no lugar, em frente a uma nova instituição construída num espaço inativo. A placa, com letras de metal prateado, dizia:

Centro

Fontaine

Para os Pobres

Como moldura das letras, havia duas esculturas em alto relevo, cada uma de um lado, de mãos estendidas para baixo puxando outras para cima...

– Nunca pensei que veria isso em Rapture – Bill murmurou, assim que pararam para ler. – Instituição de caridade!

– Não devia mesmo existir algo assim – Greavy falou, franzindo o cenho. – Só torna as coisas piores. A caridade treina as pessoas para serem dependentes. Faz parte da ordem natural que as pessoas batalhem e falhem, para que boa parte delas caia à beira da estrada, e... sabe? Morram. Centro Fontaine para os Pobres! – Ele bufou, cético. – De que se trata isso?

– Se fosse qualquer um, eu daria o “benefício da dúvida” – disse Bill. – Com Fontaine, começo a me perguntar o que é que ele está aprontando...

– Política – Greavy murmurou. – Aliados políticos. Talvez seu próprio exército, o exército dos pobres...

– Não haverá escassez de pobres dentre os quais escolher – comentou Bill, seguindo em frente. – Artemis Suites e o Beco dos Pobres estão estufados de gente sem trabalho, e os que trabalham sentem-se sobrecarregados e mal pagos. Nem todo mundo consegue iniciar seu negócio próprio. E os que conseguem, quem vai limpar a privada?

– Sabe como Fontaine consegue dinheiro para caridade? – perguntou Greavy, com pompa retórica. – Vendendo ADAM! E por que a maioria dos pobres está em estado de miséria? Porque estão viciados em ADAM! Gastam todo o seu dinheiro nisso! A ironia está naturalmente perdida em meio à turba...

Caminharam até a parede mais próxima, não longe da entrada de um complexo de apartamentos, e quase imediatamente Bill sentiu água fria pingando sobre sua cabeça.

Olhou para cima, viu a descoloração no alto da parede, no ponto onde encontrava as grandes janelas, de molduras pesadas, que se arqueavam por sobre o cômodo, vários andares acima. Bill admirava a visão dos irmãos Wales, que construíram espaços públicos como aquele. O teto elevado de vidro aliviava a sensação de confinamento, dando às pessoas acesso a algo similar a um céu. Infundido por luz filtrada em tons de verde e azul, vinda da superfície, o mar jazia diretamente acima. As janelas curvas encontravam as paredes, e através do vidro perto do teto entrava o panorama de outros prédios de Rapture, que emitiam luz do alto de suas fachadas, placas em neon reluzente.

Outra gota de água caiu do teto e espalhou-se sobre o ombro dele.

– Rachadura de pressão – Bill supôs. – Tendo em vista a poça, está aí faz algum tempo. Gostaria de poder escalar as paredes como aqueles spider splicers, olhar mais de perto. Bom, acho que precisaremos de um grupo com trajes de mergulho, aplicar um pouco de selante, e depois veremos se... – Sua voz foi cortada quando ele viu uma chave-inglesa flutuar de dentro do kit de ferramentas, como se não tivesse peso, e dançar no ar, na frente dele. – Que diabos é isso?

A chave-inglesa flutuante, subitamente, disparou contra a cabeça dele, e não fossem os bons reflexos e um movimento rápido, Bill teria sido nocauteado. A ferramenta passou por ele. Bill virou-se e viu o objeto seguir girando, parar em pleno ar, e voltar para tentar atacá-lo mais uma vez.

– Minha nossa! – Bill capturou a chave-inglesa com a mão esquerda, machucando a palma. A ferramenta debatia-se na mão dele feito um peixe vivo, porém rígido, de metal, até que simplesmente parou. – Quem está atirando ferramentas em mim?

– Lá está seu atirador de ferramentas – disse Greavy, com certo sarcasmo, apontando uma mulher a cerca de dez metros de distância, embaixo da entrada de Artemis Suites. Era uma moça pequena, com jeito de moradora de rua, que vestia calças cáqui pretas e uma blusa rota cheia de manchas de sangue, com a manga esquerda completamente rasgada revelando o braço arranhado e ensanguentado. Tinha os olhos pintados com lápis kajal, que ficaram parecidos com os de um urso panda, e o cabelo descolorido era espetado para cima, quase contorcido como as cobras da cabeça de Medusa. Bill supôs que um efeito colateral do plasmid de telecinese que a moça usava afetara-lhe o cabelo. Metade de seu rosto era marcada por vergões vermelhos. Os olhos emanavam o brilho demente dos usuários pesados de plasmid. Estava totalmente chapada.

Ela ergueu a mão encardida e apontou para o kit de ferramentas de Bill, que escapou da mão dele e saiu girando para longe, espalhando o conteúdo pelo caminho. As pessoas se esquivaram das ferramentas voadoras, sob o controle dos poderes telecinéticos da moça.

– Ei, você, pare de atirar ferramentas! – gritou um policial de careca brilhante que vestia um terno de xadrez. Ele se aproximou de Bill furtivamente. Levava um distintivo em forma de estrela preso ao peito.

– Não sou eu! – Bill gritou em resposta. – É ela, policial, aquela splicer perto de Artemis!

O policial virou-se para ver, levando a mão ao coldre para pegar seu revólver. Mas, assim que fez isso, seu distintivo soltou-se do casaco, deu uma volta em torno da cabeça e enterrou-se-lhe na testa, entre os olhos. O homem gritou de agonia e caiu de joelhos, pondo as mãos na testa, que vertia sangue.

– Isso é pra vocês aprenderem! – guinchou a mocinha splicer, mostrando o dedo para Bill e Greavy. – Vi vocês se intrometendo por aqui, federais malditos! Marionetes do Ryan! Não queremos vocês perto de Artemis! Nem esses tiras carecas!

Com um gesto repentino da moça, as ferramentas, antes espalhadas pelo chão, pularam no ar e vieram girando para cima de Bill. O rapaz se atirou no chão, esquivando-se. Greavy guinchou; tinha uma chave de fenda enfiada no peito, de onde vertia um líquido vermelho. O homem balbuciava...

– Céus, Greavy!

Bill levantou-se bem a tempo de amparar Greavy, que desabou, para então deitar o corpo palpitante do homem no piso. Ele gaguejava, cuspia sangue, com os olhos vidrados. Estava morrendo.

Talvez, se arranjassem ADAM para ele, poderiam salvá-lo; mas não havia tempo. Em questão de segundos, Greavy estava morto.

Bill olhou, em meio ao choque, para Artemis Suites, mas a splicer telecinética desaparecera. Ouviu alguém rindo, escondido nos cantos escuros do teto.

Em seguida, um anúncio ecoou pelo sistema de transmissão pública. Era uma gravação de Diane McClintock que dizia:

– Lembrem-se de que, aqui em Rapture, somos todos indivíduos, mas somos também parte da Grande Corrente! Fundidos pelo mercado livre, estamos nos tornando uma família feliz...

Escritório de Andrew Ryan

1955

– Sr. Ryan? Tem algo que preciso perguntar...

Bill McDonagh estava nervoso, queria uma explicação de Andrew Ryan. Tinha incontáveis outras coisas para fazer, mas estava incomodado demais para trabalhar enquanto não resolvesse a questão. A preocupação, feito azia, subia-lhe pelo pescoço.

– Sim, Bill? – disse Ryan, que mexia numa pequena caixa cheia de fitas de áudio, parecendo muito pouco curioso com o que trazia seu subordinado. Estava sentado na mesa, ordenando gravações rotuladas de seus discursos e debates. Um gravador AcuVox estava instalado ao lado da caixa.

Ele vestia um terno trespassado cor de caramelo, com gravata azul. Bill perguntou-se como o chefe conseguia funcionar dentro de um terno todo abotoado o dia inteiro.

– Sr. Ryan, preciso manter o calor circulando uniformemente em Rapture; preciso impedir que os encanamentos se congelem; tenho que conseguir controlar a pressão da água. Parte da engenharia deste lugar. Não consigo trabalhar quando surge um dreno grande, uma queda de calor e pressão brusca, que vem sem avisar e ninguém me deixa inspecionar a fonte...

Ryan pôs a caixa de lado.

– Vamos direto ao ponto. A que se refere este monólogo enigmático?

– Existe todo um setor de Rapture no qual não tenho permissão de entrar mais! Sinclair colocou um pessoal dele pra tomar conta. Chama o lugar de Perséfone. Sabia que estavam construindo alguma coisa, mas pensei que fosse um hotel. Só que é secreto demais pra ser hotel. Não posso ser responsável pela engenharia

hidráulica quando um setor inteiro da cidade está trancado pra mim! Parece que vem funcionando faz muito tempo. Mais de um ano... e não é um hotel.

Ryan resmungou baixinho, sarcástico, como se achasse graça.

– Depende do que você chama de hotel! Perséfone. É... venho pensando em conversar com você sobre isso. – Ryan recostou-se em sua cadeira, olhando para o teto como se houvesse algo escrito ali. – Bill... ouviu meu debate com Sofia Lamb?

– Só acompanhei alguns minutos. Fiquei meio surpreso por você ter feito isso.

Ryan sorriu pesarosamente.

– Corri um risco ao elevar essa descontente daquele jeito. Meu instinto me mandava simplesmente mandar prendê-la por sabotagem social. Mas eu defendo a liberdade; não posso ser hipócrita, e não quero torná-la um mártir. Então pensei em deixar o povo ouvir o tipo de disparate que ela põe para fora, enquanto eu estou ali para refutar! Ouça... – Ryan apertou um botão do gravador.

Bill ouviu a voz do chefe:

– Direitos religiosos, doutora? Tem liberdade para submeter-se a qualquer fetiche tribal que prefira no conforto de sua casa. Mas, em Rapture, a liberdade é a única lei. O único dever de um homem é para consigo mesmo. Implicar o contrário, portanto, é um crime.

Lamb respondeu:

– Pergunte a si mesmo, Andrew, de que se trata sua “Grande Corrente de progresso” se não de fé? A corrente é um símbolo que representa uma força irracional a nos guiar em direção à ascensão, não menos mística do que os crucifixos que você toma e queima.

Bill fez um movimento com a cabeça. Incomodava-lhe também quando Ryan confiscava artefatos religiosos. Não era religioso, mas

uma pessoa deveria ser livre para acreditar naquilo que desejasse.

Ryan apertou o botão para avançar, e depois o *play*. A voz de Lamb voltou a falar:

– Sonho, desilusão ou a dor de um membro fantasma; para uma pessoa, são reais como a chuva. A realidade é um consenso, e as pessoas estão perdendo a fé. Dê uma volta, Andrew. Está chovendo em Rapture, e você simplesmente escolheu não notar.

Ryan interrompeu a reprodução e bufou.

– Oradora bastante envolvente, ela, não? Se analisarmos, não faz sentido. Mas a mensagem verdadeira pode ser decodificada, Bill: "a realidade é um consenso, as pessoas estão perdendo a fé". O que é isso se não uma ideia marxista? E essa história de afirmar que ignoro o sofrimento em Rapture... – Ele balançou a cabeça, severo. – Não o ignoro, mas aceito-o como parte da longa e penosa marcha da evolução! O mundo da superfície ainda está aqui conosco; pôr fim ao hábito do parasitismo é difícil, Bill. E alguns cairão na beira da estrada durante essa longa e solitária marcha. Sei disso muito bem! Mas o que ela faz? Ela fala de mim como se eu fosse um Luís XIV! Logo vai sugerir que Diane é Maria Antonieta e vai nos mandar à guilhotina! Espera que eu fique quieto enquanto isso acontece?

– E o que tem a ver com essa Perséfone, chefe? – Bill perguntou. Suspeitava já saber, pois ouvira rumores, mas queria que o outro falasse.

Ryan fitou Bill direto nos olhos, um olhar quase de desafio, embora fosse Ryan o superior naquela sala.

– É o lugar para onde Sofia Lamb foi levada, há pouco tempo, Bill! E presa.

– Presa?

– Sim. Deve ter notado sua ausência ultimamente. Aquela beata loquaz pode fazer quantos discursos quiser para as paredes de sua cela.

– Mas isso não vai fazer dela um mártir?

– Pelo que consta a seus seguidores, ela está somente desaparecida. Desertou-os!

Bill balançou a cabeça, tristonho.

– Deve haver outro jeito, Sr. Ryan...

– Não posso permitir que essa sabotagem social continue! – Ryan apontou o dedo indicador para Bill. – Sabe quem armou aquela bomba de papel bonitinha, cheia de ameaças? Oh, eu descobri, Bill. – Ryan deu um tapa no tampo da mesa. – Foi serviço de um agente de Sofia Lamb! Stanley Poole está infiltrado no pessoal dela. Ouviu que foi um dos nossos quem armou aquela coisa... é bem provável que tenha sido Simon Wales!

– Wales?

– Ah, sim! Por ordem de Lamb!

– Bem, por que não processá-la por isso? Bomba é bomba. Foi vandalismo, no mínimo! Mas essa coisa de *sumir* com as pessoas...

– Processá-la publicamente geraria polêmica! De qualquer modo, não temos provas sólidas. Só rumores. Mas pense nisso: quão típico de uma psiquiatra criar uma bomba que não explode nada... a não ser nosso senso de segurança! Pouco tempo depois de chegar aqui, ela começou seu joguinho, mexendo os pauzinhos embaixo do nosso nariz. Sabe o que ela fez com o dinheiro extra que lhe paguei? Pegou-o, somou a várias “doações” dos seguidores, e construiu aquele Dionysus Park, local de adulação. Nomeado numa tentativa bizarra de zombaria...

– Dionysus Park? – Bill coçou a cabeça. Estivera lá somente uma vez para checar uma drenagem. – Pensei que fosse espaço pra algum tipo de “retiro”. Arteterapia, algo do gênero.

– Ah, sim – a voz de Ryan pingava cinismo quando ele retrucou. – Um retiro: as ovelhinhas enclausuradas com Sofia Lamb em seu precioso jardim e cinema privado. Cenário básico para propaganda marxista disfarçada de terapia e arte! Rapture tornou-se um barril de pólvora, Bill. Admiti isso quando Ruben Greavy morreu. Plasmids tornaram a cidade instável. Não podemos recolhê-los, não agora, mas podemos remover parte da instabilidade. Lamb e pessoas como ela têm de ser impedidas.

Bill imaginou o que de fato acontecia com os “presos” em Perséfone. O nome Perséfone não se relacionava a um mito... sobre o inferno?

Ryan continuou falando, depois de gesticular para o gravador:

– Gravei uma nota para você sobre tudo isso, mas posso também falar diretamente. Lembra-se de quando falou sobre um “mercado de ideias”? Falou sim. Gostei da frase. Então deixei Lamb entrar no mercado, tentei serrar suas presas em debates. Mas ela é perigosa demais para que eu lhe permita perambular livremente... Conhece o lugar que estão chamando de Beco dos Pobres? Já foi a Limbo Room?

– Eu não. Não passa de um muquifo.

– Bom. Porque Grace Holloway andava cantando canções de protesto ali. A bela moça era perfeitamente inofensiva até que Lamb tomou posse dela! E entre seus guinchos de protesto, aqueles insolentes distribuem seu manifesto! Seu rosto decora todas as paredes! Santa Lamb! Você a criou, McDonagh.

– Eu?

– Você, com aquela sua conversinha de mercado de ideias! Persuadiu-me a permitir esse tipo de gente! Agora, quero que converse com o conselho sobre isso. Eles têm que aceitar que pessoas como ela devem ser silenciadas...

– Não posso fazer isso, Sr. Ryan, não é minha função...

– Preciso saber o que realmente pensa sobre isso, Bill. Assim saberei como se sente.

– Mas... prisão? Esse lugar, Perséfone... o que é exatamente?

Ryan suspirou.

– Eu devia ter deixado você entrar lá. Há algum tempo atrás, fechei um acordo com Augusto Sinclair para construir o lugar; fica na periferia de Rapture. Perto daquela fenda grande, por via das dúvidas. É uma instalação para isolamento e interrogatório. Algo entre hospital psiquiátrico e instituição penal. Para inimigos políticos de Rapture. – Ryan ocupava-se com as fitas; parecia estar envergonhado. – Alguns dos seguidores dessa mulher estão soltos, e outros não. Vamos encontrá-los, com o tempo, e terão todos uma cela própria. Há vários tipos de descontentes em Perséfone... – O magnata pareceu notar que embaralhava arbitrariamente as fitas e pôs a caixa de lado. – Quanto a questões de pressão da água, vou pedir que Sinclair fale com você, que lhe ofereça relatórios sobre tudo isso. Ele tem uma equipe de manutenção para lidar com quaisquer problemas internos desse tipo.

Ele não quer que eu vá lá, Bill compreendeu. *Não quer que eu veja como é o lugar.*

Algo mais ocorreu a Bill. Havia um jeito, afinal, de visitar o interior de Perséfone: como prisioneiro. Poderia acontecer, caso ele dissesse algo de errado. Era assim que as coisas estavam ficando

em Rapture. E ele não podia arriscar ser preso, não com Elaine e a filha precisando dele.

Bill expeliu o ar longa e lentamente, para se acalmar. Quando o clima esfriasse, poderia persuadir Ryan a fechar Perséfone.

– Certo, Sr. Ryan – disse ele, mantendo a voz o mais firme que conseguiu. – Acredito que sabe o que é o melhor.

Colônia penal Perséfone

1955

Simon Wales sentiu um intenso misto de admiração supersticiosa e orgulho quando o guarda deixou-o entrar na cela de Sofia Lamb.

Ela esperava por ele, sentada numa cama cuidadosamente feita, em postura correta, as mãos repousando no colo, o cabelo loiro ajustado num coque. Parecia mais magra, tinha os olhos fundos. Mas havia ainda aquela fagulha transcendental.

– Você veio mesmo – ela disse, baixinho. – Como conseguiu?

Wales teve que respirar fundo para se acalmar antes de responder. Via aquela mulher como um messias do reino do Amor Universal. Era como estar frente a frente com uma radiante Joana D'Arc a esperar pela execução.

– Eu tenho certos laços de amizade com Sinclair, já que Daniel e eu fomos arquitetos-chefe de Rapture. Convenci-o a me deixar inspecionar a estrutura do local, para ver se estava pondo pressão sobre o restante da cidade; tudo mentira, é claro. Ele permitiu, e depois bastou subornar os guardas.

– Bom. Deve arranjar para que os guardas deixem-no entrar toda vez que vier; pague-lhes a quantia necessária. Eles temem Sullivan e Ryan, não podem ser induzidos a simplesmente me soltar. Mas podem ser persuadidos a me deixar falar livremente com os demais

internos. – Ela franziu o cenho. Dava para ver uma tristeza perpassar-lhe o rosto, que foi rapidamente suprimida. – E quanto a Eleanor? Alguma informação?

– Eles a mantêm em algum tipo de... condicionamento.

Ela fez uma careta.

– Bem, vão pensar que ela é uma coisa... mas plantei a missão dela profundamente em seu interior. Eleanor vai sobreviver! E vai surpreendê-los. Vai surpreender a todos aqui. Tenho fé nisso. – A médica olhou para a porta. – Estou desenvolvendo uma relação terapêutica com Nigel Weir.

Wales fitou-a, surpreso.

– Weir? O administrador de Perséfone? Ele deixou você...

Ela sorriu.

– É um homenzinho triste e perturbado. Com a pretensão de me interrogar, perguntou-me sobre si mesmo. Indiretamente, entende? Transferi o interrogatório para ele, chegamos a ver seus arquivos juntos. Acho que o persuadi a deixar que eu faça alguns experimentos, fazendo terapia com os prisioneiros de Perséfone. Ele vai convencer Sinclair que é tudo para o benefício do feudo de Ryan. Mas, com o tempo, planejo organizar uma rebelião aqui dentro. Pela qual não estarão esperando. Tolice deles colocar tantos prisioneiros políticos na mesma instalação... dão-nos a faca e o queijo.

Com os olhos na médica, Wales sentiu-se tonto. Subitamente, fora de controle, o homem jogou-se de joelhos.

– Madame... oh, Sofia! Como pude ser fiel a Andrew Ryan até agora? Como me deixei cegar?

Ela sorriu.

– Tudo bem, Simon. O ego é poderoso. O impulso de amar é fraco, no início. Deve ser fortificado com sacrifício em prol do coletivo. Leva tempo! Mas você foi um dos primeiros a ver a luz. É muito querido por mim, Simon Wales... E, em pouco tempo, Ryan vai cair. E eu... nós... estaremos esperando para tomar o lugar dele. Rapture será nossa. Diga-lhes, diga a todos que estarei de olho! Saberei quem é escravo do ego e quem está ascendendo para o corpo consagrado...

– Sim, Sofia! Farei com que seu rebanho saiba!

Sofia Lamb pôs a mão na cabeça dele, benzendo-o. Wales sentiu um tremor orgásmico percorrer-lhe o corpo em resposta ao toque, abaixou a cabeça e chorou de alegria.

13

Prisão de Rapture

1956

Sullivan estava preocupado com o delegado Harker. O homem respirava com dificuldade pela boca, como se acabasse de concluir uma corrida de dois quilômetros, mas Sullivan sabia muito bem que ele estivera sentado em sua mesa por, no mínimo, meia hora. Um dos charutos de Harker, ainda fumegante, era somente uma bituca no cinzeiro em forma de concha. Harker, sentado ali, arquejava, fitando o vazio e tamborilando os dedos sobre a mesa. O delegado era um homem baixo, compacto, de papada gorda, com cabelos ruivos rareados, e usava um terno preto esfarrapado. Parecia que não se barbeava havia dois dias.

– Você me pediu para vir até aqui, Harker, lembra-se? – disse Sullivan, sentando do outro lado da mesa. – Está bem? Parece esgotado.

– Claro, estou... estou bem. – Harker levou a mão acima e, sem notar, raspou o dedo no distintivo que tinha na lapela. – Só fico pensando, às vezes... se cometi um erro vindo a Rapture.

Sullivan riu.

– Está com complexo de *cowboy* solitário, é? Não conheço muita gente que não tenha se sentido assim alguma vez.

Harker concordou com bastante veemência.

– Mas ainda existe gente que acredita de verdade, xerife. Como Rizzo. Wallace. Ryan, é claro. Aquele biruta do Cohen. Talvez McDonagh. Perdemos gente, também... como Greavy – Harker sussurrou.

– É, foi uma pena perder o Greavy. Confiante demais, zanzando por aí como se fosse dono do lugar. Quase pegaram Bill McDonagh também.

– Sei não, ando tendo um pressentimento ruim, xerife. Sou grato por você ter me dado esse cargo. Mas eu devia ter ficado nos EUA e, sei lá, arranjado outro trabalho.

– Eu e você somos tiras, cara. Velhos demais pra mudar agora. – Dava para ver que Harker estava com medo, morrendo de medo. – O que foi? Quero dizer, alguma coisa te tirou o sossego. Alguma coisa especial. Por que me chamou até aqui?

Harker alisou com um dedo a barba cultivada nos dois últimos dias e abriu uma gaveta da mesa. Pegou um revólver, levantou-se, meteu a arma no bolso do casaco e disse:

– Vou te mostrar. Vem comigo.

Saíram para o corredor. Karlosky esperava lá fora, com uma espingarda nas mãos. Sullivan mantinha o russo por perto quando o Grande Homem não precisava dele. No dia anterior, essa espingarda quase serrara ao meio um spider splicer, e salvara o pescoço de Sullivan.

Karlosky cumprimentou Harker com um aceno. Este somente resmungou e passou pelo outro, seguindo resoluto pelo corredor, sobre suas perninhas grossas, ainda com uma das mãos enfiada no bolso, segurando a arma.

O delegado virou à direita e foi até um guarda negro que destravou a porta do corredor que levava ao bloco de celas.

Passaram por uma série de celas isoladas, todas trancadas, enfileiradas do lado esquerdo do caminho, onde splicers – cujo nível de EVE estava baixo o bastante para que fossem contidos – balbuciavam e imploravam por plasmids. Uma mulher de expressão feroz, e o rosto gravado por lesões, chocou-se contra o vidro da porta de sua célula assim que eles a cruzaram.

O lugar era mais sombrio e bizarro do que Perséfone. A "instalação de isolamento" não era ocupada por splicers malucos, de qualquer forma. Somente políticos excêntricos.

Finalmente, Harker parou perto da cela quinze, onde havia um policial brutamontes de olhos azuis agitados e sorriso dúbio encostado rente à parede de metal, com uma submetralhadora em punho.

– Tarde, delegado – disse Cavendish.

– Pouco mais de uma hora atrás – disse Harker, num tom mais baixo, quando Sullivan e Karlosky o alcançaram em frente à porta da cela –, trouxemos um splicer inconsciente. Seminu, um monte de deformidades de plasmid no rosto e tal. Bem, quando descobrimos esse imbecil, ele tinha uma espécie de gancho de limpar peixe numa mão, todo coberto de sangue. E, na outra mão, a cabeça de uma mulher. A cabeça, separada do corpo, entendem? Cortada bem abaixo do queixo! Corte preciso! Uma morena. Devia ter sido bonita. Acho que já vi essa menina dançando naquela boate de *strip-tease* em Fort Frolic. – Ele umedeceu os lábios e olhou para o corredor, para a cela dezoito. – Bom, esse splicer tava espremendo a cabeça da moça no peito, parecia uma criança abraçando uma boneca. Ele parecia uma serra elétrica, roncando! Pat Cavendish aqui algemou o cara e tentou acordá-lo, mas tava nocauteado. Daí o Patrick pediu ajuda, trouxe o filho da mãe pra cá, colocou ali na cela dezessete.

Colocamos a cabeça no congelador, caso queiram a identidade da moça.

– Certo – disse Sullivan, dando de ombros. – Não é o único splicer homicida que apareceu. Bem maluco, mas a maioria é assim. Deve ter ficado sem EVE, ficou cansado; plasmids demandam recarga, o cara tirou uma soneca... e agora está preso. Ryan tem falado sobre entregar caras como esse para Gil Alexander usar nos... experimentos dele. Vamos levá-lo a um juiz assim que amanhecer.

Cavendish bufou com desprezo.

– Cara, você não entendeu nada!

Sullivan não gostou do tom de Cavendish. Mas não gostava de nada do rapaz. Considerava-o uma das laranjas podres. Metade irlandês, metade britânico, de Suffolk. Sorriso de lobo. Gostava de espancar prisioneiros. Mas era bom de briga.

– Ele não teve falta de nada – continuou o policial. – Bebeu até cair, isso sim. Tava fedendo a álcool. Acordou ainda energizado. Estava na dezoito, da última vez que chequei.

– Que quer dizer com última vez que checou?

– Tem um plasmid novo no mercado – Harker intrometeu-se, quase sussurrando, fitando a porta da cela dezoito. – Só que no mercado negro. Fontaine não lançou publicamente. Parece que deixa a pessoa ainda mais maluca em tempo recorde, por um lado. Por outro, pode ser o mais perigoso de todos, se a gente para pra pensar. Porém, acho que esses caras devem ser loucos demais pra usá-lo contra o conselho. Só pensam em seguir os impulsos...

– Usar o quê? – Karlosky perguntou, impaciente.

– Podem *desaparecer* – disse Harker. – E ir pra outro lugar! Esse cara, ele entra e sai da cela assim quando quer. Pat, como é que

chamam esse plasmid?

– *Teleport*.

Nesse mesmo momento, um som de sucção fez todos olharem para a cela dezoito. Manchas negras flutuantes apareceram no ar, brilhos de energia que começaram a tomar a forma de um homem, e o som intensificou-se até que terminou num baque. Um homem apareceu, vindo do nada. Era pálido, tinha os pés descalços, nu da cintura para baixo. Usava somente uma camisa de uniforme imunda, respingada de sangue. O cabelo era castanho; o rosto angular não podia ser bem visualizado por baixo de todas as excrescências de plasmid. Um dos vergões quase expulsara-lhe o olho de sua órbita.

– Ei, seus cachorros imundos, tão me impedindo de dormir aqui! – rosnou ele, cuspindo saliva por entre os dentes amarelados protuberantes. – Tô tentando terminar a sesta, cacete! Mas se não são os tiras com seus belos distintivos! Quero um pra mim!

Karlosky, Cavendish, Harker e Sullivan empunharam suas armas. Uma submetralhadora, uma espingarda e dois revólveres – todos apontaram para o vazio.

Vazio porque o splicer se teleportara. Ainda tinha fartura de EVE em si, e desaparecera – para reaparecer atrás de Karlosky. Puxou o cabelo do russo, com zombaria, e quando o outro deu meia-volta para apontar a espingarda contra o preso, ele desapareceu novamente, brilhando em pleno ar.

Apareceu de novo, trazendo um cheiro nojento, numa pose de dançarino, entre Sullivan e a parede. Ele puxou a orelha do xerife e deu uma gargalhada:

– E aí, chefia!

O maldito age feito um desses personagens de desenho animado, pensou Sullivan. Ele tentou agarrar o splicer e sentiu seus dedos

atravessarem o ar, que crepitava com a energia que dissipava.

Quando virou de costas, viu o splicer tomando o revólver de Harker com uma das mãos; com a outra, ele rasgou fora o distintivo do delegado.

Sullivan engatilhou sua arma e atirou no splicer, mas puxou o gatilho um segundo atrasado: a bala passou pelo espaço onde estivera o teleportador e ricocheteou na parede de metal, atrás de Harker. O som de sucção surgiu novamente, seguido por um clarão vindo de dentro da cela dezoito.

Harker soltou um barulhinho lamurioso, som que jamais se esperaria dele. O delegado tossiu e escorregou parede abaixo, deixando um rastro de sangue na parede. Caiu de cara no chão, e ficou lá tremendo e gemendo. A bala da arma de Sullivan ricocheteara e atingira o delegado em cheio.

– Droga, Harker! – Sullivan bradou, como se fosse culpa do homem. – Desculpe, eu...

– Só... – Harker tossiu de novo. – Pegue o maldito...

Com a submetralhadora em punho, Cavendish aproximou-se com cautela da cela dezoito. Espiou pela janelinha da porta fortificada de metal... e sua cabeça foi arremessada para trás por um tiro disparado lá de dentro.

Sullivan pensou, inicialmente, que Cavendish estava morto, mas então viu que o policial somente perdera parte da orelha esquerda, rasgada pela bala. Cavendish prostrou-se no piso do corredor, levou a mão à orelha ensanguentada e sibilou de dor.

– Porraaaaa!

Um riso de escárnio veio de dentro da cela.

– Pena que errei, podia ter melhorado essa sua cara com um buraco de bala, seu cachorro! Preciso recomendar isso a Steinman!

Sullivan aprumou o revólver e seguiu semiagachado ao longo da fila de celas. Ignorou o splicer barbudo da cela dezesseis, que provocou:

– Tá vendo, se nos desse nosso ADAM, a gente ficaria feliz, mas assim, agora, deixaram a gente triste, e a tristeza machuca, machuca, e vai machucar e machucar!

Fui eu quem já cansou de machucar hoje, pensou Sullivan, mal-humorado. Atirara por acidente em Harker. Fora abalado por essa coisa de teleporte. Dava para entender por que Harker andava tão perturbado.

Aproximou-se da porta da cela de soslaio, com a pistola em punho, tentando olhar de esguelha para dentro sem fazer-se de alvo. O splicer seminu relaxava, deitado de costas sobre a cama, encostado na parede traseira da cela acolchoada. Os genitais expostos, melecados de sangue seco, estavam claramente à mostra. O braço esquerdo amparava a cabeça, o direito estava no alto; girando o revólver com o dedo indicador, ele cantava uma canção de comercial de Rapture:

– Ohhh, cerveja não pode estar quente, mas pode ser muito ardente; satisfaz um rapaz, faz com que se sinta demais; é a cerveja, cerveja, cerveja... Ryan!

Ao dizer Ryan, o splicer parou de girar a arma e atirou bem no meio da janela da cela. A bala atingiu uma barra e ricocheteou pelo corredor. Sullivan esquivou-se, embora a bala já estivesse distante.

Levantou-se lentamente, mas logo ouviu o barulho de sucção e Cavendish gritando:

– Abaixa, xerife!

Ele deitou no piso de barriga para baixo e viu, pelo canto do olho, o splicer se materializando por cima dele, à sua direita, com o

revólver apontado para atirar em sua cabeça.

Os estampidos repetidos da submetralhadora ecoaram pelo corredor, seguidos pelo baque de uma espingarda, e o splicer caiu de costas, costurado bem no centro do corpo por uma fileira de buracos de bala que vertiam sangue. Seu braço direito fora rasgado ao meio pelo tiro de espingarda. Cavendish atingira-o em cheio com sua arma, e Karlosky finalizara o serviço com a sua. Alguém que estava por perto gritou de dor, uma vez que parte das baladas da submetralhadora ricochetearam pelo corredor. Talvez as paredes de metal não tenham sido tão boa ideia.

Sullivan levantou-se de novo, tossindo devido à fumaça de pólvora que inundava aquele espaço apertado. Gritos, ganidos e zombarias partiram das celas adjuntas. Mas o splicer teleportador se contorcia, gorgolejando.

– Pegamos esse, mas perdemos Harker – Sullivan murmurou, fitando o policial falecido.

– Agora a coisa ficou... como é que se diz? – disse Karlosky, olhando para o splicer morto.

Sullivan concordou.

– Agora a coisa ficou russa.

Footlight Theater

1956

Frank Fontaine tomou seu lugar perto do palco no pequeno auditório do Footlight Theater. Estava lá para assistir à nova produção de Sander Cohen, “Janus”. Cohen a divulgara como “uma trágica farsa sobre a identidade”. Tratava-se, na verdade, de uma colaboração excêntrica entre Sander Cohen e Steinman, o cirurgião.

Mas a mente de Fontaine estava longe dali: lembrava-se de algo que Ryan dissera. *Até mesmo ideias podem ser contrabandeadas*.

Ajeitou-se no assento de pelúcia, sorrindo consigo mesmo. Ironicamente, Ryan aguçara uma ideia com essa pequena frase. Espalhe a crença subversiva certa e conseguiria virar o lugar todo de cabeça para baixo – desbancando Ryan, erguendo Frank Fontaine para o topo.

Com a barriga cheia do jantar, meio embriagado de vinho, Fontaine olhou por sobre seu ombro para o público que avultava no pequeno teatro. Lá estava Steinman, o cirurgião plástico, exageradamente vestido num *smoking*, bancando o "autor". Viu também Diane McClintock, em pé na ponta do corredor, na entrada; usava um tubinho curto preto com contas vermelhas, e carregava uma bolsa de mão igualmente confeitada. Conferia com impaciência o relógio cravejado de diamantes. Esperava por Ryan, sem dúvida; era a noiva dele, além de sua secretária.

Dois lugares estavam vagos ao lado de Fontaine. Poderia ser uma grande oportunidade. Ele se levantou e acenou para Diane, embora mal conhecesse a moça. Apontou para os lugares vazios, sorrindo. Ela passou os olhos da porta para o saguão de entrada, depois fez um sinal rápido com a cabeça, com os lábios apertados, e apressou-se para ele.

– Sr. Fontaine...

– Srta. Clintock. – Ele deu passagem para que ela se sentasse. – Guardei lugar para o Andrew também.

– Se é que ele vai aparecer – Diane murmurou, sentando-se. – Está sempre tão ocupado.

Fontaine sentou-se ao lado dela.

– Imagino que alguém anunciará um casamento muito em breve?

Ela bufou. Depois, conteve-se.

– Ah, sim. Quando ele... decidir que chegou a hora, faremos o anúncio. – Ela abriu a bolsa. – Você tem um cigarro? Acho que estou sem.

Fontaine notou que quase toda a bolsa era ocupada por um livro.

– Tenho sim – disse ele. – Tenho também uma caixa de fósforos da Futurismos Fontaine, para combinar. Bastante estiloso. – Fontaine estendeu o estojo; ela pegou um cigarro, e ele o acendeu para ela.

– Salvou minha vida...

– Vejo que está carregando livros aí; quer fazer da bolsa uma arma mais eficaz?

Ela soltou fumaça para o teto.

– Não precisa desdenhar o interesse de uma mulher pela leitura. Estou lendo uma novela de Fitzgerald dos anos 1920. *Os belos e os malditos*.

Pensou: *O que poderia ser mais apropriado?* Mas, piscando para ela, falou:

– Uma coisa de que não desdenho são os interesses de uma mulher.

Ela o fitou com impaciência, como se intentasse cortar o assunto. Porém, deu um risinho abafado.

– Ah, Deus. Esse tipo de comentário, “interesses de uma mulher”, me faz lembrar de quando eu trabalhava no clube onde Andrew e eu nos conhecemos... – Ela olhou para trás. – Você não o viu por aqui, viu?

– Ainda não. – Talvez fosse melhor lhe insinuar que ele estava disposto a ser seu parceiro caso Ryan lhe desse um bolo. Ela poderia ser útil. – Se ele não aparecer, ofereço-lhe minha

companhia heroicamente, Madame, e a acompanharei daqui até a Lua, e de volta.

– Estamos ainda mais distantes da Lua do que antes, aqui embaixo – brincou ela. Parecia satisfeita.

– Acho que prefiro que ele não apareça...

Diane olhou mais uma vez para a porta e pôs a fumar com ansiedade quando as cortinas se abriram.

– O show vai começar – ela disse, com um suspiro.

Fontaine demorou a reconhecer Sander Cohen, de tão produzido que estava; tinha outro rosto pendurado na parte traseira da cabeça. Usava roupa grudada à pele na cor verde, o rosto coberto por bigode e barba muito espessos, e levava arco e flechas nas costas. Pavoneava-se no ritmo de uma canção tocada no bandolim em frente a uma floresta pintada no pano de fundo, e desatou a cantar sobre como ama *"estar na floresta com meus alegres amigos, oh, meus felizes e alegres amigos, meus oh tão alegres amigos, e então chegou aquela vaca maldita chamada Dama Marian, e OH como o paraíso decaiu!"*.

Seus "alegres amigos", parecendo-se mais com lutadores gregos seminus, vieram da floresta, dançando, brandindo flechas, cantando o refrão com o artista.

Ah, que saco, pensou Fontaine.

Então chegou o rei da Inglaterra, vestindo uma capa com um leão estilizado, uma coroa dourada e barba ruiva que estava quase despregando de seu queixo. Levou Cohen para seu castelo e o colocou para ser o novo xerife de Nottingham; "Robin Hood" perdeu certo tempo assassinando o rei – esfaqueou-o alegremente no ritmo da música – e, em seguida, puxou o rosto que levava à nuca e

colocou-o na frente. A máscara simulava as feições do rei; ele arrastou o corpo deste para fora e tomou seu lugar.

O musical em ato único terminou, por misericórdia, com um ruído vago de aplausos, embora o Dr. Steinman estivesse em pé, aplaudindo intensamente, gritando “Bravo! Bravíssimo!”.

Fontaine ajudou Diane a vestir o casaco. Podia levá-la a um bar. Depois de alguns drinques, talvez ela se lembrasse de sua origem como garota dos cigarros.

Porém, subitamente Ryan surgiu, descendo pelo corredor, cumprimentando pessoas, e acenou para Diane.

– Desculpe o atraso, querida...

Fim da linha para Fontaine. Mas a noite não fora um fracasso. Apesar de ser forçado a assistir Cohen debater-se para todo lado, a peça lhe dera uma ideia.

Saindo do teatro ele parou para observar um pôster da mais recente propaganda de Ryan.

"Rapture é a esperança do mundo", dizia o letreiro, à frente de uma foto de Andrew Ryan com o planeta sobre os ombros. Andrew Ryan como Atlas?

Depois de verificar que não havia ninguém olhando, Frank Fontaine arrancou o pôster.

Apartamento de Bill McDonagh

1956

Sentado no sofá ao lado da grande janela com vista para o mar, Bill McDonagh pensava se valeria a pena escrever notas sobre seus “pensamentos e impressões sobre a vida em Rapture”. Tentou fazê-lo por certo tempo, mas o processo não fluiu naturalmente. Ryan estava forçando todo mundo a escrever sobre seus problemas, seus

planos, planejando um tipo de retrospectiva histórica, e a história estava virando moda. Mas Bill começava a questionar como aquilo poderia ser usado contra a pessoa.

O gravador repousava sobre a mesa de centro, quase encostando em uma caneca de cerveja. Nenhum dos dois o atraía. Checou o relógio na parede. *Sete horas*. Elaine chegaria de Arcádia com a menina muito em breve. Se fosse mesmo fazer aquilo, devia começar logo. Estendeu a mão para o gravador, mas acabou pegando a caneca de cerveja.

Bill suspirou, pousou a caneca, apertou o botão para gravar no aparelho, e começou:

– Rapture está mudando, mas Ryan não consegue ver os lobos na floresta. Esse tal de Fontaine é um pilantra, um ladrão, mas ele produz ADAM, e isso faz dele o mandachuva. Está revertendo os lucros para plasmids maiores e melhores, e construindo casas para os pobres. Pra mim, são centros de recrutamento! Antes que imaginemos, o cara vai ter um exército de splicers, e teremos um montão de problemas.

Desligou o gravador. Havia muito mais em mente, mas estava relutante em transformar suas dúvidas quanto a Rapture em material documentado.

O telefone tocou sobre a mesa de centro. Ele atendeu:

– Bill.

– McDonagh? É o Sullivan. Houve mais três mortes no átrio superior... e o conselho está convocando uma reunião de emergência.

Sala de conferência do conselho

1956

Andrew Ryan não sabia ao certo se desejava aquela reunião extraordinária do Conselho de Rapture. Mas ficou mais tranquilo ao ver Bill McDonagh e Sullivan chegarem. Ainda sentia que podia confiar nos dois.

Somente seis pessoas haviam aparecido, reunidas em torno da mesa de conferência oval, na sala decorada de detalhes dourados, perto do topo do mais alto “arranha-mar” de Rapture. Anna, Bill, Sullivan, Anton Kinkaide, Ryan e Rizzo.

Ryan sentia falta da presença do falecido Ruben Greavy. Não sentiria, porém, de Anna Culpepper, que gostava de meter o bedelho sem ter nada de útil para dizer. Não deveria ter deixado que ela entrasse para o conselho.

Brincando com uma xícara de café que esfriava, Ryan sentia o peso da idade. Seu papel como guia e mentor de Rapture tornava-se um fardo; quase podia senti-lo cutucando-lhe a coluna, fazendo seus ossos rangerem. E alguns dos membros do conselho tornavam tudo ainda pior, sempre provocando-o com suas ideiazinhas medíocres. Entrementes, os problemas da cidade demandavam uma resposta unicamente dele: crime, subversão, uso indiscriminado de plasmids, problemas de manutenção constantes... tudo requeria uma visão realista para a solução. Enxergava isso cada vez com mais clareza. Era preciso ânimo para encontrar grandes soluções a grandes problemas.

– Estamos tão perto da superfície aqui – disse Anna, sentando-se com uma xícara de chá na mão. – Faz-me pensar que não faria tanto mal fazermos algumas visitas ao mundo da superfície... Aqui por perto, num barco, sabe? – Ela olhou para o vidro do teto, cerca de um ou dois metros distante da superfície do oceano. A luz do luar penetrava as ondas, descendo brilhante para colorir a iluminação

elétrica da sala com uma palidez branco-azulada, fazendo Anna, fitando o alto, parecer que tinha maquiagem branca no rosto. A imagem lembrou Ryan de Sander Cohen: ficou feliz por ele não estar presente. O artista tornara-se ainda mais socialmente peculiar. Enviara um recado via Jet Postal, escusando-se do compromisso com uma enigmática alegação de estar “envolvido na busca pela arte, que deve ser cativada, atada ao palco, em preparação para a titanomaquia”.

Titanomaquia? Mas que diabos seria isso?

Ryan olhou para cima quando uma sombra passou por cima deles: a silhueta de um grande e comprido tubarão, que circulou o cômodo iluminado com curiosidade.

– Com o tempo – disse Ryan –, faremos uma excursão, Anna. Tudo a seu tempo.

Anna suspirou e o fitou com aquela cara de pena que ele andava achando tão irritante.

– Ouso apontar: dez anos se passaram desde Hiroshima; não houve mais uso de armas atômicas. A guerra, ao que parece, agora é “fria”. É o que nos diz o rádio.

Rizzo fungou, desaprovando o ceticismo da moça.

– Os russos vêm estocando bombas atômicas tanto quanto os EUA, Srta. Culpepper. Ora, lá fora estão prestes a estourar! Os comunistas estão dominando a China; os soviéticos têm agentes em todo lugar! É somente questão de tempo até que comece uma guerra atômica!

– Exato – disse Ryan. Bom e velho Rizzo, homem sensível. – E, enquanto isso, temos de permanecer escondidos aqui o máximo que pudermos. Não queremos ninguém reparando em nada por aqui. O farol já é arriscado demais. Não fosse a saída de ar... –

Ryan mudou de assunto. – Vamos ao que interessa, temos que confabular sobre uma política referente a toda essa violência...

– É simples, chefe – disse Sullivan, apoiando os cotovelos sobre a mesa, estreitando os olhos. – Temos que proibir os plasmids. Sei como se sente quando se trata de proibir produtos. Mas não temos escolha! Está falando em energia atômica? Não sei não se esses plasmids são menos perigosos do que isso...

As palavras de Sullivan arrastavam-se, cada vez mais leves. Andara bebendo antes da reunião. Ryan buscou paciência.

– Xerife, sei que foi difícil para você perder Harker daquele jeito. Mas o mercado tem uma vida própria, e não podemos esganá-lo com proibições, ou até – era-lhe difícil dizer a palavra – regulamentação. A solução é simples. Empreendimentos Ryan entrou para o negócio de plasmids. Um produto melhor atrairá a população; vão comprar algo que não lhes afetará a mente. – Ele olhou para Bill, que lhe pareceu cansado e preocupado. – O que acha, Bill?

– Vai mesmo entrar nessa de plasmids, chefe? – perguntou o moço, parecendo genuinamente surpreso. – Vai levar mais tempo para desenvolver um plasmid que não cause efeitos colaterais. Enquanto isso...

– Bill, ou entramos no mercado ou o proibimos. E qual foi o resultado da Lei Seca?

– Mas... vicia.

– Como o álcool.

Bill balançou a cabeça.

– Olha o que aconteceu com o Sr. Greavy. Se tivesse visto...

– Sim. – A morte de Ruben Greavy era um assunto doloroso para Ryan. – Sim, foi uma grande perda para mim. Ele era um artista, um

empreendedor, um cientista, um verdadeiro homem renascentista. Uma grande perda. Sinto-me responsável; deveria ter mandado seguranças acompanhá-lo. Mas ele insistia em ir aonde quisesse em Rapture...

– Eu estava lá com ele – disse Bill, com expressão de grande tristeza. – Se existe um culpado...

– Se existe uma culpada – grunhiu Sullivan –, é aquela maldita telecinética que o matou. Mas, Sr. Ryan, se quiser continuar permitindo a venda de plasmids e botar as Indústrias Ryan no meio... – ele balançou a cabeça e estremeceu só de pensar na ideia. – Então vai ter que ser regulamentado.

– Consideraremos restringir alguns plasmids – disse Ryan, embora não tivesse intenção de restringir plasmid algum. – Estamos num período complicado de transição. Era de se esperar. Parte do tumulto do mercado...

– Por acaso temos certeza sobre quais plasmids circulam por aí? – Kinkaide indagou.

Sullivan deu de ombros.

– Certeza não. Tenho uma lista parcial. – Ele fuçou os bolsos, procurando. – Está aqui em algum lugar... Uns são meio do mercado negro; alguns, Fontaine vende em lojas. Vende EVE no mesmo lugar. É seringa pra todo lado, na rua. Achei. – O policial desdobrou um pedaço de papel todo enrugado.

Sullivan pigarreou, apertou os olhos para enxergar a letra, e leu em voz alta:

– Electro Bolt, atira raios de eletricidade. Pode nocautear uma pessoa ou matá-la. Incinerate!, começou como um plasmid que a pessoa podia usar pra cozinhar, mas agora é tipo como um lança-chamas que sai da sua mão. Já vi o Teleport, não sei bem como

podemos controlar esse. É um problemão. Quero dizer, Cristo, como é que se prende uma pessoa que pode se *teleportar*? Telekinesis, foi o que matou o Sr. Greavy. Todos já viram esse. Tem o Winter Blast, que manda uma corrente de ar superfrio. Congela o inimigo feito picolé. E tem aquele tal de Spider, que usam pra escalar as paredes. Tem um monte desses monstros por aí.

– Ah, monstros – disse Anna, olhando displicentemente para o teto transparente. – São mesmo monstros, não? Boa, xerife.

O policial a fitou, admirado. Não estava brincando.

– E quanto a esse Teleport? – perguntou Bill. – O que fazemos com esses malditos Houdini Splicers? Não pode ser permitido.

Ryan concordou. Também achava que não. Enfraquecia a segurança; poderia permitir que as pessoas saíssem de Rapture. Havia câmeras de segurança e torres armadas nas únicas saídas de Rapture, para conter qualquer pessoa não autorizada a sair; estavam em meio à implantação de ainda mais seguranças-robô. Alguns plasmids poderiam transformar todos esses equipamentos maravilhosamente engendrados em uma piada.

– Veremos o que podemos fazer para suprimir esse aí.

Kinkaide tentou ajeitar a gravata, conseguindo apenas torná-la ainda mais torta.

– Não entendo a física desses plasmids. De onde essas células ADAM retiram toda essa energia? Se o splicer atira chamas, por acaso vem do metano que tem no estômago? De onde tira a matéria? Será que perde peso em seguida?

Bill fitou-o.

– Você é que é o CDF. Nenhuma teoria?

Kinkaide deu de ombros.

– Posso somente especular que toda essa energia extra está sendo drenada do ambiente em torno do splicer, de alguma maneira. O ar à nossa volta é carregado, afinal de contas. Isso pode explicar o Electro Bolt. As células mutagênicas, uma vez reorganizadas pelo ADAM, têm um tipo de mitocôndria secundária que pode prover emissões de energia especializada. Não sabemos o que a maioria dos nossos genes fazem... alguns podem ter sido pensados para esses poderes. O que pode até explicar histórias de seres sobrenaturais, gênios, magos e coisas do gênero, mas essas mutações não deram certo, entende? Talvez por tenderem a ser afetadas por efeitos colaterais negativos, como psicose, excrescências faciais, e por aí vai...

– Isso é meio que um mau presságio, não, Kinkaide? – Bill apontou. – Quero dizer, se essas mutações existiram no passado e não foram pra frente. Não funcionou antes, talvez não funcione em Rapture, então.

– Algo assim – Kinkaide assentiu, fazendo um movimento confirmador com a cabeça. – Mas o Sr. Ryan tem razão; se é possível criar plasmids, então deveria ser possível aperfeiçoá-los. Podemos trabalhar nos pontos negativos. Imagine ter controle racional da telecinese ou a habilidade de escalar as paredes como uma mosca, de atirar eletricidade. De ser... super-humano. É maravilhoso, à sua maneira.

– Talvez as pessoas poderiam simplesmente aprender a usar ADAM sem exageros – sugeriu Anna. – Um programa educativo.

Finalmente, Ryan pensou, Anna dissera algo de útil.

– Não é má ideia. Pensaremos nisso.

– Os efeitos ruins dos plasmids – Sullivan apontou – são as únicas coisas que impedem que mais gente compre ADAM. Se

consertarmos os efeitos colaterais, teremos gente superpoderosa pra cima e pra baixo. Teremos todos que usar só pra manter um certo equilíbrio de poder. Não quero tossir fogo toda vez que arrotar.

Bill concordava com vigor.

– O xerife Sullivan está coberto de razão; com ou sem efeitos colaterais, os plasmids são perigosos demais. Rapture é feita basicamente de metal, mas é complexa, e isso a torna vulnerável, frágil em alguns pontos. Patetas malditos correndo por aí soltando fogo, atirando relâmpago pra todo lado... podem trazer tudo abaixo!

Ryan fez um gesto displicente.

– Vamos colocar os splicers sob controle. Mas – acrescentou, refletindo – isso tudo faz parte da evolução. Revezes do crescimento.

O magnata considerou a hipótese de explicar melhor, mas ninguém compreenderia se ele dissesse o que realmente pensava. Greavy compreendera, no entanto. Entendia a ciranda. A subtração dos fracos da Grande Corrente; o momento que viviam em Rapture era resultado do calor de uma tocha de soldar: tanto destrutivo quanto construtivo.

– Não são só os filhos da mãe com superpoder – Sullivan resmungou, amassando a lista de plasmids nas mãos trêmulas. – Tem os *leadheads* assolando a cidade, atirando a esmo. Têm reflexos mais rápidos, com todo aquele ADAM. Tivemos que matar quatro nos últimos dois dias. Que coisa triste, eram todos jovens. Transferidos para aquele novo orfanato do Fontaine...

– Fontaine – Bill falou, lançando um olhar cheio de sentido para Ryan. – Tem um dedo dele em tudo que acontece. Todo tipo de contrabando. Ele não está mais trazendo só bebida barata e Bíblia, chefe.

Ryan grunhiu.

– Como andamos de provas contra os contrabandistas de Fontaine?

Sullivan ajeitou-se na cadeira, subitamente energizado.

– Tenho o bastante pra fazer uma batida nele, Sr. Ryan. Daí teremos as provas! Estou com uma testemunha do círculo de contrabando lá na prisão, protegida.

– Então organize tudo – disse Ryan. – Vamos fazer uma batida na operação dele e ver o que conseguimos.

Kinkaide balançou a cabeça.

– Toda essa história de caridade com ele por trás. A gente fica imaginando o que anda aprontando.

– Ele quer me enfraquecer! – Ryan falou, amargo. – A caridade é uma manifestação do socialismo! É muito parecido com aquela mulher, a Lamb. Se não estiverem trabalhando juntos, logo estarão. É como Lênin recrutando Stalin. Parar Fontaine também para essa propaganda que ele chama de caridade...

– E o negócio de plasmids? – Rizzo perguntou. – Não queremos proibi-los nem regulamentá-los... Então como os controlaremos?

– Essa é uma boa pergunta, meu chapa – disse Bill.

– Estou prestes a anunciar uma nova linha de produtos da Empreendimentos Ryan – disse ele, sorrindo de forma que esperava ser tranquilizadora. – Uma nova linha de armas! Lança-químicos, lança-chamas, lança-granadas, melhores revólveres; podemos usar a inovação no armamento para contrabalancear os splicers até que aperfeiçoemos o ADAM.

Bill balançou a cabeça, em total descrença, mas não disse nada.

– E tem outra coisa – falou Sullivan, franzindo o cenho. – Tenho um contato na Futurismos Fontaine; contou sobre um tipo de

experimento com feira-amônia, algo assim, que pode ser usada pra dar um jeito nos splicers...

– Ele quis dizer *feromônio*, suponho – disse Kinkaide, rindo.

– Talvez seja isso – retrucou o policial, inabalável. – Falou que o Suchong usou fero... esse troço aí pra controlar os splicers, sem que eles nem soubessem. Talvez espirrar um produto químico que faz todos eles aparecem num lugar, pra criar problemas para... bem, pra quem você quiser que tenha problemas. Acho.

Ryan fechou a cara.

– Controlar os splicers... com feromônios. – Estava intrigado. Mas preocupado, também, já que Suchong trabalhava para Fontaine.

O que significava que, em algum momento, Fontaine acabaria controlando pelo menos alguns splicers. Se lhe fosse permitido agarrar tal tipo de poder, ele o usaria para dominar Rapture. E o faria, provavelmente, escondido atrás de uma cortina de fumaça. Como Bill avisara, Fontaine poderia até associar-se aos seguidores de Lamb, visto que estavam ambos do mesmo lado.

O que poderia levar à destruição de Rapture.

Fort Frolic, Fleet Hall, Bastidores

1956

Existe alguém que nos traz as emoções que traz Sander Cohen? O cantor mais amado de Rapture retorna com "Por que pergunta?", seu melhor disco até o momento. Canções de amor. Canções de alegria. Canções de paixão. Compre "Por que pergunta?" e convide Sander Cohen para entrar hoje mesmo.

Apressando-se pelos bastidores vazios, Martin Finnegan ria ouvindo o anúncio para transmissão pública que tocava no camarim

de Cohen. O cantor ouvia-o repetidamente.

Existe alguém que nos traz as emoções que traz Sander Cohen? O cantor mais amado de Rapture retorna...

Martin seguiu pelo corredor de paredes de madeira e encontrou Sander Cohen sentado, pensativo, diante do espelho de moldura dourada oval de seu camarim, aplicando mais uma camada de maquiagem com uma das mãos. Com a outra, formatava as pontas de agulha do bigode em forma de gancho. Cohen usava jaqueta de *smoking* púrpura e azul, de veludo, chinelas de seda e pijamas de seda púrpura. Olhou para Martin pelo espelho:

– Estou ficando sem maquiagem, viu? – disse. Pegou o cabo de um lápis de olho e pôs-se a escurecer as sobrancelhas. – Pedi mais para Andrew, mas ele me cansou com uma conversa sobre prioridades de importação, a importância de criar nossos produtos próprios. Ele espera mesmo que eu faça meu próprio lápis delineador? Ora, você está tão másculo hoje, Martin... – disse tudo isso enquanto delineava a sobrancelha, fitando o reflexo de Martin. O rosto do artista ficava ainda mais lúgubre a cada vez que Martin o via, cada vez mais similar a um mímico bigodudo maluco.

... e convide Sander Cohen para entrar hoje mesmo.

A gravação concluiu, e Cohen a reiniciou.

Existe alguém que nos traz as emoções...

– O que achou do anúncio? – perguntou ele, passando para a outra sobrancelha, fitando o rapaz com atenção pelo espelho. – Vai passar hoje à noite na transmissão pública. Estou tentando divulgar

meu disco novo.. Ficou meio sem graça, na minha opinião. Falta energia. Não tem a *fevre* libidinosa de que tanto gosto...

Martin sentou-se numa cadeira de madeira, atrás de Cohen, torcendo para que ele desistisse de ouvir o anúncio.

– Acho que está bom para o público mediano escutar – disse. – Meio coisa de família. Isso é bom, você precisa disso.

– Ah, Deus, espero que isso não signifique que vão levar crianças para o show. Não consigo imaginar como pude tolerar ser uma. Felizmente, não durou muito.

Martin ajeitou-se na desconfortável cadeira, fazendo-a ranger.

– Por falar nas emoções que Sander Cohen nos traz... O bilhete que me enviou falava de experimentar uma coisa nova.

Cohen deu uma risadinha mansa, cobrindo a boca com uma das mãos.

– Bom... – ele piscou, abriu uma gaveta e retirou duas garrafas; pousou-as no toucador, uma após a outra. Eram garrafas achatadas, e continham um líquido vermelho. Martin sabia muito bem do que se tratava. Cohen abriu a gaveta de baixo, tirou dela uma caixa preta estreita e abriu-a. Em compartimentos forrados de veludo, havia duas seringas repletas de um fluido brilhante. EVE. Para ativar os plasmids. Fitando as garrafas, a boca de Martin ficou seca. Ele e Cohen usaram cocaína certa vez, junto com muita bebida. Mas aquilo... Ele vira os splicers. Alguns pareciam bastante compostos. Outros, entretanto, eram como nitroglicerina, sempre prontos para explodir. E havia também a desfiguração. Quem usava grande quantidade de ADAM acabava parecendo que tinha doença de pele. A expressão lunática que se grudava no rosto deles tornava tudo pior ainda. Por outro lado, veja o brilho azul das garrafas! O poder que emanam.

– Então? Vamos aproveitar? – Cohen perguntou, fez um biquinho e girou a boca comicamente para o lado. – Hmm?

– Que se dane – Martin ouviu-se dizer. Sabia que experimentaria, cedo ou tarde. Experimentava de tudo, cedo ou tarde. Enquanto Cohen preparava as seringas, Martin compreendeu que se arrependeria de ter a primeira experiência com ADAM junto a Sander Cohen. O *Artiste* sempre levava tudo a extremos desvairados. Depois da última visita em plena bebedeira a Arcádia, quando dançaram pelados feito saturninos e forçaram um adolescente a transar com um polvo, tiveram sorte de não terem ido parar em uma das celas de detenção de Rapture. Escaparam por muito pouco dos policiais.

Mas Martin queria muito ser artista de palco. Até então, a única apresentação que fizera em Rapture fora nos *"tableaux"* de Cohen, nos quais ele, Hector Rodriguez e Silas Cobb vestiram-se em trajes sumários e posaram heroicamente sob a direção do *Artiste* para um público reduzido. Muitos na plateia aproveitaram para masturbar-se obscenamente. Que foi que Hector dissera, mais tarde, naquela noite? "Vai ver toda arte não passa de enganação, no fim das contas."

– Agora, vamos compartilhar – disse Cohen. – Esta garrafa contém SuperSport e Winter Blast. Um coquetel splicer. Esta é sua. A minha é algo muito, muito difícil de conseguir: Teleport! Depois quero provar essas de Spider... Então? O que está esperando? Levanta isso! Por assim dizer...

Martin deu uma bela golada na garrafa de plasmids. O fluido espesso era surpreendentemente insosso, embora deixasse um gosto químico amargo no fundo da língua, e fosse um pouco salgado. Talvez um indicativo sutil do sabor do sangue. E então...

Uma rigidez aterrorizante o dominou. Era como se alguém passasse uma corrente elétrica pelos músculos dele, carga gerada no interior de seu cérebro, crepitando por todo o seu sistema nervoso, e fazendo-o manter-se rígido. O arquear das costas ameaçava partir-lhe a espinha.

De repente o rapaz caiu no chão, debatendo-se em espasmos, lutando por ar. Ondas de energia negra sibilante dobravam-se sobre ele. Sentia-se alterado, mas também morto de medo. Estava muito pouco ciente de que Cohen arriava-lhe as calças:

– Abracadabra! – brincou Cohen, e então veio a dor ardida da agulha perfurando o glúteo do rapaz.

Um clarão branco explodiu na retina de Martin, e isso foi tudo o que ele conseguiu enxergar por um momento, como se fitasse o ponto em que a solda encontra o metal. Sabores desconhecidos, como de produtos químicos variados, passaram por sua boca. Ouviu sua pulsação martelando nos ouvidos. Em seguida, uma onda de alívio o varreu, uma vaga de desprendimento, conforme a rigidez foi removida numa maré avassaladora de vívida tranquilidade. Depois de alguns segundos, o rapaz pôde mover-se novamente, e lutou para ficar de joelhos.

– Agora – disse Cohen, pousando a seringa vazia sobre o toucador. – Vou beber o meu; pegue a minha seringa, aplique em mim! A seringa, é claro! E não tente usar seus poderes ainda! Vai que me transforma num bloco de gelo.

Repetiram o processo com Cohen. Martin injetou nele, na lateral da nádega, agindo de forma mecânica, enquanto lutava para encontrar equilíbrio interior. Não se sentia real, nem um pouco.

Martin deitou a seringa vazia de lado e sentou com cuidado na cadeira. O *Artiste* debatia-se feito um peixe fora d'água, esticado no

chão, conforme EVE mesclava-se a ADAM, dando mostras do processo graças às energias azuis e vermelhas que se alternavam, perpassando seu corpo.

Subitamente, o cantor ficou mole e suspirou. Sentou-se, gargalhou alegremente e desapareceu. Ouviu-se um som de sucção quando o ar preencheu com um baque o vácuo cintilante onde ele estivera.

– Sander? – Martin sentiu sua língua grossa. Estava difícil falar. A cabeça martelava feito bateria de carnaval tocada por um demônio drogado. Mas ele se sentia bem, profanamente bem...

Nova sucção, ar agitado, brilho em forma de Cohen e ele apareceu, materializado na porta que dava para o corredor.

– Ha ha! Olha! Consegui, Martin! Me teleportei! Ha ha ha!

Para Martin, o rosto de Cohen parecia ondular. Diversos pontos inchavam e sumiam, como se pequenos pistões fossem acionados aleatoriamente sob sua pele.

Martin riu – não se importava, de fato, com o que acontecia com Sander Cohen. Nada importava! A energia rugia feito um tornado dentro do cômodo. Fios de energia elétrica visível estendiam-se e crepitavam em pleno ar.

Ele olhou ao redor, esperando que essas poderosas forças arremessassem os móveis aos ares, rasgando as coisas. Mas nada era afetado. Estava vendo os focos de energia em sua mente.

– Vem, vem, vem comigo, tenho uma surpresa pra gente na sala de ensaio! – Cohen falou, todo espevitado, dançando em direção à porta. – Vem, vem ver meus convidados!

– Convidados? Como assim, Cohen? Não sei se consigo lidar com convidados. Tô me sentindo estranho...

– Mas você precisa! – Cohen insistiu alegremente. – Isso é um teste! Testo todos os meus discípulos! Alguns brilham feito galáxias... outros queimam feito mariposa na chama! Lembre-se somente que o artista nada num lago de pesar! Talvez evolua para algo magnífico, talvez se afogue! Você vai se afogar ou vai vir comigo?

Sander Cohen saiu pela porta, e Martin acabou carregado junto por alguma corrente interior poderosa. Não conseguia falar com calma, nem pensar com calma. Era um dínamo de energia ambulante.

Não era de se admirar que as pessoas ficassem viciadas naquilo.

Esse pensamento surgiu e foi afastado rudemente. Nada de acabar com a festa! E a bateria de carnaval rebumbava freneticamente, incentivando-o a ir para a sala de ensaio, atrás dos bastidores. Cohen já se teleportara para o local.

Martin sentia-se como se estivesse fazendo esqui aquático, arrastado por um poderoso motor ligado a ele por um gancho gelado. Entrou com tudo pela porta na sala de ensaio e encontrou Sander Cohen ameaçando três pessoas, todas com os braços presos por braceletes. Estavam atadas a três armações de metal interligadas, parafusadas no pequeno palco de ensaio.

Tudo isso foi visto através de uma lente de vidro escuro, para Martin: um filtro similar a óculos escuros mentais, que faziam alguns pontos brilhar e emudecia outros. Parecia surreal, quase bidimensional, como se acontecesse a outra pessoa. Como um filme.

– Por favor! – disse uma senhora peituda desalinhada, de cabelo castanho frisado. Estava pendurada na lateral esquerda do palco. – Me solta! – Os olhos piscavam, agitados, talvez porque de um deles

pendiam cílios postiços. A mulher usava meia calça preta, toda rasgada, e tinha num dos pés um sapato vermelho. O outro estava descalço.

No centro do quadro, um careca de meia idade debatia-se, com medo e raiva. O terno estava rasgado e cheio de sangue, que pingava também do nariz, e o olho esquerdo mal podia abrir, de tão inchado. O terceiro "convidado" de Cohen era um rapaz jovem, de camiseta, com cabelos loiros desgrenhados e barba quase ruiva, o que, somado às calças verdes, fez Martin lembrar-se de Robin Hood. O moço parecia bêbado ou drogado; permanecia ali pendurado pelos braceletes, murmurando algo inaudível, olhos semiabertos, levantando a cabeça vez por outra.

– Vamos chamá-los de Uni, Duni e Tê! – declarou Cohen, marchando ao redor da cena, batendo palmas.

Estava certo; isto é um filme, pensou Martin. Estava na plateia e dentro da encenação ao mesmo tempo. Era muito bom assistir e também ser o herói.

– Por favor, Sr. Cohen! – lamuriou-se a mulher. – Eu não estava roubando nas gorjetas! As outras meninas também ganhavam a mesma quantia!

– Os policiais Hector e Cavendish pegaram esses três para mim, Martin – disse Cohen, pegando, no bolso do paletó, um isqueiro prateado e uma cigarreira da mesma cor. Clicou em um botão do estojo, e um cigarro pulou de dentro por um buraco; endireitou o cigarro em frente ao isqueiro, tragou e soltou fumaça no rosto de Duni.

– Cavendish! – Duni grunhiu. – Aquele ladrão! Devia defender a lei! Foi suborno!

– E não é sempre assim que se lida com os melhores policiais? – disse Cohen, guardando a cigarreira. – Aquele Sullivan é tão quadrado. Não aceita suborno. Mas Cavendish gosta dos meus presentinhos... não é, Duni?

– Esse não é meu nome, cacete! – gritou o homem mais velho. O olho que funcionava piscava furiosamente conforme ele lutava contra os braceletes de couro apertados que tinha em torno dos pulsos e tornozelos. Prosseguiu, muito irritado: – Sabe muito bem quem sou eu! Trabalhei pra você por seis anos, Cohen! Fiz um baita trabalho naquele seu cassino porcaria!

– Ah, mas você fazia esquema com as vitórias, meu caro Duni – disse o artista, a voz pegajosa. Brincava com o isqueiro.

– Pergunte a qualquer um em Fort Frolic; fui completamente honesto! – Duni rosnou. – Fui totalmente...

O homem interrompeu-se com um grito longo e lancinante quando Sander Cohen apagou o cigarro em seu olho bom. O artista fez cara de desdém ao ver a reação do outro, e teleportou-se em seguida, com o mesmo som de sucção, o baque e o brilho no ar.

E reapareceu perto de “Tê”. Cohen levou à mão nos cabelos do rapaz e acariciou-os.

– O problema é artístico, uma questão de composição – disse ele, erguendo a voz para ser ouvido por cima dos gritos de Duni. – Cale a boca daquele ali, por hora, pode ser?

– Claro. – Martin ficou feliz com o pedido. Os gritos de Duni estavam atrapalhando o filme. Caminhou até o homem, pegou-o pela garganta, mas, em vez de apertá-la, outro impulso alcançou seus dedos. Nada muito intencional.

Gelo. O frio passou dos dedos dele para o pescoço do homem, pela cabeça, e foi parar no queixo. Cobriu seu rosto como um

capacete. Mais um segundo e encobriu os ombros, o peitoral; o homem terminou envolto por uma carapaça de gelo.

– Pare! – Cohen protestou.

Martin deu um passo para trás, sem saber com certeza o que acabara de acontecer, depois percebeu que usara o plasmid. O poder do ADAM especializado que lhe fora dado enviara uma corrente de entropia para seus dedos, desacelerando moléculas, drenando água do vapor atmosférico, produzindo o gelo que encapsulara Duni.

– Se eu não tivesse te mandado parar – disse Cohen, brincando com o isqueiro, que acendia e apagava –, teria congelado o cara por inteiro em questão de segundos. Desse jeito, ele vai ficar nesse casulo bonitinho de gelo, por enquanto...

Duni contorcia-se dentro do sarcófago de gelo. Um pouco de água derretida, misturada à espuma do sangue, escorria-lhe pelo rosto; os gritos foram abafados. Um dos olhos sangrava, o outro vacilava por baixo de uma pálpebra chamuscada e inchada.

Martin admirava-se por sentir-se tão pequeno, tão distante do que acontecia tão perto, na frente dele. Mas o calor ondulante, a doçura do barato do plasmid que se transportava por seu corpo ainda estava ali, dominando-o, e nada além disso era muito real.

– Por favor, senhor, não faça isso! – a mulher choramingou. – Não, não, *nãããão*!

Martin virou-se e viu que Cohen botava fogo nas roupas esfarrapadas e nos cabelos de “Uni”.

– Estamos quase prontos, Martin! – Cohen gritou por sobre os guinchos da mulher que se contorcia envolta por uma pluma crescente de chamas. – Você precisa capturá-la com gelo assim que ela estiver na posição correta para a composição! Estamos fazendo

um *“tableau”* glorioso, um adorável tríptico de tragédia: a condição humana! Devo intitulá-lo *Três almas reveladas*! Se ao menos Steinman pudesse ver essa gloriosa transfiguração!

Martin mal podia ouvi-lo por entre os gritos da mulher. Notou que a maior parte do cabelo dela já se fora...

Qual era mesmo o filme em que ele se encontrava? Como se chamava mesmo? Martin não conseguia se lembrar...

– Agora! – Cohen gritou, saltando de entusiasmo. – Conforme ela arqueia as costas e urra e estica os dedos! Agora! Congele! Aponte pra ela e congele agora mesmo!

Martin esticou o braço e ordenou que o plasmid emanasse de seus dedos. Sentiu o frio deixando seu corpo, viu os cristais de gelo brilhando no ar perante sua mão. Subitamente, apagou-se o fogo que envolvia a moribunda.

Foi instantaneamente congelada. Os olhos sem pálpebras, que foram derretidas pelo fogo, ficaram cobertos por placas de gelo. A boca semiaberta parecia querer morder um bloco de gelo, e a cabeça nua lembrava uma floresta de árvores congeladas.

Martin sentiu um assomo de náusea. Começava a entender que era tudo realidade. Que aquelas pessoas eram reais.

Cohen desapareceu, teleportando-se, depois retornou ao lado de Duni. O homem principiava a querer desprender-se do casulo de gelo.

– Assim que ele escapar, quando abrir a boca para gritar com a gente, congele-o! – Cohen ordenou. – Congele-o até ficar sólido!

Pelo menos isso poria fim ao sofrimento, pensou Martin. Pensar assim fez seu estômago se contorcer. *Era tudo real*...

O rapaz emanou o poder entrópico de Winter Blast, e o plasmid rapidamente congelou o homem de cabo a rabo. E Martin

estremeceu, como se congelasse também a si mesmo.

– Ha haaaa! – Cohen riu, antes de sumir. Reapareceu perto do rapaz que gemia, pendurado inconsciente nas correntes. – Falta apenas um painel para o tríptico ficar pronto! Vem, vem brincar com Tê, Martin!

Martin notou que algo o atraía para o rapaz, que suas mãos erguiam-se facilmente na direção dele. Era um rapaz muito bonito, afinal. Cohen sacou uma elegante lâmina retilínea.

Pavilhão médico, Clínica Ideal Estético

1956

J. S. Steinman estava absorto e distraído. Admirava o rosto flácido sem olhos que removera tão habilmente do crânio da mulher, erguendo-o contra a luz do mar que vinha das janelas, de forma que pudesse ver o azul profundo do Atlântico Norte através dos buracos dos olhos. Steinman pensou: “Afrodite, sua luz entra-me pelos olhos...”.

Então o interfone atalhou-o, intrusivo.

– Malditos, por que não deixam o gênio com sua genialidade? – murmurou Steinman, pousando o rosto destacado, completo, com nariz e sobrancelhas, sobre a lâmpada, ao lado da mesa de cirurgia. A luz elétrica do abajur amarelo escapou pelos buracos dos olhos, mas o sangue emitiu um odor desagradável devido ao contato com o calor da lâmpada.

O interfone tocou novamente.

– Espere aqui, minha querida – disse o médico, suspirando, para a mulher sem rosto deitada na mesa de cirurgia. Claro, falar com ela era puro capricho: ela não podia ouvi-lo. Estava morta. Era uma marginal splicer que ele comprara de um policial. Levara um tiro na

cabeça ao ser flagrada tentando decapitar uma pessoa com uma faca de peixe. A bala a deixara viva, e vivera até poucos minutos antes, mas paralisada. Então, Steinman nem precisou de anestésicos ou amarras para mantê-la quieta durante o entalhe.

Deixou a sala de operação, subiu as escadas e passou pela porta da suíte, que trancou depois de fechar. Brincando distraidamente com um bisturi, cruzou um pequeno saguão e abriu a porta da frente.

Steinman pensou que deveria ter se lavado antes de atender a porta. Frank Fontaine e seus seguranças estavam em frente ao Pavilhão Médico, fitando horrorizados o jaleco e o bisturi sujos de sangue. O plasmid estimulante que vinha usando o estava tornando meio bruto, talvez descuidado. Passara três noites sem dormir.

– Não imaginávamos que você estaria... ocupado, doutor – disse Fontaine, olhando de soslaio para seus dois acompanhantes: um brutamontes de terno batido e um cabeludo maltrapilho que mais lembrava um Jesus da sarjeta.

Steinman deu de ombros.

– Só uma investigação anatômica. Trabalho com cadáver. Faz um pouco de sujeira. Querem agendar uma...

– O que eu quero mesmo – Fontaine interrompeu-o bruscamente – é entrar e conversar em particular.

Steinman gesticulou com o bisturi. O movimento foi tão fora do comum que o instrumento emitiu um silvo, como se cortasse o ar. Os seguranças levaram as mãos às armas.

– Calma lá – Fontaine falou, gesticulando. – Esperem aqui.

Ele entrou no saguão e fechou a porta atrás de si. O médico notou que Fontaine mantinha a mão esquerda dentro da aba do casaco.

– Não precisa pegar a arma – disse o médico, fungando o nariz. – Não sou nenhum lunático. Só me pegaram desprevenido.

– Então que tal largar esse bisturi?

– Hum? Ah, sim. – Enfiou o instrumento no bolso, e ele ficou em pé como se fosse um pente de cabelo. – Como posso ajudá-lo?

Fontaine passou a mão sobre a cabeça lisa.

– Vou precisar que faça um trabalho. Em mim e... num cara que trabalha pra mim. Meio parecido comigo. Quero que faça com que ele se pareça muito comigo.

– Humm, talvez – Steinman disse, limpando sangue de debaixo das unhas. – Precisaria vê-lo para ter certeza. Mas você tem um rosto distinto, e isso ajuda. Esse queixo. Sim. Se quiser, posso conseguir fazer um transplante de rosto! O seu no dele, o dele no seu! Nunca foi feito com sucesso, mas sempre quis tentar.

– Ah, bem, sem chance. Não, só um procedimentozinho sem dor pra que eu fique... diferente. E pra que ele fique parecido comigo, como estou agora. E não quero que ninguém saiba além de você e eu. Ninguém mesmo. Nem o pessoal do Ryan, nem da Lamb, nem mesmo meus funcionários.

– Lamb?

– Nunca ouviu falar? Ela vem preparando alguma coisa em Perséfone. Não confio nela, não quero que saiba de nada que ando fazendo.

– Minha boca é um túmulo!

– Então, consegue me fazer ficar diferente em pouco tempo? Sem dor? E nada de esquisito, como você tem feito. Um rosto legal. Em que as pessoas confiariam...

– Creio que sim – Steinman consentiu. – Vai custar. Vou querer uma provisão de plasmids de graça e bastante dinheiro.

– Vai ter, mas os plasmids vêm depois das cirurgias. Não quero que fique todo maluquinho enquanto trabalha em mim. Já está com uma cara péssima pela falta de sono...

Steinman fez um aceno displicente.

– Trabalho por longas horas, aperfeiçoando minhas habilidades e minha arte.

– Certo. Beleza. Vou te fazer um bom depósito, assim você fica pronto pra começar quando eu der o sinal. Não vai demorar... Lembre-se: nenhuma palavra a ninguém. Nem mesmo para Cohen; ele é muito amigo de Ryan.

– Ah, entendo. Não tema. Não mencionaria, de qualquer maneira. Sou bastante discreto. É parte do código de ética profissional.

– Melhor assim. Ou vou te colocar pra fazer mergulho de cabeça numa saída de ar sem traje de mergulho.

Finalmente, o verdadeiro Frank Fontaine sobressaía, pensou Steinman. A voz gelada, os olhos ainda mais frios. Sua verdadeira natureza.

Steinman piscou, entrando no clima de conspiração. Fontaine apenas fitou-o de volta, depois saiu pela porta.

14

Bar McDonagh, o Lutador

1956

O xerife Sullivan, Pat Cavendish e Karlosky esperavam por Bill no bar McDonagh, o Lutador. Sullivan usava casaco de chuva; Cavendish, seu usual arranjo de camisa com as mangas dobradas, sempre desalinhado, não importava a temperatura; Karlosky, uma jaqueta de couro marrom que devia ter ganhado na força aérea soviética.

Bill trazia em mãos a submetralhadora que Sullivan lhe confiara na noite anterior, mas preferiria não ter que carregá-la. Participara de missões de bombardeio, mas jamais fora o responsável por disparar o míssil. Entretanto, começava a parecer que as armas seriam parte da vida de Rapture tanto quanto o Jet Postal e as batisferas.

Amanhecia, e o bar estava fechado. As tábuas de madeira do piso rangeram sob seus pés conforme ele caminhou até o grupo de homens armados, que esperavam perto de uma janela. As tábuas sempre faziam Bill lembrar-se dos *pubs* da sua terra, e a memória o confortava. Uma baleia assassina, grande feito um Cadillac, passou pela janela, a pele lisa branca e preta, sem pressa alguma, com o olho gigantesco pesquisando curiosamente o que se passava no interior do cômodo.

– Estão prontos lá embaixo? – Bill perguntou. Levava no peito um distintivo de policial. Estava ainda mais desconfortável por isso do

que pela arma. Elaine ficara deveras chorosa quando ouviu que ele fora encarregado da função. Seria por pouco tempo, somente até que recrutassem mais oficiais. Boa parte deles fora morta por splicers. O trabalho era arriscado, e o colocava sob as ordens de Pat Cavendish, o novo chefe de polícia, um maldito daqueles.

Sullivan fez que sim com a cabeça.

– Devem estar bem na porta do cais e, espero, mantendo fechadas as malditas bocas.

– Onde é que fica esse esconderijo?

– Testemunhas dizem que fica numa caverna embaixo do setor de pesca. Acham que eles trazem as coisas para Rapture com um submarino; depois colocam numa batisfera sem registro que se locomove por um túnel que leva ao esconderijo. Nesse momento, o submarino está acessível para nós na baía dois. Dizem que ainda não levaram o contrabando do submarino para a caverna.

– Vamos conseguir flagrar o contrabando no submarino? – perguntou Cavendish. – Deve estar bem escondido.

Sullivan coçou o queixo barbudo.

– Acreditamos que as coisas devem estar sendo trazidas dentro de um dos tanques de gasolina. Eles têm reabastecido com combustível com muito mais frequência do que precisam. O que significa que não estão carregando tanto combustível quanto deveriam. Alguma coisa ocupa o lugar desse combustível.

Uma voz crepitou a partir do rádio que Sullivan tinha na mão.

– Pronto pra ir, xerife!

– Certo, Grogan, estamos descendo – disse ele, falando no aparelho. – Assim que chegarmos, vão pra cima! – Ele enfiou o rádio num bolso do paletó, empunhou a espingarda e falou: – Vamos!

Sullivan tomou a frente. Os outros o seguiram – descendo várias escadas, passando por escotilhas e portas, atravessaram os cais e entraram numa passagem que levaria à baía dos submarinos.

Seis policiais com armamento pesado esperavam na porta enferrujada que levava à baía. Sullivan correu até eles, sinalizando, com a arma, para que fossem na frente.

O policial Grogan ergueu o revólver, indicando que compreendera. Era um homem troncudo, de rosto sardento, cabelos castanho-claros e bigode volumoso, cor de ferrugem. Um distintivo brilhava na lapela de seu paletó. Ele girou a tranca, abriu a porta de metal com um baque do ombro, e ele e os demais entraram às pressas. Sullivan, Cavendish, Karlosky e Bill seguiram logo atrás. Cavendish mostrava os dentes feito um lobo; Karlosky tinha um sorriso sombrio e a arma em punho; já Sullivan estava pálido e sério. Bill avançou na frente de Cavendish.

– Fique lá atrás, McDonagh – disse ele. – Deixe com os policiais de verdade. Chamamos você para a linha de frente se precisarmos.

Bill considerou entregar o distintivo ao policial e mandá-lo enfiar naquele lugar, mas somente recuou em silêncio. Não tinha o impulso de puxar o gatilho contra pessoa nenhuma.

Passaram por uma ladeira de pedra lapidada e entraram numa grande sala de metal cheia de eco, com sua própria lagoa de água marinha. Um submarino *Balao-class* de 321 pés convertido, sem as armas embutidas, oscilava tranquilamente na calmaria do lago. Iluminada por lâmpadas elétricas parafusadas em vigas de metal, o cômodo com ares de hangar tinha espaço suficiente para comportar o submarino e água bastante para que ele pudesse submergir. À esquerda, através da água transparente, Bill viu as portas que levavam à comporta e ao mar aberto. Aparentemente havia outro

canal lateral, por onde a batisfera seguia para o esconderijo dos contrabandistas. Uma enorme rede de pesca amarela jazia dobrada no deque superior do submarino. Uma passarela de embarque ligava diretamente a beirada pedregosa para dentro da embarcação enferrujada. Na lateral da torre de observação, havia um letreiro que dizia

Rapture 5

Os policiais subiram correndo a passarela de acesso. Bill vinha logo atrás, olhando ao redor com apreensão. Não havia sinal de vida, muito pouco barulho; talvez somente o ronronar suave de um motor ocioso do submarino. Então Bill divisou uma movimentação por cima das vigas, por trás do brilho das lâmpadas. Ele se inclinou, esticando o pescoço para poder ver, procurando furtar os olhos da luz com a mão. Conseguiu enxergar um rosto lá no alto. Alguém andava pé ante pé perto do teto. Bill já vira o homem junto de Fontaine. Reggie era o nome dele, e parecia estar falando num rádio de mão.

– Sullivan, Cavendish, esperem! – Bill gritou, parando na passarela. – Tem alguma coisa errada, tem alguém lá em cima.

Sullivan hesitou um passo antes de entrar no submarino, e olhou para os lados, como se também suspeitasse de algo. Cavendish e Karlosky detiveram-se e voltaram-se para ele, bastante surpresos.

Grogan já estava no deque superior do submarino com mais dois homens. Outros já escalavam a grade de metal, quase alcançando a escotilha.

– Abram essa escotilha! – Grogan gritou.

– Nas vigas, lá no alto, Sullivan! – Bill bradou. A popa do submarino desatou numa batedeira. A embarcação começou a

soltar vapor com cheiro de diesel; a água ao redor parecia fervilhar.

O submarino começou a descer. Conforme afundava, deslocou-se para a frente, em direção às portas sob a água, que se abriam. A passarela de embarque mergulhou nas ondas geradas pela descida do submarino. A água encobriu a proa da embarcação, colidindo com os homens sobre o deque, que gritavam. O submarino ganhou velocidade e subitamente arrancou para baixo; nesse ponto, a torre de observação submergiu por completo. Os homens que estavam sobre o deque foram varridos para dentro da lagoa, depois sugados para baixo no vácuo gerado pela embarcação; seus gritos foram rapidamente sufocados. O submarino angulou-se para baixo, completamente submerso, e rumou suavemente através das portas de metal abertas para dentro do escuro túnel submarino. Vários homens debatiam-se em meio ao empuxo do mergulho da embarcação, a vários metros da superfície, suas silhuetas turvas sob as águas. Eram como bonequinhos descendo pelo ralo, tragados pela sucção do fechamento das portas.

Bill olhou para o teto mais uma vez, ergueu a submetralhadora e tentou atirar em Reggie, mas ele já desaparecera.

Pescaram os sobreviventes da água. Grogan não era um deles. Afogara-se dentro do túnel.

Juntos sobre a beirada pedregosa, próximos à porta do espaço agora estranhamente vazio, Sullivan, Bill, Karlosky e Cavendish, todos ensopados, fitavam a água, que se acalmara; a passarela flutuava sossegada sobre suas boias.

– Estavam prontos pra sair – Bill observou. – Era questão de puxar uma alavanca e o submarino partiria. Os malditos fizeram de tudo pra afundar rápido aquele submarino. Queriam afogar todos nós.

– Tivemos sorte por alguns terem se salvado – disse Sullivan. – Caramba... Grogan era um bom rapaz.

– Acho que vi um capanga do Fontaine chamado Reggie em cima das vigas – disse Bill. – Não tive chance de avisar. Era ele. E estava com um rádio.

Sullivan olhou para o alto.

– É? Dando sinal para submergirem...

– Foi o que imaginei. Estavam esperando por nós. Difícil manter essa batida em segredo; difícil manter qualquer coisa em segredo por muito tempo em Rapture, xerife. Estamos apinhados demais, e nos tornando incestuosos demais também.

– Claro, sabe bem o que os malditos vão dizer – Sullivan resmungou. – Fontaine vai dizer que o submarino estava prestes a partir para fazer um serviço, e escolhemos a hora errada de subir a bordo. Alegarão que não faziam ideia de que estávamos ali. Mas tem uma coisa. Ainda tenho uma testemunha. Herve Manuela. Ele pode nos indicar mais provas.

Bill concordou. Olhou para as portas de ferro fechadas. Imaginou onde estaria flutuando o corpo de Grogan.

Escritório de Andrew Ryan

1956

– Andrew?

Incomodado, Ryan tirou os olhos da papelada para ver Diane na entrada de seu escritório. Estava com cara de você-não-vai-acreditar.

– Sim?

– Frank Fontaine veio aqui ver você!

Ryan ajeitou-se no assento. Pegou um lápis e brincou com ele entre os dedos, pensativo.

– Ah, é mesmo? Não tem hora marcada.

– Então devo dizer-lhe que vá embora?

– Não. Karlosky está aí fora?

– Foi ele quem não deixou Fontaine entrar. Estão no meio de uma espécie de queda de braço, digo, Karlosky e aquele rapaz, Reggie. Veio junto com Fontaine.

– Peça para Karlosky entrar, depois traga Fontaine e seu acompanhante. Melhor resolver isso logo. Talvez fique interessante...

– Muito bem. Posso...

– Não, você pode esperar lá fora.

A moça fez um biquinho, mas saiu para a sala de espera. Ryan queria não ter dado folga a Elaine. Estava cansado demais dos ares de Diane, de sua possessividade. Sentia cada vez menos vontade de ficar perto dela; precisava de uma de suas escapadas com Jasmine Jolene. Uma mulher feminina, a Jasmine. Mãe de família, bela e talentosa.

Karlosky entrou, tirando um revólver do coldre. Manteve a arma abaixada do lado e ficou à esquerda de Ryan, vigiando a porta. Reggie entrou. Não mostrou a arma, mas Ryan sabia que ele trazia uma.

O rapaz fitou Karlosky.

– Peça-lhe que se acalme, Sr. Ryan.

Karlosky encarou Reggie antes de guardar a pistola. Reggie não pareceu satisfeito com o gesto, mas Frank Fontaine não esperou mais e entrou na sala, com o sobretudo desabotoado, as mãos nos bolsos das calças. Vestido como alguém que vai dar um passeio na

Broadway. O terno trespassado azul-claro fora requintadamente cerzido e passado. Perneiras imaculadas adornavam os sapatos, e um relógio de bolso brilhava sobre o colete.

Fontaine parecia relaxado e muito satisfeito. *O malandro arrogante*, pensou Ryan, quase admirado.

– Normalmente – disse Ryan –, requisito que marquem uma hora. Mas venho querendo conversar com você pessoalmente. Perdemos um homem bom tentando inspecionar seu submarino.

Fontaine mostrou os dentes.

– Se queria inspecionar os submarinos, Sr. Ryan, bem, deveria ter marcado hora. – Fontaine ergueu as mãos com as palmas para cima, como se dissesse “Que pena!”. – Se não nos informa de antemão, pode acabar vendo seus policiais boiando de barriga pra baixo de novo.

Ryan inclinou-se para a frente, deixando evidente no rosto a raiva que sentia.

– Sabia muito bem que estávamos indo para lá!

– Você fez outra inspeção no dia seguinte, e no outro. Não achou nada. Não estou contrabandeando nada, Ryan. Por isso vim aqui. Pra colocar o preto no branco.

– Não espero que você admita, Fontaine. Compreendo que você não é lá muito amigo da verdade. Foi autorizado a trazer peixe, e somente peixe, para Rapture. Contato não autorizado com o mundo de fora é perigoso! Poremos um fim a isso; dentro das leis de Rapture...

Fontaine olhou para Ryan quase com pena.

– Vocês andam imaginando coisas. O único mundo de fora com que tenho contato é um monte de peixe. Não dá pra dizer que têm o bico calado, mas eles não andam falando de Rapture pra ninguém.

Sou eu que tenho uma reclamação, Ryan. Ouvi dizer que está planejando proibir os plasmids. São o produto mais procurado de Rapture. As pessoas não tolerarão serem privadas...

– Privadas de seus *vícios*?

Fontaine deu de ombros.

– O poder é viciante. O que sabe sobre isso, Ryan?

Ryan sentiu as mãos se contraírem e o sangue corar-lhe o rosto. Então se forçou a relaxar e recostou-se na cadeira. Balançou a cabeça e riu. Fontaine era esperto. Cutucara uma ferida.

– Não vamos proibir todos os plasmids. Mas alguns não serão tolerados.

– Quais?

– Teleport, por exemplo.

– Tá difícil segurar as pessoas em Rapture? Não dá pra teleportar pra superfície.

– Talvez dê para um navio que esteja passando... e se Rapture for invadida, você perde todos os seus ativos. Sabe que encontrarão desculpa para confiscar tudo.

– Nesse ponto você tem razão, Ryan. – Fontaine abaixou o tom de voz e olhou honestamente para o outro. – Não estou colocando Rapture em risco, fique tranquilo. Não estou deixando ninguém saber que estamos aqui. Estou só ganhando a vida. Para que não tenha que depender tanto dos plasmids...

Falou isso como se estivesse fazendo uma oferta. Ryan supôs que Fontaine estava dizendo, indiretamente, que estava contrabandeando, mas sem colocá-los em risco, *pare de se preocupar com meu contrabando e eu dou uma segurada no comércio de plasmids proibidos*...

Esse acordo Ryan não pretendia fazer. O magnata ponderou se não seria o momento de lidar com seu rival de uma maneira completamente diferente, mas talvez não fosse de acordo com a filosofia de Rapture simplesmente mandar Karlosky meter uma bala na cabeça dele. Mas evitaria um monte de problemas. A ideia era tentadora. Entretanto, havia o risco do que Reggie faria se Fontaine tombasse. E os demais capangas dele. Ryan sugeriu um ultimato implícito.

– Nada de contrabando, Fontaine, e nada de Teleport.

O sorriso de Fontaine ficou meio torto.

– Também tenho achado o Teleport problemático. As pessoas que usam ficam loucas demais; andam me causando prejuízo. Tenho minhas próprias questões de segurança.

– Questões de segurança? Você age como se tivesse seu próprio feudo aqui em Rapture.

– Se o tenho, foi você quem me deu, Ryan. Ao enganar as pessoas sobre o que encontraram na sua bela “utopia” submarina. Por não fazer nada por eles quando chegaram aqui.

– Todos têm a chance de construir seu caminho – Ryan retrucou. – Somente parasitas e escravos permanecem com seus pequenos dilemas.

– Tem certeza?

Os dois se encararam.

– O que exatamente está tramando com esse Orfanato das Irmãzinhas, Fontaine? – perguntou Ryan. – Você mal cuida dos garotos na outra ala do orfanato. Parece que tudo gira em torno das meninas. Se anda usando-as para seus divertimentos pessoais...

Fontaine escancarou os olhos.

– O que pensa que sou? Sou como você. Gosto de mulheres crescidas. Quanto ao orfanato – Fontaine continuou, mais calmo e malicioso –, estamos somente tentando fazer algo em prol da comunidade.

Disse isso com a cara mais lavada. Ryan bufou.

– Alguma hora, eu descubro. De uma coisa tenho certeza: você está usando esse papinho caridoso de “comida para os pobres” para recrutar pessoal para o seu sindicatozinho. Já vi gângsteres fazerem isso.

– Gângsteres? – Fontaine deu um passo à frente. – Não tenho que ouvir isso calado.

Ryan aproximou-se do botão de alerta de segurança localizado na ponta de sua mesa. Talvez aquele fosse o momento, afinal...

– Vim aqui mesmo – Fontaine disse, firme – para dizer-lhe que, se me deixar em paz, deixo-o em paz também. Essa história toda de recrutamento de que você fala não vai te amolar. Se. Você. Ficar. No seu. *Canto*! Você respeita a força, Ryan. Bem, respeite a minha. Tenho mais seis homens armados no corredor. E vou embora agora, então não entre no meu caminho. Não vou mais distribuir o Teleport. Mas pode ser que haja novos plasmids. E vocês vão ter que conviver com eles. Porque vou mudar tudo, Ryan. Vou mudar de dentro pra fora. E ninguém pode me deter. Podemos fazer isso do jeito mais fácil ou do mais difícil.

Fontaine acenou para Reggie, e os dois saíram da sala.

Prisão de Rapture

1956

Caminhando sob as luzes vacilantes do bloco de celas, Sullivan seguia Redgrave e Cavendish, e seus passos ecoavam. O oficial

Redgrave era um negro hirsuto de altura mediana, com sotaque sulista. Considerava-se importante em seu terno de linho branco. Cavendish ia girando o cassetete, segurando-o pela correia, ao longo do corredor.

As luzes do teto despenderam fagulhas e piscaram de novo. Pingavam água. Havia poças rasas no piso de metal.

– Vamos acabar eletrocutados aqui – disse Sullivan.

– Pode acontecer – disse Cavendish. – Avise seu amigo, o McDonagh. Tem um monte de goteiras aqui. Não podemos perder mais funcionários.

Sullivan resmungou.

– Boa parte dos nossos melhores oficiais foi transferida para manter a ordem em Perséfone. Ouvi dizer que a Lamb continua causando confusão... Como ela faz isso de dentro da cadeia, não sabemos.

– É mais fácil lidar com subversão do que com ser eletrocutado...

Um splicer bem à frente de Cavendish esticou as mãos por entre as barras de sua cela, guinchando:

– Eletrocutado? Ouvi alguém dizendo que quer ser eletrocutado? Punição pros seus crimes? Deixa comigo, malditos!

Um jato de eletricidade correu pelo braço do splicer e crepitou, apagando-se.

– Não se preocupe com esse aí – disse Cavendish. – Está totalmente sem EVE. Não consegue fazer nada com seu ADAM... – O policial meteu com força o cassetete no cotovelo do splicer. O impacto fez um *crunch* esquisito, e o homem puxou o braço para dentro, guinchando de dor.

– Quebrou meu braço!

– Você mereceu – disse Cavendish, bocejando, conforme seguiram em frente. – Ah, chegamos. Número 29.

Ao aproximarem-se da porta, Sullivan desejou que o habitante da cela de número 29 estivesse apto a conversar. Herve Manuela não era um splicer; estava bastante são. Foi pego carregando uma caixa grande de contrabando. Trabalhava junto de Peach Wilkins, funcionário de Fontaine, no serviço de pesca. Estava finalmente pronto para fazer um acordo judicial, mas ainda tinha medo de entrar no caminho de Fontaine.

– Ei, Manuela! – Sullivan chamou quando Cavendish destrancou a porta. Redgrave posicionara-se ao lado e usava um lenço branco para polir o revolver cromado, assoviando.

Assim que entraram pela porta, Sullivan sentiu cheiro de sangue putrefato.

Herve Manuela estava deitado de bruços, vestindo um uniforme azul de prisioneiro manchado de sangue. Perdera mais de metade da cabeça. Mechas de cabelo preto estavam coladas à parede com sangue ressecado. A cena fez Sullivan imaginar – com o estômago aos rodopios devido à visão daquela bagunça – que alguém agarrara o homem pela cabeça e a batera na parede com tanta força que ela simplesmente explodira. Somente splicers teriam força para fazer isso.

– Filho da mãe – Cavendish falou. – Ei, Redgrave, dá uma olhada nisso!

Redgrave olhou pela porta e fez cara de quem ia vomitar.

– Deus, mas que cena! Quem fez isso, chefe?

Sullivan virou-se, enojado.

– Não foi você, Cavendish?

O policial era capaz de fazer algo do gênero. Era forte e brutal. Poderia estar fingindo surpresa.

– Eu? De jeito nenhum!

– Trancou mesmo a porta? Tem certeza?

– Certeza absoluta de que tava trancada! Olha, tem outra coisa... – ele apontou para a parede oposta.

Sullivan olhou e viu palavras escritas com sangue:

O SANGUE DO CORDEIRO LIMPARÁ A TODOS NÓS... A VEZ DELA CHEGARÁ... AMOR A TODOS!

– Lamb![1] – Sullivan murmurou. Ryan poderia ter prendido a mulher, mas ela ainda era uma pedra no sapato.

Ele bufou, meneando a cabeça.

– Amor a todos!

Olympus Heights

1956

Jasmine Jolene morava num apartamento muito confortável em Olympus Heights, quase tão perto da superfície do mar quando a sala de conferência do Conselho. Sorvendo seu martíni, Ryan sentiu uma ponta de orgulho. O lustre reluzente; uma grande janela e a luz do céu, intrincadamente ajustada, ofereciam uma vista do oceano. Virando-se para olhar pela ampla abertura, Ryan quase conseguia ver a cor vermelha do pôr do sol. O sol poente acrescentava um tom mudo de carmesim às escamas iridescentes de um cardume de atuns de barbatanas azuis que por ali passava.

Fitou a porta do quarto, perguntando-se o que fazia Jasmine demorar. Deixara-a descansando na enorme cama de pelúcia rosa, com a cabeceira de cetim na mesma cor.

Havia uma cozinha, um refrigerador cheio de comida e um bar com os melhores licores e vinhos. Andrew Ryan dera tudo aquilo a Jasmine. O pequeno salário que Sander Cohen pagava à moça por suas apresentações atrapalhadas, pobremente prestigiadas, no Fleet Hall não poderia custear nada além de Artemis Suites. Mas ela conquistara o luxo – Andrew Ryan visitava a moça uma ou duas vezes ao mês, e com bastante vigor para um homem de sua idade.

Ele amarrou o cordão do roupão de seda vermelho e deu mais um gole no martíni. Sentindo o sabor do álcool, franziu o cenho e deitou a taça no criado mudo de entalhe extravagante. Era seu terceiro drinque. Não era muito de beber antes de chegar a Rapture. Mantivera o hábito bem ponderado até pouco tempo atrás. Mas parecia estar crescendo a cada dia.

Os reclamões tinham oportunidades para construir uma bela vida em Rapture. Simplesmente não tinham a *vontade* necessária para aproveitá-las. Ter dois empregos, três, se preciso. Cortar provisões pela metade. Desperdiçavam seus dólares de Rapture com ADAM só para travar duelos elétricos com um bêbado qualquer. O que queriam? Mas sempre culpavam-no quando falhavam.

A pichação ainda estava lá fora: *Andrew Ryan não é meu dono*.

E *Organizem Artemis! As Vidas Coletivas! Confiem em Lamb!* E o enigmático: *QUEM É ATLAS?*

Slogans. Tudo começou com slogans. Depois virou a Revolução Comunista. Verdadeiros trabalhadores assassinados em massa por parasitas.

E, de fato, quem era esse Atlas? A divisão de inteligência de Sullivan sugeriu tratar-se do pseudônimo de algum organizador comunista. Um pretendente a Stalin...

Alguma coisa andava fora do lugar. A torre vacilava, esquerda, direita, esquerda, direita, balançando, prestes a tombar...

– Hum, Andrew, querido, tem uma coisa que preciso te falar.

Ryan virou-se para olhar para Jasmine, e notou que ela parecia um pouco mais cheia do que o normal em sua *lingerie* rosa. Usava pantufas rosa com frufrus dourados nas pontas. Dava palmadinhas de leve nos cabelos, embora já tivesse passado um tempo considerável penteando-os e ajeitando-os depois que fizeram amor.

– O que foi, querida?

– Eu... – ela molhou os lábios, e olhou, ansiosa, para a grande janela. Os cílios grossos batiam feito asas. Ela costumava piscar um pouco demais. – Hum...

Havia algo que precisava dizer. Mas estava com medo, Ryan percebeu.

– Deixe disso, Jasmine. Eu não mordo. O que foi? Pode falar!

Ela mordeu o lábio, hesitou, começou a dizer algo, depois balançou a cabeça. Olhou para os lados em quieto desespero, depois apontou para o canto da janela.

– Hum... aquilo. Esses caracóis... ou sei lá o quê.

Ele olhou para o batente inferior da janela. Um crustáceo espinhento arrastava-se pelo canto do vidro, do lado de fora.

– Quer que tirem essas coisas do vidro? Vou tentar trazer uma equipe pra cá quando você estiver no trabalho. Sabe como eles gostam de ficar te olhando quando você está em casa.

– Não dá pra dizer o que eles tanto olham, com aqueles capacetes escuros. Me metem medo, esses *Big Daddies!*

– Tem alguma outra coisa que queira me falar, Jasmine?

A moça fechou os olhos, apertou os lábios e fez que não com a cabeça. Ele a envolveu num caloroso abraço, e os dois olharam

através da janela, onde a luz minguava, e as sombras das profundezas se erguiam com o início da noite.

PARTE TRÊS | A TERCEIRA ERA DE RAPTURE

Mas se a causa não for boa, o rei terá uma difícil consideração a fazer, quando todas aquelas pernas e braços e cabeças, arrancados em batalha, unirem-se no último dia para clamar “Foi aqui que morremos”; alguns praguejando, outros implorando por um cirurgião, alguns alegando que deixaram pobres esposas para trás, outros, que deixaram dívidas, e outros, crianças abandonadas.

William Shakespeare, Henrique V

15

Perséfone, Enfermaria

1957

– Então, se eu me voluntariar pra ser cobaia num desses experimentos com plasmids – disse um homem com cicatrizes nos pulsos –, vão me deixar sair daqui... – Carl Wing estremeceu. – Claro, entendi essa parte, mas não vou acabar preso em algum outro lugar em Rapture?

Sofia Lamb hesitou. Estava sentada junto a um paciente na enfermaria de Perséfone, uma sala pequena e iluminada demais, de paredes de metal. Encarando o homenzinho de cabelo liso, nervoso, metido no macacão de prisioneiro, que a olhava com confiança, a médica desejou, subitamente, fumar um cigarro. Abandonara o hábito, mas naquele momento seria capaz de pagar uma fortuna por um único cigarro. Mas o rapaz a fitava com tristes olhos verdes, e ela tinha que responder.

– Hum... si-sim, de certo modo – ela admitiu, lembrando-se de sorrir. – Ficará numa... instalação de pesquisa. Mas poderá ajudar a causa lá, com o tempo. Isso dará significado à sua vida. Foi você quem falou, Carl, que sentia que sua vida não tinha sentido, que não tinha identidade aqui, dentro de Perséfone. Que...

As palavras morreram em seus lábios. Não conseguia prosseguir. Tudo soava tão vazio. Estava propondo-se a entrar no jogo de Sinclair e mandar o rapaz ser cobaia para experimentos. Pensou em

Eleanor, sua própria filha, que também era cobaia de algum experimento sendo conduzido em Rapture.

Estou enferrujada, Sofia percebeu.

Vinha trabalhando com outros prisioneiros de Perséfone, em parte para conseguir que o administrador, Nigel Weir, confiasse nela, e em parte para doutrinar os "pacientes" com sua filosofia. Estava criando espiões que seriam ativados quando ela lhes enviasse o sinal combinado previamente – tudo parte de um esquema para escapar de Perséfone e sobrepujar Ryan.

As sessões de terapia com prisioneiros de Perséfone com a desculpa de estar trabalhando para o administrador pareciam necessárias. Parte do acordo incluía preparar alguns deles para os experimentos de Sinclair.

Contudo, de repente a situação tornara-se insuportável. E quando ela o percebeu, outra ideia varreu-lhe como as ondas colidindo contra as rochas do paredão. *Chegara a hora*.

Ela pigarreou e disse:

– Carl, vamos mudar o curso agora entre nós. Você não vai ter que se voluntariar para os experimentos. Se quiser ajudar a causa, apenas vá para sua cela e espere que as portas sejam destrancadas, quando ouvir o sinal sobre o qual falamos. "A borboleta vai voar". Então siga para a torre do guarda. Derrube qualquer um que tentar pará-lo.

O homem ficou boquiaberto.

– A torre? Jura? Quando resolveu...?

Ela deu de ombros e sorriu com pesar.

– Agora mesmo! Senti o movimento do corpo, do verdadeiro corpo de Rapture! A verdade está no corpo, Carl! O corpo está falando

comigo, falando através de mim! E está declarando que o dia chegou. Agora vá, e não fale disso para ninguém! Espere pelo sinal!

O rapaz fez que sim com a cabeça, balançando-a rapidamente, os olhos brilhando.

Ela foi até a porta, chamou o guarda e pediu que acompanhasse Carl de volta à sua cela. Para si mesma, não precisava de acompanhante. Tinha passagem livre para ir de um lugar a outro dentro de Perséfone como desejasse, contanto que não tentasse sair da instalação.

Mas naquele dia decidiu, enquanto caminhava pelo corredor, que seria ela quem definiria quem teria liberdade de ir e vir; pretendia dar o passo para o qual se preparara por tanto tempo. Preparara-se para esse dia, mas não se sentira pronta até aquele momento. Não se tratava somente de Carl e de outros como ele. Foi ter pensado em Eleanor, o fato doloroso de que Sinclair e seus cientistas estariam pervertendo a decidida, porém inocente, mente da menina. Lamb não suportaria mais isso.

Sofia verificou seu relógio. Simon Wales, o mais entusiástico de seus convertidos bem posicionados, deveria estar chegando para sua visita costumeira. Perfeito, e nenhuma coincidência. O verdadeiro corpo de Rapture planejara tudo. *O corpo é a verdade; a verdade está no corpo*.

Será que Simon teria coragem de fazer o que ela ia pedir? Muitas vezes o rapaz alegara que faria *qualquer coisa* que ela lhe pedisse. Naquele dia, tal alegação seria testada.

Ela chegou na cela e deixou a porta aberta, de acordo com seus privilégios especiais – os mesmos que a permitiam receber Simon Wales ali. Ele chegou em questão de um minuto, parecendo cansado, embora resoluto.

– Dra. Lamb! – seus olhos pareciam arder em chamas; usava uma batina de padre completa, com colarinho, e deixara a barba crescer. O broche em formato de borboleta que ele usava pregado ao bolso da camisa estava um tanto fora de lugar, mas significava que ele emergira do casulo para tornar-se mais um membro do rebanho de Lamb. Um rebanho de borboletas, mas borboletas com asas afiadas feito metal.

– Tornou-se padre, Simon? – ela perguntou, fitando o corredor e as demais celas.

– Sou um padre de sua Igreja, Dra. Lamb – respondeu, com a voz rouca. Abaixou a cabeça em sinal de submissão.

– Então está pronto para fazer qualquer coisa pela causa do corpo?

O homem ergueu a cabeça. Tinha os olhos inflamados, as mãos apertadas em punhos.

– Estou!

– Chegou o dia! Não posso mais esperar. Pensando em Eleanor, e em tudo o que tive que fazer aqui, simplesmente não posso esperar nem por mais um minuto.

– Mas Sinclair está aqui; vi-o dentro da torre de controle de Perséfone! Não deveríamos esperar até que ele tenha ido para casa?

– Não importa. Weir, o administrador, vai mandá-lo sair ao primeiro sinal de problemas. – Ela sorriu. – O administrador também espera pelo meu sinal. – Ela abaixou o tom de voz até sussurrar. – Você vai levar esse crachá. – Ela tirou o crachá do pescoço e pendurou-o nos ombros do rapaz. – Vá até a torre; mostre o crachá para a câmera. Vão destrancar a porta. Você vai entrar e atirar nos

guardas; em seguida, vai acionar a alavanca que destranca as celas em caso de emergência. Já discutimos sobre sua localização.

– Eu me lembro! – ele disse, lambendo os beiços.

– Quando as portas das celas se abrirem, e as portas dos blocos de celas, você vai acionar o sistema de comunicação e anunciar: “A borboleta vai voar!”. Esse será o sinal.

A voz de Simon falhou de tanta excitação quando ele disse:

– Sim, ah, graças a Deus, o sinal para libertar você!

– Tomarei controle de Perséfone, mas não sairei daqui imediatamente, não até que tenha controle total da área. Enviaremos nossos seguidores para cercar a área e nos proteger. Quando a hora chegar, vou procurar Eleanor. Enquanto isso, esse lugar vai deixar de ser minha prisão para tornar-se meu forte.

– E a arma?

– A arma de que precisará está escondida no armário de utilitários. Lembra da senha?

– Sim!

Apertaram-se as mãos.

– Então vá!

Simon deu meia-volta e saiu correndo da cela, sem mostrar nem um pingo de dúvida. Acabaria morrendo na torre de controle, ou concluiria o serviço. Ele não era nenhum atirador profissional, mas andara praticando, seguindo ordens da médica, e com um pouco de sorte e o elemento surpresa...

Sofia esperava, tensa, na beira da cama, esfregando uma mão na outra. Pensava em Eleanor.

Depois de dez minutos, as portas das outras celas se abriram de súbito, destrancadas por um comando vindo de dentro da torre. Um

guarda uniformizado de Perséfone olhou para os lados, todo confuso.

– Que diabos está acontecendo?

A voz de Simon explodiu através do sistema de comunicação:

– A borboleta vai voar! Sabem o que fazer! *A borboleta vai voar!*

Os prisioneiros responderam com urros de alegria dignos de homens finalmente livres, a fúria encarcerada por tanto tempo a expandir feito um manancial liberado.

Sofia escutou o som do tumulto gerado pelos prisioneiros, que correram para fora de suas celas e se amontoaram sobre os guardas. Retraiu-se ao ouvir tiros, mas os policiais da prisão de Sinclair foram rapidamente rendidos. Houve mais alguns gritos, vaias, mais dois tiros e gritos. Gritos inarticulados de triunfo. Um alarme soou e subitamente foi cortado.

A Dra. Lamb respirou fundo e se levantou, acreditando que poderia deixar sua cela em segurança. Entrou no corredor. Simon Wales foi ter com ela, correndo às pressas com um sorriso com dentes escancarados feito os de um lobo. Um revólver fumegava em sua mão direita; a esquerda estava cheia de sangue.

– Tomamos Perséfone! – vangloriou-se. – Sinclair escapou, os guardas foram junto, os que não matamos! Weir ainda está aqui, mas diz que vai obedecer-lhe! Ela é toda sua, Dra. Lamb! Perséfone está sob seu controle!

Hephaestus

1957

Bill McDonagh cantarolava, acompanhando uma canção das Andrew Sisters que tocava no sistema de comunicação, enquanto apertava um crivo de salinidade. A canção foi cortada de repente,

substituída pela voz sonora de Andrew Ryan, com a entonação mais profunda: um de seus discursos pré-gravados. Havia uma intimidade traiçoeira naquela voz, como a da raiva silenciosa de um pai.

> *Qual é a maior mentira já inventada? Qual é a obscenidade mais depravada já perpetrada contra a raça humana? Escravidão? Ditadura? Não! É a ferramenta com a qual toda essa maldade é construída: Altruísmo.*

Bill suspirou. Não acreditava muito em caridade. Mas se as pessoas quisessem dar uma ajuda a alguém, isso era problema delas. O jeito atroz com que Ryan rejeitava o altruísmo sempre existira. Nos últimos tempos, com toda uma classe sofrendo em Rapture, essa atitude estava começando a irritar.

> *Sempre que alguém quer que outros façam seu trabalho, lançam mão de seu altruísmo. "Não se preocupe com suas próprias necessidades", dizem. "Pense nas necessidades de..." de qualquer um! Do Estado. Dos pobres. Do exército. Do rei. De Deus. A lista não acaba nunca.*

– Certo – Bill murmurou. – Você também não, Sr. Ryan. Não acaba nunca, isso sim... – Ele olhou para Pablo Navarro, que trabalhava do outro lado da sala com uma prancheta. Podia ser um erro, falar algo assim em voz alta. Mas Pablo parecia concentrado em anotar as leituras de temperatura.

Vinda dos alto-falantes perto do teto, quase como se viesse do ar em si, a voz de Ryan continuou, inexorável:

> *Minha jornada até Rapture foi meu segundo êxodo. Em 1919, fugi de um país que trocara despotismo por insanidade. A revolução marxista simplesmente trocou uma mentira por outra. Então cheguei à América, onde alguém podia ser dono de seu trabalho, onde alguém poderia se beneficiar do potencial de sua mente, da força de seus músculos, da força de sua vontade.*

Essa ideia, pensou Bill, usando uma pequena chave de fenda para ajustar o filtro, era algo que ele apreciava. Foi a ideia que o

ajudara a criar laços com Andrew Ryan: que o homem fosse julgado por aquilo que pode alcançar, o que pode fazer, e não por sua classe, religião, raça. Evidente que estavam passando por um momento difícil em Rapture, mas ele ainda tinha fé que a grande visão de Ryan os faria passar por cima de tudo.

Uma raiva sutil borbulhava sob a voz de Andrew Ryan conforme ele prosseguiu:

> *Pensei que eu havia deixado os parasitas de Moscou no passado. Pensei que deixara os altruístas marxistas em suas fazendas coletivas e seus planos de cinco anos. Porém, assim como os tolos alemães lançaram-se às armas com Hitler pelo bem do Reich, os norte-americanos beberam cada vez mais doses do veneno bolchevique, que lhes fora dado de beber à boca por Roosevelt e seus negociantes, no New Deal. Então, perguntei-me, em que país haveria espaço para gente como eu? Gente que se recusava a dizer sim para os parasitas e os duvidosos. Gente que acreditava que trabalho é sagrado, e o direito de propriedade, inviolável. Então, um dia, uma resposta feliz veio até mim, meus amigos: não havia país algum para gente como eu. E foi então que eu decidi... construir um. Rapture!*

Ryan concluiu o discurso, e a música voltou a tocar. Um *boogie-woogie* contente.

– É, ele resolveu construir Rapture – disse Navarro, ironicamente, ao aproximar-se para anotar as leituras dos medidores perto de Bill. – Construiu e chamou a todos nós, agindo como se o lugar pertencesse à gente também. Mas é tudo dele, na verdade, Bill. Já notou isso?

Bill deu de ombros, olhando com nervosismo para a porta. O assunto se tornava sedicioso demais, considerando o pé em que andavam as coisas.

– O Sr. Ryan usou mesmo seu próprio dinheiro pra construir Rapture – disse ele, limpando gordura das mãos com um pedaço de pano. – No meu ponto de vista, estamos todos arrendando o espaço

dele aqui embaixo, Pablo. Alguns compraram. Mas o Sr. Ryan ainda é dono da maior parte da cidade, amigo. Ele tem direito de pensar que Rapture pertence a ele...

– Ensinado feito cachorro adestrado – Navarro murmurou, afastando-se.

Bill fitou-o.

– Pablo – chamou. – Pense bem no que fala pra mim. Ou dou uma na sua cachola.

Pablo Navarro virou-se para ele, deu um meio sorriso. E simplesmente saiu da sala.

Escritório de Frank Fontaine, Neptune's Bounty, Rapture

1957

Era tarde da noite em Rapture. Frank Fontaine estava sentado em sua mesa, sob um cone de luz amarela, escrevendo sem parar, rindo vez por outra. Um cigarro abandonado, quase apagado, soltava uma espiral de fumaça, deitado no cinzeiro em formato de concha. Havia uma garrafinha de uísque ao lado do cinzeiro; usara-o para adocicar a xícara de café que havia muito esfriara.

Fontaine trabalhava com caneta, papel e um livro aberto, aprendendo com o relato de John Reed sobre a vida de idealistas soviéticos – livro que ele tivera que trazer a Rapture por contrabando – e angariando muito material suculento para os panfletos de Atlas. Bastava parafrasear aqui, mudar uma terminologia acolá, e *voilà*: em pouco tempo, terminaria o manifesto de Atlas.

Claro, emprestara algo de Sofia Lamb também. Ela ainda tinha seguidores. Com sorte tornar-se-iam seguidores dele. Quando chegasse o momento.

Quando ouviu um assoviar sossegado, Fontaine tirou os olhos do papel e olhou, ressabiado, para a porta. Um de seus guardas passou pela janela do escritório, espingarda em punho, assoviando uma canção.

Estou ficando assustadiço. Serviu mais um pouco de uísque no café, deu uma golada, e fez uma careta.

Pôs-se a escrever novamente. “Quem é Atlas? Ele é o povo! A vontade do povo na forma de...”

O som da porta sendo aberta disparou-lhe o reflexo de fechar o livro. Não queria que ninguém soubesse de Atlas, a não ser que fosse necessário.

Era Reggie, que fechou a porta assim que entrou.

– Bom, chefe, está feito. Lá na Apollo Square. Eram três!

– Três! Estão todos bem mortos? Ou só levaram uns tiros?

Reggie fez que sim com a cabeça, retirando um cigarro do maço.

– Estão mortos, chefe. Três tiras, deitados um do lado do outro. – Ele acendeu o cigarro e atirou o fósforo, que deixou uma pequena trilha de fumaça em forma de arco na trajetória até o cinzeiro.

– Tiras? – Fontaine bufou. – Esses oficiais imbecis não são tiras. São vagabundos com distintivo.

– Até onde sei, todos os tiras são vagabundos com distintivo. Enfim, demos um jeito neles. Nunca vão saber de onde vieram os tiros. Eu mesmo atirei em dois. – O rapaz soltou fumaça contra a lâmpada do teto. – Chefe, não gosto de questionar tua... hum, estratégia. Bom, você é dono de um belo pedaço dessa cidade encharcada. Mas tem certeza de que atacar esses policiais vai te dar aquilo que quer?

Fontaine não respondeu de imediato. Sabia o que Reggie estava realmente querendo saber: qual era a estratégia? Abriu uma gaveta,

encontrou um copinho de vidro e serviu um drinque para o rapaz.

– Tome alguma coisa. Relaxe.

Reggie pegou o copo, sentou-se na cadeira em frente à mesa e ergueu o copo para Fontaine.

– Saúde, chefe. – Bebeu metade num só gole. – Uau! Eu precisava mesmo de um drinque. Não gosto de atirar pelas costas. Não é muito o meu estilo.

Fontaine sorriu, mostrando os dentes.

– Imagine só como Ryan vai reagir! Vai saber que fui eu. Mas não terá como provar. É o bastante, no entanto, para dar-lhe a desculpa de que precisa. Posso até ouvir seu discurso para o conselho...

– Parece que quer que Ryan venha atrás de você, chefe.

– Talvez eu queira. Talvez eu queira sair por aí atirando. Porque isso abriria toda uma nova área de diversão. Você me conhece, Reggie. Sabe que não conseguirei ser Fontaine pra sempre.

– Primeira vez que te ouço dizer isso desde que chegamos aqui.

– Não tenho força para tomar Rapture, não sem que a própria cidade ajude. Sem que seus habitantes me ajudem, Reggie.

– Tem em mente algum tipo de revolução?

– Guerra civil e revolução. Estou cutucando o Ryan com o contrabando; esfregando na cara dele. Dei-lhe a chance de me permitir ter Rapture como eu a desejo. Ele não aproveitou. Agora, lançamos a isca para a arapuca. Sabe, as pessoas se baseiam nele porque ele é um grande exemplo, certo? Mas se quebrar todas as regras que firmou, adquirir as corporações, agir feito ditador... isso vai virar as pessoas contra ele. E elas vão precisar de um líder. Entende? Não tenho poder pra mantê-lo afastado de outro jeito. Então cavo um buraco, cubro, pra disfarçar, e deixo ele correr até cair lá dentro.

– Mas você pode acabar sendo morto nessa briguinha, chefe.

– Estou contando com isso. Frank Fontaine tem que morrer. Mas eu ainda estarei aqui, Reggie.

Reggie deu uma risadinha e ergueu o copo.

– Um brinde a você, chefe. Você é o cara! Sem dúvida!

Apollo Square

1957

As luzes se enfraqueciam, para simular a noite, sobre o espaço grande como o Coliseu de Apollo Square. O relógio gigante de quatro faces pendurado no centro do teto mostrava oito horas quando Andrew Ryan disse, numa voz grave e dissonante:

– Isso simplesmente não pode continuar.

Bill concordou com a cabeça. – Isso mesmo, chefe – disse baixo. Estava pensando nos enforcamentos.

Mas Ryan provavelmente referia-se aos caos instaurado nos últimos tempos em Apollo Square e no Beco dos Pobres. Assim como em outras partes de Rapture.

Com revólveres nos coldres, Andrew Ryan, Bill McDonagh, Kinkaide e Sullivan encontravam-se na entrada de uma passagem que levava à Apollo Squate. Karlosky vinha atrás deles, pelo corredor, vigiando quem vinha de trás; o chefe de polícia Cavendish e o oficial Redgrave seguiam alguns passos nas laterais, um na esquerda, o outro na direita, carregando espingardas. Encostadas na parede de metal ornada em arte déco estavam as duas esculturas esguias que, certa vez, fizeram Bill lembrar-se de ornamentos de capô de carro: figuras alongadas de prata representando homens musculosos com os braços estendidos para o céu, verticais feito a trajetória de um foguete, com as mãos

espalmadas contra o teto, segurando-o. À esquerda, letras amarelas sobre uma flâmula vermelha diziam:

A GRANDE CORRENTE É GUIADA POR NOSSAS MÃOS.

Mas era o homem enforcado, do outro lado, que captava a atenção de todos.

Ryan fazia sua inspeção mensal em Rapture.

– Havia equipes de reparo aqui, trabalhando com vazamentos – disse Bill –, e os policiais fizeram um ótimo trabalho protegendo-os. Expulsando splicers malucos, jogando-os em Dingley Dell. Mas o lugar está ficando apinhado. O necrotério também. Sabe, você tem que dar uma olhada naquele lugar, difícil... – Bill riu ao perceber que quase rimara ao dizer “acreditar”, como costumava brincar quando criança. – Difícil ver a que ponto chegou.

Num lugar aberto, além das portas mais distantes, havia uma plataforma de madeira crua. Sobre ela uma forca em forma de T feita com tábuas roubadas da cidade. Bill vira os buracos no piso de onde haviam sido retiradas no dia anterior. Em cada lado da forca havia um homem pendurado.

Apollo Square fedia muito. Fedor de defuntos. Bill enxergava cinco deles, quatro homens e uma mulher, os corpos amplamente espalhados por todo o local, esparramados bizarramente sobre poças de sangue seco amarronzado. E havia os dois homens pendurados, balançando lentamente.

Os trilhos do bonde estavam intactos; não havia vagão algum naquele momento. Até onde Bill sabia, não havia trem algum em funcionamento. Do alto de Artemis Suites, moradores espiavam-nos escondidos nas sombras. Lixo recobria a praça, papéis voavam ao sabor da brisa artificial. Uma canção tocava, vinda de algum lugar,

tão distorcida que Bill não a compreendeu de início. Depois reconheceu a voz de Bessie Smith. Ela parecia pedir para ser colocada na cadeira elétrica.

Risos crepitaram zombadores do teto. Bill olhou para o alto e viu um spider splicer engatinhando, de ponta-cabeça, ao lado das grandes janelas.

– Talvez seja melhor tirá-lo dali, Cavendish – disse Sullivan, fitando o splicer. – Não sei quão boa é a mira da espingarda a essa distância, mas...

– Não! – Ryan interrompeu. – Não é contra a lei usar ADAM. Não é contra a lei de Rapture andar pelas paredes ou tetos contanto que não se maltrate ninguém. Se ele quebrar uma regra séria, atire. Mas não vamos atirar neles como se fossem cães raivosos sem motivo. Alguns têm chance de conseguir emprego, não, Kinkaide?

Kinkaide suspirou e balançou a cabeça, em dúvida:

– Emprego? Alguns, talvez, Sr. Ryan. Se oferecer-lhes ADAM, pode persuadi-los de usar telecinese, mover as partes maiores do metrô para nós. Mas são distraídos e briguentos demais. Havia dois responsáveis por ajustar encanamentos; acabaram usando os canos um contra o outro, como lanças. Um deles foi empalado, atravessado bem no meio. E como demorou pra limpar esse cano depois.

Ryan deu de ombros.

– ADAM será controlado com o tempo. – Ele fez uma pausa, refletindo, depois prosseguiu: – Quanto a esses marginais splicers, somente mataremos os que tivermos que matar. Vamos controlá-los, e teremos regras rígidas. Vamos acabar com os justiceiros; com a pichação dos vândalos; vamos impedir que as pessoas comprem brigas malucas umas com as outras. Não vamos tolerar esses

imbecis atirando fogo sem pensar, causando incêndios inoportunos. Queimaram uma das cortinas novas da estação de metrô!

– Como podemos controlar marginais splicers, chefe? – Bill perguntou.

Ryan respirou fundo, fechando a cara, determinado:

– Primeiro, vamos instaurar um toque de recolher. Vamos conferir documentos de identificação em pontos de inspeção. Vamos aumentar a presença das torres de segurança e seguranças-robô em alguns locais. Ah, e por falar nos diabinhos mecânicos... *daemon ex machina*... – disse, sorrindo ironicamente.

Dois seguranças-robô passaram zunindo pelos cantos da grandiosa sala, voando de lá para cá, feito helicópteros autônomos em miniatura. Eram do tamanho de um hidrante, mas bem mais paramentados, com armas embutidas. Davam nos nervos de Bill – jamais tivera certeza de que os robôs não atirariam nele, uma vez que eram meras máquinas, ainda que todos ali estivessem usando sensores de identificação que lhes informavam quem era amigo ou não.

Bill desviou quando os robôs voaram sobre sua cabeça, sempre com receio de que as hélices o decepassem caso chegassem perto demais. Os robozinhos seguiram seu caminho, circulando a sala, à espreita de alguém que viesse a oferecer perigo para Ryan e sua comitiva.

Aos poucos, os demais começaram a sentir o peso das palavras de Ryan.

– Hum, chefe... você disse toque de recolher? Pontos de inspeção? Quer dizer, na cidade toda? – Não era o próprio Ryan quem sempre alegara que esse tipo de coisa era típico dos ditadores comunistas?

– Sim – disse ele, olhando com pesar para os corpos pendurados na forca. – Todos terão um documento de identificação. Terão de restringir-se a áreas autorizadas, e os documentos nos dirão onde as pessoas poderão transitar. Haverá toque de recolher até nova ordem. Teremos de instituir a pena de morte para alguns crimes. Está claro para todos nós quão complicada está a situação. E estamos perdendo gente. Teremos de recrutar moradores novos para compensar... Enquanto isso, temos que estabilizar as coisas. Teremos de arranjar uma batida em larga escala para dar um jeito em Fontaine. Vamos destruí-lo desta vez. E tomar seus negócios, pelo bem de Rapture. Administrá-los com responsabilidade...

Bill estava boquiaberto.

– Tomar os negócios de Fontaine? Mas isso não acaba meio que indo contra todo o espírito de Rapture?

Ryan franziu o cenho.

– Às vezes, temos que brigar para proteger esse espírito, Bill! Veja o que aconteceu aqui mesmo em Apollo Square. Três policiais mortos a tiros! Vamos conseguir que todos os inimigos de Rapture sejam capturados e punidos!

Bill sentia-se desorientado, quase tonto. Ryan soava mais como Mussolini do que como um homem que defendera a expansão dos limites da liberdade humana.

– Está planejando tomar a comercialização de plasmids de Fontaine... à força? Isso não tem nada de mercado livre, nem um pouco, Sr. Ryan.

– Não. Não tem mesmo. Mas Fontaine está ameaçando destruir Rapture! A colônia inteira virá abaixo se nós não agirmos, Bill. Ele quer o caos! Quer porque, para um demagogo da laia dele, que se aproveita das fraquezas das massas, o caos é a grande

oportunidade. O caos é o terreno fértil onde gente como Fontaine planta sementes de poder! Os seguidores de Lamb se aproveitam da mesma maneira!

– Concordo – disse Kinkaide. – Já tivemos caos suficiente. Temos que definir limites, às vezes. É hora de pegar pesado. Ir ao ataque.

Bill ficou imaginando se essa opção pelo ataque não seria exatamente o que Fontaine desejava. Será que estavam todos comendo na mão dele?

Átrio, perto da Futurismos Fontaine

1958

– Olá, amigos – disse uma voz alegre pelo sistema de comunicação. Frank Fontaine ouvia o anúncio distraidamente, cruzando a Futurismos Fontaine, a caminho do setor de Treinamento e Extração. – Sabia que nove entre dez mulheres preferem homens atléticos? Pra que ficar de canto se a nova linha de plasmids tônicos SuperSport podem dar a você o corpo sarado com que sempre sonhou? Venha nos visitar em Medical Plaza para uma experiência grátis de duas horas. Você vai apreciar a diferença, e ela também...

Fontaine chacoalhou o desconforto que sentiu por dentro, a sensação de aprisionamento que o dominava quando entrava em alguma área restrita. Não havia motivo para se sentir preso. Tinha dois ótimos guarda-costas consigo – eram precisos dois naqueles dias. Lá estava Reggie, e lá estava Naz: o splicer moreno, de sorriso maléfico, mais parecido com um Jesus maluco graças ao cabelo comprido ensebado e a barba castanha encaracolada. Vestia macacão de pescador todo manchado; as mãos brincavam com um gancho de limpar peixe que ele gostava de carregar aonde ia. Naz

era prova de que era possível treinar um splicer, mantê-lo à disposição. Até certo ponto. O cara usava muito SuperSport. Tomara demais do negócio; mas o exagero deixou-o alerta.

Fontaine sabia que deveria sentir-se seguro. Nos últimos dias, porém, quanto mais perto ficava das meninas usadas nos experimentos, apelidadas carinhosamente de "Little Sisters", mais aprisionado se sentia. O anúncio que vinha pelo sistema de transmissão pública, justamente naquele momento, não ajudava em nada. A voz relaxante da mulher dizia:

– Orfanato das Irmãzinhas: em horas difíceis, dê à sua filha a vida que ela merece. Moradia e educação sem custo algum! Afinal, as crianças são o futuro de Rapture!

Orfanatos. Ajustara-se a seu senso de ironia, e talvez alimentara sua amargura, ter criado um orfanato.

Após sinalizar a Reggie e Naz para que esperassem no corredor, passou pela porta dupla. Os seguranças-robô levitaram no ar conforme ele se aproximou. As maquininhas escanearam o homem e se afastaram, zunindo com suas engrenagens.

Mais alguns passos e torres automáticas, parecidas com cadeiras giratórias equipadas com armas, giraram para atacá-lo, reconheceram seus sensores, e voltaram à posição de início.

Fontaine desceu pelo corredor até as pequenas celas com jeito de enfermaria, onde as meninas eram mantidas enquanto esperavam pela implantação e pela colheita. Ele olhou pelo vidro da porta e viu duas crianças brincando com um trenzinho de madeira pousado sobre o piso da sala pintada de cor-de-rosa. As Little Sisters desenvolveram um visual estranhamente uniforme. Usavam vestidos curtos; as faces e os corpos tornaram-se muito similares

graças a um efeito colateral da implantação das lesmas marinhas. Os bichos moravam feito lombrigas dentro delas.

Elas não são mais humanas, pensou Fontaine consigo.

Afinal, era fazer um corte numa daquelas crianças para que segundos depois o sangramento estancasse. Cortavam-lhe um dos dedinhos, e o dedo crescia de volta, como se a menina fosse algum tipo de lagarto. O ADAM as reconstruía. Isso não era nada humano; eram sobre-humanas, quase. Não pareciam envelhecer nem um pouco, também. Estavam presas em um curioso estado de crescimento estável.

Brigid Tenenbaum aproximou-se de Fontaine com passos leves. Trazia novamente aquela aparência fantasmagórica, como se uma brisa artificial um pouco mais forte fosse capaz de varrê-la para longe. Talvez ele devesse retomar o relacionamento. Mas era ela quem vinha inventando desculpas. O que não o incomodava.

Ela espiou pela janelinha para ver as duas meninas.

– Elas parecem... bem – ele comentou. – Vivo preocupado, achando que vamos ser inspecionados, que as pessoas pensem, “Oh, pobrezinhas”. Mas elas não parecem infelizes.

Tenenbaum concordou com um murmúrio. Ainda olhando pela janela, ela pegou um cigarro de um bolso do jaleco e uma cigarrilha do outro, uniu ambos e levou a cigarrilha à boca. Fontaine acendeu o cigarro para ela com seu isqueiro de platina. A cientista soltou a fumaça para o alto e continuou muda. O vazio em seu olhar e as bochechas muito magras fez Fontaine reparar que ela não era tão diferente das Little Sisters.

Ele continuou a falar, mais para preencher o silêncio:

– Mas deixamos todo mundo tão falido em Rapture que eles simplesmente entregam os filhos pra nós.

– As crianças não são... infelizes, de fato – Tenenbaum falou, as palavras saindo acompanhadas da fumaça do cigarro. – Não no sentido usual de crianças infelizes. Mal se lembram da família. Suas mentes estão diferentes. O ADAM, a conexão com as lesmas marinhas as deixaram diferentes. Percebo que ficar perto delas... – ela pigarreou. Havia um brilho molhado em seus olhos. – é bastante desconfortável. Até mesmo com... essas coisas implantadas na barriga, continuam sendo crianças. Brincam e cantam. Às vezes, olham para mim... e sorriem.

Fontaine fitou a cientista. Será que estava surtando?

– Você é bem paga, Brigid. São tempos difíceis em Rapture. Quer continuar recebendo financiamento pra pesquisa? Então aceite o que tem que fazer pelo cheque.

Ela não pareceu estar ouvindo. Ou não ligava. Apenas continuou fumando, sugando a cigarrilha, olhando absorta pela janela da porta para as duas menininhas. Conteve a fumaça até que as palavras escaparam-lhe.

– Elas não agem como se estivessem muito tristes. As Little Sisters. Mas, em suas almas, elas... Os alemães diriam “Schmerzensschrei”. Elas “sentem a dor”.

– Almas! Não existe isso de alma – ele bufou.

– Rumores afirmam que viciados em plasmid andam vendo fantasmas rondando Rapture...

– Fantasmas! – Fontaine balançou a cabeça, descrente. – Lunáticos! Quando é que você e Suchong vão começar a trabalhar para combater os efeitos colaterais dos plasmids? – Tratava-se de questão-chave para Fontaine, visto que chegaria o tempo, supunha, em que ele mesmo teria de lançar mão das substâncias. Talvez de várias delas.

A cientista não respondeu. Fontaine sentiu um assomo de raiva, agarrou-a pelos ombros e virou-a para encarar seu rosto.

– Está me ouvindo, Tenenbaum?

A moça desviou o olhar e deu um passo para trás, recusando-se a encontrar os olhos dele. Sua voz saiu monótona, talvez com certo toque de zombaria.

– Está tentando me ameaçar, Frank? Já passei um tempo no inferno. – A moça ficou toda absorta de novo. – Não me deparei com carrascos lá. Eram mais como espíritos familiares. Mas essas crianças – ela olhou pela janela mais uma vez –, elas despertaram algo em mim.

– Que tipo de coisa?

Brigid meneou a cabeça.

– Não quero falar disso. Ah, você quer saber sobre os efeitos colaterais? Sim. ADAM age como um câncer benigno. Essa instabilidade, ela transfere propriedades incríveis, mas... – ela suspirou – ao mesmo tempo, prejudica. Os usuários precisam de cada vez mais ADAM. Do ponto de vista médico, isso é catastrófico. Mas você é um homem de negócios. – Brigid abriu seu sorriso peculiar. – Se tiramos os efeitos colaterais, talvez não vicie mais. Se não vicia, você não vende muito.

– É. Mas precisamos de duas linhas do produto. O produto melhor, para pessoas como eu, quando o momento demandar. E os plasmids comuns para todo mundo. Trabalhe nisso, Tenenbaum.

Ela deu de ombros. Olhou para as crianças, ficando absorta novamente. Um momento depois, murmurou:

– Uma das crianças, ela se sentou no meu colo. Eu empurrei... – ela tocou o vidro da porta antes de prosseguir, deixando a fumaça escapar lentamente da boca, fitando langorosamente através da

janela. – Empurrei, gritei “Sai de perto de mim!”. Dava para ver o ADAM vazando pelo canto da boca dela! – Brigid fechou os olhos. Rememorava a cena. – O cabelo nojento escondendo o rosto, as roupas sujas, aquele brilho morto nos olhos... senti ódio. – Sua voz falhou. – Ódio, Frank. Como nunca senti antes. Uma fúria amarga intensa. Mal conseguia respirar. Mas Frank... – ela abriu os olhos e olhou para ele, por um segundo muito surpreendente. – Então entendi. Eu não estava com raiva da criança.

Ao dizer isso, Tenenbaum virou-se bruscamente e saiu andando, distraída, de volta ao laboratório, deixando uma trilha de fumaça atrás de si.

Fontaine acompanhou-a com o olhar. Ela estava surtando. Talvez devesse tirá-la do trabalho. Mas ela era valiosa demais. E Ryan estava planejando seu próximo passo. Estava tudo quase em seu lugar.

– Sr. Fontaine?

O homem deu um pulo, assustado pela voz de Suchong. Virou-se em meio à altercação.

– Jesus, Suchong, não precisa chegar de mansinho desse jeito.

– Suchong sente muito.

– Imagino que sim. Olha, o que está acontecendo com Tenenbaum? Está ficando maluca ou o quê?

– Ficando maluca? – Com a mesma aparência de sempre, cada fio de cabelo no lugar, os óculos polidos, Suchong olhou placidamente pela janela, para a visão que tanto comovera a cientista. Era como se o rapaz fitasse uma gaiola contendo ratos de experimento. O que era, de fato, o que ele via. – Ah. Talvez sim. Suchong pensa que, às vezes, ela perde... objetividade.

– Por falar em mulher louca, tem seguido aquela de que lhe falei? Para aquele projeto especial? – Era para falar disso que Fontaine viera até ali.

Suchong checou o corredor de lado a lado. Não havia assistentes por perto. Era assunto confidencial.

– Sim – mal deu para ouvir a voz dele. – Foi muito esperto você ter colocado escutas no apartamento dessa Jolene. Ela conversou com uma das amigas, uma moça chamada Culpepper. Essa Culpepper, ela tenta ensinar Jasmine. Fala sobre Ryan. Pra convencê-la de que ele é um tirano, e por aí vai.

– É, Reggie me contou; ele deu uma olhada nas transcrições. Acha que ele não me conta tudo primeiro? Culpepper virou-se contra Ryan. E Jasmine Jolene está grávida. Ou talvez eu devesse dizer que Mary Catherine está grávida, é seu verdadeiro nome. Então, fez-lhe a oferta?

O cientista fez uma reverência.

– Tenenbaum fez oferta, ela aceitou! Dinheiro. Então ela não precisa de Ryan pra viver. Em troca de óvulo fertilizado. Filho de Ryan! Ela veio ao laboratório, Tenenbaum extraiu zigoto diploide!

– O quê? Ah, basicamente a criança, certo? Pré-feto?

Suchong fez outra reverência.

– Sr. Fontaine entendeu certinho.

– Temos alguém que carregue a criança?

Suchong piscou.

– Quem carrega criança? Não posso carregar. As crianças, elas...

– Suchong! Quis dizer se tem alguém para ter o bebê e entregá-lo a nós depois!

– Está tudo arranjado!

– Então, a linhagem de Ryan, seu, como você disse mesmo?

– DNA. Sim. Quando as novas câmaras vitais funcionarem, quando a segurança funcionar com DNA específico... o DNA de Ryan vai proteger seu... indivíduo.

– Acha que o projeto é praticável a curto prazo, Suchong? – Fontaine pressionou. – Quero dizer, fazer o... como você chamou?

– Desenvolvimento acelerado. Crescimento rápido de criança. E depois, o condicionamento...

– Essa é a parte importante. O condicionamento. Lavagem cerebral. A criança tem obedecer às sugestões, como você disse. Pode fazer isso?

– Sim. Creio que sim. Meus experimentos confirmam que sim. Suchong usa sistema de recompensa no cérebro, condiciona organismo, a cria humana para fazer qualquer coisa! O que desejar que faça!

– Qualquer coisa? É só sugerir? Quero dizer, até uma coisa que o cara não faria normalmente? É disso que precisamos, entende? Preciso saber se posso usar essa criança contra Ryan quando chegar o momento.

– Acredito que sim! – os olhos de Suchong estavam brilhando. Condicionamento, controle da mente, era tudo o que ele mais queria. Aquilo pelo qual ficara conhecido. – Principalmente se eu pegar criança bem nova.

– Certo, digamos que você tem um garotinho, e digamos que ele tem um cãozinho. Crianças amam cachorros. Poderia forçá-lo a matar o próprio cachorro? Quero dizer, um filhotinho bonitinho, que ele amasse muito, poderia fazê-lo matar o cachorro com as próprias mãos? Seria um belo teste...

Suchong assentiu, mostrando os dentes num sorriso malévolo – algo muito incomum para ele.

– Sim! Incrível, não?

– É, se funcionar. – Fontaine sentiu certo furor também. Seria um verdadeiro ás na manga, um golpe de mestre. Talvez o melhor esquema já inventado. A demora faria com que Ryan não esperasse por nada. Por isso, se o projeto Atlas não vingasse, ele teria outra maneira de atingir seu rival.

Já tinha riqueza e o controle de boa parte de Rapture. Mas ter um cãozinho condicionado esperando para cumprir sua tarefa era uma ideia excitante. Um trambique levado a cabo pela *própria vida*...

16

Central de controle de Rapture

1958

– O que há de errado, Mary? – Jim perguntou, naquele jeito calmo de sempre. – Parece que acaba de ouvir uma notícia terrível.

– Pena capital em Rapture! – Mary respondeu, preocupada. – Não foi para isso que me alistei!

A voz de Jim estava quase jovial.

– Espere um minuto, mocinha! As únicas pessoas que enfrentam pena capital em Rapture são os contrabandistas, e isso porque eles colocam em risco tudo aquilo por que batalhamos. Imagine se os soviéticos descobrem sobre nossa cidade maravilhosa, ou até mesmo o governo dos EUA! Nosso segredo é nosso escudo!

– Acho que uma ou outra pena capital é um preço justo a ser pago para proteger nossa liberdade.

– Assim é que se fala, Mary!

Andrew Ryan interrompeu a gravação, recostou-se na cadeira e virou-se para Bill McDonagh, com as sobrancelhas erguidas.

– O que achou? Qual é a primeira coisa que lhe vem à mente, ao ouvir isso, hein?

– Bom, senhor...

Bill não achava mais que podia falar exatamente o que pensava. Principalmente considerando que a primeira coisa que lhe veio foi: *Acho que você parece um velho, Sr. Ryan. Um velho cansado. E*

está com cheiro de ter tomado muito martíni de novo... E esse comercial é deprimente.

Ele olhou ao redor do escritório do chefe. Parecia maior ainda, vazio, a não ser pelo eco. Desejou que Wallace ou Sullivan estivessem ali com eles. Alguém para dar apoio. Estava difícil demonstrar entusiasmo para com o novo posicionamento de Ryan.

– Anda – Ryan urgiu. – Desembucha.

Bill deu de ombros.

– Agora temos pena de morte, chefe. Acho que as pessoas vão ter que se acostumar com isso. Difícil não lembrar dela vendo gente pendurada na forca. O Conselho está dividido. Talvez fosse a hora de pegar mais leve.

Ryan tinha dois gravadores sobre a mesa; o menor fora adquirido, ironicamente, na empresa de Fontaine. O magnata abriu um sorriso gelado, esticou o braço em direção ao gravador, apertou o botão para gravar e entoou:

– A pena de morte em Rapture! O Conselho entra em rebuliço! Greves nas ruas, eles dizem! Mas agora é a hora da liderança! Uma atitude deve ser tomada contra os contrabandistas. Qualquer contato com a superfície expõe Rapture ao mesmo mundo do qual fugimos. Alguns pescoços quebrados são um pequeno preço a se pagar por nossos ideais... – Ele apertou o botão, desligando o gravador, e virou-se para Bill, com muita satisfação. – Aí está, Bill. Reuni meus sentimentos sobre isso e gravei-os para a posteridade. Andou usando o seu gravador? Rapture vai definir o direcionamento para a civilização de todo o planeta, no futuro... e a história vai querer saber o que aconteceu aqui!

Bill fez que sim com a cabeça, num movimento bem desanimado.

– Tenho gravado comentários sobre o dia a dia, chefe, como você sugeriu. O próximo vai ser sobre essa batida que estamos planejando aplicar na Futurismos Fontaine. O que vamos fazer com a coisa quando a tivermos?

Ryan fez uma expressão indiferente.

– Isso cabe a mim decidir. A meu tempo.

– Só acho que não podemos tomar o negócio de outro homem à força! Vamos virar hipócritas, chefe! Isso é o que... tipo, o que eles chamam de nacionalização! Vai colocar Rapture em outra direção... oposta a onde queríamos ir.

Ryan lançou ao subordinado um olhar de gelo.

– Bill. É verdade que preso por sua... sinceridade. E preso pela individualidade. Mas também preso pela lealdade. Não importa o que eu decidir fazer, espero poder contar com sua lealdade.

Bill grudou os olhos no chão. Pensava em Elaine. E na filha.

– Sim, senhor. É claro, pode contar com isso. Sou totalmente leal. Assim é Bill McDonagh, nu e cru.

Contudo, enquanto Ryan dava-lhe as costas para acionar o gravador e ouvir o anúncio público mais uma vez, Bill pôs-se a divagar. Aceitava mesmo que Ryan tomasse os negócios de Fontaine? Já não bastavam o toque de recolher, os documentos de identificação? Quão próximos do fascismo teriam de chegar antes que alcançassem uma completa e desvairada reversão de tudo aquilo em que Ryan afirmava acreditar?

“– Acho que uma ou outra pena capital é um preço justo a ser pago para proteger nossa liberdade.

– Assim é que se fala, Mary!”

Ryan parou a reprodução e largou-se na cadeira, franzindo o cenho a refletir.

– Tenho mesmo que dar um passo decisivo contra Fontaine. Ele tem chegado a novos extremos. Chego a desconfiar que ele anda interferindo na minha vida pessoal. Jasmine! Era um verdadeiro conforto para mim, sabe, Bill? Somos adultos, nós dois. Você me entende. Mas ela se mudou do lugar escondido que eu lhe tinha dado. Sei que tem um dedo de Fontaine nessa história. Deve estar até colocando escutas no apartamento dela.

– Humm – Bill tentou manter o rosto inexpressivo. Interiormente, pensava que Ryan estava ficando paranoico, imaginando coisas.

– E ele continua contrabandeando. Existem grupos cristãos se formando, resultado daquelas Bíblias malditas. Deve ter gente enviando cartas para fora de Rapture. Ele anda vendendo armas para o bando da Lamb, também! Pensei que tivesse me entendido com Fontaine, mas ele tem ido longe demais. Enquanto eu comprava peixe no mercado futuro, ele dominava o mercado de genótipos e sequências de nucleotídeo. Está ficando poderoso demais, e isso o torna muito perigoso. Para todos nós. A Grande Corrente está sendo tirada de mim, Bill. É hora de dar um puxão de volta.

– Certo – falou Bill, resignado. – E quando é que vai acontecer essa batida enorme, maravilhosa, hein, chefe?

– Ah, daqui a dois dias. Dia vinte, se tudo der certo. Sullivan e eu organizamos um esquema grande para pôr em prática, armamento pesado. Mas não vamos lhes contar para onde eles vão até que cheguem lá.

– Bom, talvez eu possa ajudar. Qual é a estratégia?

– Estou falando dela para o mínimo possível de pessoas; não precisa fazer essa cara de chateado, Bill. Não é que eu não confie em você. Mas se a casa de Jasmine foi grampeada, quem sabe

onde mais isso pode ter acontecido? Alguém pode ouvi-lo falando sobre isso comigo, ou com Sullivan. Vamos manter o esquema embaixo do pano. Quanto menos gente souber, melhor. Temos que tentar ser mais... seguros sobre isso, desta vez. E torcer para que não estejam esperando por nós quando chegarmos lá...

Futurismos Fontaine, Laboratório 25

1958

– É impressionante o ritmo com o qual a criança está crescendo – disse Brigid Tenenbaum, fitando o bebê na incubadora transparente e borbulhante.

– Sim – murmurou o Dr. Suchong, que revisava os resultados de extração de bioquímicos anotados na prancheta que tinha em mãos. – O Sr. Fontaine vai ficar bastante satisfeito. E isso deve também gerar implicações para a raça humana. Crianças, tão vis. Esta aqui não vai ser criança por muito tempo...

Encontravam-se num laboratório apertado, iluminado por uma lâmpada amarela. A porta, duplamente trancada; o ar, rançoso, com cheiro forte de produtos químicos, hormônios e descarga elétrica.

O menininho nu flutuava na incubadora em forma de losango, sobre uma mesa, entre os dois pesquisadores. O rosto com carinha de sono sobressaía à superfície do líquido. A criança estava imersa numa espécie de transe em meio aos fluidos espessos.

O pequeno Jack parecia mais velho do que era, o que estava dentro do cronograma. O programa de crescimento acelerado era realmente digno de nota. Talvez Suchong estivesse certo – poderia realmente, no futuro, levar o homem a deixar a infância de lado completamente. Poderia ser criado com uma aceleração fantástica e ensinado por condicionamento – como vinha sendo ensinada essa

criança. Luzes bruxuleantes, vozes gravadas, eletrodos piscando em seu cérebro imbuíam-no com os passos básicos da aprendizagem – a habilidade de andar, memórias de pais imaginários – que levariam anos para serem acumulados normalmente. Era uma tábula rasa. Qualquer coisa que quisessem carimbar ali poderia ser impresso nos tecidos em formação de seu jovem cérebro... assim como Frank Fontaine requisitara. Brigid ouvira o amante referir-se ao pequeno Jack como “o golpe de mestre”. A entrada dos fundos do ultraprotegido forte que era Ryan. Jack fora, afinal, tirado do útero de Jasmine Jolene, extraído enquanto embrião minúsculo, doze dias depois que deixara de ser um mero zigoto.

– Devo completar o condicionamento W-Y-K – Suchong murmurou, pousando a prancheta sobre a mesa. – A criança tem que ser colocada logo na batisfera, enviada à superfície... O Sr. Fontaine já mandou um barco ficar esperando...

A cientista franziu o cenho.

– O que é esse W-Y-K?

Suchong fitou-a com desconfiança.

– Está me testando? Sabe que não vou lhe contar tudo que sei sobre condicionamento!

– Ah, sim... esqueci. A curiosidade científica é muito forte em mim, Suchong.

– Humpf, curiosidade feminina, isso sim... – Suchong acionou uma válvula, que aumentou o fluxo de um hormônio para dentro da incubadora. A criança se mexeu, em resposta. Chutou.

O que estão fazendo com esse menino?, perguntou-se Brigid. Contudo, surpreendeu-se: *Por que estou me preocupando com isso?*

Mas essas ideias a incomodavam cada vez mais. A pesquisa com as meninas; o trabalho feito com esse menino. Começavam a fuçar em suas memórias. Sua infância. Os pais. Rostos bondosos.

Momentos de amor.

Era como se toda aquela exposição junto às crianças mobilizasse uma criança que ela tinha aprisionada dentro do peito. Uma criança que queria ser libertada.

Liberte a todos nós, sussurrava a criança.

Ela balançou a cabeça. Não. Compaixão, carinho pelos sujeitos experimentais, isso tudo levava a um inferno científico no qual ela não pretendia entrar.

A menos, talvez, que já estivesse lá.

Neptune's Bounty

1958

– Caramba, quanta gente tem aqui? – Bill perguntou, estupefato com a quantidade de agentes armados pesadamente apinhados em frente ao amplo corredor metálico de Neptune's Bounty.

Bill portava uma submetralhadora. Sullivan tinha um revólver na mão direita e um rádio portátil na outra. Cavendish tinha uma espingarda e a versão de Rapture de um mandado de busca.

– Quanto maluco pra uma batida só, hein, xerife! – ele comentou. – Precisamos mesmo de todos esses caras?

Sullivan murmurou:

– Sim. Precisamos. E tem muito mais indo pra Futurismos Fontaine.

– Futurismos Fontaine? O quê? Ao mesmo tempo?

– Ao mesmo tempo. Ordens do chefe. – Ele balançou a cabeça, deixando a tristeza tão evidente quanto sua carranca. – Falando

sério, não estamos lidando com desesperados sedentos de sangue. Rapture está cheia de poetas, artistas e jogadores de tênis, não gorilas de circo. Mas Fontaine... ele parece ter todo um setor de Rapture no bolso.

– Então onde está Fontaine? Se quisermos que essa batida dê certo, melhor pegar o cara pessoalmente.

– Esse é o plano: dizem que ele está aqui hoje, em algum lugar no setor de pesca; talvez no cais, fazendo alguma coisa no barco de suprimento. Enfim, não é só uma batida – Sullivan confessou, falando baixo, conforme Cavendish abriu as portas para que seguissem a dupla coluna de homens ao longo do corredor de madeira, em direção ao cais. – É mais um ataque... um ataque militar contra Frank Fontaine e todo mundo que está do lado dele.

– Quão planejado foi isso, xerife? Lembre-se do que aconteceu da última vez. Talvez devêssemos ter passado mais tempo ajeitando tudo.

– Foi planejado, bem planejado. Temos duas levas de homens descendo aqui, mais duas levas prontas na Futurismos Fontaine. Mas Ryan queria manter tudo por baixo do pano, o máximo que pôde. O problema é que, se você conta uma coisa a mais de duas pessoas, talvez até pra uma, sempre umas dez acabam descobrindo. E Fontaine tem todo tipo de splicer contratado, repassa plasmid de graça em troca de informação. Então, não sei muito bem se... – ele balançou a cabeça. – Enfim, estou inseguro.

O rádio portátil crepitou na mão de Sullivan.

– Em posição – disse a voz vinda do aparelho.

Sullivan falou no rádio:

– Certo. Vão em frente quando eu der o comando “agora”. – Ele mudou a frequência e falou com o outro time. – Aqui é o xerife.

Estão prontos aí?

– Pronto pra atacar a Futurismos...

– Cacete, não fale o nome no rádio, apenas... esquece. Contem até trinta e tomem a dianteira, ataquem. Estamos entrando aqui.

Sullivan verificou seu relógio, fez um movimento rápido com a cabeça, olhou ao redor, fez um gesto para os outros e então foram todos semiagachados em direção à porta de entrada. O xerife acenou para Cavendish, que abriu e segurou a pesada porta para as duas fileiras de homens carrancudos em prontidão, e gritou:

– Agora!

Com um urro em uníssono, os policiais atravessaram a porta. Atrás do pelotão em movimento – que gritava, entusiasmado, com as armas em punho – vieram Sullivan, o chefe de polícia Cavendish, o delegado Redgrave e Bill, todos correndo para a península de madeira cercada de água do cais, com o intuito de alcançar o veículo similar a um bote que estava amarrado ali.

Subitamente, apareceram splicers em todo o lugar.

Alguns literalmente pingavam do teto – spider splicers saltaram do teto fatiando, com seus ganchos de cortar peixe, de forma que cinco dos homens do grupo de Ryan tombaram em questão de segundos, espirrando sangue escarlate de dentro dos pescoços talhados. Os corpos decapitados tropeçaram nas próprias cabeças, que rolavam sob seus pés. Bill teve que pisar firme para evitar topar com o rosto ainda pulsante de um rapaz. Um splicer deixou sua vítima de lado e atacou Bill. Felizmente, ele tinha a submetralhadora a postos e conseguiu executar um disparo curto num ângulo agudo, explodindo o topo da cabeça do atacante.

Alguém ao lado dele parou de correr e foi transformado em estátua, coberto de gelo. Uma granada foi arremessada e detonou o

splicer que congelara o policial, mas mais deles vieram.

Como demônios saídos da Bíblia, esses aí, pensou Bill.

– Yahoooo! – urrou um splicer, do alto. – Gene Autry, o caubói, vai salvar vocês!

Após o estrondo entrecortado de uma metralhadora, um spider splicer gritou e caiu do teto. Uma bola de fogo desprendeu-se de uma figura obscurecida pelas sombras de um dos cantos distantes do cais; era um splicer com água até a cintura. Bill retraiu-se para escapar do calor quando a bola de fogo passou perto dele como um meteoro. O projétil acertou um homem que estava atrás dele bem na cara. O rapaz soltou um grito borbulhante, enquanto seu rosto cozinhava. Bill disparou sua arma na silhueta que estava perto da parede assim que viu outra bola de fogo vindo contra ele, soltando fumaça preta. O splicer se contorceu e caiu, jorrando sangue contra a parede. Uma bola de fogo disparada pareceu perder o controle quando ele morreu, e saiu voando em espiral. Ela passou atribulada por cima de Bill, depois desceu de novo e apagou-se na água.

A orquestra de estrondos das armas de fogo – espingardas trovejantes, metralhadoras agudas, revólveres disparando tiros secos –, acompanhada da fumaça que nublava a cena, compunha um cenário digno do inferno. A fumaça azulada refletia lampejos avermelhados e estouros de bombas; explosivos eram lançados do teto, de trás dos pilares, de debaixo do cais, detonando os homens de Ryan, que voavam aos pedaços. Os splicers guinchavam zombarias sem sentido.

Eram muitos. E estavam esperando. Sabiam que eles viriam. Foram derrotados; Bill sabia disso.

Um homem na frente dele parou, rígido, e sacolejou feito uma marionete controlada por um doente de Parkinson, eletrocutado por

um plasmid atirador de eletricidade. Assim que ele caiu, Bill atirou no splicer que o atacara: uma mulher de cabelos e olhos escuros que usava shorts. Tinha metade do corpo escondida atrás de um toco de pilar e apontava a mão eletrificada contra Bill. Mas a espingarda abriu-lhe um buraco do peito até o queixo, e ela caiu de costas na água, onde uma mancha vermelha ondulava – o sangue dos homens e mulheres mortos, humanos e splicers.

Deus, Bill pensou. *Ryan me fez matar uma mulher! Meu Deus, me perdoe. O que Elaine vai pensar de mim agora?*

Mas uma spider splicer grudada no teto atirou nele com um revólver. A bala raspou em suas costelas, e ele respondeu com fogo sem hesitar – não tinha opção. A mulher saltou e sumiu de seu campo de visão.

No deque do pequeno barco amarrado no cais havia uma mulher de cabelos ralos e um olhar enfurecido. Empurrava um carrinho de bebê com uma das mãos. Fuçou dentro do carrinho e retirou uma espécie de granada, que atirou no ar. Cavendish partiu para cima dela.

A bomba parou em pleno ar, depois voou, controlada por telecinese, contra o policial. Ele se atirou no meio de uma pilha de caixas que fediam a peixe podre. As caixas absorveram boa parte da explosão, disparando lascas que voaram feito dardos. Alguém atrás deles gritou de dor.

Bill ficou de joelhos e procurou enxergar no meio da fumaça. Teve tempo de ver a cabeça da mulher desaparecendo numa nuvem cinza e cor-de-rosa gerada pelo tiro quase à queima-roupa disparado por Cavendish. A mulher envergou-se.

Um indivíduo emergiu da pequena cabine do barco: Frank Fontaine em pessoa.

Tinha um revólver na mão. Saiu atirando para todo lado com um sorriso diabólico e um olhar enlouquecido. Quem ele pensava que era, John Wayne? Isso não condizia em nada com seu estilo.

– Vou levar todos comigo! – gritou ele. – Nunca vão derrubar Frank Fontaine sem uma boa briga!

Havia um esquisito tom teatral nos gestos do homem. Fontaine enfiou a mão no casaco, retirou outro revólver, e continuou atirando, dessa vez com duas armas, mostrando os dentes, os olhos selvagens. Um policial foi ao chão, atingido no pescoço por um de seus disparos.

Um splicer gargalhou, num êxtase homicida.

– Isso aí, faz todo mundo jorrar sangue, Frank!

Bill tentou acertar Fontaine, mas errou o tiro.

Um policial correu por entre uma nuvem de fumaça e gritou para Fontaine. Ele se esquivou por trás de uma superestrutura, circulou-a, deu a volta e atirou bem na nuca do rapaz. Desistindo de sua pistola, Fontaine pescou a submetralhadora do policial morto. Virou-se, atirando com suas duas armas: o revólver na mão esquerda, a sub na direita.

Bill notou que Cavendish se aproximava pela água, a cabeça baixa, em direção ao barco. Ele atirou em Fontaine para tentar distraí-lo, assim este não veria o chefe de polícia, que se esgueirava pela traseira do barco. Bill teve que se abaixar quando Fontaine soltou um disparo em sua direção. Os projéteis voaram pouco acima da cabeça dele.

– Se Frank Fontaine vai pro saco, vocês todos vêm comigo! – ele gritou.

Cavendish deu a volta na superestrutura da embarcação e enfiou a espingarda na barriga de Fontaine. Com um sorriso feroz, o oficial

puxou o gatilho, arremessando Frank Fontaine para fora do barco, de volta à água. O tiro quase o partira ao meio.

Cavendish voltou-se para os colegas e gritou, triunfante, agitando a arma sobre a cabeça.

– Consegui! Peguei Frank Fontaine!

Ele se jogou atrás da cabine do piloto, para escapar de uma bomba que voava em sua direção. Bill não pôde mais vê-lo no meio da fumaça da explosão, e teve que esquivar-se de um golpe de faca. Virou-se e disparou a submetralhadora contra o splicer armado, que também desviou.

Bill avistou Sullivan mais abaixo no cais, esquivando-se de um *leadhead*. O splicer armado estava descalço e usava sobretudo. Ele pulava de um lado para o outro sobre o cais com agilidade sobre-humana, parecendo escapar dos disparos de Sullivan, movendo-se tão depressa que o policial não conseguia mirar. Em pleno ar, o *leadhead* atirou em Sullivan, que recebeu o disparo bem no ombro esquerdo e cambaleou com o impacto.

Bill acompanhou o movimento do splicer com sua arma e atirou, gastando o que lhe restava de munição. A cabeça do splicer foi esmigalhada, e seu corpo vacilou de cima de um pilar, atravessou a fumaça dos tiros e caiu com um baque esquisito na água.

Sullivan, com cara de dor, olhou para Bill com gratidão.

– Anda, recuar, caramba! É uma emboscada!

Cavendish veio do meio da fumaça, tossindo:

– Sullivan, peguei Fontaine!

– Recuar, cacete, tem muitos splicers!

Uma lasca de madeira passou voando por eles. Sullivan virou-se e disparou o revólver contra um splicer com cara de poucos amigos. Bill saltou por cima dos corpos de dois homens, até chegar ao lado

de Sullivan, e usou as costas de sua arma para nocautear um splicer babão que apontava uma lâmina curva contra o rosto de Sullivan. O xerife deu meia-volta, cambaleando sobre o cais, e Bill o seguiu bem de perto, parando somente para esquivar-se de uma bola de fogo que passou por ele.

Um spider splicer magrelo, vestido somente com roupas de baixo manchadas, com o rosto cheio de escaras de ADAM, arrastava-se de quatro, feito um inseto, na parede acima da porta. Ganidos de cachorro soaram nos ouvidos dos fugitivos conforme eles correram pela saída. O splicer alternava latidos com frases como “Mamãe, papai, neném! Mamãe, papai, neném! Tá todo mundo aqui! Sangue no meu ouvido!”. Sullivan atirou nele, mas errou. O splicer apontava o revólver contra eles quando Redgrave surgiu do nada. De trás de um pilar, ele disparou a espingarda, derrubando o splicer da parede. O corpo girou pesado por cima deles, quicou no pilar mais próximo e caiu na água.

Sullivan, cambaleando, liderou a comitiva pela porta, de volta ao corredor. Logo estavam todos fora – Sullivan, Bill, o delegado Redgrave, seguidos de perto por Cavendish e vários outros homens; um deles tinha as roupas em chamas devido a uma bola de fogo; outro estava sem um olho, o buraco fumegando graças a um ataque elétrico; outros dois cambaleavam pela dor dos ferimentos de bala.

Bill cedeu espaço para Cavendish, que junto a Redgrave posicionou-se nas laterais da porta aberta, onde atiraram para cobrir a retirada, atingindo splicers que se aproximavam. Balas sibilaram e raios de eletricidade crepitaram contra os batentes da porta de metal. Bill pegou um revólver de um policial morto e atirou quase à queima-roupa no rosto de ponta-cabeça de um splicer que surgiu de surpresa, vindo do teto... O homem caiu feito um saco de batatas.

– Anda, não parem! – Sullivan bradou. – Recuar!

Vindo do fundo do corredor, surgiu o time reserva de armamento especial de Sullivan; a segunda leva, conforme o planejado. Passaram entre Bill e Sullivan, investindo contra os splicers perseguidores: eram nove policiais armados com lança-químicos, congeladores e lança-chamas – equipamentos pesados que jorraram ácido corrosivo, entropia congelante e caos em chamas contra a multidão de splicers.

Sullivan mantivera o time de reserva na retaguarda, por receio de que eles ferissem o restante da tropa com armas tão imprecisas. Bill ficou feliz demais ao vê-los. As novas armas de Ryan espalharam destruição por entre os splicers, pipocando cabeças, derretendo rostos de seus crânios...

Com o estômago revirado perante tamanho horror, Bill pegou Sullivan pelo braço bom e ajudou-o a se levantar, no corredor. Gesticulou a Redgrave para que lhes desse cobertura. Sullivan sangrava muito pelo ferimento do ombro; precisam levá-lo à enfermaria.

Seus pés vacilaram sobre o sangue de Sullivan; os demais gritavam e imploravam para não serem deixados para trás. Mais tiros e mais chamas. Sem parar, foram em frente, até que conseguiram chegar ao metrô. Escaparam sãos e salvos.

Mas, enquanto prosseguiam, Sullivan aos gemidos de dor, Bill pensou: *Talvez não haja escapatória para nós. Não enquanto estivermos em Rapture.*

17

Futurismos Fontaine

1958

– Acabou que aquela denúncia sobre o Orfanato das Irmãzinhas era... – Sullivan fez uma pausa e balançou a cabeça, com pesar. – Bom, era tudo verdade.

Estavam às portas da enfermaria, olhando pela janela, para o corredor. Encolhida numa cama, no canto da sala, havia uma garotinha de cabelo escuro, descalça, vestindo um casaco empoado. Olhava para o vazio, chupando o dedo.

Ryan soltou o ar longa e lentamente.

– Tem uma lesma marinha dentro dela, e está produzindo ADAM?

– Sim. Ao que parece, as lesmas não produziam a substância rápido o bastante. E usar as meninas serviu para aumentar a produção. – A repulsa era evidente na voz de Sullivan.

– Entendo. Confirmou isso com Suchong?

– Sim, senhor. Se quiser perguntar pessoalmente a ele, está sob custódia, no fim do corredor. – O xerife abriu um sorriso malvado. – Justiça poética. Estão trancados juntos, ele e Tenenbaum, numa das salas onde mantinham as crianças.

– Vou dar uma palavrinha com eles.

Ryan afastou-se da porta.

– Sr. Ryan?

Ryan olhou para o outro:

– Diga?

– E quanto às crianças presas lá dentro? Soltamos?

– Elas são, creio eu, órfãs, certo?

– Hum, são. Lá dentro ou aqui fora.

– Órfãos precisarão de um lugar para ficar. Talvez quando encontrarmos outro jeito de produzir ADAM com eficiência, trabalharemos para que sejam... adotadas. Até lá – ele deu de ombros. – É melhor que fiquem aqui.

Ryan pôde ver o desapontamento no rosto de Sullivan graças à resposta.

– Claro. – Sullivan evitou olhar nos olhos do chefe. Sua voz ficou rouca. – Por aqui, Sr. Ryan. Estão no final do corredor.

Apenas duas portas à frente, Sullivan destrancou uma cela quase idêntica. Quando abriu a porta, Ryan teve de dar um passo para trás, para evitar o fedor que transbordava de um pote alojado no canto da enfermaria. Brinquedos espalhados pelo chão faziam companhia para pratos de lata com restos de alimento.

Brigid Tenenbaum estava encolhida no canto, assim como a garotinha da cela anterior, mas usava um jaleco em lugar do casaco. Mordiscava o nó de um dos dedos e tinha no rosto expressão similar à da menina.

Suchong estava de costas para a porta. Escrevia na parede uns ideogramas coreanos com giz de cera. Cobrira vários metros com a enigmática escritura.

– Suchong! – Ryan bradou.

O Dr. Yi Suchong virou-se para Ryan, que viu os óculos do cientista com uma das lentes quebradas. Havia uma mancha roxa na lateral do rosto dele, e o lábio sofrera um corte.

– O Dr. Suchong tentou escapar quando invadimos o local – Sullivan explicou, com certa indiferença. – Tive que dar-lhe um toque de cassetete.

Suchong fez uma reverência.

– Suchong pede perdão pela escrita na parede. Uma pequena dissertação. Não tinha papel.

– E sobre o que é a dissertação? – Ryan perguntou, tremendo as narinas devido ao fedor que vazava do pote.

– Acumulação de ADAM coletável em splicers – Suchong falou. – Possíveis métodos de extração.

– Entendo. Gostaria de ser libertado deste... quartel?

Tenenbaum aprumou-se, ainda mordiscando o nó do dedo, para prestar atenção ao homem. Suchong somente fez outra reverência.

– Então – Ryan prosseguiu – precisarei de um voto de lealdade. E a compreensão de que quebrar um voto é admitir a própria execução. Vivemos dias extremos. Medidas extremas fazem-se necessárias.

– E... – a voz de Tenenbaum saiu feito um resmungo – as Little Sisters?

Ryan deu de ombros.

– Continuarão aqui. Precisamos do... produto. Com o tempo, encontraremos outro jeito. Mas pelo visto vocês e Fontaine nos deixaram somente com isso, por hora... E, afinal, as crianças não têm para onde ir.

Sullivan murmurou algo inaudível. Ryan olhou para ele.

– Algo a dizer, xerife?

– Ah, não, Sr. Ryan.

– Certo. Fique de guarda neste local, mas deixe que esses dois vão a seus quartos e se arrumem. E arranje novos óculos para

Suchong.

Fort Frolic, Poseidon Plaza

1958

Deixando Poseidon Plaza, Diane McClintock notou que não sentia excitação alguma – aliás, não sentia absolutamente nada – por ter ganho tanto dinheiro no cassino Sir Prize Games of Chance.

Pescou cigarros de dentro da bolsa, precisando dar uma olhada no que fazia, estando a bolsa tão lotada com os dólares de Rapture que ganhara de maneira bastante inesperada na máquina mais rentável. Tivera impressionante rodada de sorte, mas isso nada significava para ela. Parecia zombaria, de certo modo. Não tinha como gastar o dinheiro em Park Avenue, em Nova York, onde desejava estar.

Acendeu um cigarro, parando por um momento em frente ao cassino, relutante em voltar para casa. Melhor o zunido das máquinas e a agitação das pessoas, passando de um jogo a outro, do que não ter companhia. Sabia que podia passar o tempo com um dos amigos de Andrew. Mas estavam todos difíceis de aturar, depois de tudo o que aconteceu.

– Senhorita? – chamou uma mulher de vestido azul e chapéu de veludo na mesma cor; os cabelos castanhos vinham repartidos no meio da testa, e seus olhos eram escuros como a noite. Trazia uma bolsa pequena na mão. – Senhorita, me nome é Margie. Estava imaginando se poderia nos fazer uma doação.

– Para quem? – Diane perguntou, soltando fumaça contra o teto ornamentado. – Você parece estar sozinha aqui fora. O dinheiro é para os filhos?

– Não, não. Falo em nome do pessoal do Atlas.

– Atlas! Ouvi falar dele. Ouvi falar também sobre Robin Hood. Não acredito em nenhum.

– Oh, Atlas existe, senhora...

– Jura? E como ele é? Um bom rapaz?

– Ah, sim. Confio nele, até mais do que na doutora... – disse a mulher, desviando o olhar, que perpassou os arredores.

Diane sorriu.

– Mais do que na doutora Lamb? Se era a ela que pretendia se referir, não a culpo por hesitar, Margie. Trocou de um grupo radical para outro, é?

– Pode-se dizer que sim. Quando ela foi presa, precisamos encontrar alguém para... enfim, não importa. O que importa é que estamos juntando dinheiro para ajudar os pobres de Rapture. Atlas, ele compra enlatados e outras coisas com esse dinheiro, e os distribui.

Diane bufou.

– Toda essa conversa sobre a classe empobrecida de Rapture. Exagero, até onde sei.

A moça balançou a cabeça.

– Eu passei por isso. Tive que fazer... coisas bem chatas. Sabe. Pra sobreviver.

– É mesmo? As coisas andam ruins assim? Não havia outro tipo de... hum, trabalho?

– Não, senhora.

– Andrew diz que há bastante... – Diane perdeu as palavras, vendo o medo no rosto da moça. – Enfim. Doação. Claro, aqui está. – Retirou um chumaço de dinheiro da bolsa e entregou. – Mais poder para gente que irrita Andrew. Mas não diga a ninguém que veio de mim.

– Oh, obrigada! – Margie colocou o dinheiro na bolsa e retirou um folheto. – Leia. Fala sobre ele – e saiu correndo em meio às sombras.

Diane leu o topo do folheto.

SIM, ALGUÉM SE IMPORTA! ATLAS SABE QUE PARECE QUE NINGUÉM EM RAPTURE SE IMPORTA!
LUTE POR ATLAS! LUTE PELOS DIREITOS DOS TRABALHADORES...

Diane sorriu, imaginando a reação que teria Andrew Ryan ao ver aquilo. Ela amassou o folheto e jogou fora. Mas as palavras perduraram em sua mente.

Sim, alguém se importa...

Apollo Square
1958

– Queria que Ryan removesse essas malditas forcas – Bill McDonagh disse, caminhando junto de Wallace. Os dois faziam careta para o cheiro dos corpos pendurados. Quatro defuntos inchados, com a cabeça roxa, balançavam presos por cordas. Não pareciam ser os mesmos que viram da última vez. Era deprimente demais.

Bill ficaria contente em encerrar a reunião com Sullivan e voltar logo para casa, para Elaine e Sofia, naquela noite. Não dava mais vontade de dar uma volta em Rapture com aquela espécie de desolação que botava até cachorro para se esconder.

– O que eu não entendo – disse Roland Wallace, enquanto caminhava com Bill pelo soalho lotado de lixo de Apollo Square – é como Fontaine conseguiu colocar todos aqueles splicers pra esperar

pelos policiais? São malucos demais pra serem contratados, não são?

Bill riu com ironia.

– Você esqueceu, velhinho, que esses malditos fazem qualquer coisa em troca de ADAM?

Wallace resmungou.

– Tem razão. Fontaine deve tê-los subornado com ADAM. Mandou aparecem por lá, pegarem quem conseguissem, e os sobreviventes ganhariam a recompensa...

– Acho que foi bem isso... Ué, o que é aquilo?

Uma multidão enorme reunia-se em frente a Artemis Suites, sobre cuja escadaria havia um homem que se dirigia ao bando.

– Deve ser aquele cara que diz ser o Atlas – disse Wallace, sussurrando.

– Oh, certo. Eu vi os panfletos.

– Começou com mensagens em rádio pirata, trabalhou na cabeça das pessoas. Tem seguidores fazendo pichações por aí...

Curiosos, Bill e Wallace pararam na periferia da multidão para ouvir Atlas.

Pelo menos 75 pessoas – a maioria bastante humana ainda, aparentemente, ou não muito viciada em ADAM – estavam em torno do tal Atlas. Ele usava macacão típico dos funcionários da manutenção. Era mais um dentre os demais. O homem parecia vagamente familiar, mas vendo mais de perto Bill julgou não conhecê-lo. Não dava para se esquecer de um cara como aquele, quase tão belo quanto um astro do cinema, com os cabelos castanho-dourados e o furinho no queixo.

– Bom, lá em Dublin a gente tinha um ditado – berrou Atlas, numa espécie de sotaque irlandês. – Que o gato te coma, e que o diabo

coma o gato! Não foi o que aconteceu com a gente aqui? Pode ter certeza, mano! Fomos comidos vivos, e duas vezes! Primeiro por Rapture, depois por Ryan! Não tem diversão, entretenimento pro trabalhador, porque isso é reservado pros grã-finos e suas mulheres mimadas, lá em Olympus Heights! Venha começar uma vida nova em Rapture, ele disse! Mas quem falou foi o gato pro rato, e o diabo falando pelo gato!

Urros de aprovação elevaram-se da multidão.

– Tá! – Atlas continuou, a voz distribuída por toda Apollo Square. – Mentiram pra gente, depois mentiram de novo! Disseram que teríamos mercado livre aqui, mas o que aconteceu? Ryan tomou a Futurismos Fontaine! Tomou à força, foi sim! Começou com toque de recolher e bloqueios, transformou a cidade em estado policial!

Outra ova aprovou o comentário. A hipocrisia de Ryan não vinha sendo ignorada.

– Fomos atraídos pra cá! – Atlas berrou. – Atraídos pra deixar uma favela no Queens ou em Dublin ou Xangai ou Londres, e vir pra uma favela ainda menor, embaixo da água gelada! Subimos na vida, né? Passamos de morar em quatro num quarto para vinte num quarto! Isso é roubo, roubo de futuro, mano! Roubaram nossa esperança! Mas tem uma saída, uma saída pra termos esperança de verdade! Um programa de partilha de riqueza! Por que esses hipócritas podem acumular cem vezes, duzentas vezes o que o operário ganha, se ganham tudo isso por causa do nosso trabalho duro? Trabalhamos enquanto eles ficam sentados nas coberturas deles, tomando champanhe e baforando no charuto, charuto importado, que a gente não pode comprar! Por que cada família não pode receber uma mesada básica, mil, dois mil dólares de Rapture, pra viver? – Mais urros de aprovação. A voz do homem cresceu, e

ficou ainda mais alta a cada palavra. – Por que a riqueza de Rapture deve pertencer somente a alguns poucos gananciosos? Alguém explique isso!

As pessoas ergueram seus punhos, acenando em concordância. Alguém começou a entoar:

– Atlas! Atlas!

Logo toda a multidão acompanhou.

Atlas teve que trovejar as palavras para ser ouvido sobre o cântico avultante.

– E se tivermos que chegar ao ponto de lutar, armados com ADAM e armados com armas, então que seja!

– Atlas! Atlas! Atlas! Atlas!

– Parece que o cara anotou coisas da Sofia Lamb – disse Bill, baixinho, para Roland Wallace. – Mas ele tem estilo próprio. Faz mais o tipo pai de família operário...

– Ué, é o Huey P. Long! – falou Wallace.

– O quê? Aquele cara da Louisiana?

– Não, quer dizer, ele tá pegando ideias emprestadas do Long. Chamavam-no de Rei do Peixe, lá em Baton Rouge, rei dos agitadores da ralé do sul. O Rei do Peixe falava exatamente como esse cara. Exceto pelo sotaque irlandês. E o Atlas acrescentou um pouco de bolchevismo...

Bill balançou a cabeça, confuso.

– Estranho eu nunca ter visto esse Atlas na vida. Moro aqui faz anos; achava que já tinha visto todo boboca nesse aquário gigante.

Wallace cutucou o amigo nas costelas com o cotovelo.

– Bill, olha lá!

Bill mirou o teto e viu spider splicers rastejando de um lado para o outro, descendo de três direções, até convergirem acima dele e de

Wallace.

Depois, avistou no canto da praça a splicer telecinética que matara Greavy. Ela observava tudo encostada na parede, perto da entrada de Artemis Suites.

– Estão cercando a gente, Bill.

– Certo; então, nós vamos ser meninos bonzinhos e sair daqui. E rápido. Anda, velho!

Saíram às pressas, refazendo o caminho pelo qual vieram. Dariam a volta, passando pelo ponto de verificação – ambos tinham documentos de identificação – e depois pelas passagens transparentes entre os prédios, até alcançar uma batisfera que os levaria aonde precisavam ir. Ou não chegariam ao local.

Os splicers não pareciam querer sair de Apollo Square para persegui-los. O fato confirmou a suspeita que Bill tivera de que estavam trabalhando para Atlas. Estavam ali como seus guarda-costas.

Uma palavra pipocou na mente de Bill enquanto ele e Wallace atravessaram a passagem, a passos largos, embaixo de um grupo de golfinhos que por ali transitava. Era uma palavra simples de duas sílabas que resumia o que ele sentia que o confronto inevitável entre esse novo Rei do Peixe e Andrew Ryan causaria. *Guerra*.

Mais mortes. Mais guerra. Mais perigo para Elaine e Sofia.

Alguém tinha que tomar uma atitude. A ameaça tinha de ser neutralizada.

Surgiu-lhe uma ideia. Ele tentou afastá-la da cabeça, mas ela permaneceu, sussurrando para ele...

Indústrias Ryan/Futurismos Fontaine

1958

– Preciso lembrar de mandar tirar esse letreiro – disse Ryan. Ele e Karlosky passaram por baixo das palavras *Futurismos Fontaine*. – Agora é *Plasmids Ryan*.

Cruzaram a porta dupla e caminharam pelo piso polido, além da escultura de Atlas, amparando o planeta.

Ryan checou seu relógio. Estava meia-hora adiantado, as luzes logo diminuiriam para simular a noite. A mensagem de Suchong fora urgente: uma crise na produção de ADAM.

Ignorou os apressados funcionários do laboratório com os quais cruzou, pranchetas em punho, e subiu rapidamente as escadas, com Karlosky logo atrás. Raramente preocupava-se com splicers ou assassinos tendo Karlosky por perto – o rapaz tinha olhos na nuca. Ryan já se perguntara se os plasmids tornavam isso realmente possível.

Atravessaram as câmaras de esterilização e encontraram Suchong e Tenenbaum num laboratório cheio de vapor. Trabalhavam com uma lesma marinha, dentro de um tanque borbulhante. Com cara de quem se concentrava, Tenenbaum usava um pipeto para drenar um fluido laranja do membro rijo da lesma marinha. Ryan notou que o cabelo da moça não via xampu havia dias, e que seu jaleco estava todo manchado, e as unhas, pretas. As olheiras chegavam a ser azuladas.

Suchong fitou-os quando entraram e fez uma reverência curta para cada um. Tenenbaum retirou o pipeto e despejou o conteúdo num tubo de ensaio. Ryan aproximou-se para inspecionar a lesma marinha – a criatura se contorcia em seu banho de água salgada, mas parecia, contudo, quase sem vida.

Ele apontou para o animal.

– É claro que esta não é a última...

Suchong suspirou.

– Temos outras em suspensão. Poucas. Quase acabaram. A batalha no dia da batida, todo aquele caos... perdemos várias. Avarias nos tanques. Se ao menos você tivesse avisado...

– Não podia correr esse risco. Não podia esperar que eu confiasse em você, Suchong, sendo funcionário de Fontaine.

Suchong inclinou a cabeça em atitude que simulava arrependimento.

– Ah. Suchong sente muito. Grande erro trabalhar para Fontaine. Devia ter pensado melhor. A pessoa inteligente trabalha pra quem tem mais armas. É sempre bom fazer assim. Não vou mais cometer esse erro. Sou leal a você, Sr. Ryan.

– É mesmo? Veremos. Bom, mandou me chamar, e já vi o problema com meus próprios olhos. Nada de lesmas, nada de ADAM. Alguma sugestão, doutor? Como vamos conseguir ADAM? Com todos esses lunáticos viciados em ADAM por aí... toda uma indústria pode ruir. Tomei o negócio dos plasmids, construí o Hall of the Future para enaltecê-los. Mas se não tivermos mais... foi tudo em vão.

Tenenbaum tirou os olhos do tubo de ensaio.

– Existe um jeito, Sr. Ryan. Enquanto não aprendemos como fazer as lesmas se reproduzirem...

– E qual é?

– Muitos homens estão morrendo, ou já morreram, em Rapture. Mas antes de morrer, há um... como posso dizer, um estágio no metabolismo dos plasmids em que podem criar um ADAM refinado dentro de si. Fica depositado no tronco. E acreditamos...

Ela olhou para Suchong, que confirmou a história para Ryan.

– Sim. Pode ser colhido. Dos mortos.

Karlosky resmungou e mexeu a cabeça. Mas não disse palavra. Ryan fitou-o. Era difícil sobressaltar Karlosky, mas eles pareciam ter conseguido.

Ryan voltou o olhar para a lesma marinha.

– Conseguem tirar ADAM dos mortos?

Suchong tirou os óculos e poliu-os com um lenço de seda.

– Sim. Mas existe uma forma exata de fazer isso. O ADAM tem que ser sentido, e drenado adequadamente com a seringa, e transportado corretamente. As Little Sisters são as melhores para executar o processo...

Tenenbaum concordou.

– Mas as meninas já foram... prejudicadas. Se a mandarmos coletar, quem vai protegê-las? Elas... – Brigid fitou Ryan, depois virou o rosto. – Elas valem muito dinheiro. Não vão confiar em qualquer guarda, e não podemos delegar sua segurança para homens comuns.

– Por isso – Suchong falou –, desenvolvemos híbridos, nossos ciborgues operários marinhos. Gil Alexander fez um grande progresso com a Série Alpha. Augusto Sinclair soltou um tal de, hum, Johnny Topside de Perséfone. Sujeito Delta. Está ligado à menina que roubamos da Lamb, Eleanor Lamb.

– Ligado? – Ryan perguntou, não gostando muito do que ouvira.

– As meninas têm que ser ligadas às criaturas Alpha. A ideia é que eles sejam... pais adotivos. As meninas os chamam de Big Daddies. Muito carinhoso. Elas serão condicionadas para trabalhar bem junto deles.

Tenenbaum fez um ruído, como se concordasse.

– Elas realmente parecem precisar de algo, algum símbolo de maturidade com o qual possam sentir-se confortáveis.

A conversa ficava cada vez mais peculiar. Ryan não tinha certeza se compreendia o que os cientistas estavam planejando.

Mas sabia que precisava de uma solução. E apreciava o cuidado de coletar ADAM dos mortos. Fechava o círculo, de certo modo: um inesperado exemplo das ligações da Grande Corrente.

– O que precisarão, exatamente, que eu faça? – ele perguntou, finalmente.

Perto do bar McDonagh, o Lutador

1958

Isso não vai pegar bem, pensou Sullivan. *Sou responsável pela defesa da lei em Rapture, e o filho da mãe mais bêbado da cidade...*

Estava em frente à taverna de McDonagh, meio balançando, imaginando quão tarde já seria. Havia muito passara da meia-noite, as luzes já haviam sido apagadas. Nem dava para enxergar o relógio.

Quanto dinheiro perdera no carteado, no quarto dos fundos? Pelo menos quatrocentos dólares de Rapture. Pôquer. Seu ponto fraco. Não devia ter bebido tanto. Devia ter coberto algumas mãos, antes que as apostas ficassem altas demais. Talvez nem devesse ter entrado no jogo...

Mas o velho fantasma da jogatina estava de volta, e com sede de vingança. Era o único jeito de escapar da bagunça que Rapture se tornara, e de sua falha em conter os splicers. Estava certo de que Ryan já passara a enxergá-lo como um velho bêbado e inútil.

Talvez devesse casar-se. Casar-se novamente; uma boa e carinhosa esposa, para mantê-lo na linha.

Estremeceu. Esposa. Como é que caras como McDonagh conseguiam?

Ele suspirou e desatou em direção aos degraus. Mal alcançara a porta de metal que dava acesso à rampa quando ouviu uma explosão logo atrás dela e um silvo agudo. Marginais splicers.

O corredor girava, devido à bebedeira, e sua boca estava seca feito papel. Bêbado demais para lidar com aquilo.

– Tenho que chamar reforço... – Ele molhou os lábios e levou a mão ao revólver que levava dentro do bolso do casaco. Afinal, era o policial número um. Tinha que mostrar a que veio. – Foda-se o reforço.

Sacou a arma, abriu a porta, deu dois passos à frente e foi golpeado no peito pelo impacto de um plasmid, o Sonic Boom. A onda de choque sonora o fez vacilar de dor, indo de encontro ao batente da porta. Um splicer de óculos invocados e camiseta rasgada estava agachado atrás de um monte de caixotes.

– Te peguei, poliça! Ou seria roliça?

Ele apontou a mão para atirar outro Sonic Boom, mas Sullivan, retomando a sobriedade num instante, deslizou para fora da porta e escondeu-se num dos lados. Um cacarejo chamou sua atenção para o alto, e ele viu, no campo de visão da porta aberta, uma splicer somente de *lingerie* amarela, atochada no teto feito uma mosca, o cabelo comprido e sujo pendurado feito os galhos de um salgueiro chorão. Ela estendeu a mão para o outro splicer e contorceu os dedos. Um silvo agudo cresceu e tornou-se um rugido de ventania, e um pequeno ciclone surgiu do nada, rodopiando pedaços de lixo, levitando os caixotes e arremessando-os contra as paredes de metal.

– Ha ha haaaa! – ela gargalhou. – Vamos dar uma volta?

O outro splicer gritou e tentou livrar-se da confusão, mas o efeito do plasmid Cyclone Trap o pegou, ergueu-o do chão, girou-o feito

uma boneca de pano no ar e derrubou-o com um baque. Ele gritou, ultrajado, enquanto a outra se matava de rir.

Esses dois perderam completamente a cabeça, pensou Sullivan.

– Dois plasmids numa lunática só – ele murmurou, tentando fazer mira na mulher em meio à escuridão do corredor, com sua arma. De repente, ela saltou ao chão, pousando feito um gato, e virou-se para encará-lo.

– Poliça bonitinho! Bonitinho! – ela fez um gesto e subitamente uma segunda splicer apareceu, quase sua gêmea, ao lado dela. Sullivan atirou compulsivamente, e as balas simplesmente atravessaram a imagem tremeluzente.

Um terceiro plasmid. *Target Dummy*.

A moça riu de novo, e levou um susto, escancarando os olhos. Ela olhou para baixo e viu uma faca de estripar peixe atravessando seu abdômen, bem abaixo das costelas, jorrando sangue. Tombou para frente, morta, e o splicer que a perfurara pelas costas sorriu... e gesticulou.

Com um baque surdo, Sullivan foi arremessado rampa abaixo, de costas.

Abobalhado, ficou lá embaixo por um minuto, deitado, fitando o teto, procurando respirar, depois se sentou... e olhou para a porta aberta, a cerca de quatro passos do que parecia ser o splicer, esgueirando-se em meio à sombra.

Sullivan levantou-se, limpou a poeira do casaco, meteu a arma no bolso e disse:

– Foda-se.

Deu as costas ao inimigo e caminhou de volta ao bar.

Hall of the Future

1958

Diane McClintock fazia uma de suas longas e solitárias caminhadas por Rapture. Sabia que era perigoso. Levava uma arma na bolsa.

Bebera quatro coquetéis, e não se importava tanto com o perigo. Dirigia-se para algum lugar, traçando um caminho diferente. Beco dos Pobres. Mas não conseguia encaminhar-se para lá direto. Tinha medo de que Andrew pudesse estar de olho nela, através das câmeras, de seus agentes. Por isso precisara tomar o atalho, para que ele jamais suspeitasse que ela esperava conseguir ver de perto o homem que chamavam de Atlas.

Diane passou pelo museu, o novo Hall of the Future, com seus vídeos na fachada glorificando os plasmids – tudo muito irônico, considerando os horrores trazidos por essas substâncias.

Ela seguiu seu caminho. O som de seus passos ecoava. Andou por entre as cores vívidas das luzes de Rapture; vagueando, passou por pistões que bombeavam misteriosamente dentro de nichos na parede, pela piscina vaporosa da casa de banhos, sob placas de cristal iridescente, por átrios de pé direito alto, revestidos de latão, ouro e cromo, câmaras vastas tão grandiosas quanto qualquer salão de palácio. Um palácio – era assim que ela via Rapture, um palácio ornado de Ryanium e vidro, engolido pelo oceano, que vinha digerindo-o aos poucos.

E às vezes ela achava que todo mundo em Rapture já estava morto. Que eram todos fantasmas, os fantasmas da realeza e seus serviçais. Lembrou-se da cidade afundada de Edgar Allan Poe. Lera tudo de Poe na tentativa de educar-se para impressionar Andrew e os demais. Voltava sempre para *A cidade no mar*. Lembrava-se das frases de Poe; algumas pareciam especialmente adequadas.

Olhando o firmamento, silenciosas
E calmas, dormem águas melancólicas.
Ah! luz nenhuma cai do céu sagrado
Sobre a cidade, em sua imensa noite.
Mas um clarão que vem do oceano lívido
Invade dos torreões, silentemente,
E sobe, iluminando capitéis,
Pórticos régios, cúpulas e cimos,
Templos e babilônicas muralhas.

Suspirou. Continuou caminhando; a cabeça latejava. Ainda estava meio bêbada.

Agindo como se fosse para o Beco dos Pobres por capricho, passou por um corredor transparente e a porta de metal. Desceu um lance de escadas.

Maltrapilhos carrancudos descansavam encostados à parede dos edifícios, sob rabiscos intricados de grafite. Ficavam ali fumando, bebendo, conversando, e a olharam com interesse inquieto.

Talvez fosse melhor refugiar-se no Fishbowl Café. Parecia civilizado o bastante.

Ela correu para o café, sentou-se num banco perto da janela poeirenta e pediu café para uma garçonete mal-encarada, que mascava um irritante chicletinho e tinha a jarra de café pronta nas mãos.

– Claro, fofa – disse ela, ajeitando os cachos castanhos. – Quer uma torta? É torta de alga marinha, mas eles colocam bastante açúcar, então não fica tão ruim...

– Não, obrigada – Diane murmurou, imaginando se podia perguntar à moça sobre Atlas.

A garçonete correu para dar um jeito num homem com cara de malfeitor que estava do outro lado do estabelecimento.

Diane McClintock deu um gole no café, olhando pela janela, torcendo para que a cafeína resolvesse o martelar de sua cabeça.

Corria risco estando ali. Poderia facilmente cair no poder de splicers mal-intencionados. Mas, deprimida, vinha pensando nos últimos dias que talvez fosse melhor se eles a pegassem.

Entretanto, Rapture passava por um momento de relativa paz, depois que Fontaine morrera. Ela rogava para que durasse bastante.

Diziam que Atlas vinha ao Beco dos Pobres com frequência. Transitava disfarçado, era “procurado para interrogatório” pelo pessoal de Sullivan. Estava a caminho para ir parar em Perséfone, sem dúvida.

Por que estou aqui?, pensou ela. Mas sabia. Queria ver o homem com seus próprios olhos. Seu encontro com Margie na saída do cassino, a sinceridade da mulher, plantaram nela uma semente.

Andrew ficaria possesso por ela ter vindo até ali. Mas isso era parte do que a motivara. Atlas era um homem que tinha algo que faltava em Andrew Ryan – um coração de verdade.

Uma comoção do lado de fora subtraiu Diane de sua reflexão. Diversos homens com metralhadoras gritavam com a multidão de desempregados. Pareciam querer organizá-los numa fila. Para surpresa dela, os maltrapilhos alinharam-se passivamente.

Então, um homem entrou na cena a longas passadas, seguido por vários outros, que carregavam grandes cestas. O homem que liderava o bando conseguia, de alguma forma, atrair toda a atenção para si. Era um homem bonito, de cabelo alinhado, bigode, furo no queixo e ombros largos. Usava roupas de operário: camiseta

branca, as mangas esgarçadas, suspensórios, calças simples de labuta e botas. Mas conduzia-se como quem está no comando. Contudo, não havia nele uma centelha de autoritarismo. Com uma expressão bondosa e compassiva, tomou uma cesta do homem que vinha atrás dele e começou a distribuir, quieto, coisas para as pessoas da fila. A primeira, uma mulher de cabelos grisalhos e rosto fino, de roupas rotas, pegou um pacote. Diane conseguiu ler os lábios trêmulos da mulher:

– Obrigada. Muito obrigada...

O homem disse-lhe algumas palavras, tocou-a no braço, depois passou para o seguinte. Entregou-lhe um par de sapatos e um saco que parecia repleto de enlatados.

Será que era o Atlas?

A garçonete aproximou-se da mesa de Diane e perguntou, numa voz entediada:

– Vai querer mais desse negócio que parece café ou o quê, fofa?

– O que eu queria mesmo – Diane sacou uma nota de dez dólares, que tinha o rosto de Ryan estampado e depositou no bolso do avental da mulher – é saber se aquele homem lá fora é quem eu penso que é...

A garçonete olhou para os lados, nervosa, olhou para dentro do bolso, depois confirmou. Falando bem baixo, disse:

– Ele diz que se chama Atlas. Só sei isso: a senhora que mora no final do corredor do meu andar, se não fosse por ele, não teria nada pra comer. Ele tem ajudado as pessoas, esse cara. Dá coisa de graça toda semana. Fala sobre uma nova ordem.

A garçonete escafedeu-se, e Diane voltou-se para a janela, onde viu o homem que dizia chamar-se Atlas. Era gentil, porém poderoso – o tipo de homem que ela realmente gostaria de conhecer.

Ficou em dúvida. Devia sair e ir falar com ele? E se Andrew a estivesse observando?

Mas era tarde demais. Uma gritaria, uma agitação na multidão do lado de fora do café anunciou que os policiais haviam chegado. Atlas acenou para seus comandos e sumiu, virando a esquina. Diane perdera sua chance.

Contudo, estava decidida. De um jeito ou de outro, encontraria aquele homem. Ficaria face a face com Atlas.

Clube de Tiro ao Alvo de Fort Frolic

1958

Sozinhos na longa e estreita galeria do Clube de Tiro ao Alvo, atirando em placas com formato de gente. O ar cheirava a pólvora; cápsulas de latão cobriam o piso. Bill encontrava-se nas costas da esposa, olhando por cima de seu ombro.

– Isso mesmo, amor. Mire e atire bem no meio dos olhos.

Elaine franziu o cenho e abaixou a arma.

– Tem que falar desse jeito, Bill? No meio dos olhos? É só um alvo de papel...

Bill McDonagh sorriu, pesaroso.

– Desculpe, querida, mas foi você quem disse que queria aprender a atirar pra autodefesa! E esses malditos splicers não brincam em serviço. – Ele pôs a mão no ombro dela e acrescentou, mais gentilmente: – Se vai se defender deles, tem que atirar pra matar. Sei que é chato pra caramba. Tem sido difícil pra mim também atirar nesses caras...

Elaine respirou fundo, ergueu a arma na altura dos ombros, segurou-a com as duas mãos e mirou na silhueta posicionada do outro lado da galeria.

Com uma careta, puxou o gatilho e piscou quando a arma fez um *crack*.

Bill suspirou. A mulher errara totalmente o alvo.

– Bom. Agora, solte bastante o ar antes de atirar, puxe o gatilho com calma, assim, e...

– Ah, Bill... – Elaine baixou a arma. Seus lábios tremiam; os olhos estavam marejados. – Isso é tão horrível. Ter que... o Sr. Ryan nunca disse que seria assim.

Bill olhou para a porta, para verificar se havia alguém ouvindo. Deviam estar sozinhos. Nos últimos dias, contudo, era impossível ter certeza disso.

– Bill... é que... não posso criar a Sofia aqui, num lugar em que tenho que...

Bill abraçou a esposa.

– Eu sei, amor. Eu sei.

Ela colocou a cabeça no ombro dele e chorou.

– Quero sair de Rapture – Elaine sussurrou.

– Elaine, querida... tem que tomar cuidado quando for falar isso. – Ele molhou os lábios, pensando. *Olha só pra mim. Virei um covarde maldito*. – Uma coisa por vez, amor. O fato é que o Fontaine já era... dizem que Atlas está fazendo algum tipo de trato com os splicers criminosos. Ele tem um monte de ADAM estocado em algum lugar. Os caras têm trabalhado pra ele. E ele vai tomar uma atitude; não está só distribuindo comida e panfletos, amor. Todos nós desse lado da cerca vamos ter que nos defender. Está mais perigoso lá fora do que nunca.

Ela fungou e limpou o nariz com um lenço tirado do bolso do casaco do marido. Respirou profundamente, depois assentiu.

– Claro, tá bom, Bill. Só espero que você esteja certo sobre em quem teremos que atirar. – Ela baixou a voz e falou num sussurro quase inaudível: – Até onde eu sei, eles podem nos atacar vindos de qualquer lado da cerca. – Aprumou a arma. – Acho que é melhor ficar pronta pra qualquer coisa.

Elaine ergueu a arma e mirou no homem de papel. Soltou o ar longa e lentamente, centralizou a mira da pistola na cabeça do alvo e puxou o gatilho.

Apartamento de Bill McDonagh

1958

Era noite de Natal. Bill, Karlosky e Redgrave jogavam cartas numa mesa redonda, na sala de estar de Bill. O pôquer era iluminado pelas luzes da árvore de Natal. Duas garrafas, uma quase vazia, jaziam ao lado de um prato com restos de biscoito. Bill começava a sentir que bebera demais. Às vezes, as cartas pareciam retroceder em sua mão, e a sala rodava em seu campo de visão periférica.

– Será que esse Atlas vai ser esse problema todo que o Sr. Ryan acha? – Redgrave falou, analisando as cartas. – Só ouvimos rumores. Que tem trabalhado com splicers, dado ADAM pros caras. De onde ele tira todo esse ADAM?

– Boa parte do suprimento de Fontaine parece ter tomado chá de sumiço – disse Bill, tentando enxergar suas cartas. Seriam ouros ou copas? – Quando fizeram a batida nas instalações dele, a maioria não estava mais lá. Ryan pegou pesado com Suchong pra que ele fizesse mais produto. Às vezes eu torço pra ele... – Bill não completou a frase, mas pretendia afirmar que gostaria que acabassem todos os plasmids do mundo. Karlosky podia dedá-lo

para Ryan. E Ryan não andava com vontade de ter suas determinações questionadas.

Redgrave fez a aposta, Bill a cobriu, e Karlosky chamou. Redgrave mostrou três ases. Karlosky fez uma careta para o delegado e jogou suas cartas na mesa.

– Seu maldito, trapaceou de novo!

O policial gargalhou e pescou as fichas que ganhara.

– Acabei com você, viu só? Um patinho nadando na lagoa.

– Bah! Filho da mãe!

Embaralhando as cartas, Bill olhou para Regrave, para ver como ele recebera a brincadeira de Karlosky. Para seu alívio, Redgrave parecia contente, assoviando enquanto empilhava as fichas novas.

– Não me surpreende que um cossaco ignorante filho da mãe como você não saiba jogar pôquer... mas um russo que não aguenta beber é triste demais!

– O quê? – Karlosky fingiu tremer de raiva. – Não aguento beber?

Agarrou a garrafa sem rótulo – fizera sua própria vodka com batatas cultivadas por hidroponia em Rapture – e deitou o fluido transparente nos copos de cada um, vertendo quase a mesma quantidade sobre a mesa.

– Agora, vamos ver quem aguenta beber! Um delegado imbecil ou um homem de verdade! Bill, beba também!

– Nah, não sou um homem de verdade; sou um homem casado! Minha esposa vai me torrar o saco se eu for pra cama mais chapado do que já tô... – Bill tomara três doses daquela vodka rude, e isso foi mais do que suficiente.

– Nisso ele tem razão! – disse Elaine, parada junto ao batente da porta do quarto, fingindo uma carranca, de maneira muito teatral. – Vou te chutar pra fora da cama! – brincou, rindo.

Bill acompanhou a esposa com os olhos. Ela foi arrumar um enfeite na árvore de Natal, bocejando. Usava um robe cor de terra. Era curioso como ele via a esposa com o cabelo desalinhado, o rosto sem maquiagem, de pés descalços, metida num robe cor de terra que não tinha nada de roupa provocante, e ainda sentia um desejo profundo por ela. Não era a vodka – sentia isso geralmente, vendo-a perambular pelo apartamento.

– Gosto árvore de Natal! – disse Karlosky, fazendo um brinde para o ornamento.

A pequena árvore fora confeccionada com arame e papel verde, e tinha poucas luzes coloridas. Eram a única decoração de Natal permitida por Ryan. Nada de estrelas, anjos, reis magos, menino Jesus. “Um Natal secular é um Natal feliz!”, dizia o pôster pendurado em Apollo Square pouco antes do feriado. O pôster mostrava um homem alegre jogando uma Bíblia na lata de lixo com uma das mãos, e com a outra entregando à filha um ursinho de pelúcia.

– Não fique acordado até muito tarde com esses bobos, Bill! – Elaine falou, esfregando os olhos, simulando outra carranca.

– Há! – disse Karlosky, dando um soquinho no ombro de Redgrave. – A esposa chicoteia ele como se fosse menininho, hein!

Bill riu, meneando a cabeça.

– Desculpe, amor. A gente nem aguenta mais jogar.

A expressão falsa de censura sumiu, e ela piscou.

– Não, continuem com seu jogo! Divirtam-se. Só vim pedir pra não fazerem muito barulho, pra não acordarem a Sofia.

Redgrave abriu para ela um sorriso luminoso.

– Dona Elaine, obrigado por me convidar para a ceia de Natal. Fiquei muito contente! – disse, erguendo o copo para ela.

– Que bom que você veio, delegado. Boa noite.

– Da! – disse Karlosky. – Feliz Natal, dona Elaine! – Virou-se para Redgrave. – Agora, bebe aí, maldito!

Redgrave riu e os dois viraram a vodka, brindando ao terminar.

– Tá bom, tá bom – disse Karlosky, abaixando a voz depois que Elaine foi para a cama –, vamos jogar um pouco mais, você perde dinheiro pra mim e a gente vê se você aguenta mesmo beber... seu maldito!

– Seu diabo cossaco! Põe mais no copo!

Restaurante Kashmir

1958

Na véspera de ano novo, Bill McDonagh sentou-se com a esposa numa mesa de canto do luxuoso restaurante, perto da enorme janela que divisava as profundezas espumantes do oceano. Os dois retiraram as máscaras prateadas e as deitaram na mesa, perto da garrafa de champanhe.

Bill olhou pela janela. Os prédios tipo arranha-céu iluminados, vistos através de centenas de metros de água ondulante, pareciam tremeluzir segundo o ritmo da música: um número de swing de Count Basie.

Bill piscou para Elaine, e ela devolveu-lhe um sorriso tímido. Estava bonita em seu vestido branco decotado cravejado de pérolas; contudo, apesar de todo o cuidado que tomara, ainda parecia um tanto fatigada. Elaine não conseguia mais dormir bem. Ninguém conseguia. Naqueles tempos, as pessoas que tentavam pregar os olhos em Rapture permaneciam inconscientemente atentas para ouvir um alarme que disparasse ou os sons de um segurança-robô dominando um marginal splicer.

Fazia frio perto da janela. O smoking não protegia muito bem do frio. Mas ele não queria sentar perto da comitiva que esperava pela chegada de Ryan: um grupo de mesas diversas próximo à fonte. Sander Cohen usava uma máscara de plumas e tagarelava, ensandecido, para um entediado Silas Cobb. Diane McClintock, com sua máscara dourada cravejada de diamantes, esperava, sentada feito pedra numa mesa reservada para ela e Ryan; estava lá sozinha, espiando a porta e murmurando para seu gravador portátil. Ryan tinha saído para uma pequena missão em Hephaestus, e faria alguma espécie de pronunciamento de ano novo no rádio.

– Bom, amor... – disse Bill, fazendo um brinde com a esposa, com a taça de champanhe. Tentava fingir que estava se divertindo. – Em questão de minutos, estaremos em 1959.

Elaine McDonagh assentiu lentamente e forçou mais um fraco sorriso. O medo ostentou-se em seus olhos, para esconder-se logo em seguida, obediente. Ela fitou o marido com a expressão corajosa que sempre cortava o coração dele.

– É mesmo! Já estamos quase no ano novo, Bill... – ela observou as outras mesas, cheias de foliões em requintadas fantasias e máscaras de baile. Sopravam línguas de sogra, rindo, falando alto por cima da música, fazendo o que podiam para celebrar. Seu olhar percorreu a bandeira, os estandartes, o logo circular de neon rosa-shocking, feito especialmente para a festa: *Feliz Ano Novo 1959*. – Engraçado, Bill... todos esses anos aqui embaixo... Sofia crescendo sem ver o Sol... agora, a guerra... e estamos quase em 1959. O tempo passa de um jeito esquisito em Rapture, não? É lento e rápido ao mesmo tempo.

Bill concordou. Elaine sentia cada vez mais falta de casa, e tinha medo. Mas ele não podia permitir-se abandonar o homem que o

tirara da privada e fizera dele um engenheiro de verdade. É claro, Ryan estava entregando-se à hipocrisia, mas era um ser humano. E talvez fosse verdade que Rapture tivesse que passar por esse período de transição antes de voltar aos trilhos. Só precisavam livrar-se de gente como Atlas, os piores splicers e os seguidores de Lamb.

Ele notou que Elaine fitava os homens armados, os policiais montando guarda perto das paredes. Estes não usavam máscaras de baile. Um pelotão de atiradores que estava lá para proteger o encontro exclusivo de possíveis marginais splicers.

O emprego de policial era o mais fácil de se conseguir em Rapture; bastava estar desempregado. A taxa de mortalidade de policiais estava alta demais.

Bill ficou contente ao ver Brenda trazendo uma taça de champanhe para cada um deles, conforme a meia-noite se aproximava. Deixava a cena mais festiva.

Uma arma de um lado, uma taça de champanhe do outro, pensou ele, pesaroso. *Isso é Rapture*.

Sob o casaco, carregava um revólver; Elaine trazia o seu na bolsa branca de pérolas.

– Acha que está tudo bem com Sofia? – Elaine perguntou, brincando com a taça, olhando ansiosa para o relógio.

– Claro, ela vai ficar bem.

– Bill, quero ir para casa assim que passarmos a virada. Tipo meia-noite e cinco, tá bom? Não gosto de deixar a Sofia sozinha com a babá por muito tempo neste lugar. Não sei se Mariska sabe usar arma, de verdade. Quer dizer, deixei uma com ela, mas...

– Não se preocupe; vamos embora alguns minutos depois da meia-noite, amor.

A canção de Count Basie terminou, e Duke Ellington começou. Com suas peculiares máscaras de festa, meia dúzia de casais dançavam num espaço livre entre as mesas, mantendo sorrisos forçados nos rostos.

Bill imaginava que tipo de música o restante do mundo devia estar ouvindo. A música de Rapture tinha de estar desatualizada. Havia rumores sobre algo chamado rock ‘n’ roll.

Tentando mudar o humor de Elaine, ele pegou-a pela mão, levantou-a e a levou para dançar ao som de Duke Ellington. Adoravam sair para dançar em Nova York.

Então, a canção foi interrompida, simplesmente cortada bem na metade, e a contagem regressiva começou, liderada por um leviano Sander Cohen:

– Dez, nove, oito, sete, seis, cinco, quatro, três, dois, um, feliz ano novo!

Bill abraçou Elaine bem apertado para dar-lhe o beijo da virada.

Foi quando ocorreu a explosão. As portas explodiram para dentro, arremessando três policiais no centro do salão feito bonecas de pano. Bill derrubou a mesa para ter onde se esconder, empurrou Elaine para o chão, por trás do tampo da mesa, e cobriu-a com seu corpo. Tiros de metralhadora ricochetearam das janelas à prova de balas para atravessar smokings e ferir mulheres bem-vestidas que guinchavam e chacoalhavam as joias. Elaine gritava algo sobre Sofia. Outra bomba voou para dentro da sala e foi detonada. Pedaços de gente giraram para o alto, espirrando sangue. “Auld lang syne” tocava, enquanto as balas esquadrinhavam a sala, como se o tiroteio fosse parte da folia de fim de ano. Gritos... e mais tiros.

Os splicers invasores usavam máscaras de festa representando rostos congelados em plena zombaria. Máscaras dominó, com

plumas, douradas.

A voz de Andrew Ryan ressoou no sistema de comunicação pública naquele momento. Era seu discurso de fim de ano.

– Boa noite, meus amigos. Espero que estejam aproveitando a celebração de fim de ano; este foi um ano de desafios para todos nós. Esta noite, quero lembrar cada um de vocês de que Rapture é sua cidade...

Bill espiou por sobre a ponta da mesa e viu um splicer de máscara preta gritando:

– Vida longa a Atlas!

Outro, correndo em meio a uma fumaça de pólvora em direção às portas destroçadas, berrou:

– Morte a Ryan!

– ... Foi a sua força de vontade que trouxe vocês até aqui, e com essa força poderão reconstruir. Por isso, Andrew Ryan brinda a você. A Rapture, 1959. Que seja nosso melhor ano.

– Diane! – Elaine gritou.

Bill virou-se e viu Diane McClintock rastejando, de quatro, com o rosto confuso cheio de sangue, e o vestido verde lotado de rasgos manchados de vermelho.

– Diane, abaixe! – ele gritou.

Atrás dela, alguns dos policiais escondiam-se por trás do bar e sorriam. Bill compreendeu que eles participaram do atentado. Um segurança-robô passou zunindo por cima deles e atirou num splicer troncudo que entrou no salão dando piruetas. Um nitro splicer de máscara branca de pelúcia jogou outra bomba, que explodiu sobre uma mesa embaixo da qual se escondiam três homens de smoking – suas roupas e corpos misturaram-se quando explodiram.

Bill rogou a Deus para que os splicers tivessem bom senso e não jogassem muitas bombas perto das janelas. Eram a prova de explosões, mas não poderiam suportar muita coisa.

– Vem, Elaine, vamos embora! – Bill falou, num tom rude, tentando fazê-la reagir. – E traga sua bolsa.

Ele sacou seu revólver. O casal rastejou como soldados sob o arame farpado até chegarem embaixo de uma das mesas que ainda estava de pé. Um splicer parrudo ensanguentado rastejava feito um crocodilo faminto, rindo insanamente, com a máscara caída no pescoço. Os traços das cicatrizes de ADAM no rosto do homem combinavam com o rosa do neon do letreiro de feliz ano novo. Sangue vazava de um buraco de bala que ele tinha no pescoço. O splicer se aproximou cantando:

– Sou um cabelinho, tirado do queixinho, prestes a girar para o ralo, ralo, ralo!

Depois, reparou no casal e puxou uma lâmina em forma de gancho contra o rosto de Bill. Ele atirou no splicer bem na testa.

A lâmina tiniu no chão. Elaine resmungou ao olhar para o homem morto. O casal voltou a rastejar.

Bill arriscou olhar para trás e viu um grupo de policiais, incluindo Redgrave e Karlosky, atirando por cima de uma mesa tombada nos spider splicers que cruzavam o teto perto das portas derrubadas. Um nitro splicer de máscara vermelha fez uma bomba voar no ar com o poder de sua mente. Ela voou por cima da mesa, depois fez a volta. Karlosky e Redgrave saltaram para os lados e a bomba explodiu. Redgrave rolou no piso, ferido. Um tiro passou por ali raspando. Era Rizzo, que atirou no nitro splicer por detrás de outra mesa. O rosto do inimigo sumiu em meio a uma nuvem vermelha, e

uma granada explodiu nas mãos dele. Seu corpo foi arremessado como se fosse uma lembrancinha de aniversário.

Bill engatinhou para a frente, protegendo Elaine com um braço. Ela acompanhou o marido revezando suspiros e palavrões. Alcançaram as portas da cozinha dos fundos.

– Certo, amor – ele sussurrou no ouvido dela. – Quando contar até três, a gente levanta e corre pelas portas. Fica de olho na minha arma, pode ser que eu tenha que usar. Um, dois, três!

O casal se levantou e correu pelas portas. Bill abriu-as com o ombro e atirou num spider splicer pendurado de cabeça para baixo. Ferido, o splicer caiu sobre o fogão, fazendo tinir as panelas de água fervente e os fogareiros. Guinchando de dor, o splicer se debateu e despencou do fogão, para depois parar no chão.

Passaram para o saguão dos fundos. Bill virou à esquerda; ouviu um tiro de revólver atrás de si. Virou-se e viu que Elaine apontava sua arma, que fumegava, e fazia uma careta de raiva para o nitro splicer que pendia para trás, com um buraco na cabeça. Uma granada deixou a mão do atacante e quicou no chão.

– Abaixe! – Bill gritou, arrastando a esposa para trás de um carrinho de bebidas e cobrindo o corpo dela com o seu. A bomba explodiu logo em seguida. O carrinho absorveu o impacto e bateu neles devido à onda de choque. O metal do carrinho chocou-se dolorosamente com o braço direito de Bill.

– Ai, caramba, que dor!

– Bill, você tá bem? – Elaine perguntou, tossindo, vendo a fumaça se dissipar.

– Estou bem; só minhas orelhas martelando feito sino de igreja de maluco! Vem, temos que levantar, amor!

Seguiram meio tontos pelo corredor esfumaçado, com os olhos ardendo. O tiroteio continuava atrás deles e as explosões chacoalhavam o piso. Outras pessoas fugiam pela cozinha. Bill olhou para trás e viu Redgrave cambaleando, ferido na perna, mas ainda ativo. Karlosky vinha logo depois, amparando o colega.

Rizzo virou-se para atirar para trás, pela porta, em splicers que Bill não conseguia enxergar. Ouviram um sibilo, seguido pelo guincho de Rizzo, que se tornou um gorgolejo conforme uma lâmina curva enterrou-se em sua garganta. O rapaz caiu de costas, despejando sangue sobre o smoking.

Bill atirou na porta e derrubou um splicer mascarado. Elaine continuava grudada no braço do marido, gritando alguma coisa sobre a filha. Ele deixou que ela o puxasse para a saída de emergência, entrando nas escadas, e viram um grupo de policiais de rosto pálido, assustados, um lance abaixo, gritando:

– Por aqui! Aqui embaixo!

Torcendo para não estarem prestes a cair numa cilada, Bill e Elaine acompanharam os policiais.

Uma confusão de corredores, passagens, um posto de verificação, mais um, documentos mostrados, um átrio, um elevador... A sensação do tempo fora completamente perdida.

Logo estavam no apartamento, ofegantes. Bill trancou a porta. Elaine tinha a bolsa numa mão e a arma na outra.

– Oi! – disse Mariska Lutz, a babá, do outro quarto. – Já chegaram? Se divertiram bastante?

Central de Controle de Rapture, Escritório de Ryan

1959

– Me deixa louco só de pensar – disse Ryan, com um tremor na voz. – No Réveillon! Mas que perfídia, que sangue frio! Esperavam que eu estivesse lá! Foi um ataque contra mim, mas também contra o coração e a alma de Rapture. Nossos mais bem-sucedidos habitantes estavam naquele salão, Bill, celebrando a virada do ano. E pelo menos seis policiais nos traíram! Temos sorte de Pat Cavendish ter agido logo. Ele atirou em boa parte dessa escória traiçoeira. Mas, por Deus, temos que extrair quaisquer outras maçãs podres.

Falava num tom amargo, porém racional. Nos últimos tempos, Bill suspeitava que algo de pervertido crescia em Andrew Ryan.

Bill e Ryan estavam sozinhos no escritório. O engenheiro gostaria que houvesse alguém ali para dar-lhe apoio. Pretendia dizer algo a Ryan de que ele não iria gostar.

Ajeitando-se na cadeira, Bill afagou o braço machucado pelo carrinho arremessado pela explosão da granada. Seus ouvidos ainda zuniam de leve; Elaine vinha sendo atemorizada por pesadelos.

– Sr. Ryan, esse ataque não foi gratuito. É porque você matou Fontaine. É uma reação a isso, de verdade. As pessoas têm dito que Rapture não é mais como costumava ser... Estatizar uma empresa à força! Isso deu a desculpa para que as pessoas ficassem meio malucas! Esse Atlas pegou a oportunidade, acendeu o pavio da coisa toda.

Ryan bufou.

– Não é estatização. Sou dono de boa parte de Rapture, de qualquer maneira. Eu a construí! Simplesmente agi pelo bem da cidade! Atlas é só outro “Pravda” balbuciante, um tecido de mentiras que ele chama de verdade! Se deixarmos que ele tome conta da

cidade, vai se tornar outro Stalin! O homem quer ser um ditador! Se quer guerra, então vai ter!

– Sr. Ryan, não acho que seja uma guerra que podemos vencer. Faça as contas! Atlas tem muitos desses splicers violentos. E muitos rebeldes também. Temos que arranjar uma espécie de acordo de paz, chefe. Rapture não vai aguentar uma revolução! É uma cidade submersa, Sr. Ryan! Fica no Atlântico Norte! Está assentada sobre canais de lava quente! Essa coisa toda é... caramba, é volátil. Já estamos sofrendo com milhares de vazamentos, mas um vazamento maior no local errado em Hephaestus pode causar uma baita de uma explosão. Imagine que uma parte da água gelada encontre a lava quente numa área pressurizada. A coisa toda pode ir pelos ares! Toda essa pancadaria pode causar exatamente esse tipo de dano!

Ryan olhou para o amigo e seu olhar tornou-se, subitamente, indiferente. A voz tinha um tom ainda mais displicente:

– E o que sugere que lhes ofereçamos? – Ele fechou os olhos e tremelicou visivelmente. – *Sindicatos*?

– Não, chefe. Muitos desses caras trabalhavam para o Fontaine. Os outros só querem ADAM. São fissurados. Vamos entregar a Futurismos Fontaine para o grupo do Atlas. Não é correto ir contra nossos princípios e estatizar, Sr. Ryan. Podemos dar a volta por cima, mostrar para eles que sustentamos uma ideia! Podemos voltar a ser como éramos e entregar a Futurismos Fontaine!

– Entregar...? – Ryan balançou a cabeça, descrente. – Bill, pessoas morreram para tomar a indústria de plasmids! Não terão morrido em vão.

Bill não acreditou, por um instante, que Ryan preocupava-se com quem morrera em vão. Era somente uma desculpa. Andrew Ryan

queria ter a indústria de plasmids. Era sua natureza. Era um executivo. E a indústria de plasmids era a cereja do bolo.

– As Indústrias Ryan detêm a Futurismos Fontaine agora – Ryan prosseguiu. – Pelo bem da cidade. No tempo certo, pretendo desmantelá-la. Mas não vou entregá-la para aquele parasita assassino do Atlas!

– Sr. Ryan, temos que parar essa guerra. Vai destruir a todos nós... não há para onde recuar! Se não ficarmos em paz com eles... Bem, se esse for o caso, terei que me resignar do Conselho.

Ryan fitou Bill com pesar.

– Então, vai me abandonar também. A única pessoa em quem confio... me traindo!

– Tenho que mostrar o quanto acredito nisso: temos que estabelecer a paz! Não é só o Atlas; imagine se ele fizer um acordo com Sofia Lamb. O pessoal dela é fanático. Agora que ela escapou, está duas vezes mais perigosa! O culto maluco dela vai dar um jeito em todos nós! Temos que parar essa guerra, Sr. Ryan!

Ryan socou a mesa com tanta força que o barulho ecoou pela sala.

– Podemos parar a guerra vencendo! Pode ser vencida com poderio superior, Bill! Podemos fazer mais e melhores splicers, usar feromônios, controlá-los... e ter um exército invencível de superseres humanos! Temos os laboratórios. Estamos com falta de ADAM, é verdade – ele estalou os dedos. – As Little Sisters que sobraram não podem produzir ADAM suficiente. Mas existe ADAM por aí, em todos aqueles corpos. Ele continua vivendo depois que o splicer morre! Pode ser coletado, Bill! E as Little Sisters são ideias para essa colheita. Podemos fazer com que essa guerra trabalhe

por nós! A guerra pode ser tanto uma oportunidade quanto uma catástrofe!

Bill encarou o chefe.

Ryan acenou, desapontado.

– Está escrito na sua cara, Bill. Vai me abandonar. Sempre foi leal. Mas sinto que vai me desapontar, como tantos outros. Tantos que deram as costas à grande visão. Tantos que traíram Rapture. Que mancharam essa coisa gloriosa que construí com minhas próprias mãos. – Ele balançou a cabeça. – O futuro do planeta... traído!

Bill sabia que tinha que contornar a situação, e logo, se esperava ver Elaine mais uma vez. Compreendera ao enxergar dentro dos olhos de Andrew Ryan. Bastava-lhe que chamasse Karlosky ou outro capanga e desse a ordem, para que Bill fosse parar numa cela. Podiam ter perdido o controle de Perséfone, mas havia sempre um lugar onde trancafiar alguém, ou uma saída de ar pela qual ser arremessado.

Ele soltou o ar longa e lentamente, e concordou.

– Tem razão, Sr. Ryan. Admito que perdi a fé. Eu... – ele molhou os lábios. Esperava estar atuando da maneira certa. – Pensarei bastante sobre isso. Encontraremos uma saída. – Quase acreditava no que dizia.

Ryan recostou-se no assento da cadeira e franziu o cenho, fitando Bill. Mas era visível que queria acreditar no amigo. Era um homem solitário. Confiava em poucas pessoas.

– Isso mesmo, Bill. Preciso de você. Mas você precisa compreender que estamos aqui, agora, em Rapture, e temos um compromisso. E vamos fazer tudo do meu jeito. Eu construí

Rapture. Farei qualquer coisa que for preciso, mas não deixarei que os parasitas destruam o que construí.

Setor Bancário, perto de Apollo Square

1959

Ah, que saco, pensou Bill McDonagh ao ver Anna Culpepper em frente ao maior dos bancos de Rapture. Ele vinha caminhando ao lado de Andrew Ryan naquela manhã insegura, e sabia o que o Sr. Ryan pensaria quando a ouvisse cantando. Ele mesmo a ouvira uma vez, chilreando em seu novo cargo como cantora de protesto, e ficou impressionado de como ela deixara o Conselho para condenar as Indústrias Ryan pela recente recessão econômica que corroía a alma de Rapture.

Anna estava na esquina, cantando para uma multidão frenética, acompanhada pelo violão. A luz dourada da lâmpada acima deles refletia-se em seus brincos e brincava ao longo de seu cabelo preto ondulado.

– Enquanto Roma arde em chamas, ela vagabundeia – Ryan resmungou, levando Bill pela passarela até perto, alguns metros distante, da multidão que circundava o Primeiro Banco de Rapture. Karlosky e dois outros guarda-costas, homens altos em longos sobretudos, carregando metralhadoras Thompson, caminhavam alguns passos na frente de Ryan. Outros dois vinham atrás. A lembrança do atentado do ano novo ainda estava fresca.

Cada parede ao longo da passarela tinha sua própria fileira de consumidores carrancudos e reclamões, a maioria com roupas de operário ou ternos amarrotados, com papéis amassados nas mãos, revezando os pés cansados como se esperassem para usar o mictório. Um homem de cabelo espetado e terno desgastado

espiava por sobre os ombros das pessoas à sua frente, tentando enxergar dentro do banco. Ele fez uma concha com a mão em torno da boca e gritou em frente à porta aberta:

– Anda logo, a gente quer nosso dinheiro; saiam do esconderijo!

Houve murmúrios quando Ryan passou por eles. Alguns acompanharam seus passos e cutucaram uns aos outros, mas ninguém quis ser o primeiro a confrontá-lo.

– Você poderia fechar o banco, pelo menos temporariamente, Sr. Ryan – Bill sugeriu, sussurrando. – Quer dizer, por hora, por alguns dias, até que passe a histeria, e possamos tranquilizar as pessoas...

– Não – disse Ryan, firme. Os seguranças o cercaram, de costas para ele, com as armas apontadas ao teto, preparados para usar o cabo das metralhadoras caso a multidão resolvesse atacar Andrew Ryan. – Não, Bill, isso seria uma interferência no mercado. Os tolos têm o direito de retirar seu dinheiro.

– Mas uma reviravolta nos bancos, chefe, pode ser desastrosa.

– Já está sendo. E pagarão o preço por isso. A correção de mercado resultante os fará correr e se esconder feito ratos no dilúvio. Só queria saber se era verdade, ver com meus próprios olhos. Não posso interferir.

– Podemos tentar conversar com eles agora mesmo...

Ryan bufou.

– Não adianta. Farei um comunicado pelo rádio, tentarei trazê-los à razão. Mas não adianta argumentar com um grupo.

Karlosky virou-se a falou num tom baixo com Ryan, pelo canto da boca.

– Vamos embora daqui, Sr. Ryan.

– Sim, sim, vamos... – Mas Ryan demorou-se, encarando a multidão vultosa. As pessoas saíam dos bancos contando punhados

de dólares de Rapture enquanto andavam. Mais pessoas vinham pela rua, ansiosas por retirar seu dinheiro. Espalharam-se rumores sobre a provável destruição dos bancos caso começasse uma guerra contra Atlas e os splicers, que seriam taxados como subversivos. Bill perguntava-se se não fora o próprio Atlas quem divulgara tais rumores, engatilhando deliberadamente essa corrida aos bancos. Uma recessão econômica dar-lhe-ia vitória conceitual.

A presença de Ryan aquietara um pouco a multidão; os gritos e reclamações reduziram-se a um rumor baixo, e Bill conseguiu ouvir Anna Culpepper cantando. Algo sobre Cohen, como o “rouxinol de Ryan” era, na verdade, “seu cavalariço”.

– Ouvi falar desses versos comunistas – disse Ryan para Bill, fitando Culpepper. – Canções sobre sindicatos; organizadores cantando música folk sobre os operários. Como se um comunista tivesse alguma familiaridade com o trabalho!

Anna avistou Ryan, e Bill pôde ver que ela ficou nervosa. A voz da moça falhou quando reparou nos guardas armados, mas ela molhou os lábios e retomou o canto. Bill tinha de admirar sua coragem.

– Então Anna virou-se contra mim – disse Ryan. – Tinha ouvido falar algo sobre isso. Mas chegar até esse ponto... cantar a trilha sonora da corrida aos bancos! Suponho que ela imaginava encontrar mais ovelhas para o rebanho de Atlas por aqui. Ou talvez tenha passado para o outro time de ovelhas, o culto de Lamb... – Ele meneou a cabeça, desapontado. – Já vi o bastante. Vamos sair daqui. Arranjarei para que esse passarinho comunista deixe de cantar.

Plasmids Ryan

1959

A garotinha fitava, com olhos escancarados, o enorme homem de metal perambulando ruidosamente ao redor da sala. Os sensores em seu capacete de metal piscavam. Era somente um modelo controlado remotamente, na verdade – não havia homem algum lá dentro. Brigid Tenenbaum manuseava a caricatura mecânica de um mergulhador das profundezas, fazendo-o caminhar pelo cômodo, a partir de um painel de controle que dava para a área de treinamento. Ela tinha que tomar cuidado para não direcionar incorretamente o modelo de Big Daddy – poderia atropelar a garotinha feito um trem desgovernado.

O sujeito 13 era uma menina loirinha de vestido rosa. Os grandes olhos azuis não desgrudavam do Big Daddy à frente dela. Tudo fazia parte do processo de condicionamento – a garota tinha que receber uma droga que a tornava mais suscetível à ligação com a criatura que seria sua guardiã na perigosa selva urbana que Rapture se tornara.

– Ele é grande e forte – chilreou a garotinha. – Engraçado, também!

– Sim – falou Brigid. – É nosso amigão divertido.

– Posso brincar com ele? – a criança falava um pouco mole devido à medicação.

– Com certeza – Brigid fez o modelo de Big Daddy parar.

Em seguida, empurrou uma alavanca, erguendo o braço direito do robô. Ele esticou a mão, abrindo-a, e levou-a até a garotinha. Havia algo naquela cena que tocava Brigid fundo no coração.

18

Estação de metrô perto de Apollo Square
1959

Saindo às pressas da estação de metrô, Diane McClintock sentiu-se, novamente, sozinha, embora na verdade tivesse chegado até ali por um motivo. Tinha ido encontrar Atlas. Ainda assim, fora tomada por uma sensação de insubstancialidade, como se fosse um mero fantasma perambulando no castelo.

Então, perto do bloqueio na entrada de Apollo Square, algo chamou sua atenção. Um pôster pregado à parede de metal.

A folha perguntava: Quem é Atlas?

Somente essas três palavras sob uma imagem estilizada de um homem de barba feita, heroico, confiante, estoico, com mangas de camisa esgarçadas e suspensórios, as mãos na cintura, olhando com expressão visionária para o futuro dos trabalhadores.

A única vez em que o vira, do lado de fora do café, parecera-lhe um homem comum. Bonito, forte, mas comum. Contudo, estava fazendo algo de extraordinário. Arriscava-se a confrontar os policiais de Ryan ao engajar-se em flagrante altruísmo.

No mínimo devia ser um homem carismático. Alguém que pudesse inspirá-la. Diminuir-lhe o sentimento de falta de propósito.

Ela foi ter com o guarda barbudo que aninhava uma arma ao peito, perto do bloqueio. Um homem corpulento de camisa de operário e jeans azuis manchados.

– Escute, poderia me dizer... eu o vi, uma vez, no Beco dos Pobres. Atlas. Estava distribuindo mantimentos. Eu... gostaria de conversar com ele. Talvez possa ajudar. Quando o vi no Beco, eu... – balançou a cabeça. – Eu *senti* uma coisa.

O guarda a fitou como se tentasse descobrir se ela falava a verdade ou não. Então assentiu.

– Sei como se sente. Mas não sei se posso confiar em você...

Diane olhou ao redor para checar se alguém os observava. Depois tirou um punhado de dólares de Rapture da bolsa.

– Por favor. Isso foi tudo o que consegui tirar hoje. Pagarei para entrar. Mas preciso vê-lo.

Ele olhou para o dinheiro, engoliu em seco, então estendeu a mão, pegou a soma e a escondeu dentro do bolso do casaco.

– Espere aqui.

O guarda barbudo virou-se e chamou outro, um mais velho. Conversaram em voz baixa; o barbudo voltou-se e piscou para ela. O mais velho saiu andando. O guarda voltou para seu posto, assoviando. Com uma mão, acenou para que ela esperasse. Então fingiu que não a enxergava.

Diane imaginou que tinha jogado dinheiro fora. Talvez estivesse fazendo o mesmo com a própria vida – muitos spider splicers tomavam conta de Apollo Square do alto dos edifícios. A praça estava mal iluminada aquela noite, e havia pessoas mortas apodrecendo não muito longe dali. O cheiro era de embrulhar o estômago. Estava ainda um pouco bêbada; o piso a seu redor girava lentamente, e ela pensou que acabaria vomitando se tivesse que aguentar aquele fedor por mais tempo.

Mas não iria embora. Ficaria por perto até que os splicers a pegassem, ou até que entrasse para ver Atlas.

Se Ryan não a queria, ela procuraria alguém que talvez quisesse.

Uma mulher correu até a barricada.

– Atlas diz que tudo bem, ele vai te ver, McClintock – disse ela. Diane tentou não encarar o rosto cicatrizado da mulher. Um dos olhos estava coberto de tecido de escaras; o cabelo castanho tinha várias falhas. – Philo, você vem conosco.

O rapaz com a arma em punho assentiu e gesticulou para Diane com o cabo da arma.

– Você vai na frente.

Diane pensou em desistir, mas cruzou o portão de madeira e seguiu-os, cruzando Apollo Square em direção a Artemis Suites. A mulher de um olho só pisou em cima de uma pequena pilha de lixo em frente à porta. Diane a seguiu, entrando no fedorento saguão do edifício.

Com o estômago revirando, procurando esquivar-se do lixo bolorento, Diane subiu por uma escada caracol com grafite nas paredes e um mastro de ferro no centro. Subiram quatro andares, passando por bêbados e grupos de crianças sujas.

Seus acompanhantes a conduziram por uma porta para um saguão carpetado com marcas de incêndio nas paredes. A mulherzinha de cabelos crespos jamais hesitava, e Philo vinha grudado atrás delas. As luzes vacilaram novamente.

– Pode ser que acabe a luz – Philo comentou, num resmungo bem baixo. – Ryan desligou a energia do prédio. Fizemos um gato, mas não dá pra confiar.

– Tenho uma lanterna – disse a mulher. Pegaram outra escada, e, para a surpresa de Diane, dessa vez desceram. A escada estava relativamente limpa, ocupada somente por um guarda entediado. O

homem interrompeu o coçar das costas para cumprimentá-los quando passaram.

Foram seguindo para baixo. Desceram bem mais do que subiram, até chegarem à entrada de um porão subterrâneo.

Ali, passaram debaixo de canos de vapor blindados, pisando em cima de poças d'água, até chegarem a uma pequena antessala com pé direito alto e goteiras no teto. Uma porta Securis era guardada por um splicer sorridente e trêmulo. O rapaz usava um moletom todo sujo e calças rasgadas; os dedos dos pés escapavam para fora dos sapatos destruídos. Tinha no rosto a intumescência vermelha típica dos altamente viciados em plasmids, e brincava com três lâminas similares a foices, trocando-as de uma mão para a outra. As lâminas curvas passavam de raspão na lâmpada do teto, contra a qual não colidiam por questão de poucos centímetros.

– Quem é a outra vaca, teta-murcha?

– McClintock. Atlas disse que ela pode entrar.

– Você é quem diz, teta-murcha. Vou te fritar se não for verdade! Rá! Pode entrar.

O splicer se afastou, ainda rindo, e a "teta-murcha" abriu a porta Securis para eles. Diane passou correndo, ansiosa para sair de perto do splicer.

Chegaram em uma área de serviço iluminada com lâmpada. Canos e dutos de aquecimento elevavam-se do chão perto das paredes. A sala estava quente e cheirava a fumaça de cigarro, bolor e água do mar.

Era ele. O homem que ela vira em frente ao café. Usava camisa branca com as mangas esgarçadas, assim como no pôster. Um rosto bonito, para ela, que parecia emanar confiança.

Dois seguranças broncos estavam logo atrás dele, ao lado de um gânglio de válvulas. Ambos usavam macacão e portavam metralhadoras. Um deles tinha um cachimbo apagado pendurado no canto da boca.

– Sou Atlas – disse o homem, sentado à mesa, com um sotaque irlandês, fitando-a com uma franqueza inquietante. – E você é um dos passarinhos de Ryan?

– Sou Diane McClintock. Trabalho... trabalhava para o Sr. Ryan. Vi você ajudando as pessoas no Beco dos Pobres e fiquei emocionada. Não me sinto bem quanto ao jeito em que estão as coisas. Eu só queria ver se... se.... – O que ela queria, afinal?

O homem abriu um sorriso endiabrado.

– Não parece ter certeza do que quer, Srta. McClintock.

Ela suspirou e mexeu no cabelo, sem perceber.

– Estou cansada. Bebi uns drinques. Mas quero saber mais sobre você. Quero dizer, sabe, como amiga. Não trabalho com a polícia. Já vi umas coisas. Ouvi histórias... não sei no que acreditar mais. Só queria saber... Uma vez, passei por Apollo Square e vi uma mulher vindo até o bloqueio e... um dos splicers que trabalha para Andrew... – Ela não gostava de se lembrar. A mulher corria, cheia de vida, num momento. No seguinte, o splicer a golpeou com uma bola de fogo, e ela fervilhou até tornar-se um defunto enegrecido, a poucos passos de onde estava Diane. – Bom, o splicer a carbonizou. E o olhar no rosto dela... como se tentasse me dizer alguma coisa. Então, hoje – ela suspirou. – Não sei. Estou tão cansada...

– Pegue uma cadeira pra moça, seu idiota – Atlas grunhiu para Philo.

Sem dizer palavra, o guarda trouxe uma cadeira de metal do canto da sala, e Diane se sentou. Atlas empurrou uma caixinha de

metal que estava em cima da mesa para a frente dela.

– Cigarro?

– Adoraria.

Ela abriu a caixa e pegou um, com as mãos trêmulas. Philo acendeu-o e ela inspirou, grata, para depois soltar a fumaça veludosa no ar. – Isso... isso é que é cigarro! Tabaco da Virgínia! E numa caixa de ouro! Você está muito bem para um revolucionário.

Atlas riu.

– Ah, sim. Mas pegamos estes de uma das salinhas de estoque do Ryan, embaixo de Rapture. É claro, ele trouxe para vender numa loja. Uma loja que eu costumava varrer, há muito tempo atrás. Eu era da manutenção, zelador, aqui em Rapture. Vim quando me contaram uma bela duma mentira, promessa de trabalho no comércio. Acabei virando zelador. E depois não consegui arranjar trabalho nem nessa área.

– O que você vendia antes?

– Eu trabalhava com metal. – Ele apagou seu cigarro. Os dedos pareciam delicados e pálidos demais para um operário. – Quanto ao que saiu daquele depósito, distribuímos boa parte pras pessoas. Como você acha que as pessoas conseguem comer por aqui, com Ryan, esse filho de Satã, cortando os suprimentos para Artemis, hein?

Diane assentiu.

– Ele falou sobre conceder anistia para quem desiste da... como ele chama, da organização bolchevique.

– Organização bolchevique! Então agora somos soviéticos? Pedir um tempo não tem nada a ver com isso!

Ela bateu o cigarro no cinzeiro que estava em cima da mesa.

– Qualquer “pedido de tempo” para Andrew é coisa de esquerda – ela fungou. – Estou farta dele. Mas não tenho motivo para gostar de vocês também. Dá pra ver o que fizeram comigo – ela tocou as cicatrizes na bochecha.

Atlas balançou a cabeça, pesaroso.

– Foi ferida na luta, é? Bomba? Ainda está bonita, sem dúvida. Era forte demais pra morrer ali. Ora, você endureceu seu caráter nessa experiência, isso foi tudo o que resultou pra você, Diane.

O homem a fitava com aquela franqueza que desarmava. E ela queria acreditar nele.

– Por que diz chamar-se Atlas? Não é seu nome verdadeiro.

– Descobriu isso sozinha, foi? – ele sorriu. – Beeeem, Atlas carrega o planeta nas costas. É o cara das costas largas, não? E quem são os operários? O operário carrega o planeta nas costas também. Carrega para os privilegiados, para gente como você!

Ele abriu uma gaveta e, para a surpresa de Diane, tirou uma garrafa do que parecia ser uísque irlandês. Jameson.

– Quer afogar as mágoas? Philo, traz uns copos pra gente...

Os dois beberam e conversaram, falaram de política e justiça e organização e reapropriação de bens para a classe trabalhadora.

– E você se considera o libertador da classe operária, Atlas?

– Não sou o libertador. Libertadores não existem. Isso era a única coisa em que Ryan tinha razão. Essa gente vai libertar-se a si mesma! Mas precisam de alguém que lhes diga que isso pode ser feito. – Ele brincou um pouco com o copo, depois disse: – Sabe das Little Sisters? O que fazem com as pobres das criaturinhas órfãs?

– Sei... Sim, me incomoda, se é isso o que quer saber.

Ele serviu a terceira dose.

– Claro, e deveria incomodá-la – disse solenemente, acendendo outro cigarro. – Devia te cortar de dentro pra fora! Tenho uma garotinha, sabe? Só de pensar nos malditos com essa menina nas mãos! Ah, só de pensar! Mas isso vai fazer alguém parar de comprar ADAM? Não. Rapture não pode continuar assim, Diane, querida. Não pode continuar.

Não demorou muito para que Diane tomasse a decisão. Não foi o uísque nem os cigarros, nem aquele queixo forte, ou os francos olhos castanhos, ou as opiniões pungentes. Foi a ideia de voltar sozinha para casa e esperar notícias de Andrew Ryan.

Não. Nunca mais.

– Atlas – ela disse. – Quero ajudar.

– E por que vou acreditar que não foi Ryan quem mandou você aqui, de espiã? Vai me dizer por quê?

– Vou mostrar que não sou espiã. Farei coisas que ele jamais aprovaria. Então você vai saber que pode confiar em mim.

Plasmids Ryan

1959

A pequena e estranha câmara, metade laboratório de metal, metade enfermaria, estava fria naquele dia. Gotas de água gelada vazavam de um cano enferrujado no teto, no canto distante. Brigid mencionara à manutenção sobre a goteira, mas até então ninguém viera consertar.

O sujeito 15 não se importava – a garotinha brincava, alegre, com o gotejamento. Brigid observava. A menina parecia refestelar-se naquela discreta invasão que o oceano gigantesco perpetrava em sua cela. Esticando-se no canto, a menina tentava capturar cada gota que caía. Ria-se muito quando conseguia.

Brigid suspirou. Os experimentos iam de vento em popa; o condicionamento de ligação funcionava. Mas ela sentia-se cada vez mais pesada, como se carregasse um fardo interior. Estava começando a sentir-se como um Big Daddy, selada dentro do metal. Essa ideia lembrava Brigid de que estava na hora.

Ela foi até a porta, abriu-a, pegou o controle remoto no bolso do jaleco e apontou o aparelho para a monstruosa figura de metal que esperava, dormente, no corredor. Em algum lugar dentro daquela armadura de metal havia os restos de um homem, que passara então para um estado de semicoma, esperando pelo estímulo que o acordaria... embora jamais acordasse de todo. Seria sempre pouco mais do que uma máquina.

Ela apertou o botão no controle e o Big Daddy respondeu instantaneamente, girando com um chiado. Ele veio a passos ruidosos para o laboratório de condicionamento.

– Ohhh! – chilreou o sujeito 15, unindo as palmas das mãos com deleite quando viu o Big Daddy. – O Sr. Bolhinhas chegou!

Brigid Tenenbaum viu o sujeito 15 caminhar, quase como uma sonâmbula, para o Big Daddy. A garotinha pegou a mão de metal do robô e olhou para ele, sorrindo com insegurança.

Subitamente, pela primeira vez em muitos anos, Brigid Tenenbaum se lembrou. Era novamente uma menina da Bielorrússia vendo os nazistas levarem seu pai embora. Isso foi antes da guerra, mas eles já removiam os desordeiros. O oficial nazista responsável pelo pelotão colocou os olhos cinza na menina. Era alto, tinha o rosto macilento e usava capacete. Nas mãos, grosseiras luvas; tinha um brilhante cinto de couro, uma faixa atravessando o peito e botas altas e lustrosas. Brilhava muito com tantos bótons e medalhas. Ele disse:

– Pequena, você pode ser útil. Primeiro na cozinha, trabalhando. Com o tempo, pode ir para os campos... Precisamos de sujeitos para experimentos. – Ele se aproximou dela. Ela olhou para ele, pensando tratar-se mais de máquina do que de homem. O pai a levou para assistir um filme mudo no qual ela viu um homem de metal zanzando pela cidade. Aquele oficial era um homem de metal num uniforme; metal vestido de pele humana.

Ela sabia que jamais veria o pai novamente. Ficaria sozinha. E o homem vinha se aproximando. Algo surgiu-lhe no peito, e ela pensou: *Preciso fazer amizade com os homens de metal*... A menina estendeu o braço e pegou na sua a mão do homem.

De volta a Rapture, em meio ao devaneio, Brigid Tenenbaum tremia toda, lembrando-se da garotinha que fora um dia... e pensando na mulher que se tornara. Até mesmo antes desse dia, fora distante das pessoas; sempre tivera dificuldade em conectar-se. Mas mantivera dentro de si uma porta entreaberta. E foi nesse momento, segurando a mão daquele oficial, que ela fechou a porta que sempre mantivera aberta para sua família. Passara, simplesmente, a sobreviver.

Anos depois, estava parada ali, vendo o sujeito 15 e o modelo de Big Daddy. Homens de metal, vestidos com pele humana; em Rapture, homens de metal fundiam-se à pele. O sujeito 15 era uma criança desviada, sua natureza infantil fora desvirtuada, tudo em prol dos propósitos de Rapture. Uma criança como a que Brigid um dia fora.

Ela estremeceu.

– Essa não – sussurrou. – Nunca mais...

Sentiu-se virada do avesso ao dizer essas palavras. Sentimentos avultaram dentro dela, fervendo dentro de seu coração. Voltara a ser

uma criança, e tornar-se-ia uma mãe. Seria uma mãe para várias crianças adotadas. Não podia mais tratar aquelas crianças como sujeitos experimentais.

Ela foi até a menina e abraçou-a.

– Me desculpe – disse com lágrimas descendo pelas bochechas. – Me perdoe, por favor.

Mercury Suites

1959

Qual é a diferença entre um homem e um parasita?

As palavras saltaram dos alto-falantes do sistema de transmissão pública, reverberando pelas paredes de metal. Bill caminhava pelo saguão do prédio em que Sullivan morava. Uma câmera girou para acompanhar sua chegada.

O homem constrói. O parasita pergunta: "Onde está a minha parte?". O homem cria. O parasita diz: "O que os vizinhos vão pensar?". O homem inventa. O parasita fala: "Cuidado, ou pode cutucar a ira de Deus".

Bill começava a pensar que o "parasita" talvez tivesse razão nessa última afirmação. Ele bateu na porta e o próprio Sullivan atendeu. O chefe da segurança olhou atrás do amigo para ter certeza de que ele estava só, depois cumprimentou-o.

– Entre.

Bill sentiu cheiro de bebida no hálito de Sullivan, e o chefe da segurança foi andando com dificuldade ao se afastar da porta. Bill seguiu-o e fechou a porta. O local era distribuído de forma quase idêntica ao apartamento dele, porém era mais singelo – mobília de

solteiro. E havia outro ornamento, diversas garrafas vazias sobre as mesas e aparadores, até no carpete.

Sullivan sentou-se no sofá e retirou uma garrafa vazia do caminho, para poder deitar um gravador na mesa de centro. Bill sentou-se ao lado do amigo. À esquerda, havia uma grande janela que dava para o panorama marítimo. O edifício rangeu em resposta à corrente. Um cardume de peixes finos e amarelos passou por ali e mudou de direção subitamente, todos disparando ao mesmo tempo para longe das luzes do prédio, com aquela unanimidade esquisita típica de sua natureza.

– Bebida? – Sullivan perguntou, num tom morto. Os olhos vermelhos. Parecia que não dormia fazia algum tempo.

Era cedo para Bill, pouco menos do que cinco horas, mas ele não queria demonstrar que julgava o amigo.

– Só um dedinho ou dois do que tiver naquela garrafa, amigo.

Sullivan serviu o drinque num copo que há muito não via sabão, e Bill o aceitou.

– Pra que tanta pressa, xerife? Mensagens urgentes suas e tudo mais. Tive que sair mais cedo do trabalho pra chegar aqui a tempo.

O xerife voltou sua atenção para um cobertor preto e vermelho de lã com pedaço faltando, que estava no sofá. Levou a mão ao tecido e o acariciou, tremendo os lábios. Depois virou toda a sua bebida e pousou o copo na mesa de centro com um baque.

– Ryan está começando sua campanhazinha publicitária, para dar cara de coisa boa para aquela história das Little Sisters. Usar crianças pra coletar plasmid. Isso vai soa como coisa boa pra você, Bill?

– Cristo, não. Não gosto de plasmids. E gosto menos ainda quando entram no meu caminho. Ryan diz que é somente

temporário, e que não tem o que fazer com os órfãos, de qualquer jeito, mas... – ele balançou a cabeça. – Não pode durar para sempre. Tudo está vindo abaixo, a cidade e... as pessoas. O lugar inteiro vai ruir se a gente não...

Bill parou de falar e perguntou-se, subitamente, se estava sendo um tolo ao falar algo de tamanho teor subversivo com o chefe da segurança de Ryan. Seria aquilo tudo uma armação? Mas Sullivan andava triste com o emprego fazia bastante tempo, e fizera de Bill uma espécie de confidente. Todos precisavam confiar em alguém, em algum momento. E ele conhecia o xerife, depois de todos aqueles anos. Sullivan não sabia muito representar. Especialmente quando estava bêbado. Aquilo era real.

– Já está ruindo, Bill – disse o xerife. – Tenho umas gravações aqui comigo. Coloquei todas numa fita só. Mas elas chegaram em momentos diferentes, de pessoas diferentes... – Ele apertou o *play* no gravador. – Quero saber sua opinião, Bill. Você é o único puto em que eu confio nessa cidade afundada.

O gravador reproduziu uma guitarra que tocava uma canção de zombaria, com alguém assoviando ao fundo. Uma batida suave abriu caminho para uma voz que Bill reconhecera como sendo de Anna Culpepper.

Ryan nos atraiu, Ryan nos trancou
E Sander Cohen nos hipnotizou
Andrew nos deixou finos, tudo por capricho
E Sander Cohen nos mesmerizou
Com canções bobas e drinques fracos
E dança – dança – dança
Com loiras burras e acenos falsos
Que choram – choram – choram...

A canção seguiu nesse tema, com a voz lânguida e excitante de Culpepper. Quando Sullivan apertou o *pause*, Bill deu de ombros e falou:

– Bom, que tem isso, xerife? Já ouvi esse tipo de maluquice antes. Ela saiu das Indústrias Ryan e anda frequentando o meu bar, verdade seja dita, bebendo e tentando dar uma de sabichona para os amigos, falando mal dele. Canções desse tipo são muito apreciadas por alguns habitantes de Rapture, mas ninguém canta muito alto.

Sullivan bufou.

– Não acha que merece... punição?

– Por quê? É só uma canção, certo?

– Tá, e quanto a isso?

Sullivan disparou a fita novamente. Dessa vez, Anna Culpepper só discursava:

– Cohen não é um músico, é o cavalariço de Ryan. Os policiais corruptos de Ryan cagam por todo lugar, e Cohen flutua por aí, limpando tudo. Mas em vez de usar uma pá, como se faz com uma mula de verdade, Cohen limpa tudo com uma melodia grudenta e um giro de frase inteligente. Mas não importa quão bem isso soa, ele não pode dar um jeito no cheiro.

Mais uma pausa, e mais um drinque servido, e a voz cada vez mais arrastada perguntou:

– Quêque ce acha dessaqui, hein?

– Hum, bom... tenho que admitir que é bastante abusado, mesmo, xerife. Mas esses tipos artistas falam e falam... Não querem mesmo dizer muita coisa.

– Sabe de uma coisa? Escuta só isso... Esse é um dos caras que pegamos numa batida recente. Ele escapou, e fiquei feliz por isso,

cá entre nós, Bill. Isso é de antes de Fontaine cair.

Ele apertou o *play*, e Bill ouviu uma voz que julgou ser de Peach Wilkins.

– Todos viemos pra cá pensando que faríamos parte da Grande Corrente de Ryan. No fim das contas, a corrente de Ryan é feita de ouro, e a nossa é daquelas com a bola de ferro, presas nos tornozelos. Ele fica lá em Fort Frolic comendo supermodelos... enquanto a gente fica aqui nesse bueiro tirando tripa de peixe. Fontaine prometeu coisa melhor.

– Soa como aquele agitador do Atlas – Bill comentou. – Voz diferente, ideias iguais.

– Agora escuta essa, Bill – disse Sullivan. – É o mesmo cara, um pouco depois.

– Fontaine anda pressionando a gente demais. Tá pegando oitenta por cento da nossa parte com a ameaça de que vai nos entregar para o Ryan se a gente não cooperar. Filho da mãe! Sammy G. veio me falar que tava pensando em ir falar com o policial e, no dia seguinte, Sammy G. foi encontrado num saco no lago de sal. Não temos escolha aqui.

O xerife parou a fita e serviu-se outro drinque, deslizando no sofá.

– Viu, Bill? Entendeu?

– Não exatamente, xerife...

– Olha, primeiro eles são atraídos pra Rapture. Como você foi; como eu fui. Depois, eles descobrem que não vai ser tudo o que era pra ser se você não for um dos figurões. Daí, Fontaine atrai os caras pra sua própria “corrente”. Eles querem sair quando isso também não dá mais certo, e o que acontece? Alguns começam a aparecer mortos. Então, o que podem fazer? Ficaram presos, trabalhando

para Fontaine! E o que acontece? Ryan nos manda pegá-los. Enforcá-los por contrabandear! Por algo que foram forçados a fazer!

– Não sei se essa era mesmo a única chance que eles tinham, xerife. Mas entendi o que quis dizer.

– E tem também Perséfone.

Bill fez uma careta.

– Odeio pensar nesse lugar. Tenho medo de ir eu mesmo parar lá.

– A Lamb tomou conta de toda essa parte de Rapture, transformou Perséfone na base dela. Quem lhe deu essa base? Ryan, ele mesmo. Torturou pessoas pra descobrir quem era seguidor de Lamb... isso só criou ainda mais seguidores para ela.

– Torturou? Nunca fiquei sabendo disso...

– Ele não queria que você soubesse, Bill. Pra pegar alguns deles, comunistas de Perséfone, os contrabandistas, Ryan não usou só tortura, mas supervisionou pessoalmente pelo menos uma sessão de que fiquei sabendo, com Pat Cavendish fazendo o serviço sujo.

– Tortura! – o estômago de Bill revirou ao pensar na ideia. – Tem certeza, xerife?

– Ah, sim! Tive que limpar a bagaça... a bagunça. Bom, talvez os caras tenham merecido. Talvez. Mas essa moça, essa Culpepper, tudo o que fez foi reclamar. Ou cantar, se fizer questão do termo. Cantou outra musiquinha idiota e engraçadinha sobre aquele maluco do Cohen. Quer saber quão maluco ele é? Ouça isso aqui... – ele ligou novamente o gravador.

A distinta e demente voz de Sander Cohen desfilou, recitando:

– A-hã. O Coelho Selvagem, por Sander Cohen. Quero tirar minhas orelhas, mas não posso. Eu salto, e quando eu salto, nunca saio do chão. É minha maldição, minha eterna maldição! Quero tirar minhas orelhas, mas não posso! É minha maldição, minha droga de

maldição! Quero tirar minhas orelhas! Por favor! Tire minhas orelhas! Por favor...!

– Certo – disse Bill, quando a gravação terminou. – Já sabíamos que o cara era excêntrico, xerife...

– Excêntrico? É um assassino! Enlouqueceu por causa do ADAM. Mata gente por diversão lá no Fleet Hall. Pinta os corpos com cimento, transforma-os em estátuas para apresentação, na sala dos fundos.

Bill estancou.

– Está brincando comigo.

– Não. Não, não estou. Queria prendê-lo. Mas Ryan insiste que Cohen é um aliado... – o xerife balançou a cabeça, inconformado.

– Ryan o protege?

– Cohen reclamou que as canções de Culpepper tiram sarro dele. Disse que sujeitavam Ryan também ao ridículo. Mandou fitas. Ryan ficou meio irritado também...

– Não anda tomando ADAM, anda?

– Ryan? Não. Ele só toma gim. Fica tranquilo, às vezes. Paranoico, outras. Dois dias sóbrio, um meio bêbado. Péssimo padrão. Sei disso muito bem.

Bill lambeu os beiços. A boca ficara seca de repente.

– Não há motivo pra desculpar Cohen se ele for mesmo um assassino... – Bill deu um gole demorado no uísque que Sullivan lhe servira e mal sentiu o sabor.

– Então, eu tenho que proteger esse maldito do Cohen – Sullivan resmungou – e somente pra obedecer às ordens de Ryan... – sua voz falhou. Ele virou para o lado e alcançou o cobertor preto e vermelho. Aninhou-o no peito. – Bonito, né? Quando terminei com

ela, deixei-a do jeito que estava, no banheiro, nua, dentro da banheira...

Bill fitou o amigo.

– O que quer dizer... quando terminou com ela?

Sullivan fechou os olhos, abraçando o cobertor. O movimento inesperado fez tombar a bebida no colo dele.

– Vi que ela tinha um cobertor que faltava terminar, em cima da cama. Era bonito. Sabe, preto e vermelho, bem bonito. Então, eu peguei... não pareceu certo deixar lá, sozinho...

Bill terminou seu drinque. Pensou que talvez fosse melhor sair dali, enquanto Sullivan ainda deixava. Mas acabou perguntando:

– Xerife... está dizendo que Ryan te mandou matar Anna Culpepper?

Sullivan fitava o cobertor. Depois de um longo intervalo, assentiu.

– Na banheira. Enfiei-a na água... Os olhos dela, Bill, os olhos dela me encarando de debaixo d'água... enquanto eu segurava... Quando as bolhas subiram, eu pensei: *Lá se vai a vida dela*! Sabe? A vida dela borbulhando pela boca! Iguais às bolhas que passam ali fora, na janela... tá vendo?

– Meu Deus, xerife, isso... – Bill respirou fundo, com dificuldade. Não sabia o que dizer. Quase sentiu que devia confortar Sullivan. *Sinto muito que tenha passado por isso*. Mas não dava para dizer isso a um assassino. – Xerife, tenho que ir ver minha esposa. Isso... é tarde demais pra fazer qualquer coisa. Temos que... esquecer. E quero que você saiba, fica tudo entre nós. O que você falou.

– Oh, não consigo esquecer – disse Sullivan, de olhos fechados, a voz quase inaudível. – Vou até Neptune's Bounty. Encontrar um lugar macio e...

Bill levantou-se, afastou-se do xerife e saiu correndo pela porta, sem dizer palavra.

Plasmids Ryan

1959

Ainda vestida, Brigid Tenenbaum deitou-se sobre seu casaco e pôs-se a observar a parede de metal. Sabia que não conseguiria dormir naquela noite. Ficava vendo rostos... olhando o homem de metal com adoração...

As Little Sisters. Seus grandes olhos escuros e confiantes. Não conseguia mais suportar. O jeito com que subiam em seu colo, tão adorável. A crueldade de sua inocência.

Ela tinha de agir, tinha de encontrar alívio. Poderia fugir, esconder-se em algum canto de Rapture. Havia aquele antigo dormitório da manutenção que ela encontrara. Mas esconder-se lá sozinha não ajudaria. Os olhos, os rostos ainda a perseguiriam. Não havia como escapar disso.

Não. O único jeito seria libertá-las daquele lugar. Então ela não sentiria mais a dor. Libertá-las seria como libertar a si mesma.

Aquele era o melhor momento. Os guardas vinham encontrando-se tarde da noite na entrada, e seria necessário desligar as câmeras e os robôs. Mas ela sabia como fazer isso. Daria um jeito de passar pelo quarto guarda depois. Talvez tivesse que matá-lo.

Brigid levou a mão embaixo da cama e encontrou a garrafa de vodka. Comprara de Karlosky, mas a bebida não lhe ajudara a extinguir os cruéis sentimentos de carinho pelas crianças que surgiram dentro dela. Desistira depois de tomar meia garrafa.

O que lhe deixara a outra metade.

Ela abriu a garrafa sem rótulo, encheu a boca, tentou engolir, mas acabou cuspindo tudo no jaleco. Pegou as chaves do aparador na parede e saiu para o corredor. Uma câmera de segurança girou para a direção dela e enviou um robô. A máquina saiu de seu gabinete e foi verificar a cientista; registrou seu sensor de detecção de DNA, circulou-a uma vez, e depois voltou para seu recipiente, zunindo. Brigid seguiu pelo corredor, parou no laboratório 16, depois voltou e congelou feito estátua. Dois guardas a encaravam, bloqueando a passagem com metralhadoras nas mãos.

O mais alto, de rosto amarelado e macacão, era Rolf. Ela não conhecia o outro, corcunda, de dentes podres. Tinha um distintivo de policial preso de ponta-cabeça num casaco militar velho.

– O que tá fazendo zanzando por aí? Não é sua hora de trabalhar, dona – perguntou Rolf, analisando-a com desconfiança.

Brigid piscou para eles, vacilando no que esperava ser uma boa simulação de bebedeira.

– Não consigo dormir. Solidão. Pensei que podia ficar bonita pra vir visitar vocês. Acho que quero tomar um banho. Que tal vocês tomarem comigo, hein?

Rolf ficou boquiaberto. Foi a maior surpresa de sua vida. Mas ficou claro para a cientista que ele preferia crer na proposta.

O baixinho coçou a cabeça, toda descabelada.

– Ah, bom... você tá falando só do Rolf aqui?

– Ah, não... tem espaço pra todo mundo; a gente reveza, né?

Fingindo dar um gole na vodka, ela se virou e apontou para os chuveiros, no final do corredor.

Voltou-se e abriu um sorriso lânguido e inebriante.

– Peguem a garrafa e esperem lá, tá? Vou me arrumar...

– Ah, não, tem muitas câmeras... – Rolf começou. – Se alguém checar...

– Vou desligar! – Brigid insistiu, com um aceno displicente. – Nada de mais!

– O que tá acontecendo aí? – gritou um ruivo com metralhadora numa mão e lanterna na outra. Ele veio a longas passadas pelo corredor, com um bico de censura. Mas sua expressão passou para puro desejo ao ver a garrafa na mão da cientista. Mas não desejava a mulher...

– Isso é... vinho?

Brigid balançou a cabeça para ele.

– Não. Bem mais forte. Quer? – ela empurrou a garrafa para a mão dele. – Leve a vodka pro chuveiro; eu cuido das câmeras. Você pode dividir com esses meninos, tá? Vamos fazer festinha. – Ela apontou o indicador para eles: – Mas vocês não podem ser meninos malvados no chuveiro! – Ela deu meia-volta, rindo, e cambaleou na direção dos painéis de controle da segurança.

Ouviu os guardas se afastando, murmurando, em direção aos chuveiros. Rolf dizia:

– Sei não... talvez uma dose ou duas, mas não tem como a gente...

Com o código de destrancar, ela desativou as câmeras e os robôs de segurança, e depois foi checar os chuveiros. Questão resolvida. A dose cavalar de sonífero que colocara na vodka fizera a sua parte, e rapidamente. Todos os três guardas estavam esparramados no piso, aos roncos. Ela descarregou duas metralhadoras, pegou a munição e levou consigo a terceira.

Pegou a mala de transporte de que precisava, com equipamento para remoção de lesmas marinhas, e um pouco de comida enlatada.

Enfiou tudo na bolsa. O purgante faria com que as lesmas fossem desintegradas dentro das crianças. Elas vomitariam os restos.

Brigid cruzou às pressas o salão mal iluminado e entrou na fileira das celas infantis. Escondeu a metralhadora atrás da parede antes de deixar as meninas saírem, para não assustá-las. Pôs o indicador na frente dos lábios, pedindo silêncio, e soltou cada uma. Depois piscou.

– Agora, crianças – ela sussurrou para a diminuta multidão que a circulara –, vamos brincar de fazer silêncio, igual no esconde-esconde. Vamos pegar as outras meninas e depois...

– Tem alguém chegando – disse uma das meninas.

Brigid ouviu passos pesados atrás de si. Devia ser o quarto guarda, que patrulhava o corredor.

– Ei, o sistema caiu! – ele avisou.

– Crianças, vamos voltar para essa enfermaria, juntas, todas nós, e vamos esperar até que ele vá embora... Vamos enganá-lo!

As crianças riram maliciosamente. Brigid pediu silêncio mais uma vez e encaminhou-as para dentro da cela. Uma das meninas deitou no chão, fingindo dormir; as outras ficaram de costas a um canto perto da porta, fitando Brigid com grande excitação. Poucos momentos depois, ouviram o guarda passando.

– Rolf! – chamou o homem. – Onde você foi parar? O sistema caiu! Cristo, se os splicers entraram...

Brigid e as Little Sisters esperaram por mais um longo e lento minuto. Ela supôs que o guarda levaria mais dois ou três minutos para encontrar os demais dormindo nos chuveiros. Não havia tempo para retirar mais crianças, suas celas ficavam no fundo do corredor. Perderia as crianças que já libertara caso tentasse.

Com o coração na boca, Brigid levantou-se e sussurrou:

– Temos que andar que nem fantasma! Quietas que nem fantasma!

– Os fantasmas não são tão quietos assim – comentou uma garotinha de cabelos pretos, encaracolando a ponta de uma mecha com o dedo. – Ouço eles conversando o tempo inteiro!

– Então, façam mais silêncio do que eles! Venham!

Brigid abriu a porta e foram todas nas pontas dos pés. Ela encaminhou as meninas pela curva do corredor, em direção à porta de entrada da instalação. Estavam quase correndo quando chegaram ao corredor exterior, as câmeras lá de fora ainda pendiam para baixo. Mas isso não duraria para sempre.

Cruzaram a antessala do metrô assim que os alarmes soaram, mas Brigid conseguiu entrar com todas as Little Sisters dentro da batisfera.

Sabia de um dormitório abandonado que poderia servir como esconderijo. Era um lugar poeirento, quase esquecido por todos, num porão no canto da cidade. Lá ela poderia remover as lesmas das crianças e dá-las a chance de serem humanas. Elas perderiam algo, porém ganhariam muito mais.

E talvez a crueza de seu instinto maternal fosse transformada, passando da dor à alegria.

Central de controle de Rapture, Escritório de Ryan

1959

Andrew Ryan apertou o botão para gravar de seu AcuVox e limpou a garganta:

– Fui informado de que Lamb tem sido vista nas ruas... saiu de seu santuário, em Perséfone. Rapture está dividida entre nosso território, a turba de Atlas e o pequeno grupo de psicopatas de

Lamb. Minha cidade está cindida. – Ele suspirou. – Um dos modelos da Série Alpha foi morto no incidente, e sua Sister de ligação roubada. Mas o Conselho não tem tempo para ir à caça; Atlas infla seus pelotões de saqueadores a cada novo dia. Entretanto, o nome de Lamb já desvaneceu por entre o povo. Ela não é mais do que um fantasma que se esqueceu de morrer...

Um ruído veio da mesa. Ouviu a voz de Karlosky pelo comunicador.

– Chefe? O Dr. Suchong está aqui.

Ryan desligou o gravador.

– Certo. Mande-o entrar.

Abriu uma gaveta da mesa, retirou a pasta contendo a proposta de Suchong e analisou-a mais uma vez, conforme o cientista foi entrando. Ryan mal percebeu a reverência feita por ele.

– Sim... sente-se. – Ele ouviu o chiado que Suchong fez ao sentar-se na cadeira e prosseguiu: – Dei uma olhada nesse seu plano; francamente, Dr. Suchong, francamente estou chocado com sua proposta. – Ryan desviou os olhos da pasta, entrelaçou os dedos e fechou os olhos, como se considerasse a ideia objetivamente, embora, na verdade, já estivesse de cabeça feita. – Se fôssemos modificar a estrutura de nossa linha de plasmids comercial, como você propõe, para tornar o usuário suscetível a sugestão mental, não seríamos capazes de controlar efetivamente as ações dos cidadãos de Rapture? O livre-arbítrio é a pedra angular desta cidade. A ideia de sacrificá-lo é abominável.

Suchong, sentado à frente de Ryan, assentiu, procurando transmitir compreensão, desapontando Ryan por concordar. O magnata esperava que Suchong o convencesse a aceitar.

Ryan pigarreou:

– Contudo... estamos, de fato, em tempos de guerra. Se Atlas e seus bandidos puderem, não farão de nós seus escravos? E o que será do livre-arbítrio então? Tempos de desespero demandam atitudes desesperadas. E, afinal, se você diz que Fontaine sabia desse tipo de coisa, então ela pode estar se aproximando de Atlas. Não podemos deixá-los passar na nossa frente, Suchong.

O cientista o fitava com atenção.

– Então você aprova o plano de Suchong? Podemos proceder com o condicionamento por feromônios?

– Se você puder garantir que os splicers me obedeçam. E a ninguém mais.

– Suchong trabalha para Ryan! Farei isso...

– E o que Tenenbaum acha disso? Ela acha que pode haver um jeito de bloquear esse... controle hormonal?

Suchong deu de ombros.

– Suchong acha que não. Mas não sabe bem onde ela está. Não pode perguntar.

– O quê? Por que não?

– Você não sabe? Pensei que guardas tivessem relatado! Ela sumiu. Escondida em algum lugar de Rapture. Levou Little Sisters com ela.

– Ninguém me falou disso. – Ryan riu suave e amargamente. – Quem falou com Tenenbaum? Ela foi paga pra fazer isso? Por Atlas?

– Alguma coisa incomoda ela por muito tempo, Sr. Ryan.

– Ficou com peso na consciência, foi?

Suchong piscou, sem compreender a expressão. A palavra consciência era uma das que não se importara em aprender.

– Ela é... mulher confusa. Diz que estamos machucando crianças, ainda que lhes demos imortalidade! Damos poderes de cura! Isso é machucar? Suchong não concorda.

– Ah – Ryan pegou um lápis e brincou com ele, trançando-o entre os dedos. Não achava que as Little Sisters eram como fadinhas felizes por trabalhar para Rapture. Contudo, estava certo de que o ADAM era o trunfo de Rapture contra o mundo exterior. Imaginava que poderiam ser invadidos. Penetras da KGB, a CIA, ou de qualquer outra "inteligência" insidiosa poderiam infiltrar-se na cidade. Talvez essa nova influência perniciosa, esse Atlas, poderia trazê-los. Ou alguém do grupo traidor de Lamb. Ela poderia ter sido agente da KGB desde o início. E se fossem invadidos pelos soviéticos ou pelos ingleses ou pelos norte-americanos, como seria? Somente as extraordinárias habilidades conferidas pelos plasmids poderiam proteger Rapture dos invasores. Por isso ADAM deveria continuar sendo produzido. Ele precisava das Little Sisters mais do que nunca.

– Se ela levou alguma das meninas consigo, a produção de plasmid será drasticamente minada.

– Sim – Suchong passou a mão no cabelo ensebado, pensativo. – Precisaremos de mais Little Sisters.

– Bem, não há tempo para esperar que mais pessoas... – Ryan pigarreou. – Pedirei a Cavendish que consiga mais para nós até que uma alternativa seja viabilizada. – Ryan soltou o lápis na mesa. – Quanto a Brigid Tenenbaum, nós a encontraremos. Se me trair, doutor, estou avisando, as coisas irão de mal a pior.

Suchong abriu um sorriso triste.

– Eu não respeitaria você se não fosse assim, Sr. Ryan.

O cientista fez uma reverência, depois se apressou para a porta, disposto a cumprir sua missão.

Um ruído de vento avisou Ryan do pacote que chegara para ele pelo tubo pneumático. A letra era de Sullivan. Ele retirou o objeto do tubo e o abriu. O conteúdo resumia-se a uma fita cassete e uma nota escrita a mão pelo policial.

> *Não pense que vai me ver vivo de novo, senhor. Planejo um encontro rápido com uma bala. Não posso conviver com o que fiz. Ela tinha o cobertorzinho preto e vermelho mais lindo. Segue uma fita que pode te dar uma dica de por que Jasmine Jolene se mudou. Por que ela vem evitando você. Te devo essa, acho, Grande Homem. Agora, devo algo a mim mesmo. Uma bebidinha, um adeusinho.*
>
> *Tchau, Grande Homem!*

Ryan ficou olhando a mensagem, depois mirou a fita. Estava relutante em ouvi-la. Finalmente, colocou-a no gravador e apertou o *play*.

19

Arcádia, Rapture

1959

– Só não me sinto mais tranquila nesse parque, Bill – disse Elaine. – Com ou sem guarda-costas.

O casal estava na pequena ponte, observando os reflexos da luz brincando no riacho. O grafite pagão codificado do culto a Saturnine marcava o piso de madeira da ponte. Viram também restos de munição sobre a grama, e seringas de ADAM.

Bill assentiu.

– Parece loucura mesmo, vir aqui. Vai que ela pisa numa dessas seringas. Como vai ser?

Elaine levou a mão à boca.

– Oh! Não tinha pensado nisso!

– Mas ela e Mascha estavam todas entusiasmadas para vir aqui, amor. – Ele passou o braço por cima dos ombros dela. – Mais alguns minutos e já vamos pra casa, tá?

Olhando atrás de si, Bill viu o delegado Redgrave e Karlosky conversando a alguns metros dali, cada um com metralhadora e revólver. As garotinhas brincavam com bonequinhas de madeira que Sam Lutz fizera para elas, sobre um pedregulho, ao lado das portas em estilo japonês, a cerca de quinze metros dali.

O retumbar de hélices chamou sua atenção. Ele olhou para cima e viu um segurança-robô voando acima deles. Passou zunindo,

procurando splicers. Arcádia fora varrida de splicers e rebeldes, ao menos até aquele momento. Bill requisitara passar um dia no parque com sua família, e Ryan providenciara a limpeza.

– Estou com o pior pressentimento, Bill – Elaine sussurrou...

Bill suspirou, desejando fumar um cigarro. O tabaco de verdade estava acabando.

– Eu sei. Tem razão. Vou tirar a gente daqui.

– Bill! – Redgrave gritou, com um tom de preocupação.

Karlosky desatou a correr em direção à pedra onde estiveram as meninas. Tinham sumido.

– Sofia! – Bill gritou. Logo estava correndo atrás de Karlosky. – Redgrave, fique aí com Elaine!

– Aquela porta – Karlosky disse, quase sem ar.

Bill aproximou-se e a porta se abriu, deslizando. As meninas não estavam ali. Sua filha tinha desaparecido.

De repente, lá estava ela. Sofia vinha a passos curtos, sozinha, com lágrimas nos olhos.

– Papai?

Karlosky atravessou a porta, gritando:

– Mascha! Ei, gatinha! Onde você foi?

Bill correu para Sofia e pescou a menina nos braços.

– Caramba, fiquei tão preocupado, amor. Não fuja desse jeito. Cadê a Mascha?

– A gente ouviu uma pessoa chamando lá da sala do chá! A gente abriu a porta, mas era uma pessoa que eu não conhecia... um homem grande... ele disse que eu tinha que ir com ele, por Rapture.

– O quê?

Ainda com a menina nos braços, Bill passou pela porta e não viu nada além de Karlosky, que voltava com uma expressão

preocupada.

O rapaz fez sinal negativo com a cabeça.

– Sumiram.

Encontraram a boneca de Mascha largada no chão com a cabeça decepada. Bill pôs Sofia no chão, colocou as mãos nos ombros da filha e olhou com carinho para ela:

– Ele te machucou, docinho? – perguntou ele, com o coração pesado ao pensar na pobre Mascha.

Os lábios dela tremiam.

– Puxei o braço dele, e ele me puxou de volta. Aí eu fugi – disse a menina, e começou a chorar.

Elaine veio correndo e abraçou a filha. As lágrimas das duas se misturaram.

Redgrave veio logo atrás; estivera tomando conta dela.

– Bill, cadê a outra? – perguntou ele, olhando para os lados.

– Algum maldito a levou...

Ele se aproximou de Karlosky e chamou-o para um canto.

– Viu alguma coisa?

– Nyet, mas acho que ouvi o Cavendish lá atrás.

– Cavendish? Tenho que levar minha esposa e minha filha pra casa. Você e Redgrave tentem encontrar Mascha, pode ser?

– Vamos tentar, mas... – Karlosky meneou a cabeça. – Não conte com nada.

Bill achou que essas quatro palavras disseram tudo.

Fort Frolic, Rapture

1959

Meu pai é mais esperto do que Einstein, mais forte do que Hércules, e acende uma fogueira com um estalo dos dedos! Você é

tão bom quanto o meu pai, senhor? Não é se não visitar o Gatherer's Garden, não é não! Papais espertos vão se turbinar no Garden!

A gravação da máquina Gatherer's Garden perto da entrada do clube de strip-tease onde Jasmine trabalhava parecia estar falando diretamente com Andrew Ryan, como se o provocasse, zombasse dele. O magnata ignorou a voz, como fazia o rapaz assustado que recebia os ingressos na porta. Ryan cruzou às pressas o interior do clube, sem dar atenção à mulher que dançava no palco.

Foi logo entrando na porta do camarim do qual costumava ser tão íntimo antes de ter colocado Jasmine para morar no apartamento de luxo.

Devia tê-la dominado, forçado-a a obedecer, em vez de ter ficado tão ocupado com outras coisas.

Mas era tarde demais. Continuava ouvindo a fita cassete repetidamente na cabeça.

Aquela esquisita da Tenenbaum me jurou que não seria uma gravidez de verdade; que eles só tirariam o óvulo assim que o Sr. Ryan e eu tivéssemos... Eu precisava tanto de dinheiro. Mas sei que o Sr. Ryan vai descobrir... vai saber que eu não tomei cuidado... vai saber que vendi o...

Vendeu o bebê!

Ryan entrou com um baque no saguão dos fundos, percorreu o corredor e entrou no quarto onde as dançarinas faziam trabalhos "extras" para clientes especiais. E lá estava ela, seminua, bocejando, sobre a roupa de cama amarrotada. Jasmine Jolene parecia sonolenta. Fingiu que tudo estava bem entre os dois quando o viu entrar. Fingiu que estava feliz em vê-lo.

– Eu... pensei que tinha me esquecido – ela soltou, esquecendo-se das aulas de elocução, devido ao medo. – Mas fico tão feliz que não.

– Você vendeu meu filho! Para a Tenenbaum! Para o Fontaine!

A moça procurou fugir.

– Desculpe, Sr. Ryan. Eu não sabia. Não sabia que Fontaine tinha algo a ver com isso! Eu...

Ele não suportava ouvir as mentiras saindo daquela bela boquinha. Saltou para cima dela e envolveu-lhe a garganta com as mãos.

– O que está fazendo? – ela disse. – Não, não, pare! Por favor! Eu amei você. Não, por favor, não! Não, não!

Ela tentou dizer outra coisa, mas sua voz foi interrompida, espremida pela pressão inexorável dos dedos dele apertados em torno de seu pescoço. Apertados, cada vez mais apertados, até que os belos olhos da moça saltaram das órbitas.

Farmer's Market

1959

Um segurança-robô passou zunindo pelo alto, fazendo aquele silvo irritante. Ryan e Bill caminhavam junto de seus valetes e assustaram-se com a maquininha. Bill teve que desviar dela.

Ele olhou para Elaine e Sofia, que escolhiam produtos do outro lado do mercado de rua. O homenzinho pálido e assustado que estava atrás da banca de vegetais hidropônicos abriu um sorriso hesitante. Bill olhou para o alto quando ouviu outro barulho. Uma grande câmera de segurança, acima da barraca de frutas, chiou, despejando um jorro de luz vermelha para escaneá-lo. Ele usava

seu sensor de identificação, portanto o aparelho resolveu não pedir a nenhuma torre ou robô para matá-lo.

Aquilo não era lugar para se criar uma criança. Especialmente quando se podia cruzar com um defunto a qualquer momento. Mas Ryan insistia que a vida deveria continuar com a maior naturalidade possível, e pressionara Bill a trazer a família para aquele passeio.

– Vem comigo, Bill... – disse Ryan.

Bill dissera “Claro, chefe, vou chamar a madame e a pequena”, mas tivera que insistir com Elaine para tirá-la de casa junto com Sofia.

Redgrave e Karlosky vinham à frente deles; Linosky e Cavendish logo atrás, cada um com uma metralhadora nas mãos. Andrew Ryan era o único que não portava arma. Passara a trazer consigo uma requintada bengala, já que estava ficando mais velho. Ainda assim, ficava elegante e confiante; um tanto sombrio, mas não parecia preocupado.

Muitos homens morreram nos dias anteriores. Conflitos pipocavam em toda a Rapture. Tratava-se de guerrilha, mas ainda assim era guerra.

Bill quase deixou as Indústrias Ryan depois da tomada da Futurismos Fontaine; foi um golpe para ele Ryan ter estatizado uma indústria. Hipocrisia pútrida. E, antes disso, Perséfone. Depois, Sullivan contou-lhe o que Ryan andara fazendo por baixo do pano. Torturou e mandou matar Anna Culpepper. Mas a gota d’água foi o desaparecimento de Mascha. Perguntara sobre o assunto para Ryan e Cavendish. Ryan dissera que não podia se importar com cada reles crime que ocorria em Rapture; já Cavendish falou: – Você cuida do encanamento; eu cuido da segurança. Agora dê o fora.

E foi isso. Bill decidiu naquele momento, ao deixar o escritório de Cavendish, que tiraria sua família de Rapture. Faltava somente escolher a hora certa.

Tinha um plano em andamento. Roland Wallace também queria sair. Discutiram a questão: Wallace tinha autorização para passar por uma câmara pressurizada com acesso para o exterior. Havia um minissubmarino na baía 2. Wallace poderia fingir fazer reparos nele, para então escorregar através da câmara para o mar aberto.

O rapaz levaria o pequeno submarino até uma das antigas lanchas de segurança, ainda amarradas atrás do farol, e a traria até a entrada do edifício. Bill poderia passar a família pelo farol, que tinha um cabo único para câmeras e torres. Bastava cortar esse cabo. Se a câmera se apagasse, os seguranças-robô não seriam ativados quando ele se aproximasse do farol. Ninguém além de Ryan era geneticamente autorizado para ir lá para cima – os robôs atacariam qualquer outra pessoa.

As águas eram violentas na superfície, acima de Rapture. Teriam que esperar para escapar; esperar por melhor clima, no final da primavera. Menos blocos de gelo. Então escapariam, levariam a lancha pelas rotas marítimas, por sobre as correntes, e acenariam para um navio que por ali transitasse.

Isso se conseguissem passar pelo farol – não havia somente a segurança de Ryan no caminho, havia rebeldes e splicers criminosos. Atlas controlava cerca de quarenta por cento de Rapture, inclusive Apollo Square, Artemis Suites e Neptune’s Bounty, seus fortes. Lamb encontrava-se mais retida em torno de Perséfone e Dionysus Park. Teriam que evitar todos esses locais. Bill pensou em tentar fazer alguma espécie de acordo, por baixo do pano, com Atlas, mas sabia que não podia confiar nele.

Como se lesse seus pensamentos, o sistema de comunicação chiou com estática, zumbiu conforme uma fita foi rebobinada, e então uma voz feminina anunciou:

Atlas é amigo do parasita! Não seja amigo de Atlas! Ignore as mentiras de Atlas e seus parasitas! Rapture vai de vento em popa!

Outro sibilo de estática:

Todos temos contas a pagar, e a tentação de ignorar o toque de recolher para conseguir um pouco mais de ADAM é perdoável. Ignorar o toque de recolher, de fato, não é! Fique na linha, e não tenha problemas!

A fita rebobinou novamente:

Querer ter um item da superfície é perdoável. Comprar ou contrabandear um para dentro de Rapture não é! Atenção: um novo horário para o toque de recolher será decretado na terça-feira! Cidadãos flagrados em violação serão relocados! O parasita mantém seu olhar sobre Rapture; mantenha o seu no parasita!

Bill fingiu interesse pela “carne” feita de grãos no “açougue” do mercado. Mas sua mente estava cheia de questionamentos. Conseguiria escapar com a família de Rapture? Seria possível, em meio à guerra que se desenrolava? Provavelmente perigoso demais para tentar.

Havia outra possibilidade. Depois de uns copos a mais de licor, ele chegou a gravar a ideia no diário em áudio:

– Não sei se matar o Sr. Ryan encerraria a guerra, mas sei que ela não vai parar enquanto o homem respirar. Amo o Sr. Ryan, mas amo Rapture. Se tiver que matar um para salvar o outro, que seja.

Teve de apagar a fita imediatamente. Seria um homem morto se alguém a descobrisse.

– Tem visto Diane ultimamente? – Ryan perguntou, de forma casual demais, enquanto escolhia uma maçã bastante murcha numa barraca. Cheirou a fruta, fez uma careta e a devolveu.

– Diane McClintock? Não, chefe, não pessoalmente. A última coisa que ouvi falar foi que ela... ah, que o Dr. Steinman fez um trabalho nela.

– Ele trabalhava nela de várias formas, Bill. Sua delicadeza é adorável. Sim, eu andava bastante entediado com ela, e ela se tornara narcisicamente cansativa demais depois do atentado do ano novo. Reclamava das cicatrizes. Andou perambulando com Steiman, mas ele a rejeitou, pelo que sei. Fiquei sabendo que ela andava passando bastante tempo jogando em Fort Frolic...

O segurança-robô passou mais uma vez – estava em *status* de patrulha para proteger Ryan –, e Bill notou que Sofia o acompanhava com os olhinhos grandes. Tinha medo da coisa que estava ali para protegê-la.

A menina viu que o pai a olhava e foi correndo até ele, jogando os bracinhos à sua volta. Elaine a seguiu, com um sorriso forçado, acenando para Ryan.

Ele olhou para Sofia e sorriu, deu-lhe um tapinha na cabeça. A menina recuou, e Ryan ficou surpreso com a reação dela.

Então ouviram o ruído lamuriante e grave, e a vibração funesta de pesados passos. Quando se viraram, divisaram a figura monstruosa, lenta e rígida de um Big Daddy. Havia, no momento, dois modelos de Big Daddy, os Rosies e os Bouncers. Este, um Bouncer, soltou um gemido quando se aproximou, quase como se chorasse. Todos faziam isso, é claro. E todos cheiravam podre. Como coisas mortas.

O Bouncer carregava uma broca gigante acoplada a seu braço; nas costas havia uma pesada carga de energia. Bill enxergava-os

como as figuras dos robôs que vira nas capas das revistinhas de ficção científica. Mas sabia que havia muito de um ser humano dentro daquele traje, algum pobre coitado que fora flagrado desrespeitando uma lei; talvez um criminoso, talvez um seguidor de Lamb, talvez um esfomeado que roubara uma maçã. Os policiais atiravam tranquilizantes nos “candidatos” a Big Daddy e os levavam para Prometheus Point, onde sua carne era fundida com o metal, e seus cérebros eram alterados e condicionados para focarem-se na proteção das Little Sisters e em matar qualquer coisa que entendessem como ameaça. Quando os Big Daddies eram danificados, partes para reparação eram furtadas, às escondidas, do crematório Eternal Flame. Quem sentiria falta de uma perna ou braço quando o restante fora cremado?

Em volta de toda a enorme cabeça redonda de metal do Big Daddy havia sensores circulares que piscavam; suas grandes pernas cobertas de metal pisavam à frente sem cansaço, mas com cuidado para jamais machucar os pés descalços da garotinha maltrapilha que o acompanhava. Coletoras, eram chamadas por alguns. Aquela era pequena e frágil se comparada com o Big Daddy, mas dominava-o completamente. A Little Sister usava um vestido rosa sujo; seu rosto pálido tinha um tom esverdeado, os olhos eram afundados. Havia certa distância naqueles olhos, como algo que Bill vira nos de Brigid Tenenbaum – como se sua peculiar indiferença tivesse sido instalada em sua criação.

– Anda, Sr. Bolhinhas! – cantou a Little Sister, chamando o Big Daddy. – Venha ou vamos nos perder dos anjos!

A caricatura gigante de mergulhador das profundezas cambaleou atrás da menina, gemendo.

– Ah, Deus – Bill murmurou.

Uma Little Sister de cabelos pretos passou perto deles.

– Mascha! – Sofia chamou.

A coletora parou, piscando, com a boca escancarada, e olhou para Sofia por um longo momento de confusão. Então, disse:

– O que é aquela ali? Não é coletora; e não é anjo ainda! Não podemos brincar com ela enquanto não for anjo!

Dito isso, a garotinha saiu trotando. O Big Daddy soltou seu longo gemido de lamúria e pisou forte atrás dela. O piso chacoalhou com o caminhar da criatura.

– Ah, Deus, Bill – disse Elaine, abraçando Sofia. – Aquela era...?

– Não – ele se apressou em dizer. – Tenho certeza de que não era.

Bill duvidava que a esposa acreditaria na mentira. Ficou grato pela filha não ter visto o que restara de sua amiguinha Mascha enfiando uma seringa num corpo para drenar o fluido vermelho pulsante de vívido ADAM. Uma visão nojenta. Parecia fazer parte de Rapture tanto quanto elefantes rosa gigantes fazem da alucinação dos bêbados.

O sistema de comunicação escolheu justamente aquele momento para informá-los sobre:

O Orfanato das Irmãzinhas: em momentos difíceis, dê à sua garotinha a vida que ela merece! Moradia e educação gratuitas! Afinal, as crianças são o futuro de Rapture!

E Bill notou que Ryan fitava Sofia...

Olympus Heights

1959

Sentindo-se cansado, profundamente desgastado, porém inquieto, Andrew Ryan serviu-se de um martíni da coqueteleira de

prata e acomodou-se na espreguiçadeira perto da janela, onde ficou observando o horizonte brilhante da cidade submersa.

Estou ficando velho, pensou. *A cidade deveria permanecer jovem. Entretanto, parece estar envelhecendo junto comigo*.

Um grupo de lulas passou ondulando, alinhadas contra o brilho, e desapareceu. Os letreiros em neon das lojas de Rapture piscavam, ameaçando apagarem-se. Algumas das luzes que deveriam iluminar os prédios, da base para o topo, estavam apagadas. Mas a maioria ainda funcionava. A cidade de Rapture continuava a reluzir.

A cidade em si mostrava sinais de vida nova. Havia as novas máquinas de venda, as Circus of Values, que ele esperava que gerassem bastante receita. Havia também as Gatherer's Gardens. Cientistas trabalhavam em máquinas que podiam fazer homens voltarem da morte, caso a morte fosse recente, e restituir-lhes a vida. Obviamente, a população de Rapture fora diminuída, mas quando ele concluísse seu controle de ADAM e dos splicers, e livrasse a cidade dos rebeldes, poderia construir Rapture novamente.

Ele sorveu o martíni, colocou a taça no criado mudo ao lado do gravador e depois apertou o botão para gravar seu diário em áudio. A história deveria ter seu tributo.

– Em minha caminhada hoje tive um encontro com alguns deles... ele, um carpinteiro mercenário num traje de mergulho fedorento, e ela, uma pirralha suja num vestidinho rosa nojento. O rosto era pálido, esverdeado e mórbido, e havia um aspecto desagradável no comportamento dela, como se estivesse em todo um lugar diferente do que estão os demais. Entendo que preciso de tais criaturas; só gostaria de poder torná-las mais apresentáveis. – Ele riu ao pensar nisso, deu mais um gole no drinque e fez outro comentário: – Será

que cometi erros? Não se pode construir cidades sendo guiado pela dúvida. Mas pode-se governar com certeza absoluta? Sei que minhas crenças me elevaram, assim como sei que as coisas que rejeitei teriam me destruído. – Em um dos prédios do lado de fora, uma luz vacilou, depois se apagou. Ele suspirou. – Mas a cidade está ruindo à minha... – ele hesitou. Não conseguiu concluir a ideia. Era insuportável. – Tornei-me tão convencido de minhas crenças que parei de enxergar a verdade? Mas Atlas está lá fora, e pretende me destruir; hesitar significará minha destruição. Não vou me render.

Uma carta chegou pelo tubo pneumático: Ryan ouviu o ruído de vento típico que marcava a chegada de um objeto. Levantou-se com dificuldade, pescou a mensagem e voltou para a espreguiçadeira.

Gemeu ao se sentar, e abriu o pacote. Estava perdendo a destreza dos dedos. Desdobrou a carta e reconheceu a letra de Diane McClintock:

> *Querido Andrei:*
>
> *Andrei Rianofski, Andrew Ryan, Sr. Ryan; o amante, o magnata, o tirano: apenas três de suas diversas facetas. Vi somente o lado frio recentemente – primeiro, você não apareceu na festa de fim de ano, e tive que enfrentar splicers sem você. Depois, não apareceu enquanto eu me recuperava da cirurgia. Me deixou esperando em Fort Frolic de novo. Tinha uma "reunião"! Então decidi ir para casa. Quis pegar um atalho. Apollo Square estava bloqueada, tomada por rebeldes. Mas eu estava um pouco alta, e irritada, e quis confrontá-los pelo dano que me causaram. Talvez eu quisesse apenas que me matassem e acabassem com tudo. Uma mulher tentou escapar, passar pelos guardas de Ryan que mantinham os rebeldes dentro da Apollo Square. Um de seus splicers de estimação lhe apontou o dedo, e ela pegou fogo! Eu tinha ouvido falar de Atlas. Mas me ocorreu que ouvira somente a sua opinião sobre ele. Então pensei que ou iam me matar ou se explicar para mim. Subornei um guarda no portão, e ele me deixou entrar.*
>
> *São péssimas as condições em que se encontram Apollo Square e Artemis. O aperto, a miséria. Dizem que está quase tão ruim quanto antes da*

revolução. Dizem que foi culpa sua – sua negligência. Tem grafite pintado nas paredes: "Atlas vive!". O que sei de fato sobre Atlas? Então finalmente levaram-me até ele. Sabem que sou sua amante, ou era, mas aprenderam a confiar em mim. Atlas é surpreendentemente humilde. Perguntei-lhe se pretendia liderar as pessoas em algum tipo de levante contra você. Ele disse: "Não sou um libertador. Libertadores não existem. Essas pessoas libertarão a si mesmas". Não é estranho? É quase como algo que você diria! Mas quando ele disse, eu compreendi. Fez sentido. Foi direto no meu coração, Andrei! Pensei que você fosse um grande homem. Eu estava errada. Atlas é um grande homem. E vou servi-lo; lutarei ao lado dele, contra tudo que você representa! Participarei de uma batida amanhã para conseguir armas e comida. Aprenderei a lutar, Andrei. Você me abandonou; agora, fui eu quem te deixou. Deixei-o para ficar com Atlas, e com a revolução.

Diane

Ryan dobrou o papel e rasgou-o em pedacinhos. Deixou os filamentos flutuarem até chegarem ao piso, pegou sua taça de martíni, e subitamente perdeu o controle de si mesmo e arremessou-a contra a janela. Os fragmentos de vidro molhado escorregaram para baixo, contra as espirais reluzentes da cidade.

20

Sala de Desenvolvimento, Entreposto do Expresso Atlântico
1959

– Era para haver uma equipe de manutenção aqui, em vez de mim – Bill lamentou, enquanto se curvava para examinar as rachaduras na parede curva de metal do túnel de escoamento da manutenção. – Eles tinham um splicer maldito, ele poderia subir pelas paredes e consertar os vazamentos que não dá pra alcançar. Sabe-se lá onde foram parar os desgraçados...

Karlosky resmungou.

– Acho que estou vendo a equipe de manutenção.

Bill levantou-se, aproximou-se do colega. Os dois olharam juntos pela janela para dentro da sala de correspondências da Jet Postal. A sala obscura, indiretamente iluminada, estava coberta de cartas não enviadas. E de corpos, vários corpos; homens vestidos com o uniforme da manutenção, espalhados pelo piso, imóveis, colados ao chão pelo próprio sangue. Pareciam ter sido retalhados por uma lâmina bem afiada.

Bill suspirou, com o estômago se contraindo com a visão.

– É. Não estou vendo o splicer. Talvez...

Karlosky concordou, dedilhando, pensativo, a traseira de sua submetralhadora.

– Não são bons trabalhadores, esses splicers – disse ele, seco. – Ficam malucos; matam. A pessoa não termina o trabalho quando

está ocupada ficando maluca e matando. – Um minuto depois, ele deu de ombros e acrescentou: – A não ser que matar seja o trabalho.

– Bom, vou fazer uma lista de rachaduras e vazamentos e chamar uma equipe para vir aqui acompanhada de um policial – falou Bill. – Não podemos correr o risco... – sua voz sumiu quando ele notou a pequena figura de vestido, uma menina, que se movia por entre as sombras do correio. Ouviu o ruído de botas de ferro; uma grande criatura de metal avultou-se atrás dela.

Eram um Big Daddy e uma Little Sister. Ela salteava entre os corpos, com uma seringa grossa na mão, cantando uma música que não dava para ouvir direito. Algo sobre “Sr. Bolhinhas” e “os anjos”. Sua enorme dama de companhia caminhava pesada logo atrás.

Bill e Karlosky assistiram com um inquieto misto de fascinação e repulsa à garotinha parar perto do corpo estranhamente estatelado de um homem de bruços e enfiar-lhe a seringa na nuca. Ela fez um movimento com o instrumento, rindo muito, e ele começou a brilhar com o ADAM extraído.

Bill chegou mais perto da janela e inclinou-se para espiar a Little Sister.

– Karlosky, aquela é a Mascha?

O rapaz fez um resmungo.

– Sim, talvez. Talvez não. Todas as Little Sisters são muito parecidas, na minha opinião.

– Se for ela, preciso trazê-la de volta; devo isso a seus pais.

– Nós tentamos, Bill! Você falou com várias pessoas... ninguém quis ajudar.

– É por isso que tenho que fazer isso pessoalmente.

– Por favor, não discuta com um Big Daddy, Bill... Oh, olha ali o splicer!

Um spider splicer rastejava de ponta-cabeça, no teto, acima da Little Sister. Portava uma lâmina curva. Parecia estar gargalhando – o vidro da janela emudecia o som.

A Little Sister aprumou-se, virou-se para seu Big Daddy, então a lâmina passou girando ao lado dela, sibilando no ar feito um bumerangue. Quase acertou-lhe a cabeça; passou tão perto que chegou a cortar um pedacinho de cabelo, que flutuou até o chão. A arma circulou o cômodo e voltou para o splicer, que pegou a lâmina com destreza, ainda em meio a risadas.

O guardião da Little Sister reagiu instantaneamente. O Big Daddy veio até onde estava mais iluminado, ergueu um aplicador de rebites para o teto e disparou um longo bombardeio de rebites no atacante. A arma acertou seu alvo em tão curta distância que rasgou o splicer ao meio. Ambas as metades continuaram presas ao teto, separadas, pelos pés e mãos, e ficaram jorrando sangue. Então soltaram-se e caíram pesadamente no chão.

A garotinha riu-se toda, muito contente.

– Viu só? – Karlosky sussurrou. – Se interferir nela, vai acabar assim!

– Tenho que tentar – Bill falou. – Talvez, se você distraí-lo, eu possa agarrá-la...

– Ai, droga, Bill, seu maldito filho da mãe! – disse Karlosky, e murmurou outro palavrão em russo. – Ele vai me matar!

– Tenho fé no seu dom de autopreservação, velho. Vamos.

Bill seguiu para a entrada da sala de correspondências do Jet Postal. Hesitou, imaginando o que Elaine gostaria que ele fizesse. Ela ia querer que Mascha fosse resgatada – considerando que

aquela Little Sister realmente fosse a menina –, mas não gostaria que ele se arriscasse daquele jeito. Entretanto, seria improvável que ele tivesse outra chance.

Ele abriu a porta, deu um passo para trás, agachado, e sinalizou para Karlosky.

– Vai. Depois foge...

Karlosky soltou outro palavrão em russo, mas ergueu a metralhadora e atirou uma sequência curta de balas no Big Daddy. O disparo da metralhadora não mataria a coisa, e Karlosky não correria o risco de irritar seus empregadores, destruindo um ciborgue valioso. De qualquer maneira, conseguiu chamar a atenção do robô. O gigante cambaleante de metal virou-se e correu como um trem de carga partindo da estação, em direção à fonte do ataque. Karlosky já estava correndo, xingando Bill ao mesmo tempo. O Big Daddy passou por ele, sem vê-lo ali, agachado no chão.

Bill deslizou por trás do guardião de metal e atravessou a porta, vendo a garotinha em pé, fazendo outra extração. Sangue pingava da seringa em sua mão. Ela olhou para Bill com seus olhos enormes e abriu a boca num grande e redondo O.

Seria Mascha? Não tinha como saber.

– Sr. *Bolhiiiiiiiinhas*! – ela chamou. – Tem um homem mau aqui querendo ser transformado em *aaaaaaanjo*!

– Mascha – disse Bill. – É você? – ele se aproximou dela. – Escute... vou te pegar no colo, mas não vou te machucar...

Então um som metálico atrás de Bill fez seu sangue congelar. Virou-se somente a tempo de levar um golpe no peito. O Big Daddy retornara para cuidar de sua protegida, girando a arma na mão como se fosse um taco de golfe. Bill foi lançado para trás e caiu de costas. O ar sumiu-lhe dos pulmões, e o recinto começou a girar.

Sufocado, perdeu os sentidos por alguns minutos. Quando as partículas que giravam ganharam forma e a sala aglutinou-se em seu campo de visão, Bill olhou para os lados, ainda muito confuso, e viu que estava sentado no chão, com a cabeça encostada na parede. O Big Daddy e sua garotinha não estavam por perto.

Bill levantou-se, gemendo com a dor do peito machucado, e cambaleou até a porta. Karlosky encontrou-o logo ali.

– Você tá bem, Bill?

– Tô. Que bom ver que você tá vivo. Pensei que tinha causado sua morte...

– Não, eu enganei aquele imbecil de ferro. Olha!

Ele apontou para o outro canto do depósito vazio; a garotinha estava escalando a parede para entrar por um dos orifícios em forma de buraco de fechadura, de estilo art déco, que as Little Sister costumavam usar para acessar passagens secretas. Apertavam-se ao longo desses caminhos obscuros para levar o ADAM coletado de volta aos laboratórios de Ryan.

Se era mesmo Mascha, Bill jamais saberia. Ela simplesmente desapareceu parede adentro.

O Big Daddy esperou, quieto, ao lado do buraco de fechadura estilizado, pelo retorno da menina.

Bill balançou a cabeça e deu-lhe as costas, gemendo de dor. Queria voltar para a esposa. Mais uma vez sua determinação em fugir de Rapture fora intensificada. Ele tinha que levar sua família de volta à superfície. De volta ao céu azul, à luz do sol, à liberdade...

Pavilhão Médico, Clínica Ideal Estético

1959

– Ryan e ADAM, ADAM e Ryan... todos esses anos de estudo, e será que fui um cirurgião de verdade antes de encontrá-los? Como tilintamos nossos bisturis e nossa moralidade de brinquedo! Sim, podíamos extrair um furúnculo aqui e raspar um nariz acolá, mas podíamos de fato mudar alguma coisa? Não! Mas ADAM nos dá meios para tanto, e Ryan nos libertou da ética de araque que nos restringia. Mude sua aparência, mude seu sexo, mude sua raça. São suas para mudar, e de mais ninguém!

Usando traje de cirurgião manchado de sangue e uma touca branca, com luvas de borracha nas mãos, o Dr. J. S. Steinman apertou o *pause* no pequeno gravador que amparara sobre os amplos seios da paciente loira; depois, empurrou a maca, cujas rodas sussurraram por cima do rastro de água que vazara em todo o piso da sala de cirurgia. Ele cantarolava uma canção do Ink Spots, “If I Didn’t Care”, encobrindo os gemidos abafados da paciente, que ele amarrara na maca.

– Tenho como saber se este é um amor além da comparação? Seria tudo isso verdade se eu não ligasse... para... você!

Ele levou a mulher até o ponto bem embaixo da luminária cirúrgica e procurou no bolso do jaleco o bisturi preferido. Era cansativo fazer tudo sem enfermeira, mas ele tivera que matar a enfermeira Chavez quando ela começou a reclamar sobre os esforços dele para agradar Afrodite e ameaçou entregá-lo às autoridades. Claro, não matou a mulher enquanto não fez interessantes experimentos com sua compleição canina. Ainda guardava o rosto de Chavez no refrigerador, em algum lugar entre as outras que ele descascara e conservara em jarros herméticos; eram rostos de pacientes que deram suas vidas para a fusão

perfeita entre arte e ciência. Estava mais do que na hora de organizar os rostos preservados num arquivo sistematizado.

Steinman parou para admirar a paciente, que se debatia, presa à maca. A moça usara algum tipo fajuto de plasmid para ajudá-la a sabotar uma máquina de jogo em Fort Frolic, e o colega artista do médico, Sander Cohen, dono do cassino, capturara-a. Andava difícil encontrar voluntários. Acreditava piamente que conseguiria convencer Diane McClintock a retornar. Desejava alterá-la de uma forma totalmente diferente, de acordo com seus caprichos artísticos – dando-lhe feições verdadeiramente transcendentais. Poderia arranjar um plasmid de telecinese e usá-lo para moldar o rosto dela por dentro, e compô-lo telecineticamente em algo adorável.

Todos eram tão feios, francamente, tão comuns. Não se esforçavam o bastante para se tornarem veículos adequados para Afrodite.

– Mas são sujos, sujos em essência – ele murmurou. Não havia faca afiada o bastante para cortar fora essa sujeira. Ele tentou, tentou e tentou, mas eram todos sempre tão gordos, ou baixos... ou comuns. Steinman fez um som de impaciência quando a moça gritou algo ininteligível por baixo da mordaça. Algum insulto, talvez. – Minha querida, adoraria dar-lhe anestesia para que pudesse aproveitar a experiência, adoraria mesmo, mas estou ficando sem, e, afinal, existe algo de desagradável esteticamente em esculpir um paciente inconsciente. Se estão inconscientes, o sangue quase não espirra, os olhos não têm aquela expressão de possessão pela deusa do terror. E quão satisfatório isso pode ser, pergunto eu? Vou ter que parar e usar um pouco mais de ADAM e um toque de EVE... Ora, tente aceitar o fato, minha querida; aprecie-o como uma experiência de sacrifício estético. Um sacrifício para Afrodite!

Sander Cohen e eu conversamos sobre fazer uma performance no palco com uma de minhas pequenas cirurgias. Dá pra imaginar? Um rosto sendo esculpido com música ao fundo? O problema, é claro – o médico inclinou-se sobre a paciente para sussurrar-lhe o confidencial. – O problema, minha querida, é que Sander Cohen é bem maluco. Doido. Varrido! Hahaha! Eu não devia socializar-me com ele, aquele lunático; tenho que pensar na minha reputação.

Ele apertou o botão para gravar e pigarreou, pronto para narrar mais uma nota imortal.

– Com modificações genéticas, a beleza não é mais um objetivo, ou até mesmo uma virtude. É uma obrigação moral. Entretanto, o ADAM apresenta novas questões para o profissional. Conforme suas ferramentas evoluem, o mesmo fazem seus padrões. Houve um tempo em que eu me contentava em tirar uma ou duas verrugas, ou transformar um monstro de circo em algo que possa circular à luz do dia... – Dizendo isso, começou a cortar fundo no rosto da mulher, feliz por ter enfaixado a cabeça dela no lugar. A mulher se chacoalhava demais devido à agonia de ter suas bochechas talhadas.

Ele prosseguiu:

– Mas isso é passado, quando usávamos o que tínhamos. Mas com o ADAM, a carne se torna argila. Que desculpa temos para não esculpir e esculpir e esculpir até que o trabalho seja concluído? – Ele apertou o *pause* no gravador, cujos botões ficavam cada vez mais escorregadios devido ao sangue que tinha nas mãos, e avaliou seu trabalho. – Minha querida, acho que vou te dar um pouco de ADAM, que vai fazer seu rosto crescer com uma forma completamente diferente. Depois, recortarei o tecido novo um pouco

mais. Depois vou recriar mais rosto em você com ADAM. Depois vou cortar mais. Depois...

A mulher soltou outro guincho abafado. Ele suspirou, meneando a cabeça. Ninguém conseguia entender. Ele apertou o botão de gravar de novo e acompanhou o próximo corte, que espirrou e molhou tudo ao redor, com uma espécie de manifesto artístico:

– Quando Picasso se cansou de pintar pessoas, ele começou a representá-las com cubos e outras formas abstratas. O mundo o considerou um gênio! Passei toda a minha carreira como cirurgião criando as mesmas formas entediantes, repetidamente: o nariz arrebitado, o queixo com furinho, os seios fartos. Não seria maravilhoso se eu pudesse fazer com uma faca o que aquele espanhol fez com o pincel?

Steinman parou a gravação de novo e usou a mão esquerda para limpar uma parte do sangue que inundava os botões do gravador. Voltou-se para a paciente e notou que ela falecera.

– Ah, caramba, de novo, não...

Perdeu sangue e entrou em choque, ele supôs. Como de costume. Era realmente muito injusto. Todos sempre o deixavam logo na mão. Irritava-o pensar em tamanho egoísmo.

Ele golpeou a mulher em sua fúria, derrubando o gravador no chão. Cortou o pescoço dela em tiras, longas e belas tiras, que depois amarrou em laços.

Quando se acalmou o bastante para ser mais preciso, expôs os seios da mulher e cortou-os em formas que lembravam anêmonas marinhas oscilando ao sabor das correntes, tão tranquilas, tão graciosas, do lado de fora da janela de seu escritório.

Ah, pensou ele. *O êxtase das profundezas*...

Bar McDonagh, o Lutador

1959

Quando? Tinha que ser em breve. Tinha que escapar de Rapture com Elaine e a filha, e se isso significava matar...

– Bill?

Bill McDonagh quase caiu do banco do bar quando Redgrave apareceu atrás dele.

– Caramba, não chegue de fininho assim nas pessoas!

Redgrave abriu um sorriso triste.

– Desculpe. Preciso te contar uma coisa. A moça que limpa os quartos, ela achou uma coisa.

Bill suspirou. Deixou seu licor de lado e acenou para o barman.

– Pode fechar quando tiver vontade, amigo. – Levantou do banco. – Tá bom, vamos lá ver, Redgrave...

– Você tem emprestado alguns dos seus quartos, não? O número 7 estava com os Lutzes?

– Claro. Não cobro nada deles. Cristo, a filhinha do casal desapareceu sob meus cuidados. – Ele não conseguiu evitar mandar um olhar gelado para o colega. – E sob os seus também.

Redgrave fez uma careta.

– Nós só desviamos o olhar por uns segundos. Estávamos procurando splicers...

– Eu sei. Esquece. Que aconteceu com Sam Lutz?

– Vem cá.

Sentindo-se pesado, Bill acompanhou Redgrave até os quartos dos fundos da taverna. A porta do número 7 estava aberta. Ao entrar, Bill viu imediatamente o casal esticado em cima do colchão, deitados de costas, lado a lado: dois defuntos de mãos dadas,

quase irreconhecíveis. Eram Mariska e Samuel Lutz. Havia potes vazios espalhados no chão perto deles.

Os olhos fundos dos cadáveres estavam fechados. As pálpebras pareciam papel murcho, os rostos estavam amarelados e macilentos. O endurecer da morte conferira-lhes nos lábios a mesma expressão de censura, como se estivessem silenciosamente julgando os que ainda viviam. Vestiam suas melhores roupas, inclusive.

– Suicídio. E veja só... – ele apontou, ao lado dos corpos, para um dos ubíquos gravadores.

Bill apertou o *play*. A voz de Mariska Lutz soou distante e fraca de dentro do gravador, como se falasse do reino dos mortos:

– Vimos Mascha hoje. Mal pudemos reconhecê-la. “É ela”, disse Sam. – A moça soltou uma risada esquisita, misturada com soluço. – “Loucura sua”, eu falei. “Aquela coisa é a nossa Mascha?” Mas ele tinha razão. Ela estava retirando sangue de um defunto... e quando terminou, saiu andando de mãos dadas com um daqueles monstrengos horrorosos! Nossa Mascha!

Bill parou a reprodução.

Redgrave pigarreou:

– Bem, espero... Eles sabiam que não poderiam tê-la de volta. Ela já estava... condenada. Sabe, mudou tanto. Então eles...

Ele fez um gesto suave para os potinhos.

Bill assentiu.

– É. Só... deixe-os aí. Vou fechar o quarto. Por hora, esta vai ser a cripta deles.

Redgrave fitou o amigo como se fosse objetar, mas deu de ombros.

– Como quiser. – Ele voltou os olhos para os corpos. – Só desviamos o olhar por uns segundos.

O rapaz balançou a cabeça e saiu andando, deixando Bill sozinho com o casal morto.

Quartel general de Atlas, Hestia

1959

Chegando no escritório de Atlas, Diane ainda estava toda suada e nervosa, devido à batida. Treinara um pouco com os guerrilheiros de Atlas, e estava já quase acostumada a passar por entre o arame farpado, esperando enquanto o outro time criava a distração para que ela pudesse passar pelos guardas de Ryan. Mais de uma vez seguira os outros guerrilheiros numa passagem lateral, escadas acima, através de túneis antigos de manutenção. Todos carregavam mochilas militares que seriam preenchidas com equipamentos roubados dos armários da polícia.

Mas, daquela vez, quando os guardas os flagraram em plena coleta de armamento, e justamente quando Sorenson conseguira dominar o Big Daddy, instalou-se o caos, um pesadelo angustiante. Ela atirou com os dois revólveres que tinha, um em cada mão. Seu coração pulou a cada disparo, e ela viu um policial cair, gemendo, até morrer. *Matei um homem*... Ela se esquivou dos tiros do contra-ataque, e viu três comparsas caindo.

Decidira, então, gravar algumas de suas impressões no diário em áudio; decidira tornar-se a documentadora da revolução. Ligou o gravador com mãos trêmulas, enquanto caminhava.

– Fizemos uma batida do lado de fora do arame farpado hoje. Roubamos trinta e uma balas de metralhadora, quatro granadas, uma submetralhadora e trinta e quatro ADAM. Perdemos McGee,

Epstein e Vallette. – Ela engoliu em seco ao falar isso. Gostava especialmente de Vallette. Era fácil recitar a lista de mortos: *tabela do açougueiro*, como chamavam os guerrilheiros. Ela continuou: – Conseguimos um daqueles malditos Big Daddies no esquema, pelo menos. Foi horrível o que tiveram que fazer com a garotinha pra pegar o ADAM, mas não fomos nós que começamos a guerra. Foi Ryan. Mal posso esperar para contar ao Atlas. Ele vai ficar tão satisfeito...

Diane entrou no escritório dele para informá-lo sobre o Big Daddy, e encarou com surpresa o homem que se sentava à sua mesa. Parecia estar fazendo sua própria gravação em áudio. Passado o susto, ele não era mais um estranho. Ela não o reconheceu logo de cara.

Alguma coisa... a expressão fria e cínica no rosto dele, e aquela voz sarcástica falando sobre grandes esquemas não permitiam que ele fosse qualquer um senão Frank Fontaine.

Ele a fitou com surpresa, irritado. Em seguida, assumiu a expressão de Atlas. E fez a voz de Atlas.

– Srta. McClintock... o que está fazendo aqui? Deixe-me... – Então desistiu de representar o papel, balançando a cabeça, vendo que ela sabia, e concluiu a frase com a voz de Frank Fontaine – desligar isso aqui.

Desligou o gravador. Ocorreu a Diane que ela deveria correr. Descobrira algo que o faria matar para manter o segredo.

Mas seus pés pareciam grudados ao solo; mal conseguia falar.

– Eles confiavam em você! Como pôde deixá-los morrer por uma mentira?

Fontaine aproximou-se dela, sacou uma faca retrátil e a abriu com um movimento ensaiado. A lâmina fez um sibilo no ar ao ficar pronta

para o uso.

– Não importa, menina – disse ele. – Porque tudo é mentira. Todas as coisas. Exceto... – Diane sentiu a lâmina penetrar-lhe a barriga, bem abaixo das costelas – isso.

Central de Controle de Rapture

1959

Bill McDonagh andava de um lado para o outro em frente à Central de Controle. Os policiais da entrada do saguão foram amistosos, ficaram felizes ao vê-lo. Não sabiam o que o trouxera até ali.

Ele tinha que fazer como fora combinado, e rápido. Depois acenar para que Wallace levasse o minissubmarino até o bote. As condições estavam as melhores possíveis para a fuga. Os indicadores de turbulência da cidade mostravam que o mar estava bastante calmo naquele dia. Os funcionários de Ryan estavam lidando com uma nova sublevação, concentrados em bloquear Apollo Square – não havia muitos deles entre ali e o farol.

Roland Wallace não levaria o submarino a não ser que Bill lhe desse o sinal. Mas havia algo que teria que fazer depois. Quanto a Ryan. E Rapture. Bill decidira que, caso tivesse sucesso no escritório de Ryan, mandaria a família para um local seguro, mas permaneceria em Rapture, ao menos por certo tempo, tentando criar uma nova liderança, fazer um verdadeiro tratado de paz com Atlas. Ajudara a construir aquele lugar; sentia-se com deveres para com os sobreviventes. No futuro, poderia voltar para Elaine e Sofia.

Os sobreviventes. Um número deveras surpreendente de pessoas morrera ou fora executado ali. Ryan começara a colocar os corpos

em estacas na entrada da Central de Controle. Rapture entrara em estado de sítio, tornara-se seu próprio opositor.

Bill soltou o ar longa e lentamente, pôs a mão no bolso e pegou o revólver. Checou a munição pela quarta vez. Devolveu-o ao casaco. Conseguiria fazer aquilo? Então lembrou-se de Sam e Mariska Lutz.

– Tem que encarar, velhinho – disse a si mesmo. – Tem que ser feito. – Ele guardou a pistola e pegou o rádio portátil. Clicou e murmurou no aparelho: – Wallace?

O aparelho chiou. Em seguida:

– Sim, Bill.

– Está na hora.

– Tem certeza?

– Sim. Vou cuidar dos meus assuntos e depois trazer a família... pro piquenique.

– Certo. Estou pronto. Encontro você lá.

Bill guardou o rádio. Com o coração aos pulos, aprumou a gravata e abriu a porta. Uma câmera de segurança girou para analisá-lo quando ele entrou. Estava com seus sensores de identificação ligados, e a máquina deixou que ele passasse sem acionar os seguranças-robô. Ryan ainda confiava em seu amigo.

Passou pelos corpos crucificados. Sentiu seu cheiro, mas continuou sem olhar para eles, e seguiu até a porta do escritório de Ryan. Foi escaneado por uma torre, que permitiu que ele passasse. Quando foi abrir a porta, Karlosky apareceu. Bill quase pulou de tão assustado.

O rapaz o fitou com curiosidade.

– Alguma coisa te deixou nervoso, Bill?

– Eu? Não. Só os corpos ali fora... me dão arrepios.

Karlosky concordou, compassivo.

– Também não gosto da decoração. Mas às vezes é preciso. Vou pegar um sanduíche pra mim e pro Sr. Ryan. Quer alguma coisa?

– Eu? Não... – Cristo, como ele conseguia comer sanduíches com aqueles corpos pendurados ali? Contudo... – Bom, sim, Ivan. Qualquer coisa que tiver. – Quanto mais tempo Karlosky ficasse longe, melhor.

O rapaz fez que sim com a cabeça e saiu andando. Bill entrou no escritório.

Andrew Ryan estava em pé, em frente à janela, observando o mar, apoiado sobre a bengala. Usava o terno de três peças, feito sob medida, de seda cinza. Assim que o viu, Bill sentiu seu coração compadecer-se pelo homem. Ryan construíra aquele corajoso novo mundo para ajustar-se a seu sonho. E ele se tornara um pesadelo.

Mas Bill lembrou-se dos homens e mulheres crucificados na sala anterior. Respirou fundo e sacou o revólver.

Ryan não se virou. Parecia saber.

– Vamos lá, Bill. Se for homem o bastante.

Bill ergueu a arma, que tremeu em sua mão.

Ryan sorriu, triste.

– O que foi que você disse, Bill? Que ficaria comigo até o final. Bom, ainda não chegamos ao final. Mas parece que você vai procurar a saída.

– Não – disse Bill, quase chorando. – Vou ficar... por um tempo. Não posso abandonar toda essa gente. Ajudei a trazê-los para cá.

Ryan virou-se para ele, colocando seu peso sobre a bengala dourada.

– Bill, você é uma peça fraca da Grande Corrente. E não posso deixar uma peça fraca no lugar...

Bill apontou a arma conforme Ryan se aproximou dele. Sua boca estava seca, e a pulsação martelava.

Ryan quase o alcançava.

– As pessoas têm escolha, Bill; um escravo apenas obedece. Escolha. Mate-me ou obedeça à sua covardia e fuja!

Andrew Ryan, o homem que tirara Bill da escuridão, que o elevara naquela grande cidade, ergueu a bengala para atacá-lo. Estava claro nos olhos enraivecidos de Ryan, na boca crispada: o velho magnata tinha toda a intenção de usar a bengala dourada para quebrar o crânio de Bill.

Atire nele!

Mas Bill não conseguiu. O homem estendera sua mão do alto do Olimpo e o elevara até Olympus Heights. Andrew Ryan confiara nele. *Não dava* para fazer aquilo.

A bengala desceu, sibilando, e Bill a agarrou. Com o impacto da bengala em sua mão esquerda, contraiu-se de dor. Os dois lutaram por um tempo. Ryan ofegava, mostrava os dentes; então Bill agiu por instinto. Girou a arma com o cabo para a frente, como se fosse um taco de golfe, golpeando Andrew Ryan bem na testa.

O homem gemeu e caiu de costas. Ficou deitado no chão, ofegante, olhos semicerrados. Bill notou que ainda segurava a bengala na mão. Soltou-a ao lado de Ryan, depois ajoelhou e sentiu sua pulsação. Ryan estava desacordado, inconsciente, mas a pulsação estava forte. Bill sabia, de alguma forma, que ele sobreviveria, intacto.

Bill apertou sua mão.

– Me perdoe, Sr. Ryan. Não sabia mais o que fazer. Não posso matá-lo. Desejo-lhe sorte, chefe...

Levantou-se, com o revólver na mão, e foi até a porta, caminhando mecanicamente, sentindo-se todo pesado e cambaleante, como um Big Daddy. Enfiou a arma no bolso e tomou seu caminho por entre as duas fileiras de homens mortos, pendurados nas estacas, e além da câmera giratória.

Chegou no saguão, tentando não demonstrar que tinha pressa. Ele, Elaine e Sofia tinham uma rota sinuosa pela frente. Seria um trajeto longo até chegar ao local para onde iam. Não havia muito tempo. Karlosky encontraria Ryan e soaria o alarme. Seguranças-robô e capangas surgiriam.

Ele tinha de correr, ou tudo estaria perdido. A família esperava por ele no cemitério, um pequeno parque separado de Arcádia.

Cemitério perto de Arcádia

1959

Enterrar no mar era barato. Mas alguns preferiam o charmoso pequeno cemitério de Rapture.

Bill gostava de visitar o lugar, que vivia deserto, por isso ele combinou de se encontrar com Elaine e Sofia lá. Antiquado, de estilo rústico, o cemitério próximo a Arcádia lembrava-o do jardim da igreja na qual seu avô fora enterrado.

Mas, quando passou pelo arco de entrada, viu que o local perdera seu charme.

A cinco passos dali, um homem nu, todo pintado de azul, estava inclinado sobre Elaine e Sofia, ameaçando-as. As duas procuravam se esconder atrás de uma tumba. O homem era um dos saturninos, membro de um culto pagão que se espalhara devido ao vácuo religioso de Rapture. Perambulavam pelados para fazer suas

pichações em código, gostavam de ficar loucos com ADAM e de se pintar de azul.

– Sele a chama, sele a névoa! – entoou o homem numa voz rasgada.

O selvagem pintado de azul brandia uma grande faca de cozinha com a mão direita. A lâmina estava manchada com sangue seco.

O pé descalço do fanático pressionava a bolsa de Elaine contra o chão, como se esmagasse um pequeno animal.

– Darei vocês para as chamas – murmurou ele. – Ofereço-as para a névoa!

O saturnino ergueu a faca para o alto, pronto para golpear Elaine.

– Toma um pouco de chama, seu maldito; sele isso aqui! – Bill gritou, chamando a atenção dele.

O saturnino virou-se para confrontar Bill. Seu rosto era uma caricatura de selvageria induzida por ADAM – os dentes expostos, uma fumaça vermelha escapando pelas narinas. Ele arremessou a faca, e Bill desviou-se para a esquerda. Ela raspou-lhe o ombro direito, apenas um pequeno corte, e Bill atirou no saturnino à queima-roupa, bem no peito.

Ele vacilou, caiu de joelhos e foi de cara ao chão.

Sofia soluçava, cobrindo os olhos com as mãos. Elaine puxou a bolsa ainda debaixo do pé do morto, sacou seu revólver, jogou a bolsa nas costas e, com um olhar de férrea determinação, que Bill muito admirava, puxou a filha para perto de si.

– Vem, filhinha. Vamos dar o fora desse lugar.

– Tô com medo, mãe – disse a menina.

– Sei como se sente, amor – disse Bill, dando um abraço rápido na filha. – Mas você vai gostar do mundo da superfície. Não acredite no que ouviu falar sobre ele. Vamos!

♦ ♦ ♦

Estavam quase chegando, por incrível que fosse. Bill, Elaine e Sofia corriam para entrar na batisfera que os levaria até a saída no farol, onde Wallace devia estar esperando.

Um splicer deslizou pelo cabo, saltou do alto da batisfera e voou pelo ar feito um acrobata. Usava uma máscara de ano novo típica de arlequim, manchada de sangue do corpo do qual ele a roubara; tinha cabelo comprido e sujo, barba ruiva mesclada de loiro e olhos azuis brilhantes.

– Aí, cheguei, e oh, te peguei! – ele brincou. Saltava de um lado para o outro, repetidas vezes, com muita rapidez; um alvo ardiloso. – Olha que menininha linda! Posso vendê-la pro Ryan ou mantê-la pra brincar ou talvez uma mordidinha! – O splicer tinha lâminas de cortar peixe muito afiadas em cada uma das mãos.

Sofia choramingou de medo e escondeu-se atrás da mãe. Elaine e Bill atiraram com seus revólveres no splicer, quase simultaneamente... mas ambos erraram. O inimigo saltou para o ar, passou por cima deles e pousou atrás. Usava SuperSport em grande quantidade.

O splicer veio atacá-los, mas Bill virou-se ao mesmo tempo, atirando. A bala bateu em uma das lâminas curvas e ricocheteou. O splicer atacou com a outra lâmina, que rasgou o ar a centímetros do nariz de Sofia.

Enraivecido, Bill desistiu da arma e atacou o splicer, gritando:

– Seu maldito!

Ele conseguiu esquivar-se do ataque da lâmina, atacou o splicer pelo abdômen e o jogou de costas no chão. Era como derrubar um arame farpado vivo; não havia um grama de gordura no rapaz, era

quase só músculo, ossos e tensão. Bill sentiu que perdia o equilíbrio e foi logo jogado de lado.

O splicer se levantou, ainda sorrindo maldoso. Golpeou com a lâmina antes que Bill pudesse atirar. Ele girou para o lado, mas sentiu a faca rasgar-lhe um pedaço de pele perto das costelas. Ouviu, então, três disparos de revólver. Cada um fez o splicer dar um passo para trás. O terceiro atravessou-lhe bem no olho direito, e ele ficou mole e caiu de costas, enroscando os pés.

Bill virou-se, ofegante, e viu a mulher com a arma em punho e uma expressão violenta no rosto. Sofia abraçava a perna da mãe, com o rosto enfiado na coxa dela.

– Caramba, como você atira bem, amor. Graças a Deus!

– Tive um bom professor – ela disse fracamente, fitando o corpo do splicer.

– Vamos pegar carona.

Elaine assentiu e levou Sofia para dentro da batisfera. Bill entrou logo em seguida, encontrou a alavanca de freio embaixo do painel de controle e ativou o veículo.

A batisfera subiu pelo tubo, deixando as profundezas. E lá se foram os três, farol acima. Bill teve que cortar a energia dos seguranças-robô e das torres que vigiavam o farol naquela manhã, mas receava que eles logo fossem religados, de algum modo, e recebessem sua família com um jorro de balas assim que eles saíssem da batisfera.

Felizmente somente o silêncio os cumprimentou quando eles saíram. Seus passos ecoaram ao redor do domo.

Sofia olhava em volta, abismada, maravilhada pela luz do dia que vinha da entrada do farol, pelo som desconhecido das ondas lá fora. Então, com os olhos escancarados de medo, a menina viu o enorme

busto metálico de Andrew Ryan encarando-os. Ele parecia brandir uma flâmula, com letras amarelas escritas sobre o campo vermelho, que diziam:

NEM DEUSES NEM REIS. SOMENTE HOMENS.

– É o Sr. Ryan! – ela gritou, dando um passo atrás. – Está vendo a gente!

– É só uma estátua – disse a mãe.

– Ah, mas ela tem razão – disse o chefe de polícia Cavendish, surgindo pela lateral da batifera. Bill virou-se, ergueu a arma, mas então viu que Karlosky também estava lá, e Redgrave; todos tinham submetralhadoras prontas, em punho. Redgrave arrastava um impotente Roland Wallace, que tinha as mãos presas atrás das costas. Se Bill atirasse, os policiais devolveriam os tiros, e Elaine seria atingida. E Sofia. Ele não conseguiria atirar em todos.

Bill abaixou a arma, e deixou que ela escorregasse por seus dedos soltos, até cair no piso.

– Solte, senhora – disse Cavendish, apontando a submetralhadora para ela.

Com um soluço, ela soltou sua arma, e trouxe Sofia para si.

– Oh, Deus, Bill. Estávamos tão perto...

Bill abraçou a esposa.

– Desculpe, amor. Eu devia ter encontrado um jeito melhor.

Karlosky estava taciturno; Cavendish, por sua vez, sorria feito um lobo. Já Redgrave estava arrasado, inseguro. Muito triste.

– Eu tentei, Bill – Wallace falou. – Trouxe o bote pra cá. Escalei pra procurar você, e lá estavam eles. Vindo em botes.

– Não sabia que Ryan tem câmeras que ninguém nunca viu? – Cavendish provocou. – Principalmente aqui fora. Pensam que foram

os únicos que tentaram escapar? Outros tentaram; viraram Big Daddies. A câmera de fora pegou o Wallace aqui escapando...

– Ryan... ele está morto? – Elaine perguntou. Seus olhos demonstravam esperança; a voz, desafio.

– Nyet – disse Karlosky. – Dor de cabeça. Mas é um homem forte. Não morre fácil assim. Seu marido não teve coragem de terminar o serviço.

– Não consegui – Bill admitiu, arrasado. – Era meu amigo. Houve um tempo em que ele foi como um pai para mim.

Redgrave assentiu. Sua voz saiu rouca quando ele falou:

– Entendo, Sr. McDonagh. Entendo mesmo. Sinto a mesma coisa. Sinto muito... gostaria de ajudá-lo. Você foi sempre bom para mim, mas...

– Eu sei – Bill falou. – Mas deixe-me perguntar uma coisa. Ele os mandou para trazer minha esposa e minha filha? Ou somente Wallace e eu?

– Eu... – Redgrave olhou para Cavendish. – Ouvi-o dizer: “Detenham Bill McDonagh. E aquele traidor do Wallace”. Foi tudo o que ele disse.

– Ele não quer que *ninguém* saia – disse Karlosky. – Agora, vocês três, deem meia-volta. Amarramos suas mãos; vocês vêm com a gente. Vamos todos descer.

Bill fitou Karlosky.

– Vou aceitar o que vai acontecer comigo. Pode dizer-lhe o que quiser sobre as minhas garotas. Diga ao Ryan que os splicers as pegaram.

Cavendish bufou.

– Karlosky não vai fazer nada disso.

Bill continuou, olhando diretamente para o rapaz.

– Ficamos bêbados juntos, você e eu, Karlosky, mais de uma vez. Vésperas de Natal. Feriados. Longas noites de vodka. Lutamos lado a lado...

Karlosky umedeceu os lábios. Camaradagem importava para ele.

– Que porcaria é essa? – Cavendish resmungou, vendo o outro hesitar. – Vocês três, meia-volta, como ele falou.

– Sim – disse Bill. – Elaine, Sofia, virem de costas. Façam isso.

Com os olhos cheios de lágrimas, a esposa e a filha deram-lhe as costas, e Bill trancou os olhos em Karlosky. – O que me diz, amigo? Um favor. Sei que não pode me deixar ir embora... mas pode deixar que elas vão. Com Wallace.

Redgrave olhava de um para o outro; parecia tentar tomar uma decisão.

Cavendish franziu o cenho.

– Mas que história idiota é essa? Anda logo, vamos indo, pare de perder tempo, Karlosky, seu russo bêbado!

O russo ergueu as sobrancelhas. Parecia pensativo. Finalmente, balançou a cabeça.

– Não, Bill. Desculpe. É arriscado demais.

Redgrave suspirou e apontou a arma para Karlosky.

– Ivan, esse cara aqui, ele e a esposa dele me convidaram pra jantar mais de uma vez. Foram os únicos brancos que fizeram isso por mim. Não posso deixar que Bill deixe Rapture. Mas não recebemos ordens quanto à família dele.

Cavendish apontou a arma para Redgrave.

– Seu negro filho da...

Foi então que Karlosky atirou em Cavendish na lateral da cabeça. Dois disparos. Sangue e miolos espalharam-se conforme o policial vacilou para os lados, deu um passo trêmulo e caiu.

– Maldito – disse o russo, cuspindo no corpo.

Elaine e Sofia gritavam, abraçando-se. Wallace estava estarrecido:

– Caramba, Karlosky!

Elaine virou-se para ver o que acontecera, mas manteve a filha virada para trás.

Karlosky fitou Redgrave, depois olhou para Cavendish.

– Não gosto de ser pressionado, Redgrave. Mas Cavendish, ele era idiota. Quis matá-lo várias vezes! Até porque se alguém pode te xingar... esse alguém sou eu!

Elaine voltou-se para os homens, segurando a filha bem perto. Ela franziu o cenho ao ver a cabeça destruída do policial, depois disse:

– Sr. Redgrave, não pode deixar Bill vir com a gente? Por favor!

Redgrave balançou a cabeça, pesaroso, apontando a arma para Bill.

– Sinto muito. Bill e Wallace têm que vir conosco.

– Eu entendo – Bill falou, encontrando o olhar do outro. – Foi Ryan quem lhe deu uma chance. Fez o mesmo por mim.

– A lancha está esperando lá fora, Sra. McDonagh – Wallace falou, quase sem voz. – No fim da escadaria. Tudo o que tem a fazer é desamarrá-la, empurrar a alavanca da direção, seguir sem parar na direção em que ela está apontada. Isso vai levá-las à rota marítima. Alguém vai vê-las. Tem um sinalizador na lancha...

Elaine virou-se para Bill, aturdida.

– Não, Bill!

Ele pegou a mão dela e a beijou.

– Elaine... Sabe o que tem que fazer. Pela Sofia.

Ela balançou a cabeça.

Ele se aproximou, beijou-lhe os lábios molhados de lágrimas. Depois abraçou Sofia.

– Pela Sofia...

Elaine quis chorar. Mas assentiu. De rosto pálido, lábios trêmulos, pegou Sofia pela mão e saiu andando. As duas passaram pela batisfera e foram para o pequeno corredor que levava à escadaria.

– Mas e o papai? – Sofia perguntou enquanto caminhavam, ainda com uma voz de choro.

– Depois a gente conversa, tá, filha? O papai tem coisas a fazer agora...

A filha de Bill olhou para trás e o viu. Ele tentou fixar na mente a última imagem que teria dela.

– Tchau, meu amor! – ele falou, acenando. – Seu papai te ama!

Então Elaine puxou Sofia consigo, passou pela porta e sumiu de vista.

Karlosky olhou para Bill, depois acenou com a cabeça para uma janela ao lado. Bill aproximou-se dela; através do vidro, podia ver o reflexo do sol no mar. O céu azul, nuvens brancas passeando.

Esperou. Os homens armados ficaram atrás dele, observando-o.

Em questão de minutos, ele viu uma pequena embarcação movendo-se na superfície do oceano, rumando para o nordeste, para a rota marítima.

Bill sentiu uma mão tocar-lhe o ombro.

– Vamos indo – disse ele, afastando-se da janela.

Os quatro entraram na batisfera. Karlosky e Redgrave mantinham as armas apontadas para os outros dois.

– Desculpe, Roland – Bill falou. – É tudo culpa minha, amigo.

Roland balançou a cabeça.

– Eu ia tentar fazer isso de qualquer maneira. Não foi culpa sua. Me orgulho de ter te conhecido.

Quando chegaram ao fundo, havia mais três policiais esperando.

– Leve esse para o Suchong – disse Karlosky, jogando Wallace para eles.

O rapaz acompanhou os policiais sem protestar.

– O que vão fazer com Roland? – Bill perguntou.

– Quem sabe? – disse Redgrave, chateado.

Bill procurou arquitetar uma fuga. Mas toda a bravura parecia tê-lo deixado. Sabia que nunca mais veria a filha e a esposa. E Karlosky era bom no que fazia. Jamais deixaria que Bill o enganasse novamente.

Ele caminhou com os policiais atrás de si até o metrô. A jornada para a Central de Controle foi como uma viagem ao passado em sua mente, para além dos dez anos de Rapture. Nova York. Londres. A guerra...

O garoto sendo sugado para fora do avião, pela fuselagem destruída. Sempre sofrera com isso, por ter sobrevivido enquanto aquele rapaz morrera. Aquele rapaz e outros homens. Amigos que morreram em bombardeios. Bom, agora teria a chance de se encontrar com eles.

Quando chegaram à Central de Controle, Bill pegou-se imerso nas sombras dos mortos. Olhou para cima e viu o corpo decomposto de Frank Fontaine, preso numa estaca, como um Jesus que perdera o bote da ressurreição. Ryan mandou costurarem o corpo cruelmente, depois trouxeram ali e o penduraram. Karlosky entregou sua arma para Redgrave, depois tirou um revólver do casaco e ficou atrás de Bill.

Ele ouviu o som do gatilho.

– Devia crucificar você, antes de matar – o russo comentou. – Mas sempre gostei de você. Então. Morte rápida.

– Acho que eu devia ter matado Ryan – disse Bill. Sua voz lhe pareceu grave e estranha. – Ele deve estar muito contente.

– Nyet, ele entende melhor do que você imagina. Muitos desses outros que estão aqui, ele assistiu à morte deles. Mas não conseguiu vir aqui pra isso. Disse isso pra mim. Não conseguiria vir aqui ver você morrer, Bill. Não tinha amigo tão bom quanto você...

Bill sorriu. Nem chegou a ouvir o disparo da bala que o matou.

Park Avenue, cidade de Nova York

1959

Um dia quente de julho.

– Tô com muito medo de ir lá fora, mãe – disse Sofia, pela décima vez em dez minutos.

Elaine suspirou.

– Eu sei. Mas você precisa.

– Você tem uma coisa chamada agorafobia, Sofia – disse o médico com gentileza. Era um caro psiquiatra de Park Avenue. Um bondoso homem de meia idade, de blusa de lã e gravata borboleta. A barba por fazer, um nariz grande, um sorriso triste e olhos inquisidores. Mas, na verdade, não estava cobrando muito caro de Elaine. Parecia interessado no caso de Sofia. Talvez até interessado na mãe, de outra maneira.

– Você precisa fazer isso, querida – Elaine falou.

– Bem, não – disse o médico. – Ela não precisa. Mas ela quer, com certeza. Só está confusa.

– O céu me dá medo – insistiu Sofia.

– Eu sei disso – disse o médico, sorrindo.

– Lá em Rapture não tem céu – disse a menina. E falou mais coisas sobre a cidade submarina.

O médico ouviu com paciência. Em seguida, pediu que ela fosse ter com a recepcionista, para que pudesse falar a sós com Elaine.

– Ela tem uma imaginação impressionante – disse ele, rindo. – Rapture!

Elaine nem tentou explicar. Não podia contar para ninguém sobre Rapture; jamais acreditariam. E, se acreditassem, abria-se a possibilidade de que Ryan a encontrasse.

Portanto, ela somente concordou.

– Sim, doutor...

– Ela passou por algum trauma? Talvez na guerra – disse ele. – Em algum lugar além-mar?

Elaine assentiu.

– Sim. Na guerra. – Não deixava de ser verdade.

– Bem que eu pensei. Bom, ela vai melhorar. Mas devemos começar lidando com seus medos. Acredito que, apesar das aparências, ela vai sair hoje, dar uma volta no parque...

Para surpresa de Elaine, o médico se ofereceu para acompanhá-las. Depois de certo tempo, Sofia concordou, relutante, em experimentar o passeio no parque. Desceram pelo elevador e caminharam lentamente pelo saguão de mármore. Sofia ficava cada vez mais assustada conforme se aproximavam da rua. Desde que saíra do barco de pesca que as resgatara na Islândia, buscava abrigo o mais rápido que podia, escondendo os olhos do céu.

Então o médico virou-se para ela e falou, num tom bondoso:

– Posso te pegar no colo?

Sofia olhou para ele, muito séria.

– Pode.

Ele assentiu, igualmente grave, e ajoelhou-se. A menina pôs os braços em torno de seu pescoço e ele a ergueu. Colocou a menina sentada em seus ombros e saiu pela porta, com Elaine ao lado. Ela não pôde deixar de comparar a cena com a maneira com a qual os Big Daddies costumavam carregar suas Little Sisters. Mas procurou tirar a imagem da cabeça.

Sofia soltou uma interjeição quando os três saíram à luz do dia, mas somente apertou com mais força o abraço no médico.

Caminharam até o Central Park. Sofia chorou no meio do caminho, mas não pediu para se esconder do céu.

Já dentro do parque, encontraram um campo aberto cheio de flores coloridas. Na beirada do campo, pássaros cantavam nas árvores. O doutor pôs Sofia no chão, e ela caminhou, hesitante, para a luz do sol.

– Mãe – disse ela, protegendo os olhos da luz para olhar para o céu. – É gostoso aqui fora. Não acaba nunca. Sabe de uma coisa?

– O quê?

– Acho que o papai teria gostado de ver isso.

– Sim, Sofia – disse Elaine, procurando não chorar. – Sim, meu amor. Ele teria gostado.

1 Utensílio russo semelhante a uma chaleira, usado, em geral, para aquecer chá (N. T.).
2 Moeda russa (N. T.).
3 Um centésimo do rublo (N. T.).

1 Em inglês, Federal Bureau of Investigation (Escritório Federal de Investigação), FBI (N.T.).
2 Em inglês, Internal Revenue Service (Receita Federal dos Estados Unidos da América), IRS (N.T.).

1 Estilo de dança popular no início dos anos de 1920 nos EUA (N. T.).
2 Em inglês, Royal Air Force (Força Aérea Real), RAF (N.T.).

1 Há um trocadilho intraduzível com um dos sentidos originais de *rapture,* em inglês, significando “arrebatador” (N. T.).

1 Rapture dollars – dólares de Rapture (N. T.).

1 Franklin Delano Roosevelt, presidente norte-americano à época (N. T.).

1 Lamb, cordeiro em inglês (N. T.).


Ricardo Daunt
O romance de
Isabel
novo século

O Romance de Isabel

Daunt, Ricardo

9788576799795

184 páginas

Compre agora e leia

Mais que um inusitado artifício, mais que um jogo de ocultamento e desvendamento, O romance de Isabel é, no final de contas, e essa é sua razão de ser, um simulacro da vida de todos nós, do vácuo de viver e da busca pela plenitude da existência – e, claro está, da procura por uma identidade. Este o significado que aflora em nós, no curso da leitura desse romance incomum.Esta obra de RICARDO DAUNT, talvez a mais contundente e arrebatadora das que escreveu, figura entre as grandes obras-primas das últimas décadas da literatura brasileira. Se duvidar, leia. Você não pode perder essa experiência única.

Compre agora e leia